

▪ Linda Donn ▪

Friend

1966
JUN 68

▪ Anos de amizade,
anos de perda ▪

AMOR E CONFLITO ENTRE PAI E FILHO

Freud e Jung são os dois maiores nomes da moderna *ciência psicológica* e, a partir do final do século XIX, e das primeiras décadas do atual, figuram com brilho intenso e constante, como estrelas de primeira grandeza, no firmamento intelectual da humanidade.

Enriquecendo com seu extraordinário talento especulativo as concepções pioneiras de Charcot e Breuer, o psiquiatra Sigmund Freud, judeu austríaco, foi o fundador da *psicanálise*, teoria e método de pesquisa psicológica que permitiu aos terapeutas em todo o mundo o desbravamento dos mais recônditos âmagos da psique, neles descobrindo as chaves para a correta interpretação e eventual cura das desordens nervosas e dos complexos que perturbam o relacionamento dos seres humanos consigo próprios e com os seus semelhantes.

Dezenove anos mais moço do que Freud, o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, filho de um pastor protestante, foi inicialmente um admirador à distância, depois seu correspondente cheio de respeito e, a partir de 1907, quando se encontraram pela primeira vez, em Viena, o amigo íntimo e o companheiro de luta nas incessantes batalhas em que a psicanálise se viu envolvida para conquistar foro de credibilidade científica. Foi uma campanha difícil, pois o mundo acadêmico oficial, dominado por preconceitos moralistas e anti-semitas, a con-

W

FREUD E JUNG

Anos de Amizade, Anos de Perda

A handwritten signature in blue ink, consisting of a stylized, cursive 'W' followed by a period.

Linda Donn

FREUD E JUNG

Anos de Amizade, Anos de Perda

tradução de
Therezinha Santos

civilização  brasileira

Título original: FREUD AND JUNG — YEARS OF FRIENDSHIP,
YEARS OF LOSS

Copyright © 1988 by LINDA DONN

Copyright © 1991 by EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
(da tradução)

Capa: FELIPE TABORDA

Composição: ART LINE PRODUÇÕES GRÁFICAS LTDA.

ISBN: 85-200-0082-7

1991

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
poderá ser reproduzida, seja de que forma for, sem a
prévia e expressa concordância da

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

Av. Rio Branco, 99 - 20º andar

20.040 Rio de Janeiro, R.J.

TEL.: (021) 263-2082 TELEX (21) 33.798 FAX (021) 263-6112

Caixa Postal 2356/20.010 Rio de Janeiro, R.J.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

*Para meu marido, Tony, e nossos filhos, Cassie,
Alex e Michael, com todo amor.*

SUMÁRIO

Prefácio	11
Agradecimentos	15
Parte I: Cenário	21
Parte II: Memórias	65
Parte III: Amizade	131
Parte IV: Perda	237
Obras Citadas	319
Notas	327

Prefácio

A amizade entre Sigmund Freud e Carl Jung foi um encontro de gênios. Estabeleceu espaço emocional que às vezes atingia alturas e ares inebriantes, outras vezes chegava a passagens estreitas e labirintos, ou se via repentinamente bloqueado por pedra monolítica. Para mim tornou-se um prazer tentar encontrar meu caminho, imaginar-me contemplando à noite, pela janela de algum aconchegante bar de Viena, as pessoas de Freud e Jung sorrindo sobre seus cafés. Eles se levantariam das rangentes cadeiras de madeira, deixariam as moedas correspondentes à despesa sobre a mesa, impacientes por sair. Comecei com cenas como estas, totalmente imaginadas, mas, lentamente, elas foram sendo substituídas por outras, assentadas sobre distante realidade.

Certa tarde, entre as estantes da Biblioteca da New York Society, peguei um livrinho bem manuseado e descobri a poetisa americana Hilda Doolittle na Viena de

Freud, por ocasião dos tensos dias antes da queda da Áustria sob o poder de Hitler. Naquela tarde, caminhei de volta a casa, levando o livro de Hilda e comovida pela imagem da poetisa, sozinha nas ruas de Viena, indo ao encontro de Freud às vésperas do terror.

Várias dificuldades encobriam às vezes as imagens. A pesquisa informal tornava-se frustrante, até mesmo traiçoeira. É fácil cometer erros, e difícil detectá-los. As imagens que eu ia revelando surgiam de áreas inteiramente distintas de meus cursos de doutorado em psicologia acadêmica. Comecei a invejar aqueles cujos projetos se originavam em pesquisas universitárias sistemáticas. Havia, contudo, momentos de satisfação. As restrições de acesso à Coleção Sigmund Freud na Biblioteca do Congresso começavam a cair quando iniciei minha pesquisa, e pude estudar cartas de difícil manuseio até então, entre elas a correspondência de Freud com sua filha Anna, e as cartas que escreveu a seus colegas e amigos Eugen Bleuler, Ludwig Binswanger e Ernest Jones. Também tive acesso à correspondência de Freud com seu confidente Sandor Ferenczi. Preciosidades conceptuais encontradas nessas muitas cartas serviram de base a este livro. Mas também li passagens de grande colorido e calor, de ódio repentino e paralisante, a explosão brusca do mexerico e a tranquilidade do raciocínio refletido.

Na Biblioteca de Medicina Francis A. Countway, em Boston, tomei contato com o trabalho do Dr. Eugene Nameche: entrevistas com mais de uma centena de colegas, parentes e amigos de Carl Jung. Essas conversas foram em grande parte realizadas em fins da década de 1960 e começo da de 1970 e, por muitos anos, não puderam ser divulgadas em virtude de inúmeras restrições que, felizmente,

havam sido superadas quando iniciei minha pesquisa. Conversas profundas com pessoas como *Sir* Arnold Toynbee constituíram inestimável e absorvente passeio pelo pensamento de Jung. Ao longo de quatro viagens de pesquisa à Europa, conquistei a amizade da governanta de Freud, Paula Fichtl, que atualmente mora num asilo para idosos perto de Salzburg. Embora com 83 anos, ainda é extraordinariamente lúcida e vivaz, tendo trabalhado para a família Freud desde os 28 anos. Paula traçou um retrato humano de Freud e, juntas, discutimos o crepúsculo tanto da Áustria quanto daquele ilustre clã. Alhures, na Suíça, Franz Jung contou-me histórias sobre seu pai ao longo de mais de uma dúzia de tardes. A sensibilidade de Franz para os pequenos fatos cotidianos permitiram-me situar Carl Jung em sua aldeia na Suíça, na virada do século.

Finalmente, depois de quatro anos de trabalho, cheguei ao final do livro. É estranho que consiga traçar sua evolução, mas não sei de onde nem como surgiu a idéia de escrevê-lo. Lembro-me de que, ainda universitária, hospedei-me em Londres na casa de parente de um amigo meu. Era uma casa bastante pomposa e, uma noite, durante jantar oferecido por nosso anfitrião, surpreendi-me quando todos os convidados se levantaram da mesa e se dirigiram em bloco para junto do aparelho de TV: Carl Jung estava sendo entrevistado. Conversou-se sobre a amizade entre ele e Freud, numa atmosfera de total excitação; penso que havia mesmo certo ar de mistério.

Relatos sobre o porquê de se escrever determinada obra podem ser tediosos se ultrapassam a tentativa lógica de listar motivos a fim de tornar o trabalho apresentável. A verdade é bem outra, em geral impalpável até mesmo para quem lida com ela. Nessa reunião em Londres, as pessoas haviam

encontrado na amizade entre os dois grandes vultos um certo quê de mistério e drama: a breve recordação daquela noite, de minha juventude, semelhante a um tronco de árvore que, correndo rio abaixo, fosse arrastando outras porções da memória, atraiu-me. Seduziu-me a idéia da amizade entre homens de gênio, a reunião de intelecto e paixão, e persisti porque passei a apreciar a companhia de Freud e Jung.

O que se lerá aqui é um relato seletivo da amizade de ambos. Não obstante minha escrupulosa atenção aos fatos, a escolha das imagens foi pessoal. Algum dia alguém adentrará o terreno da relação entre Freud e Jung, chegando aos mais distantes limites, e abrangendo sua totalidade. Até lá, talvez algo possa ser dito pelo observador que se dispôs a descrever o cenário a partir de um determinado ponto: às vezes a rua estava escura, mas tentei encontrar o caminho ao melhor de minha capacidade.

Agradecimentos

Quando o tema é cronologia, o agradecer a pessoas conta a própria história. William Schneider, membro do corpo docente da New School for Social Research, fez-me a gentileza de apontar a possibilidade de um livro a partir do ensaio que escrevi para ele sobre a amizade entre Freud e Jung. Steven Frimmer, antigo editor da *Reader's Digest Press*, leu o trabalho e fez sugestões em diversos trechos. Então, colocou-me em contato com Julian Bach, que se tornou meu agente literário e, com paciência e senso de humor, ensinou-me a conceber o projeto de um livro e muito mais. Julian esteve presente ao longo de todo o projeto, tão entusiasmado e prestimoso no final quanto o fora no começo. O Dr. Bernard Weitzman, da New School Graduate Faculty, também me ofereceu valiosos conselhos. Sou grata a todas essas pessoas pela ajuda que deram.

William McGuire mostrou-se generoso em diversas ocasiões, compartilhando seus consideráveis conhecimentos.

tos sobre o tema deste livro. Winifred Clark colocou-me em contato com membros da comunidade junguiana. Eliat van de Velde teve a bondade de compartilhar informações a respeito de Jung e Freud, assim como o Dr. John Rosen. Aproveitei as sugestões de ambos quando iniciei minha pesquisa.

Viajei pela Europa diversas vezes ao longo do projeto. Em Londres, visitei a Sra. Eveline Bennet, que acabara de publicar as meticulosas notas de seu marido, *Meeting with Jung*. Passei um dia em Aldeburgh, Inglaterra, com Sir Laurens van der Post e sua esposa, velhos amigos de Jung. Em Salzburg, conheci Paula Fichtl, que fora governanta de Freud e falava inglês fluentemente, além de ser uma pessoa encantadora. Sou-lhes muito grata por me relatarem suas recordações, tornando-as tão vivas.

Na Suíça, visitei Franz Jung e ele falou sobre seu pai ao longo de muitas horas e dias, oferecendo-me estável e consistente imagem da vida de sua família; suas memórias sérias e sistemáticas são como que o alicerce desta obra. Agradeço-lhe pela total atenção e amizade com que me distinguiu; ele se encontrará muito nestas páginas. Por intermédio de Aryeh Maidenbaum, diretor executivo da Fundação C.G. Jung de Psicologia Analítica de Nova York, conheci o Dr. Robert Hinshaw, analista americano que mora em Zurique. Com a rapidez que tornou tudo possível, Bob apresentou-me a pessoas em Zurique que, de outra maneira, eu teria encontrado dificuldades para localizar, entre elas Aniella Jaffé, talentosa editora das *Memories, Dreams and Reflections* de Jung, e repositória de detalhes factuais sobre Carl Jung. Leal à memória de Jung, conquanto indulgente com aqueles que a quisessem esmiuçar, Frau Jaffé foi particularmente gentil. Ainda em Zurique, a es-

critora e analista Dra. Liliane Frey-Rohn e o Dr. Siegmund Hurwitz, descreveram-me Jung como o haviam conhecido e compreendido. O Dr. C.A. Meier, eminente analista e amigo íntimo de Jung durante muitos anos, também tinha seu retrato muito pessoal de Carl Jung. Todas essas pessoas foram generosas, compartilhando comigo suas recordações. Faço questão de declarar, porém, que os eventuais trechos incorretos devem-se a mim exclusivamente.

No interior de bibliotecas e arquivos, locais algo intimidantes para o não-iniciado, o Dr. Ronald S. Wilkinson, pesquisador de bibliografia especializado em história cultural e ciência, tornou prazeroso meu trabalho na Divisão de Manuscritos da Biblioteca do Congresso. O Dr. Harold Blum, diretor-executivo de Arquivos Sigmund Freud, Inc, foi de inesgotável ajuda, sempre conseguindo tempo para uma palavra comigo, apesar de ter os dias inteiramente ocupados, como sei. O Arquivo Biográfico Jung, na Biblioteca de Medicina Francis A. Countway, em Boston, encontra-se sob o zelo do Sr. Richard Wolfe. Sua presença inteligente e enérgica encorajou perguntas e assegurou respostas. Mary E. Van Winkle, curadora-assistente dos arquivos e manuscritos na época em que eu trabalhava neste livro, representou presença amiga ao longo de um dia inteiro de pesquisas, discutindo comigo detalhes de meu trabalho. Na Biblioteca Countway, conheci também Eugene Taylor, estudioso do desenvolvimento da psicoterapia científica nos Estados Unidos, que foi muito generoso na transmissão de seu conhecimento e ao indicar fontes adicionais de informação. O Dr. Frank Mecklenburg do Instituto Leo Baeck em Nova York, auxiliou-me desde o princípio de minha pesquisa. A equipe da Biblioteca da New York Society, em Nova York, foi bastante eficiente ao providenciar o envio

de microfimes de uma instituição a outra, solucionando inevitáveis problemas burocráticos. Meus agradecimentos a todas essas pessoas, por sua competência e boa vontade.

Gostaria de agradecer aos tradutores que trabalharam neste projeto. Especialmente Magda Jones. Lidar com centenas de cartas, realizar transcrições do alemão gótico para o atual, traduzir do alemão para o inglês com sensibilidade a fim de garantir clareza e estilo, mantendo permanentemente a ordem dos trabalhos, tudo isto demandou tempo e momentos de tédio, independentes das horas de excitação que ocorrem durante o trabalho. Na Universidade Wesleyan, o Dr. Krishna Winston cuidou de outras traduções, enquanto sua secretária, Hilda Damiata, trabalhou com confiabilidade e precisão nas transcrições. Ilse Schutz e Almut Fitzgerald traduziram outros materiais. Por fim, Krishna, Magda e Almut revisaram todo o trabalho quando concluí a redação. Agradeço-lhes pela competência e pela boa vontade individual e coletiva.

Annie Rohrmeier, Montie Mills e Steve Kellogg leram os originais com vistas à sua unidade histórica. O Dr. Robert Hinshaw e William Schneider também fizeram a leitura e contribuíram com suas considerações críticas. Agradeço-lhes os comentários. Alguns débitos ainda maiores não podem ser saldados, entretanto. Tom Crider, companheiro de aventuras literárias em outros anos, surgiu diversas vezes para prestar-me auxílio. Nenhum detalhe escapava à sua atenção e, como antes, prevalecia o bom humor que sempre irradia. Tom é um amigo maravilhoso e um homem para quem as palavras significam muito; entretanto, nem mesmo ele pode fazer milagres: as falhas que se evidenciarem ao longo destas páginas serão de minha total responsabilidade.

A Janet Foster coube a tarefa de coordenar as notas que vêm ao final, eliminando as imprecisões próprias de um texto sujeito a tantas e tão constantes mudanças. Agradeço-lhe pelos olhos atentos, a incansável dedicação e a amizade. Mieke Maas fez a pesquisa das fotografias para este livro, e seu senso de planejamento gráfico ajudou na seleção final. Ao longo dos últimos meses, o projeto transformou-se mais do que nunca em esforço conjunto. Janet Foster, Suzy Kane, Almut Fitzgerald, Annie Rohrmeir e Avra Matsoukas dedicaram-se aos detalhes de obter as permissões para o uso das fotografias e de textos, complementares, além da verificação dos fatos, o que consumiu bastante tempo. Agradeço a todos eles.

Gladys Alvarez, Debbie Kusa, Alice Seeley e Maria Royek garantiram a ordem de nossas vidas familiares em diversas ocasiões ao longo deste projeto. Meu trabalho não poderia ter sido realizado sem sua ajuda, e ninguém melhor do que elas sabe disso.

Agradeço a meu pai pelo encorajamento e apoio. Não obstante tudo isto, ninguém foi mais bondoso ou paciente do que meu marido, Tony. Médico super-ocupado, ninguém me ouvia melhor ou mais criticamente do que ele. Tony compreendia o alcance de meu trabalho, dava-me sua solidariedade e, mais importante do que tudo, sempre me oferecia uma visão imparcial, honesta e franca a respeito dele. É bastante tedioso ter-se a esposa escrevendo um livro; pior ainda é ter mãe nessas condições. Cassie e Alex, agora com 13 anos, fizeram o possível para manter a vida interessante. Sugeriram títulos e desenhos de capa, incentivaram-me a prosseguir e a usar um microcomputador, e sentaram-se a meu lado durante os primeiros dias de perplexidade. Interessaram-se particularmente por todos os

aspectos do processo de escrita — desde o estabelecimento do local de ação até as técnicas de anotação — prazer inesperado.

Agradeço à editora Scribners, em particular a meu editor Robert Stewart, terem-me proporcionado a oportunidade de escrever este livro. Muitos ajudaram ao longo do caminho, e sou grata a todos. É emocionante chegar a bom termo e perceber que tudo foi realizado com auxílio tão sincero de tantas pessoas.

Parte I

CENÁRIO

Capítulo 1

Hilda Doolittle costumava¹ usar meias de cores fortes, vestidos de cintura frouxa que descobria em lojas barateiras, faixas de seda unidas por medalhões e a descuidada extravagância das peles. Certo dia em fins de outubro de 1934², entretanto, ao se vestir decidiu colocar um velho conjunto de *tweed*. Deixou o Hotel Regina, em Viena e assomou resoluta à Freiheitsplatz, carregando uma bolsa de couro; estudantes e professores da universidade do outro lado da praça usavam bolsas semelhantes, e agradou-lhe sentir-se parte daquele mundo.

Eram quase cinco horas da tarde e Hilda Doolittle encaminhava-se para sua sessão com o Dr. Sigmund Freud. Ao virar a esquina, entrando na rua do professor, avistou suásticas à sua frente, desenhadas na velha calçada estreita. Seus dias em Viena haviam sido pontuados por tais símbolos. Certa manhã, pedaços de papel, caindo do céu, fizeram-na lembrar os que as crianças inglesas recebem

no Natal, prometendo saúde e prosperidade. Mas aqueles prediziam futuro diferente; "Hitler oferece trabalho". "Hitler dá pão". Suásticas de papel dourado já haviam chovido sobre ela certa vez. Mas as que Hilda avistou naquele dia de outubro eram diferentes. "As de agora³ eram rabiscadas a giz; segui-as ao longo da Berggasse; era como se tivessem sido riscadas na calçada especialmente para mim".

Hilda foi em frente, sua figura alta e solitária percorrendo as ruas desertas, as suásticas rabiscadas bem vivo na calçada guiaram-na até a porta do consultório de Freud.

Muito tempo antes, o poeta William Carlos Williams ressaltara a "fantástica" beleza de Hilda. Tendo quase dois metros de altura, de certa forma parecia frágil; seus olhos possuíam intenso brilho, embora a expressão fosse estranhamente infantil; tais contradições, entretanto, só serviam para acentuar sua beleza. Hilda, estava agora com 48 anos; tomara um navio da América para a Inglaterra em 1911, uma poetisa jovem e inexperiente, ansiosa por visitar seu amigo e ex-noivo, Ezra Pound. Certo dia, após contemplar as antiguidades gregas no Museu Britânico, Hilda e Pound sentaram-se para o chá e ela mostrou-lhe seus últimos poemas. Escrevendo com calma e sobriedade, Hilda omitira tudo que não era essencial e chegara à forma simples das estátuas gregas que tanto amava. Exultante, Ezra Pound rabiscou a assinatura da autora em um dos poemas, substituindo-a por "H.D. Imagista", gesto que iniciou novo movimento na poesia. O estilo marcante de H.D. como mulher e poeta inspirou diversos escritores a usá-la como personagem de obra de ficção. Um de seus biógrafos⁴ afirmou que *O Amante de Lady Chatterley* era a história dos primeiros anos da vida de H.D. na Inglaterra.

Mas a sensibilidade que imbuía os poemas de H.D. com sôbria sedução exercia também efeito sobre seu bem-estar emocional. Hilda lutaria ao longo de toda a vida para ajustar seu próprio mito às lendas dos heróis da Grécia antiga, e por vezes o abismo seria demasiado grande. “Ela parece alguém caminhando na corda bamba”’, afirmou seu amigo D.H. Lawrence. “E nos surpreenderá se conseguir chegar ao outro lado”’.

Perturbada, freqüentemente triste, Hilda Doolittle chegou a Viena em fins de 1934 para retomar a análise iniciada no ano anterior com o Dr. Freud.

Hilda recordava amiúde a primeira visita a Berggasse, 19. “Paula abriu a porta (embora não soubesse na época que a pequena e bonita criada vienense se chamava Paula)... Acompanhou-me até a sala de espera com cortinas de galão nas janelas... Pendurado na parede em lugar de destaque, havia um modesto diploma, emoldurado, dum pequena universidade da Nova Inglaterra, que posteriormente examinei.”⁶ Doolittle soube depois ser aquele o título honorário conferido a Freud pela Clark University, por ocasião de sua viagem à América em 1909, na companhia de seu melhor amigo, Carl Jung. H.D. estava nervosa ao se sentar na sala de espera. “Sei que o professor Dr. Sigmund Freud abrirá a porta que fica à minha frente. Embora saiba disto e venha me preparando há meses para esta provação, fico surpresa, espantada, até mesmo chocada, quando isso se dá”’.

O homem de pé diante dela, altamente educado, impecável em seu terno escuro com colete, antiquada corrente de ouro do relógio e diminuto medalhão, já fora bonito. Contudo, desde a primeira vez Hilda sentira-se perturbada com a natureza algo enigmática de Freud. A boca era

ligeiramente sorridente, mas os olhos, escuros e profundos, pouco revelavam.

— Diga-me por que veio,⁷ indagou Freud. Ninguém esteve aqui hoje, ninguém. Como está a coisa lá fora? Desde que Hitler assumira o controle da Alemanha, em janeiro de 1933, o povo de Viena aguardava sinais que indicassem se, como ou quando ele entraria na Áustria.

Freud tinha motivos para se preocupar com as condições na cidade. Como judeu, convivera com a realidade do anti-semitismo durante toda a vida. Seu amigo Oskar Pfister escrevera-lhe recentemente. “Fiz rápida visita à Alemanha na semana passada, e demorará muito tempo até que eu consiga livrar-me do sentimento de náusea que passei a sentir lá... Covardes em relação ao mundo exterior, lançam seu ódio infantil sobre indefesos judeus.”⁸ Freud⁹ sabia que seu neto em Berlim era chamado na escola *Jud Freud* — o judeu Freud. A expressão era utilizada como forma de tratamento, assim como *Herr Freud*.

Já com 78 anos em 1934, Freud viera para Viena quando garoto. Adulto e casado, trouxera alguns anos depois a jovem esposa, Martha, para morar com ele naquele apartamento amplo e confortável. Agora, mais de quatro décadas passadas, cruces suásticas marcavam o caminho até sua porta. Era bastante provável que Freud precisasse deixar Viena, e já haviam recebido várias ofertas de refúgio. “Só posso dizer” escrevera ele no ano anterior ao meio-sobrinho Samuel Freud, na Inglaterra, “que estamos determinados a ficar aqui até o fim. Talvez as coisas não terminem tão mal.”¹⁰ No íntimo, porém, não tinha tanta certeza disso. Cerca de setenta mil judeus¹¹ haviam sido forçados a fugir da Alemanha, entre eles inúmeros psicanalistas. Freud temia que o movimento por cuja constru-

ção trabalhara durante toda sua vida estivesse começando a esfacelar-se e que sua morte lhe marcasse o fim. Outrora esperara que seu amigo Carl Jung o substituísse, mas há muitos anos haviam brigado; já não havia ninguém para assumir seu lugar.

Freud e Hilda Doolittle discutiram o significado das suásticas naquele dia. A Inglaterra e a França haviam-se comprometido a permanecerem juntas, e parecia pouco provável que Hitler ousasse desafiá-las.

— Bem, é melhor prosseguirmos com nossa análise,¹² Freud finalmente sugeriu a H.D., dando de ombros. É a única coisa que nos resta fazer no momento. Hilda Doolittle interessava a Freud. Com sua paixão pelo misticismo, ela fora irresistivelmente atraída ao limite da possibilidade racional, feliz em render-se ao universo mágico da alquimia e do espiritualismo. Freud¹³ também se interessara por tais temas, participara de sessões e experiências de telepatia e saíra convencido. Mas sempre lutara contra o lado irracional de sua natureza, onde algo o amedrontava. Anos atrás perdera Carl Jung para esse mundo estranho e místico. E também com Hilda Doolittle, enquanto avançavam ou recuavam “em seus debates sobre a alquimia”¹⁴, conforme ela escreveu mais tarde, Freud sempre buscava trazê-la de volta ao que acreditava ser o lado racional da psicanálise, cuja estrutura ele mesmo criara. Freud realizara tudo isto a duras penas e, em grande parte, sozinho.

A hora de Hilda Doolittle com Freud terminara, e a longa tarde chegara ao fim. Às vezes Freud ia com ela até seu gabinete, onde continuavam a discussão por mais alguns instantes. À primeira vista, parecia uma sala con-

vencional, com suas cadeiras de crina antiquadas e amaciadas pelo uso. Não obstante, a sala ia além disso. O gabinete de Freud fascinava Hilda, pois em todo ele, em armários e prateleiras, centenas de pequenos rostos entalhados, estranhos e adoráveis, fitavam-na. Figuras mitológicas, antigas divindades assírias, bonecos de madeira de túmulos egípcios, santos e gárgulas, o simbolismo eloqüente de serpentes e dragões góticos. Freud dissera-lhe que aquelas “estatuetas e imagens ajudavam a estabilizar a idéia evanescente, ou evitar que ela fugisse por completo.”¹⁵ Certa vez, pegara uma elegante estatueta de bronze dentre inúmeras outras em solene semicírculo sobre sua escrivaninha. “*Esta é minha predileta*”, dissera, colocando-a nas mãos de H.D. Era Palas Atena, Doolittle sabia, “que deve ser venerada como uma projeção do pensamento abstrato... nascida sem mãe humana, ou mesmo divina, saída já adulta da cabeça de seu pai... Zeus.”¹⁶ Talvez a estatueta, naqueles tempos turbulentos, simbolizasse para Freud sua crença na razão acima de tudo, acima da irracionalidade do mundo que se estendia além de sua porta.

Ali em seu gabinete, Freud cavara um túnel abaixo da superfície da vida consciente e descobrira o universo do inconsciente, governado pelas necessidades instintivas e alimentado pela energia sexual. Decifrar os mistérios do comportamento humano, como Freud de longa data vinha fazendo, fora tarefa estenuante “A minha” dissera ele “foi a parte do diabo. Tive de colher pedras na pedreira da melhor forma possível, e fiquei contente quando consegui arrumá-las, ainda que de maneira vacilante, formando algo semelhante a um prédio.”¹⁷ Agora ele se indagava sobre quem concluiria a construção.

Freud havia conseguido encontrar, alguns anos antes, um intelecto bem capacitado para essa tarefa, alguém cuja mente se assemelhava à sua, um homem cujas idéias complementaram, ampliaram e, em grande medida, confirmaram as suas. Fora num domingo de março de 1907, quando o psiquiatra suíço Carl Jung visitara Sigmund Freud, juntamente com sua esposa. Já atraído pelos princípios da incipiente ciência da psicanálise, cativado pelos mistérios da espiritualidade, possuidor de originalidade e da firmeza desafiadora e teimosa da juventude, Carl Jung — então com 32 anos — apresentava as qualidades mentais admiradas por Sigmund Freud. Fecharam-se os dois¹⁸ no gabinete de Freud, naquela primeira visita, ao longo de treze horas seguidas. Freud, seguro de si aos 51 anos, permaneceu sentado, fumando charutos,¹⁹ retirando de quando em vez uma figurinha ou outra da pequena coleção sobre a escrivantina, e fitando com crescente assombro o homem falante e entusiasmado, cujas idéias pareciam tão próximas às suas. A solidão dos anos desapareceu ao longo da conversa que se estendeu além da meia-noite, o suíço, jovem e alto, nada tímido ou desinformado, exigindo a atenção de Freud como ninguém conseguiria repetir.

Juntos, Freud e Jung tentariam descortinar os mistérios da psique, e desafiariam a ordem estabelecida da psiquiatria. Eram ambos revolucionários com caminhos ousados e imaginativos, e tinham personalidades adequadas à tarefa. “Por temperamento, sou um conquistador... um aventureiro”²⁰, Freud confessara certa vez. Jung equilibrava com a sua audácia intelectual. A conversa naquela noite constituiu o começo de íntima amizade e de poderosa aliança. Mas o amor de que ambos se tomaram acabou numa erupção de ódio em 1913; a amizade complexa e vital

que os unia terminou em escombros e confusão. A passagem do tempo obscureceu a dor, mas não trouxe total alívio. Em 1932, um visitante procurou Freud e indagou a respeito das amizades fracassadas dos primeiros tempos da psicanálise. O que dizer de Alfred Adler, Wilhelm Stekel e Carl Jung?, perguntou o visitante, Dr. E.A. Bennet. Freud não hesitou ao responder que Adler não tivera importância e, quanto a Stekel, sua personalidade impossibilitara que trabalhassem juntos. Então Freud emudeceu. E Jung? Após uma pausa, disse: “Jung foi uma grande perda.”²¹

Em 1933,²² a dor havia mudado de natureza. Carl Jung aceitara a posição de presidente da internacional Sociedade Médica Geral de Psicoterapia, localizada na Alemanha e dominada pelos alemães, cujos sócios logo se reorganizariam formalmente a fim de excluir os membros judeus. Jung detinha poder considerável, pois, além de se encarregar da presidência, tornara-se editor da influente revista da Sociedade, a *Zentralblatt für Psychotherapie*, cargo que compartilharia após 1936 com o Dr. Matthias Heinrich Göring, primo do marechal-de-campo Hermann Göring. Jung foi fortemente condenado por seu relacionamento com M.H. Göring, que assumiu a presidência da Sociedade Alemã poucos meses depois que Jung se tornou presidente da associação internacional de fachada. Em 1933, o Dr. Göring publicou manifesto no suplemento alemão da *Zentralblatt*, incitando os membros da Sociedade Alemã a adotarem os princípios ideológicos de Hitler. Por equívoco ou propositalmente, surgiu também versão ligeiramente alterada na edição internacional da *Zentralblatt*. O mundo científico estarreceu-se ao constatar que uma revista, cujo editor era Jung, publicara o manifesto nazista, embora ele sustentasse que o texto fora incluído sem o seu conhecimento.

Passou-se a comentar por toda parte que Jung era não apenas anti-semita e colaborador dos nazistas em Berlim, mas que embarcara ao mesmo tempo numa campanha de difamação da psicologia freudiana. “Vejo-me colocado na contra-mão da história contemporânea”²³, afirmou Jung. “Agora as pessoas pensam que sou um traidor anti-semita porque ajudei os médicos alemães a consolidarem sua Sociedade Psicoterapêutica e revelei a existência de certas diferenças entre a psicologia judaica e a denominada ariana, que se devem, principalmente, ao fato de os judeus possuírem uma história cultural 2000 anos mais antiga do que a chamada ariana”.

Em 1933, Jung escreveu na *Zentralblatt*: “As diferenças concretas e bem conhecidas entre a psicologia alemã e a judaica não mais devem ser ocultadas, e esse estudo comparado só poderá beneficiar a ciência.”²⁴ No número seguinte da *Zentralblatt*, publicado em 1934, elaborou tal conceito, ao opinar que “O judeu, que é uma espécie de nômade, ainda não criou sua forma cultural própria e, pelo que podemos perceber, jamais a criará, pois todos os seus instintos e talentos exigem alguma nação mais ou menos civilizada, que seja a anfitriã de seu desenvolvimento.”²⁵ Tais palavras foram por muitos consideradas anti-semitas, e chegou-se a ponderar se declarações como essa, bem como outras feitas por Jung, não resultariam em parte da raiva que nutria por Freud.

Roy R. Grinker, que posteriormente praticaria a psicanálise em Chicago, procurou Freud para fazer análise em 1933, e discutiram a ligação de Jung com a *Zentralblatt*. As atitudes controversas de Jung talvez não tenham surpreendido Freud. Contou ele a Grinker um sonho que tivera nos meses anteriores à sua ruptura com Jung: nele

aparecia um gladiador, vestido com traje suíço e brandindo uma espada. “O fato de (Freud) não ter reconhecido de imediato o significado do sonho”, recordou Grinker, “foi por ele considerado grande falha de sua intuição.”²⁶ O homem que Freud conhecera anos antes em seu gabinete, e amara como filho, fora um estranho por muitos anos. Agora parecia que Jung se transformara em inimigo também.

A noite caía quando Hilda Doolittle regressou pelas ruas vazias de Viena ao hotel Regina. Contudo ela ainda podia ver as suásticas na calçada. “Não é tão fácil”, ponderou, “apagar essas marcas de caveira da calçada.”²⁷ Em 1934, Viena era um barril de pólvora. No ano anterior,²⁸ o chanceler austríaco Engelbert Dollfuss rejeitara oficialmente a idéia de *Anschluss*, de união com a Alemanha. Considerou ilegal o movimento Nacional Socialista e os nazistas em Viena recorreram a atos de terror; Dollfuss foi assassinado. O novo chanceler, Kurt von Schuschnigg, embora bem-intencionado, não conseguiu suportar a ameaça crescente de Hitler dentro e fora das fronteiras austríacas.

Parte do ritual de Hilda após sua hora com Freud consistia em relaxar no conforto do quarto de hotel e escrever em seu diário, ante uma gravura de Freud sobre a penteadeira. Dentro de poucas semanas deixaria Viena. Mas Freud jamais perderia o afeto que nutria por ela. Por ocasião de seu octogésimo aniversário, Hilda enviou-lhe orquídeas e Freud agradeceu gentilmente: “Na minha idade, a vida não é fácil, mas a primavera é linda e o amor também.”²⁹ Bem depois H.D. examinaria os velhos diários de sua estada em Viena e escreveria comovente biografia de Freud

naqueles dias solenes antes da tomada da Áustria por Hitler, antes da perda de um mundo e de muito mais.

Capítulo 2

No apartamento de Freud na manhã do dia 12 de março de 1938, Paula Fichtl acordou e, como de hábito, dobrou os lençóis e o acolchoado, guardando-os em uma gaveta. Há 10 anos estava empregada ali, e dormia no sofá da sala de espera do consultório de Freud.

“Dormia muito bem naquele sofá” — disse ela, revirando os olhos castanhos. — Afinal de contas, ele era do professor, não? Paula estava, então, na casa dos 20, encantadora com sua saia de tirolesa e a grossa trança escura; saíra de Salzburg para trabalhar em Viena. Agora conhecia a família como nenhum estranho jamais o conseguiria.

“O professor implicava comigo o tempo todo, sempre fazendo piada. Eu passava, farfalhando as saias, e ele puxava minha orelha ou minha trança, e eu sempre gritava. Claro que nunca retribuía a brincadeira; eu o respeitava muito, sabe, porque o amava. Era como um pai para mim.”

“Rápido, Paula... traga-me o *Abend*”² gritou Freud, mais tarde naquele mesmo dia. Paula desceu correndo os degraus e viu tropas de assalto austríacas na rua.³ No mês anterior, Hitler convocara o chanceler austríaco Schuschnigg para ir a Berghof, seu retiro nas montanhas bávaras, próximo a Berchtesgaden. Sua mensagem a Schuschnigg fora clara: ou a Áustria aceitava o governo de “coalizão” nacional socialista, ou Hitler invadiria o país. Schuschnigg não queria a unificação da Áustria e da Alemanha, e convocou um plebiscito sobre a questão da Áustria independente. Calçadas e muros foram logo cobertos de mensagens pró-Schuschnigg, mas, no dia 2 de março, Hitler ordenou ao chanceler a suspensão do referendo. Schuschnigg foi forçado a renunciar. “Deus salve a Áustria”, disse ele naquela noite: seu país caíra sob o poder de Hitler e da Alemanha. Ao amanhecer do dia seguinte, tanques alemães atravessavam retumbantes a fronteira austríaca.

Tomando delicadamente o *Abend* das mãos de Paula, Freud leu as manchetes, amassando em seguida o jornal e lançando-o a um canto. O filho de Freud, Martin, recolheu as folhas amarfanhadas enquanto o resto da família permanecia sentado em silêncio. Prontamente Martin viu que o *Abend*, jornal pró-Schuschnigg, exultava com a notícia da vitória de Hitler. E mais: ao longo das páginas daquela edição, eram lançadas acusações de crimes terríveis atribuídos aos judeus.

“Hitler em Viena”⁶, escreveu Freud em seu diário, no dia 14 de março. Milhares de vienenses percorreram as ruas cantando e lançando vivas. Jornalistas estrangeiros descreveram a atmosfera de celebração, ou até pior, que tomou conta da cidade. Pessoas agrupavam-se para assistir e incentivar maltratos, enquanto judeus eram forçados a usar

suas escovas de dentes, ou as próprias mãos para apagar a propaganda pró-Schuschnigg das calçadas e prédios da capital.

As semanas seguintes marcaram o fim de uma vida que Sigmund Freud e sua família muito prezavam. Enquanto envidavam esforços para deixar a cidade, a calma rotina nascida da repetição de quarenta anos era iniciada pela última vez. Aquele apartamento fora o lar de Sigmund e Martha desde os primeiros anos de casamento, e seus dezessete cômodos ocupavam todo o segundo andar da Berggasse 19. Os seis filhos orgulhavam-se das onze escrivanihas da casa. Apenas a filha mais jovem de Freud, Anna, ainda morava com os pais. Ela também era psicanalista, e trabalhava longas horas numa sala junto à de seu pai.⁷ Anna, Paula lembrava-se bem, costurava muitas de suas roupas durante as horas que passava com os pacientes. Blusas, vestidos, combinações e camisolas eram feitos à mão, exatamente da mesma maneira, cada qual com uma costura ao longo dos lados direito e esquerdo do corpete, a gola quadrada e botões nas costas, as casas caprichosamente bordadas, os vestidos amarrados nas costas.

Certa noite, Anna estava sentada costurando depois que o último paciente saíra, e Paula lhe perguntou — Você era tão linda quando mocinha, e de boa família. Por que nunca se casou?

— Quando eu era jovem — Ana respondeu, queria me casar, mas os homens que amei eram todos mais velhos do que eu, e já eram casados. Assim como Anna, a irmã de Martha, Minna Bernays, era solteira e também morava na Berggasse 19. Ao longo dos anos, Minna ajudara a criar as crianças e a cuidar daquele apartamento enorme. Agora, com todos já adultos, seus dias eram calmos. Pas-

sava o tempo fazendo renda em sua confortável sala de estar. Paula sempre se perguntava por que tia Minna não dormia naquele quarto, em vez de no quartinho atrás do quarto do professor e de sua esposa.

— Sempre achei muito estranho o quarto de tia Minna ser bem ao lado do deles. Ela tinha de atravessar o quarto do professor para chegar ao seu. E à noite, de camisola, precisava passar pelo quarto deles para ir ao banheiro. Embora amasse os outros membros da família, Paula teve relacionamento difícil com Minna. — Ela era dura, lembrou Paula, enquanto que sua irmã, a esposa do professor, era tranqüila e delicada, até um pouco tímida. Fazia tudo por ele, mas sempre com um ar muito sério. Nunca brincava e nunca falava muito. *Herr Professor* estava sempre querendo dar um presentinho às pessoas de quem gostasse, ser espirituoso e contar piadas. Ela não era assim. Martha gostava das tarefas próprias das donas-de-casa, atando a bela e imaculada roupa branca com fitas coloridas e indo ela própria ao mercado. *Frau Professor* gostava de economizar tudo ... barbante, papel. Tínhamos caixas enormes com tudo isso na cozinha. Ela não gostava de desperdiçar nada. Toda manhã, *Herr Professor* dava o ovo cozido a Lün (o cão da família.) *Frau Freud* aborrecia-se. 'Cozinhei o ovo para *você!*' Mas diariamente ele o dava a Lün, fatia por fatia. E sempre soltava uma gargalhada, porque guardava apenas um pedacinho para si.⁸

Paula sentia pena de *Frau Freud*.

— Ninguém ligava para ela. Era mais ou menos deixada de lado. Nem as crianças ligavam muito para ela. Amavam o pai; a Senhorita Freud simplesmente o adorava, Tia Minna... todos eles amavam o pai. E Paula também. — De todos eles — declarou, — sempre gostei mais dele. Era tão bom!

Não obstante fraco e gravemente enfermo com o câncer na boca que o atormentava desde 1923, Freud continuava a ser a presença calma que sua família sempre conhecera. No dia 15 de março, quatro nazistas bateram à porta. Paula solicitou que lhe entregassem seus rifles e guardou-os na chapeleira. *Frau* Freud convidou-os a sentar mas, ao fim da visita de uma hora, o apartamento fora revistado pelos nazistas, confiscados o dinheiro e os passaportes dos Freud.⁹ A tropa de assalto levava seis mil schillings do cofre de Freud. Quando *Frau* Freud contou ao marido, ele se limitou a observar: “É mais do que jamais recebi por uma única consulta”.¹⁰

Como psicanalista e judeu, Freud era particularmente vulnerável à perseguição nazista, e várias pessoas apressaram-se em ajudá-lo. John Cooper Wiley¹¹, cônsul-geral americano em Viena, mandou cabograma para o Secretário de Estado Cordell Hull, em Washington, TEMO QUE FREUD, APESAR DA IDADE E DA DOENÇA, ESTEJA EM PERIGO. O Presidente Roosevelt interveio imediatamente e disse a Hull que telegrafasse ao embaixador americano em Berlim: O PRESIDENTE INSTRUIU-ME PEDIR-LHE QUE ASSUMA O CASO PESSOAL E INFORMALMENTE COM OS FUNCIONÁRIOS ADEQUADOS DO GOVERNO ALEMÃO.

Roosevelt também recorreu a William C. Bullitt, embaixador americano na França. Bullitt¹² era chamado *Embaixador Champagne*, por causas das generosas festas particulares que oferecia na embaixada em Paris, bailes para a sociedade internacional, onde seiscentas pessoas bebiam cerca de quinhentas garrafas de Pommery numa só noite. As bochechas rosadas e os olhos azuis de Bullitt evocavam uma imagem despreocupada, mas ele tinha acesso telefônico a Roosevelt a qualquer momento. Seus relatórios ob-

jetivos¹³ sobre a ameaça crescente da Alemanha causaram impressão decisiva ao presidente, e ele se tornou importante intermediário no plano para retirar Freud de Viena. Bullitt sentiu-se satisfeito em ser útil. Consultara-se com Freud na década de 20 devido a problemas psicológicos; os dois homens haviam colaborado também em um livro sobre Woodrow Wilson, tarefa que muitos atribuíram mais a Bullitt do que a Freud.

Não obstante os esforços de Bullitt e outros, a família continuou a ser molestada. Na tarde do dia 22 de março¹⁴, a Gestapo voltou à casa da família Freud:

— Tentei afastá-los, recorda-se Paula. — Eu faria qualquer coisa para proteger a família. Mas o professor apareceu e disse: Paula, o que está fazendo? Deixe-os entrar. *Ele* não estava com medo. Aí um dos nazistas dirigiu-se a mim:

— Sim, você é muito atrevida, não? Cuidado, posso até matar você. Em questão de minutos, os nazistas haviam tomado todo o apartamento. Martha, ao encontrar um soldado da tropa de assalto revirando seu superarrumado armário de roupas de cama, em busca de dinheiro, disse-lhe o que pensava sobre tal atitude. O soldado, constrangido, foi embora.

Os nazistas prenderam Anna, então com 42 anos, e a levaram para o quartel-general da Gestapo. Vê-la partir no carro aberto, ladeada por nazistas, cortou o coração de Paula: “Ela era tão pequenina.” Freud andou durante horas de um lado para outro no quarto, fumando charutos sem parar.¹⁵ Talvez a filha estivesse sendo torturada, talvez estivesse a caminho de algum campo de concentração. Era bem provável que fosse morta. Freud não sabia que Anna e o irmão Martin, antecipando a prisão, haviam procurado o médico do pai. A pedido deles, Max Schur lhes dera

Veronal, um barbitúrico forte, que tomariam se vissem suas vidas ameaçadas.

Freud era um médico jovem e combativo de 35 anos quando comprara o apartamento na Berggasse 19, em 1891. Quarenta e sete anos depois, enquanto aguardava notícias da filha, era um dos homens mais famosos do mundo. Não lhe passaria despercebida a ironia de que, naquele momento, sua fama de fundador da psicanálise só serviu para pôr em perigo a vida de Anna. Algum tempo depois, ele disse calmamente:

— Já a detiveram tempo demais.

Paula partiu para o quartel-general da Gestapo.

— Espiei pelas janelas — lembra-se — e os nazistas me perguntaram o que eu estava fazendo ali. 'Bem, estou procurando *Fräulein* Freud. Ela já está fora há muito tempo, e o Professor está preocupado.' Disseram-me que fosse embora, mas não obedeci. Expliquei que o Professor já era idoso e precisava da filha para ajudá-lo. — Finalmente, Paula voltou a Berggasse 19, onde a família aguardava nos quartos escuros e antiquados, uma profusão de orquídeas florescendo pálidas e delicadas naquele entardecer primaveril. Anna foi trazida de volta à casa às sete horas da noite, após cinco horas de interrogatório.

Nos dias subseqüentes, a família começou a tomar providências para deixar logo o país. A propósito, conta-se uma história, possivelmente apócrifa, a respeito do oferecimento de ajuda especial a Freud. Afirma-se que a pedido de Jung¹⁶ o filho de seu colega Franz Riklin foi mandado a Viena. Jovem e de aparência nórdica, o Franz Júnior entrou na Áustria com o equivalente a dez mil dólares escondidos no cinto. Ao chegar à casa de Freud, Anna recebeu-o à porta. Riklin disse-lhe que vinha da parte de

Jung e de seu pai, e era portador de dinheiro para que Freud pudesse ir para a Inglaterra. Anna, após falar com seu pai, voltou até Riklin e comunicou-lhe que o pai recusara o oferecimento. Riklin implorava a Anna que aceitasse, quando Freud assomou à porta, declarando: “Recuso-me a dever favores a meus inimigos”¹⁷ Jung entristeceu-se: “Ele não aceitaria minha ajuda sob circunstância alguma.”

A princesa Marie Bonaparte, amiga dedicada¹⁸, veio a Viena para ajudar a família Freud. Descendente do irmão de Napoleão Bonaparte e casada com o príncipe George, da Grécia, a princesa submetera-se a análise com Freud e colaborara financeira e emocionalmente com a causa psicanalítica. Agora, contra a vontade do marido, ela viera passar alguns dias com Freud, enfrentando os perigos de se ver envolvida com uma família judia, conquanto ela mesma não fosse judia. A princesa, Anna e Freud iniciaram a tarefa minuciosa de organizar os papéis de Freud, etiquetando, empacotando e enviando-os por navio para fora do país.¹⁹ Marie Bonaparte percebeu que Freud jogava muitos papéis fora. Perturbada com a possibilidade de documentos históricos se perderem para sempre, recuperou da cesta de lixo as cartas e os manuscritos que Freud jogava fora diariamente.

Entre esses papéis, havia pelo menos a metade da correspondência de umas trezentas e cinquenta cartas trocadas por Sigmund Freud e Carl Jung. As cartas em poder de Freud relatavam uma odisséia intelectual empreendida por dois homens de gênio; mas também contavam a história de amizade extremamente íntima, complexa e misteriosa. É estranho Freud ter guardado durante tanto tempo cartas que refletiam a vulnerabilidade e a intensidade de um relacionamento que ele preferiria esquecer. Não é

difícil imaginar por que Freud lançara no lixo as cartas que o documentavam. Tampouco é difícil imaginar a princesa, vigilante e leal, preservando para a história um episódio obsessivo e provocador.

Música ecoa pelos pastos e as colinas suíças que se elevam em direção ao Zürichsee, em sua margem oriental.²⁰ Às vezes ouve-se uma única nota, e às vezes todos os cinceros badalam quando um cão errante perturba a paz das vacas. Em outros tempos, um fazendeiro sempre dava a suas vacas notas específicas na escala musical, e seu *status* podia ser medido pela rica harmonia de tons que ecoavam pelo vale. Carl Jung amava o som dos sinos. Certo dia de abril de 1938, ele deixou Küsnacht e partiu para Bollingen, um pavilhão em formato de torre que construía na borda do lago, entre os campos onde vacas passavam. Normalmente, ele navegava até lá no veleiro de dezoito pés de sua própria construção,²¹ cujo manejo era complicado, e em velocidade bastante alta. Jung deixaria que as velas vermelhas enfunassem e iria à frente do vento, percorrendo os trinta quilômetros até o fim do lago. Mas a enfermidade²² que Jung contraía numa visita à Índia naquele ano persistia²³, e portanto, foi de carro a Bollingen, onde faria o regime de ar puro e exercícios recomendado por seu médico, Edwin Schmid.

Em poucos meses Jung deveria apresentar um trabalho na Inglaterra, e a solidão de Bollingen lhe proporcionaria horas a fio para escrever. Os temas do discurso que pronunciaria no verão de 1938 eram sérios. A ascensão de Hitler ao poder ameaçava destruir o movimento psicanalítico na Alemanha. Os nazistas²⁴ haviam proibido aos psi-

quiатras judeus participarem de sociedades médicas; os escritos de Freud haviam sido incluídos na queima de livros em Berlim. Pairava controvérsia sobre algumas das atitudes tomadas por Jung, e algumas de suas declarações haviam sido interpretadas como corroborando a formulação nazista da diferenciação racial. Jung tentaria deixar clara sua posição no discurso que ia escrever em Bollingen.

Numa casa a menos de um quilômetro da torre de Jung, um jovem suíço, Hans Kuhn²⁵, esperava pacientemente. Assim que avistou o carro de Jung, tomou um cesto com pão, leite e carne e atravessou as pastagens, indo até lá. Ladeada por altas árvores, a construção de pedras cinzentas com seu pátio de frente para o Zürichsee constituía trabalho do próprio Jung. Ele comprara o terreno em 1922²⁶ e atravessara o lago de barco, até uma pedreira, a fim de aprender a trabalhar com pedras. Pacientemente, quebrara as rochas pesadas, erguendo-as e colocando-as cuidadosamente no lugar, construindo a primeira parte da torre com a ajuda de parentes. “O velho Jung, ali junto ao lago”, diria o filho de um pedreiro, anos depois, “sabia como manejar uma pedra.”²⁷

Vestido como de hábito²⁸, com calças de trabalho usadas e enfiadas em botas com cordões, as meias com furos, um velho avental azul dobrado de um lado e jaqueta de couro, Jung, aos 63 anos, era uma figura corpulenta e impressionante. Desleixado, com freqüência sujo, ele era o centro das atenções — em Bollingen. Os vendedores das lojas de Schmerikon, até onde Jung ia de barco a fim de comprar provisões, chamavam-no Professor, mas aí terminava qualquer concessão à sua importância. Jung ia com freqüência, na companhia do dono do hotel e do comerciante de vinhos, até a adega deste, cada qual carregando

uma vela e um copo. Sentavam-se por um hora ou pouco mais nas escadas, provando e discutindo os vinhos. Às vezes Jung falava, excitado, “Mas este é de fato *chaib* (desgraçadamente) bom!”²⁹

Herr Kuster protestava com modéstia:

— *Herr* Professor, não se deve dizer que um vinho seja *chaib*!

Jung mostrava-se contrito.

— Tem razão... Este é, antes de tudo, uma dádiva da natureza!

Jung voltava a Bollingen em seu barco, levando as preciosidades. Se havia amigos³⁰ hospedados com ele ou membros da família, sentava-se numa pequena cadeira de criança diante da lareira rústica e dali dirigia, invocava e por vezes desesperava-se com a preparação do jantar sob seu comando. Ninguém escapava³¹ a seu olhar vigilante, nem mesmo Toni Wolff, mulher que outrora fora sua paciente e a quem amava com o maior carinho. Uma noite ele lhe pediu que fosse ao jardim colher uns ramos de cebolinha para a sopa. Toni voltou com quantidade suficiente para encher um panelão. Jung ficou atônito com exemplo tão cabal de inépcia, já por ele suspeitada, de sua auxiliar de cozinha. Zombou de Toni com tanta insistência, que ela desatou a chorar. O filho de Jung, Franz, levou-a à horta, na manhã seguinte, e juntos lançaram as cebolinhas ofensivas sobre o canteiro, restaurando o bom humor de Toni, ingenuamente acreditando novos pés de cebolinha cresceriam. Um dia ou dois depois, sem que ela percebesse, Franz comprou novas mudas e plantou-as.

Não obstante as eventuais trapalhadas da ajudante amadora, as refeições em Bollingen eram excelentes. A mão de Jung estava em toda parte, misturando alho, óleo e

vinagre com uma grande colher de pau, e mexendo vinho na panela da carne, que ele preferia com cartilagem, osso e gordura. Vitela ou galinha sem gordura perturbavam sua sensibilidade: “Isto não é carne!”, reclamava. Certa vez ao jantar³², durante o qual se bebera muito vinho, as pessoas elogiaram o sabor maravilhoso da carne, e Jung informou deliciado que eram úberes de vaca, oferecendo-lhes mais.

Naquela visita em 1938 a Bollingen, Jung foi, entretanto, sozinho. Revolveu a terra em seu jardim na borda do lago, colocou esterco e plantou batatas. Seguindo as instruções do médico, Jung esfregava-se diariamente com uma escova dura, tomava banhos de sol em seu pátio quando ele estava a pino e caminhava durante horas pelas colinas. A vida em Bollingen fundava-se nas satisfações do trabalho físico puxado; mas havia também períodos de tranqüilidade, quase de ócio. Jung entalhara por toda parte — nas paredes externas da torre, nos pequenos pilares semi-ocultos pelas árvores e nos demarcadores de limites — os mistérios da alquimia: citações curtas e figuras simbólicas, “a fim de tornar estas coisas incômodas estáveis e duráveis.”³³

Jung tinha o hábito de sentar-se junto à torre, ao lado do fio de água que descia uma colina, limpando e ampliando os pequenos canais com uma pá de pastor. Sua vida criativa tornara-se ligada ao fluxo dos riachos, e ele se deixava ficar ali sentado durante horas. Fora ali que desenvolvera algumas das idéias que distinguiram sua psicologia da de Sigmund Freud. Muitos desses conceitos haviam surgido como resultado de sua separação de Freud e de seu esforço por compreendê-la. As formulações de Jung, introversão a extroversão, definiam duas percepções pessoais

da realidade: o extrovertido, pensou, era Freud; o introvertido, ele mesmo. Em um, a confiança era depositada na realidade interna; em outro, na externa. Jung concluía tristemente que entre as duas, assim como entre ele e Freud, havia trágica falta de compreensão.

Ao longo dos difíceis anos depois da separação de Freud, Jung convencera-se de que nem tudo que encontrara em seus sonhos e fantasias podia ser explicado pelas teorias de Freud. Discordava da convicção de Freud de que o único conteúdo de uma vida de sonhos eram as primeiras experiências de infância. Jung tinha certeza de que havia mais; via seus grandes sonhos arrumados por padrões instintivos de comportamento que não cabiam na explicação freudiana. Jung expandiu o conceito de Freud para o inconsciente, abrangendo o que denominou inconsciente coletivo: “Chamo-o ‘coletivo’ porque, ao contrário do inconsciente pessoal, não se compõe de conteúdos individuais e mais ou menos específicos, mas de conteúdos universais e de ocorrência regular.”³⁴

Ao longo dos anos, Jung prosseguiu na exploração do que considerava impropriedades da teoria freudiana. Quando tentava compreender as razões psicológicas para a ascensão do movimento nazista na Alemanha, Jung concluía que a psicologia de Freud, com sua ênfase na sexualidade e nas primeiras experiências da infância, não era suficiente para explicar o comportamento do povo alemão. “Onde se encontrava essa tensão e energia sem igual enquanto não existia o Nacional Socialismo?”³⁵ ele se perguntava; concluiu que ela estava profundamente arraigada no inconsciente coletivo do povo alemão, “numa cova que é tudo menos uma lata de lixo de desejos infantis e irrealizáveis, e ressentimentos familiares não-resolvidos.” A des-

peito de suas diferenças teóricas, Jung não perdeu o profundo respeito que nutria por Freud³⁶. *Sir* Laurens van der Post, amigo de Jung, recordaria anos depois:

— O respeito e o amor por Freud afluíam sempre que os longos anos de controvérsia lhe permitiam um instante de calma que ensejasse a esses sentimentos... ressurgirem em sua vida.

Quando o tempo estava bom, Jung escrevia ao ar livre, numa mesa simples de madeira no pátio junto ao lago, e uma bandeira amarela hasteada no telhado alertava os amigos de que ele não deveria ser perturbado. Como a Sociedade Médica se reuniria naquele ano em Oxford, Jung estava escrevendo seu trabalho em inglês, idioma que considerava mais preciso do que seu alemão nativo. Escrevia lentamente e com total concentração, raramente trocando alguma palavra. Estava preparado, contudo, para ser mal compreendido. “A palavra escrita”, disse a um amigo, “é bem complicada, porque nunca se sabe exatamente como se a deve ler. A linguagem primitiva, como você sabe, exige muita gesticulação. Assim as pessoas não podem conversar à noite, por isso acendem o fogo, já que o simples som não é suficiente. Então, quando quiser compreender algum de meus trabalhos, é melhor primeiro acender uma fogueira, para que possa ver quando estou sério e quando sorrio.”³⁷

Jung invocava imagens conflitantes em 1938, e um enigma ainda circundava a amizade rompida dos dois gigantes da psicanálise, um deles judeu, o outro não; enigma de tal porte que um quarto de século de silêncio entre eles ainda não conseguira resolver. Pode-se apenas conjecturar sobre o que as atitudes de Jung ao longo dos últimos anos, às vezes erradas, outras vezes mal-interpretadas, sig-

nificavam para Freud em Viena, naquela primavera de 1938, quando a força implacável de Hitler ameaçava tragá-lo, com sua família e seu povo.

Capítulo 3

Para a família Freud, não foi fácil deixar Viena. Por vezes, as tentativas quase redundaram em fracasso.

“Não seria melhor”, certo dia Anna perguntou ao pai, “se nos matássemos todos?”¹

— Por que? — indagou Freud por sua vez, — Por que eles gostariam que fizéssemos isso?

Ernest Jones, colega de trabalho e amigo de Freud, iniciou, em Londres, a mobilização de complexa rede de amigos e associados poderosos, envolvendo o lorde do Selo Privado e o Secretário do Interior. Jones tomou um avião para Viena quatro dias depois do *Anschluss*, precedido por telegrama enviado de Londres ao Embaixador Britânico: “DR JONES ANSIOSO QUANTO DESTINO DO DR FREUD E, SE REQUISITA SEU CONSELHO, O LORDE DO SELO PRIVADO AGRADECE-LHE PELO QUE PUDER SER FEITO”.²

Após semanas de negociação, a família Freud obteve permissão para deixar o país. Na hora exata. O filho de

Freud³, Martin, editor do *Verlag*, que publicava trabalhos e livros sobre psicologia freudiana, fora exilado de Viena. Contudo, podia visitar a cidade diariamente, e afirmou que seus anos de montanhismo lhe estavam sendo particularmente proveitosos agora: os judeus não tinham mais permissão de entrar em elevadores e eram forçados a subir escadas. Freud não saía de casa há semanas. Circulavam rumores de torturas, e cada batida na porta indicava perigo e possivelmente morte. Quando Anna foi ao quartel-general da Gestapo buscar os papéis da liberação, voltou com a notícia de que todos os judeus possuidores de tal permissão deveriam ir à polícia diariamente. Freud estava intratável: “Você, Anna, naturalmente se recusou a obedecer a ordem tão humilhante.”⁴

Finalmente foram concluídos os planos necessários. Minna Freud precederia a família, com destino a Londres, no dia 5 de maio, e Martin Freud partiria no dia 14, juntando-se a ela. Mathilde, a primogênita de Freud, seguiria com o marido no dia 24; Ernest, o caçula, estivera em Londres tomando providências para a família e estava prestes a ir para Paris; Oliver, o segundo mais velho, já estava na França. (Sophie, a segunda mais jovem, morrera em 1920 em Hamburgo, Alemanha.) Garantida a segurança da família, Freud permitiu-se um último gesto desafiador. A Gestapo levou um documento à casa dos Freud e exigiu sua assinatura. Era uma declaração de que fora tratado condizentemente; ele a assinou, mas acrescentando uma frase sua. “Recomendo a Gestapo a todos”⁵, adotando o estilo de anúncio comercial. A ironia, concluiu Martin Freud, passou despercebida aos soldados nazistas, “embora não tivessem total certeza, passando o certificado de um a outro.” Os momentos mais difíceis de Freud ocorreram no

momento em que se separou de quatro de suas irmãs idosas, que ficariam em Viena. Com tristeza, ele providenciou dinheiro suficiente para garantir-lhes o conforto que jamais usufruíam. O irmão que adoravam não sabia então que as quatro acabariam morrendo em campos de concentração.

No dia 4 de junho de 1938, a família Freud estava pronta para deixar a cidade. Um emissário americano chegou, para acompanhá-los a Paris e à segurança. Anos mais tarde, escrevia um observador: “Quando o vi (esse funcionário americano) logo após a II Guerra Mundial, ele me contou sobre a viagem e descreveu rigorosamente seus sentimentos pessoais de repugnância por Freud, seus amigos e parentes, aos judeus e à psicanálise.”⁶ Na estação ferroviária, o grupo dos Freud, incluindo a governanta Paula Fichtl, embarcou no Expresso do Oriente, rumo a Paris. No dia 5 de junho, às três horas, atravessaram a fronteira e entraram na França por Estrasburgo. “Cruzada a ponte do Reno, estávamos livres” escreveu Freud. Não dirigiu uma só palavra a Paula, que, no desjejum, esteve sentada em silêncio a seu lado naquela manhã.

A família foi recebida em Paris pelo Embaixador Americano William Bullitt, o filho de Freud, Ernst, seu sobrinho Harry Freud e Marie Bonaparte. Freud, que usava sobretudo e chapéu de feltro verde,⁷ tomou o braço coberto por peles que a princesa lhe estendia e dispensou a maca que ela providenciara. Trouxera sua bengala, mas não a usou. Bullitt, ativo e sorridente,⁸ flor branca na lapela e portando luvas, atravessou a plataforma com Freud. Após visita de doze horas à casa de Marie Bonaparte, Freud partiu “orgulhoso e rico” sob a proteção de Atena⁹: a princesa fizera vir de Viena, às escondidas, a estátua que Freud

e Hilda Doolittle tanto amavam. Naquela noite, o grupo de Freud cruzou o Canal da Mancha de balsa e seguiu diretamente para Londres. A segurança era tão reforçada que Martin Freud não pôde cumprimentar o pai quando o avistou descendo do trem. Apenas Ernest Jones estava na plataforma para o receber, enquanto repórteres e simpatizantes aguardavam na outra extremidade da Estação Victoria. “É bom estar nesta Inglaterra adorável”,¹⁰ disse Freud.

A cadelinha Lün também fizera a viagem à Inglaterra. Foi colocada em quarentena durante seis meses no canil do Sr. Kevin Quinn, no lado oeste de Londres. “Se quiser saber onde estão acontecendo coisas no exterior”, escreveu um repórter, “você pode ter uma boa idéia visitando os canis. Há dois anos, houve uma invasão de cães da Espanha. Estão seguiu-se o fluxo de cães alemães. Agora, os cães austríacos chegam quase diariamente aos canis.”¹¹ Freud visitou Lün no canil inúmeras vezes ao longo dos meses seguintes; era das poucas excursões que seu estado de saúde lhe permitia.

O novo lar temporário de Freud, na Via Elsworthy, 39, encantou-o. Nos fundos da casa havia um jardim circundado por árvores, terminando em Primrose Hill. As elevações verdejantes do Regent’s Park situavam-se pouco além. Contudo, havia uma nota de tristeza: Minna mantinha-se confinada em seu quarto no segundo andar, com pneumonia, e Freud ainda não a podia ver, devido a sua própria saúde frágil. “A dor no coração” admitiu ele, “transforma-se em inequívoca depressão.”¹² A família Freud foi recebida calorosamente. “Estamos enterrados em flores”¹³, Freud observava emocionado. Entre estas, certo dia chegou um buquê de gardêneas de Hilda Doolittle.

H. D., que estava morando na Inglaterra, visitou Freud logo após a chegada.

“O professor estava sentado à mesa exatamente como em Viena, com uma fileira de estatuetas de deuses.”¹⁴ Externou sua alegria por ele ter trazido as estatuetas da Áustria, ao que Freud replicou:

“Não as trouxe... a Princesa as levara para Paris, a fim de que eu me sentisse em casa.”¹⁵

A preocupação com os que haviam ficado para trás, disse Freud, “lança dura sombra sobre nossa felicidade.”¹⁶ Ao longo do verão de 1938, ouviu rumores de que suas irmãs não tinham acesso ao dinheiro que deixara para elas em Viena. Ansioso, praticamente desconhecendo as condições lá, Freud providenciou para que os diamantes de sua falecida filha Sophie, fossem transferidos de Viena para um banco em Zurique, onde estariam em segurança. Quando soube que as irmãs tiveram de ir à polícia, para fins de registro, Freud sobressaltou-se. “Registrar o quê?”¹⁷, perguntou à filha Anna. “Que nova maldade está em ação?”

Carl Jung chegou a Oxford em julho de 1938, a fim de apresentar perante a congregação do Balliol College o discurso que preparara naquela primavera em Bollingen. Na primeira noite, ele foi a uma recepção na Christ Church, oferecida pelo Governo de Sua Majestade. “Pede-se traje smoking e medalhas.”¹⁸ A recente história da Sociedade Médica Geral de Psicoterapia era um microcosmo do drama representado na Alemanha, e logo em toda a Europa: os acontecimentos na associação relatavam a ascensão do poder nazista, a disseminação do anti-semitismo e o di-

lema moral do colaboracionismo com o inimigo. Jung¹⁹ assegurava que aceitara a presidência da Sociedade porque acreditara que sua neutralidade, como suíço, lhe permitiria ajudar os colegas judeus como nenhum alemão poderia. Por volta de 1934, a antiga organização, predominantemente alemã, transformara-se então, sob a liderança de Jung, numa associação internacional composta de diferentes sociedades nacionais. A Sociedade Alemã, nazificada, tornou-se apenas um entre diversos outros grupos nacionais. Outro dos atos oficiais de Jung, em 1934, consistiu em permitir aos médicos judeus alemães, excluídos da associação em seu país, tornarem-se membros individuais da nova Sociedade Internacional.

Um dos colegas de Jung, C.A. Meier,²⁰ recordou por ocasião de um dos encontros da Sociedade Internacional que se solicitara ao eminente professor uma consulta psiquiátrica com Hitler. Meier lembrou que M.H. Göring providenciara o encontro de Jung e Hitler em Berlim, por ocasião de uma grande parada militar. Jung e Meier foram a Berlim, como planejado. Na noite anterior à parada, recordou Meier, o quarto de hotel que ocupava com Jung foi cuidadosamente revistado pela polícia secreta. No dia seguinte, Jung ficou fascinado com a fugaz visão que teve de Hitler, de pé no palanque, a poucos metros de distância. “Hitler causou-me a impressão de uma espécie de fantoche de madeira coberto de roupas, um autômato de máscara, um robô.”²¹ Em seguida, acrescentou: “Diante de Hitler, você tem medo. Você sabe que jamais será capaz de falar a esse homem, porque não há ninguém ali.” Meier²² nunca soube ao certo se foi Jung ou Hitler quem, no último instante, se recusou a participar, mas a tal consulta jamais ocorreu.

Jung especularia, em outubro de 1938, sobre a maneira adequada de tratar terapêuticamente um homem como Hitler: “É extremamente difícil lidar com esse tipo de fenômeno. É excessivamente perigoso... Ora, quando tenho um paciente que age sob o comando de um poder superior, uma força em seu íntimo, tal como a Voz em Hitler, não me atrevo a mandá-lo desobedecer a essa Voz. Ele não o fará se eu pedir. Agirá com maior determinação, ainda, do que se eu nada dissesse. Só posso tentar, *interpretando* a Voz, induzir o paciente a se comportar de maneira menos prejudicial a si mesmo e à sociedade, do que se ele obedecesse à Voz imediatamente, sem interpretação.”²³

Embora Jung jamais tenha tratado de Hitler, propôs uma cura para ele. “Eu digo, deixem-no ir para o Leste”,²⁴ diria a um correspondente americano em outubro de 1938. “Afastem sua atenção do Oeste, ou melhor, encorajem-no a mantê-la desviada... Esta é a *cura* lógica para Hitler... Ninguém jamais mexeu com a Rússia sem se arrepende... Entrementes, estaremos seguros, e com *nós* quero dizer toda a civilização ocidental... Como salvar seus Estados Unidos democráticos? Seu país deve ser salvo, sem dúvida, caso contrário todos nós afundaremos.”

Quando Jung se apresentou diante da Congregação de Balliol, no dia 30 de julho de 1938, as atitudes controvertidas por ele assumidas já se faziam notórias. M.H. Göring juntara-se a ele no Conselho de Redação do *Zentralblatt*, Jung afirmara existirem diferenças entre a psique alemã e a judaica, e esse julgamento havia favorecido o jogo dos nazistas. Criticara a psicologia freudiana em seu mo-

mento mais vulnerável. Mas, nessa ocasião, Jung dirigiu-se à Sociedade com espírito de concessão. Convocou os membros a descobrirem as verdades comuns a todas as escolas de psicologia, tanto junguianas quanto freudianas. Foi um erro, disse Jung à platéia, permitir que teorias divergentes obscurecessem o fato de que cada psicoterapeuta segue uma linha comum à de seus colegas. As diferenças desapareceram para revelar a preocupação fundamental de Jung. “Hoje”, disse ele, “devemos pensar bem e envidar todos os esforços no sentido de reunir os homens de boa vontade de nossa profissão, a fim de satisfazer às necessidades e demandas de nosso tempo.”²⁵

Difícilmente Jung disse o suficiente naquela manhã de julho, na Inglaterra de 1938. Ao terminar seu discurso, a platéia de americanos, alemães nazistas, ingleses, suíços e escandinavos, entre outros — e a história — recordariam antes o que ele não disse, e não dissera nos anos anteriores. É verdade que, dentro de poucos meses, Jung descreveria Hitler como um perigoso fenômeno e insistiria na necessidade de salvar a civilização ocidental a qualquer preço. Entretanto, seja naquele dia quente de verão em Oxford, seja no passado, a voz da consciência indignada de Jung não se fez ouvir. Esse silêncio não seria esquecido em dias mais frios.

Não obstante, Jung esboçara um gesto e, antes do final da sessão matinal, esboçou ainda outro. Queria homenagear Sigmund Freud, homem que amava e ainda admirava. Dias antes, mandara o Dr. E.A. Bennet perguntar a Freud se concordaria em receber um telegrama de Jung e da associação médica. Agora Jung providenciava seu envio — O DÉCIMO CONGRESSO MÉDICO INTERNACIONAL DE PSICOTERAPIA, QUE SE REALIZA EM OXFORD, APRESENTA-LHE

OS CUMPRIMENTOS MAIS SINCEROS. RECONHECEMOS A DÍVIDA QUE TEMOS TODOS POR SUA BRILHANTE CONTRIBUIÇÃO À MEDICINA PSICOLÓGICA E DESEJAMOS-LHE SAÚDE, FELICIDADE E TRANQUILIDADE EM SEU NOVO AMBIENTE NA INGLATERRA.²⁶ Horas mais tarde, reiniciado o encontro, Jung indagou sobre o telegrama. O secretário do Congresso confessou que se esquecera de enviá-lo. Jung enfureceu-se. Amigos que estavam presentes afirmaram jamais tê-lo visto tão zangado. Jung ordenou que o telegrama fosse enviado imediatamente. O texto não fora escrito com espontaneidade, nem tampouco a resposta de Freud.

“O Congresso Psicoterapêutico de Oxford, presidido por Jung”, Freud disse à filha Anna, “enviou-me um telegrama formal de boas-vindas, ao qual dei resposta fria, redigida pelo Dr. Bennet.”²⁷

Um ano depois, Freud estava morto. A idade e a prolongada luta contra o câncer pouco atenuaram o choque. Sua filha Anna escreveu tristemente: “Não é como se há muito tempo soubéssemos que ele ia morrer. Ele estava de fato muito doente, mas já estivera enfermo várias vezes antes.”²⁸ Perdendo a troca diária de idéias com o pai, disse ela:

“É muito mais difícil ver as coisas de maneira correta sem a ajuda dele.”

Anna Freud recolheu fragmentos de bombas durante a II Guerra Mundial. Um grande vaso no corredor da frente estava cheio de fragmentos metálicos irregulares de granadas e bombas,²⁹ com quase 30 centímetros de altura”, observou um repórter, colhidos no telhado ou nos gramados. Um balde de areia fora colocado junto à porta,

a fim de apagar bombas incendiárias. Assim como Anna Freud, Hilda Doolittle morou na Inglaterra durante a guerra. Com o passar de meses e anos,³⁰ ela retornava das incursões e freqüentava sessões espíritas, trazendo oferendas que esperava pudessem ajudar a pôr fim à guerra; recebia informações de onde as bombas caíam; ouvia “mensagens secretas de aviadores militares e de um navio viking.” Sua frágil percepção da realidade começou a declinar. Vítima de um colapso nervoso, em 1946, foi internada num sanatório na Suíça, às margens do Zürichsee, a poucos passos da casa de Carl Jung.

A maior parte dos últimos quinze anos da vida de H.D. foram passados na Nervenlinik, em Küsnacht, Suíça. Recobrou sua energia criativa e se pôs a escrever afeituoso retrato de Sigmund Freud; contudo não mais recuperou força suficiente para viver sem as restrições carinhosas impostas pela Nervenlinik. Hilda estava feliz ali. As casas eram discretas,³¹ elegantemente mobiliadas à antiga, com fogões de porcelana pintada. Os gramados eram verdes, com caminhos estreitos que rodeavam as altas árvores. Os pacientes jogavam tênis e croquê no gramado, ou deixavam-se ficar sentados no terraço junto ao lago. Toda noite reuniam-se com o Dr. Theodor Brunner em volta de comprida mesa com sua imaculada toalha branca. Banqueiros de Zurique, nobres europeus, médicos visitantes e membros da família jantavam ali há mais de trinta anos, em harmonia com o Dr. Brunner e seus pacientes.

Às vezes, entre os visitantes, estava Carl Jung.³² Construía uma casa em Küsnacht, com vista para o lago, com plataformas que conduziam a uma casa de barcos, e cisnes perambulando nas águas abaixo. De quando em vez, Jung atendia pacientes da Klinik de Brunner, que cruza-

vam a estrada acompanhados por uma enfermeira, para uma consulta com ele no seu gabinete, no segundo andar. Brunner, de tempos em tempos, consultava-se com Jung a respeito de seus pacientes e participava a fim de ajudar.³³ Brilhante e original, irradiando o magnetismo convicto do curador inato, a presença de Jung era sentida em toda parte em Küsnacht. Quando Hilda lá chegou em 1946, Jung ainda era analista; entretanto, tornara-se acima de tudo renomado pensador, cuja visão da psique humana mergulhava na linguagem da alquimia e abria-se para o universo do misticismo. Histórias de Jung haviam assumido dimensão de lendas. No âmago da lenda estava sua amizade com Freud, seu término dramático e singular. As pessoas ouviam dizer que Jung beirara à loucura após o conflito, embora poucos soubessem o que levara à separação. Jung raramente falava do tempo com Freud, os mais íntimos, entretanto, sentiam seu sofrimento, mesmo anos depois.

“Sim”, afirmou o colega de Jung, C.A. Meier, “a dor foi enorme.”³⁴ Freud ainda constituía uma lembrança viva: “mesmo quando Jung já estava bem velho. Se alguém falava em Freud” acreditava o educador suíço, Karl Schmid, “tocava em algo muito vivo; sempre foi assim para ele... a emoção ainda estava viva.”³⁵

Hilda Doolittle continuou freudiana, empenhando-se diariamente nos rigores da auto-análise; contudo, em seus escritos havia forte linha de religião e ocultismo. Mal conhecia seu vizinho, Carl Jung, mas o psiquiatra de H.D, Dr. Erich Heydt, atribuía parte de seu interesse pelo misticismo à influência de Jung. A incansável busca de Hilda

atraía-a aos universos de Freud e Jung. Havia percorrido as ruas cinzentas de Viena a fim de visitar Sigmund Freud e buscara consolo caminhando pelo verde gramado de Küsnacht, a pouca distância da casa de Carl Jung. Conhecia o clima de ambas as localidades, o frio úmido de Viena e os ventos que varriam o Zürichsee. Mais do que isso, conhecia o âmago dos temperamentos de Freud e Jung. Absorvera com eles a vida intelectual e cultural da Europa, fora atraída por suas inquietações particulares e personificara até mesmo seus conflitos. Hilda compreendeu o valor da insistência de Freud no pensamento racional, e compartilhava o interesse de Jung pelo oculto. Conhecia a mão seca e controladora da razão, e também a alegria de retirar esta mão. “Eis aqui a chave do alquimista”,³⁶ escreveu ela. “Esta chave abre portas secretas... o elixir da vida, a pedra filosofal será sua se renunciar à lógica estéril, à razão trivial.”

O quarto de Hilda na Nervenlinik dava vista para a água; havia uma fotografia de Freud pendurada na parede; ela trabalhava em uma mesa junto à janela, concluindo o livro que o biógrafo de Freud, Ernest Jones, qualificava como “provavelmente a avaliação mais deliciosa e preciosa da personalidade de Freud que já foi escrita.”³⁷ Às vezes, se desejasse, ela podia ver Jung em seu pequeno barco de dois mastros, inconfundível com suas velas vermelhas, partindo para a longa viagem a Bollingen. Freud talvez tivesse considerado pura casualidade o fato de Hilda Doolittle ter ido passar o resto de sua vida perto de Carl Jung. Jung chamaria destino ao que a trouxera para Küsnacht, às margens do lago que ele amava.

Certo dia frio e de muita neve, anos após a morte de Carl Jung, seu filho, Franz, postou-se silencioso na biblioteca de Küsnacht. O salão cumprido e estreito tinha a mesma aparência do tempo em que seu pai trabalhara ali, as mesmas paredes cinzentas e prateleiras com velhos livros de capa de couro, as janelas altas e as pequenas sacadas que davam para o Zürichsee. Na tarde e nos dias anteriores, falara-se muito de Jung e Freud. Franz mostrara o “esconderijo secreto” na parede do gabinete, onde Jung guardara as cartas de Freud, muitos anos antes. Contou com carinho como a correspondência entre seu pai e Freud finalmente fora reunida. As cartas de Jung a Freud³⁸ haviam sido enviadas a Londres em 1938, sob a supervisão de Marie Bonaparte. Em fins de 1969, o filho de Freud, Ernst, e Franz Jung decidiram publicar as cartas trocadas pelos pais. Então, Franz tomou um avião para Londres, onde Ernst Freud, gravemente enfermo, recebeu-o. Sentiram mútua simpatia.

“Ele era arquiteto, como eu”, disse Franz, “assim, houve uma espécie de base comum. Anos atrás, papai colocara as cartas de Freud em uma pasta coberta por um pano de linho, e aí ele escreveu, com letras maiúsculas: “CARTAS DE FREUD”. Mostrei-as a Ernst Freud, que ficou emocionado. Aquelas cartas eram a coisa mais importante do mundo para ele, e creio que só permaneceu vivo o tempo suficiente para as receber”.³⁹

O entardecer estava próximo, e as luzes começavam a brilhar nas casas da outra margem do Zürichsee, mas a biblioteca permanecia às escuras, repleta de recordações. Uma mesa baixa estava cheia de instantâneos dos acampamentos da família; da mãe e das irmãs de Franz com vestidos brancos longos, assistindo a ele e seu pai construírem

pequenos vilarejos com pedras. Havia mapas rodoviários sobre a mesa, e uma bandeja com um aparelho de chá. Franz rememorava a infância, os anos anteriores ao mistério que circundava Jung e Freud e se endurecera, transformando-se em lenda. Franz recordara o que sabia... Colocou então uma grande acha de lenha no velho fogão de azulejos e ficou contemplando silenciosamente o lago onde velejara durante toda sua vida, primeiro com o pai, depois com seus quatro filhos. Finalmente, voltou-se e dirigiu-se a mim:

“Meu pai não confessaria, mas provavelmente, durante todos estes anos, ele nunca se conformou com a separação de Freud.”⁴⁰

Parte II

MEMÓRIAS

Capítulo 4

No verão, as montanhas da Bavária além de Salzburg são verdes e lisas como um desenho a pastel, e o sol banha seu amplos vales.

Em 1899,¹ Sigmund Freud passava alguns meses no campo com a esposa e os filhos, escrevendo o livro que um dia ele chamaria *A Interpretação dos sonhos*. Pela primeira vez, Freud demonstrava de maneira sistemática que os sonhos possuem significado e, em grande parte, se apoiava em seus próprios sonhos. Foi-lhe necessário relatar acontecimentos do princípio de sua vida, e mesmo temores e desejos ocultos, a fim de documentar sua teoria dos sonhos. Confessando que “existe natural hesitação na revelação de fatos tão íntimos sobre a vida mental de alguém”.² Freud não via como sair de tal dilema. Em 1899, estava com 43 anos, e nas páginas por ele escritas encontravam-se muitos dos acontecimentos e sonhos de sua vida até aquele verão. A extensão³ desse desnudamento psicológico foi tal que,

mais tarde, o livro viria a ser considerado — e com razão — como sua autobiografia dissimulada.

A redação do livro não marchara bem em Viena. “Estou enfrentando grandes dificuldades com este livro”,⁴ Freud escreveu em julho de 1899. “Não consigo passar mais de duas horas por dia sem buscar a ajuda de meu bom amigo, o vinho Marsala. ‘Ele’ me ilude, fazendo-me pensar que as coisas não estão tão más quanto parecem quando estou sóbrio.” Freud não era alcoólatra, mas, antes de ir para a Bavária, Martha contou na sua frente, em pesado silêncio, as garrafas de vinho. Freud sentiu-se bem melhor quando finalmente se reuniu à família em Riemerlehen, uma casa de fazenda grande e antiga encravada numa colina na periferia do vilarejo de Berchtesgaden. Ali ele se comprazia em passeios pela manhã e à tarde na companhia dos filhos e realizava sua paixão pela procura de cogumelos, que seu primogênito assemelhava a caçadas grandiosas e excitantes quando o pai, invariavelmente, descobria o melhor cogumelo, colocava-o em seu velho chapéu de feltro e reunia a jovem tropa com um apito de prata, a fim de que todos admirassem sua presa.

Contudo, ocupando o centro da vida de Freud naquele verão de 1899, estava o livro dos sonhos, como ele o chamava, vendo-se capítulos espalhados sobre a mesa da ampla sala do primeiro andar do chalé, onde as janelas emolduravam as montanhas que ele tanto amava. “Meus velhos e encardidos deuses, que você considerava tão insignificantes”, Freud escreveu a um amigo, referindo-se às estatuetas antigas que começara a colecionar, “tomam parte no trabalho como pesos de papel para os manuscritos.”⁶ Em Riemerlehen, entre a balbúrdia e a movimentação de seus filhos (“Os marotos estão fazendo uma con-

fusão danada no prado”⁷, reclamava afetuosamente), Freud escrevia a respeito do débito de cada homem para com sua infância. “A natureza mais profunda e eterna do homem... encontra-se naqueles impulsos da mente que têm sua raiz em uma infância que já se tornou pré-histórica.”⁸ Seus sonhos e recordações revelavam aspectos de seu caráter que o levariam à amizade com Carl Jung, e outros que também contribuíram para o trágico fim que teve. “E agora”, escreveu ele, “devo pedir ao leitor que torne seus os meus interesses durante algum tempo, e mergulhe, junto comigo, nos menores detalhes de minha vida.”⁹

Freud nasceu em Freiberg, cidadezinha da Morávia, que hoje faz parte da Tchecoslováquia. Foi no dia 6 de maio de 1856, e seus pais eram Jacob Freud, comerciante de lãs, então com 41 anos, e Amália, terceira esposa de Jacob, que contava 21 anos. Embora Jacob tivesse dois filhos crescidos, um dos quais morava nas redondezas, Sigmund foi o primogênito de Amália. Freud manteria sua crença inicial de que “um homem que foi indiscutivelmente o preferido de sua mãe guarda durante toda a vida o sentimento de ser um conquistador, cuja confiança no sucesso freqüentemente induz ao real sucesso”.¹⁰ Com os casamentos de Jacob, as relações familiares eram complicadas. O primeiro companheiro de Freud foi seu sobrinho John, um ano mais velho do que ele. A relação de ambos era instigante, cada qual competindo pelo domínio; ambos primogênitos, nenhum se queria submeter ao outro. As brincadeiras eram rudes. Freud, embora menor e mais jovem, era combativo e obstinado. “Por que”, o pai perguntou a Sigmund durante uma briga particularmente violenta “está batendo em John?”

Freud, acreditando na vigorosa justiça comum aos garotos agressivos, redarguiu simplesmente :

“Bato nele porque ele me bate!”¹¹

Embora Sigi, como era conhecido em sua família, lutasse com John, ele também o amava. Esta oscilação entre amor e ódio marcaria suas relações com outros amigos nos anos subseqüentes. Freud referiu-se diversas vezes a suas experiências com John, no livro dos sonhos. “Minha vida emocional sempre me impôs que eu tivesse um amigo íntimo e um inimigo odiado. Sempre consegui obter ambos, e frequentemente acontecia dessa situação ideal da infância ser tão completamente reproduzida que amigo e inimigo surgiam num mesmo indivíduo, embora naturalmente não ao mesmo tempo ou com oscilações constantes, como devia ser o caso nos primórdios de minha infância.”¹²

Quando Freud já estava com quase dois anos, morreu seu irmão mais jovem, Julius; tempos mais tarde, Freud viria a perceber o ciúme que sentia do bebê e o profundo sentimento de culpa que passou a ter desde a morte de Julius. Quando estava com três anos, Jacob Freud e a família deixaram Freiberg e foram morar em Leipzig, mudando-se depois para Viena, em 1860. A vida nas cidades não agradou a Freud. Sentia falta da liberdade rural e de suas rudes brincadeiras com John. Mas o lar começara a se encher de irmãs, e ele passou a exercer seu papel de primogênito com autoridade. Era um menino bem-comportado e lembrava-se de poucos atos de rebeldia. Um destes ocorreu quando contava sete ou oito anos. Sem o menor constrangimento, aliviou-se em um urinol de vidro no quarto dos pais, na presença destes. Freud jamais esqueceu as palavras zangadas de Jacob: “Este garoto não será nada na vida”.¹³ Considerou-as um importante impulso para suas realizações posteriores: “Estão vendo, *cheguei* a alguma coisa!”

A vida intelectual de Freud começou com a idade de sete anos, sob a orientação cuidadosa de seu pai. Dois anos depois, aos nove anos, Freud começou a freqüentar a escola, e tornou-se claro que Jacob Freud preparara bem o filho: durante oito anos, no Sperlgynasium, Freud sentou-se no primeiro banco, melhor aluno da classe. A inveja e o ressentimento que sentia nos colegas que se sentavam atrás constituía lembrança viva ainda muitos anos mais tarde. A posição sem rival de Freud na escola confirmava o favoritismo da mãe:¹⁴ era o seu filho preferido. *Mein goldener Sigi*, assim ela o chamaria até o final de sua longa vida, que quase coincidiu com a de Freud.

Nesses primeiros tempos, como acontece com ginasiânicos, Freud começou a dominar as complexidades do mundo à sua volta. Sua noção do herói — em parte emanada dos duros combates com John — era representada em intermináveis batalhas com soldadinhos de madeira. Com eles, Freud acompanhava interminavelmente as campanhas de Napoleão, com particular simpatia por um de seus marechais, André Masséna, porque acreditava-o um judeu que nascera no mesmo dia em que ele, apenas um século antes. O relacionamento do menino com o pai era bastante tranqüilo. Contudo, em certa ocasião, quando Freud estava com 12 anos, o pai o desapontou, ao narrar um incidente em que um cristão jogara seu novo casquete de pele na lama e gritara:

“Judeu! Saia da calçada!”

O jovem Sigmund perguntou a Jacob:

“E o que você fez?” O pai replicou calmamente:

“Fui para a rua e peguei meu casquete.”¹⁵ Não era a resposta que Freud queria ouvir. Vivia entre heróis em seus livros e jogos, e buscava-os nos rostos dos amigos, mas, acima de tudo, queria encontrar um herói em seu pai.

A história não terminou em simples desapontamento, pois tão grande quanto a vontade de Freud de encontrar um herói era sua necessidade de o substituir. Quando estava com 14 anos, representou um drama intenso com o sobrinho John, então com 15 anos, que viera visitar a família em Viena. Ante uma platéia de crianças, representaram uma cena de certa peça de Schiller, na qual Sigmund representava o papel de Brutus, e John, o de César. Anos mais tarde, Freud se esforçou por compreender a natureza de seu intenso envolvimento com John — a presença de tanta hostilidade e amor. “Onde seria encontrada uma antítese desta ordem”, Freud se perguntava, voltando a seus livros, “uma justaposição como esta de duas reações opostas em relação a uma única pessoa...?”¹⁶ Finalmente, encontrou-a “em uma única passagem na literatura.” Nas famosas palavras de Brutus, no *Júlio César* de Shakespeare: “Como César me amava, chorei por ele; como era afortunado, regoziquei-me; como era corajoso, honrei-o; mas quando se mostrou ambicioso, matei-o”.

Freud tomava café e comia uvas¹⁷ enquanto estudava para os exames finais do Sperlgynasium, e confessou no tal livro dos sonhos que, para o brilhante desempenho no exame oral de história, obtivera o auxílio de seu bondoso mestre. “Ele percebeu que na folha de questionário que lhe devolvi eu passara a unha pela segunda das três perguntas, alertando-o para que não insistisse naquela”.¹⁸ (Nos sonhos recorrentes de Freud com exames escolares, a matéria sempre era história.) Ele foi o primeiro da classe.

No outono de 1873, Freud matriculou-se na Universidade de Viena como estudante de medicina, e durante os oito anos subsequentes seguiu os cursos regulares de

anatomia, física, química, biologia e zoologia. A escolha de carreira feita por Freud confundiu seu pai.

“Quando o Professor era menino, ele costumava dizer que queria ser médico”, recordava-se a irmã de Freud, Anna, “mas meu pai perguntava como seria médico, tendo natureza tão sensível que mal conseguia olhar quando se tirava uma farpa da mão de uma das crianças, se houvesse sangue”.¹⁹ Freud continuou a morar com a família durante os anos de Universidade e, quando se mudaram para um apartamento maior, ele foi o único a ter seu próprio quarto. Comprido e estreito, o “gabinete” era suficientemente grande para comportar uma cama, uma escrivaninha, algumas cadeiras e prateleiras onde se acumulava crescente número de livros.

Sua posição de primogênito entre os sete filhos na casa prenunciou sua vida anos mais tarde, já homem de família, na Berggasse 19. Sempre seria o favorito e agora, no final da adolescência, tinha seu próprio quarto e também a única lâmpada; o resto da família usava velas. Jantava em seu quarto, de forma que pudesse continuar estudando. Embora desafinasse, cantarolava canções folclóricas vieneses enquanto trabalhava e o ruído das irmãs²¹ tocando piano perturbava sua concentração. As lições de música foram interrompidas, e o piano removido. Apesar de sua aparente arrogância, Sigmund era um irmão dedicado. Frequentemente, as finanças familiares encontravam-se em estado precário, e ele se preocupava com a magreza das irmãs. Certa vez sentiu dificuldade em comer um assado, jantando fora com um amigo e sabendo como as irmãs estariam famintas em casa.

Sigmund Freud era o protótipo do primogênito — seguro de si, brilhante e ativo. Elegante e harmonioso, sua

estatura adulta era de 1m80. Os cabelos eram castanhos, escuros, quase negros e, embora os penteasse para trás, uma grossa mecha de cabelos lisos com freqüência lhe caía sobre a testa. Seus traços eram fortes, mas as pessoas percebiam sobretudo seus olhos: escuros, às vezes penetrantes, às vezes distantes, refletiam tanto quanto ele se dispusesse a revelar, raramente algo além disso. Freud era um homem singularmente arrebatado, e jamais deixou de ser; contudo, seu autocontrole já estava quase totalmente formado, e as emoções que assomavam em seu rosto eram sutis e fugazes.

O imperador Franz Joseph chefiava um império já esgotado durante a juventude de Freud, mas Viena experimentava uma espécie de renascimento cultural: em meio à reverência com que se voltava para o seu passado, começava a emergir moderna sensibilidade. Gustav Klimt e Oskar Kokoschka pintavam quadros marcantes e característicos. Ludwig Wittgenstein,²² jovem e rico vienense que rejeitaria sua fortuna a fim de levar uma vida de pura integridade, seria considerado o filósofo mais exigente do século XX. Richard Strauss e Gustav Mahler compunham e regiam em Viena. A Ópera era tão popular que as pessoas que desejavam os lugares mais baratos precisavam passar metade do dia na fila para compra de ingressos. Herbert Graf, que um dia seria o famoso caso clínico de Freud, conhecido como 'Pequeno Hans', recordava-se de seu pai, Max Graf, numa justaposição cultural comum em Viena: "na plataforma lotada de um bonde que se dirigia a um jogo de futebol dominical em Hohe Warte, uma das mãos na balaustrada e outra agarrando o livro mais querido, um exemplar gasto, com anotações, de *Crítica da Razão Pura*, de Kant."²³

Morando em Viena com pais que o adoravam e irmãs mais jovens e respeitosas e agora um irmãozinho, estudante de medicina já com sucesso prematuro e indiscutível, intelecto talentoso e reconhecido, o futuro se assegurava brilhante para Freud, no limiar da maturidade. Em maio de 1875 completou 19 anos; em julho daquele ano, Carl Jung nascia em um vilarejo da Suíça.

A primeira recordação de Carl Jung foram as folhas brilhantes e o céu azul de Laufen, na Suíça. Muitos anos depois, lembrou-se deitado em seu carrinho de bebê num dia de verão. “Vejo o sol brilhando por entre as folhas e flores dos arbustos. Tudo é maravilhoso, colorido e esplêndido.”²⁴ Jung escreveu estas palavras com a maior relutância, já bastante idoso. Mantivera silêncio sobre o início de sua vida, raramente falando nela, nem mesmo de sua família; mas finalmente iniciou sua autobiografia, aos 83 anos, e mesmo então hesitou. O instinto de guardar suas recordações era forte, pois Jung, assim como Freud, percebera como o caráter de um homem derivava da experiência inicial da infância. “Guardei este material durante toda minha vida, e jamais o quis expor ao mundo; pois se for criticado, serei ainda mais atingido do que no caso de meus outros livros.”²⁵

Contudo, no final, Jung acabou por se poupar bem pouco. Escreveu grande parte de sua autobiografia, *Memórias, Sonhos, Reflexões* na sua torre de Bollingen. Sentava-se no terraço, retrocedendo 80 anos até o menino que fora outrora, crescendo em um vilarejo da Suíça. Amiúde, Jung imobilizava-se sentado ao sol,²⁶ tão quieto, recorda um amigo, que uma ou duas vezes pássaros revoavam sobre

ele e puxavam alguns fios de cabelos grisalhos, a fim de forrar seus ninhos. O velho homem era como parte da natureza, por isso os pássaros não o temiam. As recordações de Jung por vezes eram dolorosas, pois sua infância fora atormentada por temores e solidão. Jung não tinha experiência de amizades quando conheceu Freud. Sua infância solitária deixara cicatrizes.

O pai de Carl Jung era ministro da Igreja Reformada de Zwinglio. O vicariato de Paul Jung, em Laufen, tinha vista para a Rio Reno e o drama incessante das quedas em que se precipitava, centenas de metros abaixo. Era visão estonteante para uma criança e serviu como pano de fundo para as primeiras recordações de Jung. Certa vez, lembrou ele, uma jovem adorável de cabelos louros e olhos azuis levava-o a passear pelas cataratas do Reno, por entre castanheiros dourados ao sol outonal. A mulher, cuja imagem juvenil ele retivera durante toda a vida, era Berta Rauschnbach; um dia, ela seria sua madrasta. Essas primeiras memórias mantiveram-se vívidas para sempre, suspensas em calor e luz solar, mas outras, mais obscuras, intrometiam-se. “O rugido abafado das cataratas do Reno”, lembrou Jung, “era sempre audível, em volta havia toda uma zona de perigo. Pessoas afogavam-se, corpos eram arrastados sobre as rochas.”²⁷ Um dia, quando ainda era muito jovem, Jung atravessava a ponte que se estendia sobre as cataratas e pôs a perna por entre a balaustrada. Somente a rapidez da empregada evitou que o garotinho caísse no rio. O incidente, acreditaria mais tarde, mostrava “uma ânsia suicida inconsciente ou, talvez, uma resistência fatal à vida neste mundo”.¹⁸

Veza por outra Carl angustiava-se em casa e não sabia por que, embora “insinuações indistintas de problemas no casamento de meus pais pairassem à minha volta.”²⁹ Em 1878, sua mãe foi internada num hospital da Basileia, onde permaneceu durante vários meses, e mais tarde Jung concluiria que sua enfermidade se relacionava às dificuldades com o marido. O jovem Carl, então com três anos, sentia terrivelmente a falta da mãe. “Daí em diante”, escreveu ele, “sempre senti desconfiança quando se pronunciava a palavra ‘amor’. Por muito tempo associei à palavra ‘mulher’ o sentimento de desconfiança inata.” O garoto adoeceu durante essa separação. Sofreu com eczema e com frequência tinha febre, não conseguindo dormir à noite. O pai tomava-o nos braços, caminhando de um lado a outro e cantando suas velhas canções de estudante, “*Alles schweige, jeder neige...*”,³⁰ Jung escreveu, muitos anos mais tarde. “Até hoje me lembro da voz de meu pai, cantando em meio à tranquilidade da noite.”

Aproximadamente nessa época, Jung teve o primeiro sonho do qual se lembraria, e que o afetaria pelo resto da vida. Sonhou que estava num terreno familiar, onde viu um buraco no chão com uma escadaria de pedra que levava a um portal coberto com tecido semelhante a brocado verde. Além, havia uma sala retangular pedra com um tapete vermelho que se estendia até um trono dourado, onde a princípio Carl pensou haver um tronco de árvore que chegava quase até o teto. Ficou aterrorizado ao descobrir que o tronco era feito de carne. “No topo da cabeça havia um olho singular, voltado imóvel para o alto.”³¹ O garoto ficou paralisado, certo de que a qualquer momento aquilo rastejaria em sua direção, como um verme gigante, quando sua mãe gritou em seu sonho. “Sim, olhe para ele.

Este é o comedor de homens.' O garoto acordou aterrorizado e banhado em suor. O sonho assombrou Jung. Ele tinha certeza de que a estranha criatura era um deus subterrâneo.

Em 1879, quando Jung contava quatro anos, seu pai tornou-se capelão protestante do Hospital Psiquiátrico Friedmatt, e a família mudou-se para Klein-Hüningen, vilarejo junto ao Reno, próximo de Basileia. A atmosfera em casa continuava a perturbar Carl. "Todo tipo de coisa acontecia à noite; coisas incompreensíveis e alarmantes. Meus pais dormiam separados."³² E, mostrando que a desconfiança da mãe não desaparecera, ele "dormia no quarto de meu pai." Carl adoeceu com o que chamaria depois de "pseudo-crupe" e teve acessos de sufocação. "Percebo aí", escreveria depois, "um fator psicogênico: a atmosfera da casa começava a tornar-se irrespirável."³³ Levado a contar cada vez mais consigo mesmo, o menino experimentava desconforto na presença dos pais e sentimento de opressão em casa; passava muito tempo fora de casa, e inquietava-se se alguém o observava em suas brincadeiras solitárias. Seguidamente, construía casas e torres com tijolos e, em seguida, deliciava-se destruindo-as com terremotos simulados.

Jung começou a freqüentar a escola em 1881, e seus companheiros eram os filhos dos camponeses e pescadores do vilarejo. Mas aí, assim como em sua casa, persistia a sensação de alheamento. Sentia que as brincadeiras das crianças eram diferentes das suas. As preocupações delas não eram as mesmas e ele buscava, em perplexidade infantil, preservar aquela parte de si mesmo que sabia ser crucial à sua identidade. Dentro dos rituais de sua infância havia a necessidade de manter afastados os outros, que se poderiam intrometer em seu frágil senso de individualidade.

Em uma colina próxima à casa de Jung havia uma pedra encravada, para onde retornava de quando em vez, ali permanecendo sentado durante horas, brincando de um jogo imaginário — e instigante. Carente de definições adequadas de si próprio a partir de sua escola e sua família, Carl afirmava: “Estou sentado sobre esta pedra e ela está debaixo de mim.”³⁴ Mas dava poderes à pedra para responder: “Estou deitada aqui nesta colina e ele está sentado sobre mim.” Algum tempo depois, a distinção entre a realidade interna e a externa começava a tornar-se indistinta. “Sou eu que estou sentado na pedra”, o menino se perguntava, “ou eu sou a pedra sobre a qual *ele* está sentado?” Finalmente se punha de pé, ponderando o que era o quê, indagação sombria e fascinante a que se sentia incapaz de responder.

O jovem Carl queria tornar tangível o seu *eu* que parecia tão vulnerável ao mundo externo. Precisava ter a prova de que seu *eu interior* era inviolável e seguro. Um dia, pegou o estojo de lápis de madeira amarela que os alunos sempre levaram, retirou a régua e entalhou um homúnculo em uma das extremidades, pintando-o com sobrecasaca, cartola e botas pretas reluzentes. Então serrou a pequena figura e aninhou-a no estojo, juntamente com uma pedrinha que pintara. Recolocou a régua no lugar e escondeu tudo no sótão, sobre uma das vigas do teto. Carl sentiu-se imediatamente melhor. “A sensação torturante de ser estranho a mim mesmo desaparecera.”³⁵ A partir desse gesto, nasceu a idéia de Jung do *outro*, um *outro eu*, um homúnculo com sua pedra preta, resguardado nas profundezas de um sótão do século XVIII. Enquanto Jung lutava por compreender seu *interior*, Freud tentava, ao longo dos mesmos anos, encontrar seu lugar no mundo externo do amor e do trabalho.

Em 1882, Freud era um jovem médico que morava com os pais, lecionava e continuava sua pesquisa médica. Naquele ano, Freud conheceu Martha Bernays, a mulher que se tornaria sua esposa. Também em 1882, Josef Breuer, médico conhecido de Freud, contou-lhe como tratara os sintomas de uma paciente de maneira nova. As conseqüências desses eventos modelariam o resto da vida de Freud.

A primeira experiência de Sigmund Freud com o amor pegou-o de surpresa. Em geral, quando voltava para casa todos os dias, ia diretamente para seu quarto, com breve saudação a sua família. Mas um dia, na primavera de 1882, Freud avistou uma jovem atraente, rindo com suas irmãs e descascando uma maçã na mesa familiar; desta vez ele se reuniu à família. Martha Bernays, cinco anos mais jovem do que Freud, provinha de uma ilustre família judia que se transferira de Hamburgo na Alemanha, para Viena. O amor de Freud por Martha, que tinha então 21 anos, compôs-se de uma série de choques psíquicos para os quais não estava preparado. Contou-lhe pesaroso que jamais prestara muita atenção a garotas antes, e agora estava pagando caro por sua negligência. Enviava-lhe diariamente uma rosa vermelha, e quando foi visitá-la no dia do noivado e no seguinte, revelou que lhe havia dado mais beijos naquelas duas ocasiões do que em suas irmãs nos 26 anos de sua vida. Certa vez, Freud escrevera sobre o tipo de mulher que o atraía, e sua descrição combinava à perfeição com Martha: “Uma mulher robusta que, se necessário, possa com uma só mão expulsar o marido e a criadagem nunca foi meu ideal, não obstante tudo o que se possa dizer do valor de uma mulher com perfeita saúde. Sempre considereei mais atraente uma figura delicada, de quem eu pudesse cuidar.”³⁶

Martha era esbelta e pálida, e sua saúde sempre preocuparia Freud. “Fico completamente fora de mim quando me preocupo com você”,³⁷ escreveu um dia, temendo que ela estivesse doente. “Perco de imediato todo o senso dos valores e, em certos momentos, terrível pavor toma conta de mim; medo de que você adoça. Estou tão descontrolado que não consigo escrever muito mais.” No dia seguinte, ao saber que afinal de contas ela estava com boa saúde, disse-lhe timidamente: “Então errei ao imaginar que estava doente. Estava louco ... Enlouqueceu-se quando se está apaixonado.” Separado de Martha durante três dos quatro anos de noivado, porque a família dela voltou para Hamburgo, Freud escrevia-lhe pelo menos uma vez ao dia, freqüentemente duas ou até três vezes, e não escrevia pouco. Era comum encher uma dúzia de folhas com letra miúda, e uma dessas cartas compunha-se de 22 páginas. Durante o período, Freud enviou a Martha mais de 900 cartas. Os longos meses e anos de noivado cobraram seu tributo. “Sou como um relógio que não é consertado há muito tempo, empoeirado em cada engrenagem”,³⁸ escreveu a Martha num tom circunspecto.

Repetidamente, em sua correspondência com Martha, Freud citava, o nome de Josef Breuer, 14 anos mais velho do que ele, a quem conhecera ao longo de seu período de estudo. Breuer era médico renomado, com profundos interesses culturais por música, arte e literatura. Famoso em Viena, e rico, mesmo assim era descrito por quem o conhecia como “o homem mais modesto que se possa imaginar”³⁹ Breuer iniciara promissora carreira científica apenas para abandoná-la, deixando sua posição de docente particular porque, segundo se comentava, não queria passar muito tempo longe de seus pacientes. Uma

mulher, em particular, interessava-o muito, e com o aprofundamento da amizade entre Freud e Breuer, este lhe falava freqüentemente sobre o quadro clínico da paciente. Freud ficava fascinado.

Bertha Pappenheim⁴⁰ nascera em 1859 em uma família judia bastante rica. Desenvolvera uma variedade de sintomas nervosos durante o verão de 1880, enquanto cuidava do pai enfermo, e eles se agravaram após a morte do pai. O eminente professor de psiquiatria, Richard von Krafft-Ebing, foi o consultor, mas era Josef Breuer quem ouvia as queixas da paciente. Nos anos anteriores à virada do século, acreditava-se que as reclamações estranhas e o comportamento bizarro dos doentes mentais originavam-se de causas fisiológicas: erros de parto, defeitos hereditários, acidentes trágicos — problemas para os quais não havia esperança de cura. Os consultórios médicos por toda parte estavam repletos de pacientes como Bertha, cujas queixas de mal-estar físico mudavam diariamente, às vezes até mesmo de hora em hora. Nada realmente podia ajudar a mulher ansiosa recém-casada, ou a jovem que não conseguia dormir, o homem com um persistente tique nervoso ou o garoto que desmaiava. Não havia cura conhecida para a sua miríade de problemas, limitando-se os médicos ao efeito tranqüilizante dos banhos quentes, do repouso e, mais raramente, da estimulação elétrica.

Breuer decidiu-se por um tratamento diferente com Bertha Pappenheim. Certo dia, quando ela se encontrava em estado hipnótico, ele ouviu suas queixas, uma narrativa de caos atordoante e aparentemente arbitrário. Às vezes,⁴¹ profunda escuridão tomava conta de sua cabeça; outras vezes, ela não conseguia mover três de seus membros. Sua visão oscilava estranhamente, e ela acreditava estar

ficando cega e surda. Pior ainda, sentia medo difuso de que dois *eus* — um deles mau — habitassem seu corpo. Contava diariamente essas coisas a Breuer, sob hipnose e em inglês, porque em algum ponto de suas dificuldades labirínticas, ela perdera qualquer recordação de seu alemão natal.

Um dia Bertha se queixou de sentir sede angustiante, mas não conseguia beber uma gota d'água. A lista de seus sintomas, já longa, incluía uma última excentricidade: agora ela só comia frutas. Sob hipnose, *Anna O.*, como Breuer se referia a ela, “reclamava de sua dama de companhia, uma senhora inglesa de quem não gostava, e prosseguia descrevendo, com todos os sinais de náusea, como certa vez entrara no quarto dessa senhora e vira o cãozinho dela — um animal horrendo! — bebendo de um copo... Após dar vazão à raiva reprimida, *Anna O.* pediu algo para beber e ingeriu grande quantidade de água sem qualquer dificuldade; despertou da hipnose com o copo entre os lábios. Daí em diante, o distúrbio desapareceu para nunca mais voltar.”⁴²

Analisando cada reclamação de Bertha e acompanhando seu desenvolvimento lentamente, incidente por incidente e em ordem, retornando ao primeiro acontecimento, “o sintoma”, segundo Breuer, “foi permanentemente removido.” Aparentemente, o processo também funcionava para os *dois eus* de Bertha. O alívio desse sintoma foi obtido — como os demais — a partir da memória recente, regredindo através dos tremores da adolescência e chegando até ao santuário da infância, até a um momento de há muito esquecido e agora, com Breuer, subitamente recordado. Freud, impressionado com o relato do amigo e colega mais velho, não podia saber que Jung, tanto quanto Bertha,

lutava para compreender *seus dois eus*. Na história de Bertha Pappenheim — *Anna O.* — Freud encontraria seu futuro. No momento queria apenas saber mais, ouvir tudo novamente, ponderar com Breuer por que fora tão bom para Bertha purificar sua mente falando até chegar a recordações quase esquecidas. “Limpeza de chaminé”, assim ela denominou sua “cura pela fala”. Breuer deu ao processo a denominação de catarse.

Em janeiro de 1884, Freud ingressou no Departamento de Doenças Nervosas do Hospital Geral de Viena, e após a primeira semana de trabalho, escreveu: “Hoje, finalmente, coloquei em ordem os históricos de meus casos e iniciei o estudo de um caso nervoso; assim começa uma nova era.”⁴³ O estudo das doenças nervosas não era um campo dos mais proeminentes em Viena; no dia 11 de outubro de 1885, Freud foi a Paris, agraciado com uma bolsa de viagem para estudar sob supervisão de Jean Martin Charcot, neurologista que trabalhava com insanos em um sanatório chamado Salpêtrière. Charcot⁴⁴ começara a transformar o sanatório de lunáticos em uma instituição humana. Tentava ver com clareza, além da sujeira, degradação e violência fortuita, o paciente à sua frente. Freud diria a respeito de Charcot: “Ele costumava rever seguidamente as coisas que não compreendia, a fim de aprofundar a idéia que tinha delas, dia a dia, até que, subitamente, lhe surgia a compreensão dessas questões.”⁴⁵

Freud percebeu que a prática alemã de atribuir causas fisiológicas a todas as condições do corpo não era seguida na França. Freud vira Charcot tratar pacientes que há anos suportavam a dor física, tiques ou defeitos de coordenação motora e, com o poder de sua sugestão sob hipnose, a enfermidade era curada, o músculo cessava o ti-

que, o paciente caminhava normalmente. O efeito da vida mental sobre o bem-estar físico era demonstrável. Charcot pusera diante de Freud a possibilidade de que muitas das queixas físicas pudessem ter origem psicológica, e isto fê-lo lembrar de Bertha Pappenheim e sua “cura pela fala”.

Quando Freud retornou a Viena, quatro meses e meio depois, em 1886, retomou seu trabalho no hospital; segundo o costume da época, usava cartola de seda e luvas brancas para grandes ocasiões. No mesmo ano abriu seu consultório e começou a atender pacientes particulares. Tornou-se evidente que ele não era imune ao charme feminino quando, durante o tratamento de um médico americano com doença nervosa, Freud pediu para ver a esposa do paciente. Esta era bonita e interessante. “Pareceu-me estranho”, Freud contou a Martha, descrevendo as duas visitas que essa senhora lhe fez, “que em ambas as ocasiões... sua fotografia, que nunca se mexia, tenha caído da escrivaninha. Não me agradam tais sinais, e, se fosse necessário algum aviso..., mas não era necessário.”⁴⁶

Dali a um ano Freud desposou Martha. “Não quero mais ficar sem você”,⁴⁷ ele lhe escrevera. “Posso suportar toda preocupação e qualquer trabalho árduo, mas não mais sozinho.” A vida conjugal parecia normal e até mesmo prosaica. Contudo, sob a conformidade externa das luvas brancas e da cartola, os adornos burgueses da carreira, do casamento e, logo, da família, Sigmund Freud sentia-se nada rotineiro.

Capítulo 5

Anton Tchekhov visitou Viena pela primeira vez em 1891, quando estava com 31 anos, e ainda não era o escritor famoso que viria a ser. Quatro anos mais jovem do que Freud, o jovem médico crescera na Rússia¹, às margens do Mar de Azov. Os russos chamavam Taganrog de a “cidade surda”. Poucos navios entravam no porto, as estradas eram enlameadas na primavera e no outono, e as casas, caindo aos pedaços, refletiam a inércia das províncias. Tchekhov maravilhou-se com o tamanho dos prédios em Viena, “todos com seis ou sete andares, e as lojas não são lojas, mas pura vertigem, sonhos! Elas têm milhões de gravatas apenas nas vitrines!”² Viena convenceu o jovem russo de que a arquitetura era uma arte. As igrejas, pensava ele, “parecem feitas de renda”. Duas delas ele denominou “não prédios, mas *petits-fours*.” Tchekhov gostou das pequenas carruagens encantadoras e achou as mulheres belas e elegantes. Ponderou sobre

o que pensariam dele, com seu “gorro de pele de urso pardo”. Só sentia falta de sua vodca.

Freud nunca falava de Viena com o entusiasmo de Anton Tschekhov, mas seu mundo iluminou-se em 1886. Desposou Martha Bernays, e a vida em família era calorosa e frutífera. Os filhos nasceram em rápida sucessão, e foram recebidos com orgulho pela família. Mathilde, a primeira, nasceu em 1887; Martin, assim chamado em homenagem a Charcot, dois anos depois. Oliver chegou em 1891; Ernst, em 1892; Sophie e Anna viriam em 1893 e 1895.

Ao longo da década de 1880, nova amizade surgiu na vida de Freud. Wilhelm Fliess era um jovem médico de Berlim, conhecido de Josef Breuer, que, numa de suas visitas a Viena, fora recomendado por ele a comparecer as palestras do brilhante neurologista Sigmund Freud. Fliess iniciava a prática da medicina como especialista em ouvido, nariz e garganta, mas também se interessava por especulações científicas. Fliess acreditava que a biologia da sensualidade representava papel fundamental no comportamento humano. Sustentava que o homem era basicamente bissexual³, e Freud viria a concordar com ele. Fliess afirmava também que o nariz, como órgão, afetava a condição do restante do corpo e Freud pareceu endossar a visão de Fliess durante algum tempo. Acreditar, na década de 1880, na bissexualidade do homem e na dominância do nariz como fator influenciador da saúde humana era testar os limites da aceitabilidade na ciência. Mas defender a teoria da periodicidade de Fliess — sua convicção de que os acontecimentos ocorriam em dados intervalos — ia além do alcance da ciência daquele período. Freud tentou comprovar⁴ a estranha versão de Fliess da predestinação, jogando com números e datas de modo arbitrário na

tentativa de fazer com que os eventos caíssem onde achava que deviam. Durante algum tempo⁵, a disposição natural, conquanto insegura, de Freud para a superstição atraiu-o para a teoria de Fliess, embora jamais com tal dedicação. Mas Fliess era homem erudito e um cientista dedicado; a despeito da reserva quanto a algumas das idéias dele, Freud admirou-o desde o começo. Na amizade que se estabeleceu entre eles, Freud expressou-lhe suas mais profundas preocupações pessoais e revelou as questões psicológicas que dominavam sua vida intelectual.

Freud tinha segurança na amizade e paz no casamento, com filhos a caminho, mas não conseguia afastar a sensação de que era diferente dos outros homens. “Considero uma desventura das mais sérias a Natureza não me ter dado aquele algo indefinível que atrai as pessoas,”⁶ confessara a Martha. “Se fizer um retrospecto de minha vida, foi isto o que mais me faltou para tornar minha existência cor-de-rosa. Sempre demorei muito tempo para fazer um amigo, e sempre que conheço alguém, percebo que inicialmente, algum impulso... o leva a subestimar-me. É uma questão de vista de olhos, de sentimento ou de algum outro segredo da natureza, mas o efeito é nefasto.” Tais sentimentos o atormentavam. Freud sentia haver em si próprio um grau de paixão superior ao de outros homens, embora não ostensivo. “Com freqüência sinto”, explicou a Martha, “como se houvesse herdado toda a paixão de nossos ancestrais quando defendiam seu Templo, como se eu pudesse entregar minha vida de bom grado a uma grande causa. E com tudo isso, sempre me senti impotente, não sendo capaz de expressar o fluxo de paixões, sequer por meio de uma palavra ou de um poema. Assim, sempre me omiti, e acredito que as pessoas devem perceber isto em

mim.’’⁷ Freud conteria sua paixão durante muitos outros anos, até descobrir a causa de sua vida, a psicanálise, e a encontraria dentro de si, em meio às sombras de seus amores infantis.

Se Freud se perturbava com o sentimento de que outras pessoas o achavam estranho, Jung, que tinha onze anos em 1886, estava igualmente incomodado. ‘‘Minha singularidade’’, recorda, ‘‘gradualmente começou a me proporcionar a sensação desagradável e um tanto sinistra de que devia possuir traços repulsivos, dos quais não tinha consciência, e que faziam com que meus professores e colegas de escola me evitassem.’’⁸ A solidão de Jung foi selada com segredos que ele, como criança, não podia confessar e, mais tarde, como homem, teria dificuldades em compartilhar. ‘‘Mais do que nunca, eu queria alguém com quem conversar’’,⁹ recorda ele. ‘‘Mas não encontrava um ponto de contato em parte alguma; ao contrário, sentia nos outros um estranhamento, uma desconfiança, uma apreensão que me deixavam sem fala.’’

Aos onze anos¹⁰, Carl começou a fazer caminhadas de vários quilômetros, até a escola, ao longo do verde Reno, as montanhas da Floresta Negra do outro lado, e à sua frente as torres elegantes e o telhado novo e de colorido brilhante de arenito vermelho da catedral de Basileia. A cidade possuía¹¹ célebre passado. Durante o Renascimento, sob a égide cultural de Erasmo e Paracelso e do pintor Hans Holbein, Basileia era o centro do humanismo europeu. Ela entrou em decadência algum tempo depois, mas no século XVIII o avô de Jung, também chamado Carl Gustav Jung, representou um papel no ressurgimento do mu-

nicípio, ao devolver à escola de medicina o seu antigo brilho, tornando-se reitor da universidade. Em 1886, Basiléia ainda era pequena o suficiente para que todos se conhecessem, e a família de Jung era bastante respeitada; contudo o garoto sentia-se desconfortável na escola. Pela primeira vez deparava-se com a vida luxuosa dos ricos, colegas cujas casas eram grandiosas e cujas roupas, ao contrário das suas, eram elegantes e bem cortadas. As mangas das camisas simples de Carl com frequência terminavam acima dos punhos, pois ele chegou a mais de dois metros, e percebeu, subitamente envergonhado, que, como filho de um pastor pobre, não era como os outros meninos. O sentimento persistiu quando ele, os pais, e agora uma irmãzinha nove anos mais nova, visitaram amigos da família no vilarejo de Schaffhausen. Berta Rauschenbach, a garota loura que costumava caminhar com Carl ao longo do Reno, anos antes, tinha agora dois filhos. Em sua casa de Schaffhausen¹², as carruagens puxadas por cavalos vigorosos e tratadas por lacaios de libré verde representavam vida profundamente diferente da de Carl. Emma, filha mais velha de sua amiga, segundo Carl, assemelhava-se a uma princesa de contos de fadas, e ele sentiu alargar-se o golfo que o separava dos outros. Aos doze anos, a situação piorou. Certo dia ensolarado, após a escola, ele atravessou a praça da catedral pensando “O mundo é belo, a igreja é linda, Deus fez tudo isso e está sentado bem ao alto, no céu azul, em seu trono dourado e...”¹³ Fez então uma pausa, pois foi tomado por sentimento de terror, e não quis concluir a idéia. Durante todo o trajeto da escola para casa, afastou seus pensamentos; não quis saber o que viria em seguida. Sozinho e atormentado, tentou avaliar o que Deus queria dele. De súbito, lembrou de Adão e Eva, a

quem Ele criara. Eram criaturas perfeitas, contudo haviam pecado. “Como é que isto foi possível?”¹⁴, ponderou Jung. “Eles não poderiam ter feito isso se Deus não houvesse colocado neles a possibilidade de fazê-lo... *Portanto era intenção de Deus que pecassem.*” Seria intenção de Deus que ele também pecasse, que afinal pensasse o impensável? A imagem de Deus em seu trono dourado bem acima do mundo voltou a Jung, que resolutamente, concluiu seu pensamento: “Deus havia conspurcado a catedral de Basileia com um enorme monte de excremento que estilhaçara o telhado e quebrara as paredes”. Estranhamente, Jung sentiu de pronto a graça divina e no mesmo instante percebeu que seu pai, um pastor, jamais experimentava esse milagre da divina intervenção “que tudo cura e torna tudo compreensível.”

Com esta imagem secreta de Deus viva em sua mente, profundo foi o desapontamento de Jung ao ouvir o pai discutir temas religiosos com parentes. Os chavões nada continham do drama moral que Carl sabia inseparavelmente ligado à verdadeira experiência religiosa. “Sim, sim, está tudo muito bem”,¹⁵ pensou consigo mesmo. “Mas, e o segredo?... Nenhum de vocês sabe algo a respeito. Não sabem que Deus me quer forçar a... pensar coisas abomináveis a fim de experimentar sua graça.” O menino passou a acreditar que conhecia Deus de determinada maneira não compartilhada por seu pai, e tal conclusão o entristeceu. O Deus terrível e exigente que Jung descobrira não era o Deus de seu pai e de seus tios pastores. O Deus de Jung era encontrado no Velho Testamento, mas era considerado “antiquado” e “judaico” por seus parentes. O Deus de Jung — O Deus da tradição herdada por Freud — percebeu o menino, “há muito fora substituído pela mensagem cristã de amor e bondade divinos.”¹⁶

Jung continuou a sentir-se alienado na escola. Passou a sair-se bem nos estudos, mas, ao contrário de Freud, nunca tentou ser o melhor da turma, preferindo passar despercebido e solidário com os garotos que, como ele, não brilhavam no colégio. Contudo, seus esforços para manter-se anônimo falharam, e ele passou a ser olhado com crescente desconfiança por seus companheiros. Foi punido pelo professor e acusado de colar nas provas. Jung não encontrava solução plausível para seus problemas até que um dia, na praça da catedral, foi derrubado de brincadeira por um colega de classe; bateu com a cabeça no meio-fio e desmaiou. O primeiro pensamento de Jung foi: “Agora não precisarei mais ir à escola.”¹⁷

Carl começou a sofrer desmaios com tanta frequência que se tornou de fato incapaz de estudar ou ir à escola. Um dia, quando já estava fora da escola há seis meses, um homem foi visitar seu pai.

— E como vai seu filho?, Jung ouviu o amigo perguntar.

— Ah, esta é uma história triste, respondeu seu pai.

— Os médicos não sabem o que há de errado com ele... Será uma coisa terrível se for incurável. Perdi o pouco que tive, e o que será, do garoto se não puder ganhar seu próprio sustento?

A reação de Carl foi imediata: ele mesmo curaria seus acessos de desmaio. Dirigiu-se silenciosamente ao gabinete do pai e começou a ler latim. Seguiu-se um desmaio e, quando voltou a pegar no livro, outro. Ele trabalhou durante uma hora e experimentou um terceiro ataque, mas continuou a estudar. “De repente senti-me melhor do que em todos os meses anteriores. E na verdade os ataques não voltaram a acontecer... foi então que aprendi o que é neurose.”

Ao longo desses mesmos anos, Freud lutava com um quebra-cabeças, sem conseguir completá-lo, ainda que as peças de que dispunha fossem estimulantes. Retornara de Salpêtrière com a impressão de que os estados mentais podiam produzir efeitos físicos. Ademais¹⁸, numa curiosa observação nascida de suposições, Freud casualmente ouvira Charcot dizer, a respeito de um paciente: “Mas neste tipo de caso, há sempre a questão, da genitália.... sempre, sempre, sempre”.¹⁹ Isso o levava a recordar o comentário que Breuer fizera vários anos antes, falando das neuroses: Estas coisas são sempre *secrets d'alcôve*” (segredos de alcova).

Freud continuava seu trabalho com pacientes particulares, utilizando os velhos métodos de massagem e estimulação elétrica. Em 1889, ao retomar o trabalho com uma de suas pacientes, *Frau Emmy von N.*, experimentou pela primeira vez o método catártico de Breuer. Pediu à paciente, sob hipnose, que recordasse a primeira vez em que os sintomas haviam surgido. Quando finalmente ela conseguiu fazê-lo, seus sintomas diminuíram. Após diversos casos como este, Freud convenceu-se de que a causa de grande parte dos casos de histeria era psicológica. Por conseguinte, o alívio deveria ser obtido através da psique. Se fosse possível engajar a mente na busca do tempo passado, aí seria encontrado poderoso aliado. Se o intelecto, a emoção, a vontade e os elos associativos da memória pudessem ser atraídos para a empreitada, algo seria realizado. “Tenha calma”, Charcot lhe escrevera em 1888, “a histeria está abrindo caminho e um dia ocupará, gloriosa sob o sol brilhante, o lugar importante que lhe cabe.”²⁰ Aparentemente, Charcot tinha razão.

Encorajado²¹ por sua confirmação do método catártico de Breuer, Freud tentou obter o apoio do colega mais velho na publicação de suas descobertas. Mas Freud sentiu

relutância em Breuer, percebendo que ela se originava no fato de Bertha Pappenheim, necessitada e dependente de Breuer, se ter sentido atraída por ele, passando a amá-lo; Breuer, confuso e possivelmente atraído pela bela e problemática garota, hesitava em divulgar o caso, não querendo nem mesmo recordá-lo. Talvez Breuer se tenha tranquilizado com o relato do próprio Freud a respeito de uma paciente que lançara os braços em torno dele em silenciosa declaração de amor; ou talvez se tenha sentido aliviado com a promessa de Freud de não examinar publicamente as implicações sexuais desses casos. Finalmente, em 1893, Breuer e Freud publicaram juntos um trabalho no qual declaravam que “pacientes histéricas sofrem sobretudo de reminiscências.”²² Essas pacientes não eram possuídas. Suas queixas não provinham de disfunções uterinas ou defeitos genéticos, nem mesmo de algum trauma esquecido. Elas enterravam as recordações que as faziam sofrer, e seriam segundo Breuer e Freud, essas recordações desenterradas que as curariam. Freud sabia que esta não era a história toda, mas apenas o começo. Dois anos mais tarde²³, em 1895, os dois publicaram seus relatos do método catártico em *Estudos Sobre a Histeria*. Neste trabalho, suas identidades bem preservadas sob pseudônimos, estavam cinco pacientes cujas vidas confusas e acidentadas haviam sido aliviadas pela técnica da análise psíquica. “Muito se ganhará”, Freud escreveu no último capítulo, “se se conseguir transformar... o sofrimento histérico numa infelicidade banal.”²⁴

Após lentos e árduos anos de descoberta, Freud teria na década seguinte um *insight* após outro em rápida sucessão, cimentando suas teorias com a comprovação prática obtida com os pacientes. Sua convicção provinha tanto da fruição do gênio, quanto de trabalho apaixonado e teimoso.

Não deve ter sido fácil ser amigo dele durante essa época. “Agora ouça”, Freud relatou a Fliess em outubro de 1895, “durante uma noite de trabalho na semana passada... de súbito as barreiras se ergueram, os véus foram baixados, e tudo se tornou transparente, dos detalhes das neuroses aos determinantes da consciência. Tudo pareceu encaixar-se no lugar certo, as rodas em suas engrenagens, e tive a impressão de que é mesmo uma máquina que logo funcionará sozinha.”²⁵ Breuer, brilhante em termos conceptuais e respeitado entre seus pares, escreveu a um amigo, em admiração discreta: “O intelecto de Freud está chegando ao auge. Contemplo-o como uma galinha contempla um falcão.”²⁶

À medida que Jung chegava ao final de seus anos de adolescência, na década de 1890, as influências externas começavam a atenuar a dor e o isolamento de sua infância. Sua mãe, que às vezes manifestara aguda consciência das necessidades mais íntimas do filho, subitamente afirmou: “Você deve ler o *Fausto*, de Goethe, qualquer dia desses.”²⁷ Em *Fausto*, o adolescente de quinze anos encontrou pela primeira vez a confirmação de sua própria experiência com o lado sombrio de Deus que as pessoas não pareciam dispostas a discutir. Pelo resto da vida, Jung colheria tais sinais. O filósofo Schopenhauer, assim como Goethe, deu a Jung a sanção para um mundo que ele conhecia, um mundo no qual a dor e o sofrimento eram reais e sempre presentes, parte da condição humana de agora e sempre.

Possivelmente devido a essa confirmação de seu mundo secreto, Jung começou a mudar. Lia indiscriminada e constantemente, preocupando seu pai: “O garoto se interessa por tudo que se possa imaginar, mas não sabe o que

quer.’’²⁸ Jung e seu pai compartilhavam²⁹ verdadeiramente muito pouca coisa e, ao cabo de seus anos de escola, o confidente mais íntimo de Jung era um homem com cerca de 50 anos, amigo da família. Para o rapaz era muito importante conhecer alguém mais velho, que admirasse e em quem confiasse; mas um dia esse amigo lhe fez um avanço homossexual e Jung, assustado e enojado, rompeu a amizade. Só Jung sentiu o efeito que teve, sobre um adolescente tímido que mal começava a se relacionar com terceiros, aquela manifestação além de sua experiência, e de todo inesperada. Um dia ele falaria sobre o ocorrido e seria com Freud; mas não naquele momento; tampouco nos anos subsequentes.

Durante a última parte da infância de seu filho, Paul Jung sofrera de uma variedade de problemas físicos, e Jung finalmente suspeitara de que fossem sintomas psicossomáticos. O estado do pai piorou ao longo do verão de 1895, quando Jung iniciava seus estudos médicos na Universidade de Basileia. Um dia, muitos meses depois, em janeiro de 1896, Jung voltou para casa após suas aulas na universidade e encontrou o pai delirante. Jung recordaria: “Havia uma ruído estranho em sua garganta e pude ver que ele estava na agonia da morte. Deixei-me ficar ao lado de sua cama, fascinado. Nunca vira alguém morrer. De súbito, ele parou de respirar. Esperei, e esperei a próxima respiração. Ela não veio.’’³⁰ Vários dias mais tarde, a mãe fez uma observação que o deprimiu: “Ele morreu na hora certa para você.’’

Jung assumiu papel mais expansivo nos anos seguintes à morte de seu pai. Alto e ruivo, olhos castanhos penetrantes que com frequência as pessoas acreditavam azuis, Jung era atraente e impetuoso. Como sempre se guiava por seus instintos, tal certeza lhe dava definição e propósito à

sua personalidade. Durante seu primeiro ano na universidade, Jung ingressou no *Zofingia*, clube suíço de estudantes, e tornou-se seu presidente. Apelidado de *Barril*, tomava partido em todos os debates, alguns dos quais o envolveriam pelo resto da vida. Discutia Schopenhauer e Kant; preocupava-se com a questão do mal e estava convencido de que a alma, embora imaterial e transcendente, podia ser abordada cientificamente.

Sua primeira palestra³ para o clube de estudantes, em novembro de 1896, intitulada ‘‘Nos limites das Ciências Exatas’’, recomendava a investigação dos fenômenos hipnóticos e espiritualistas, onde, ele pensava, a alma poderia ser capturada e examinada. A tarefa que propunha unia seus dois interesses aparentemente contraditórios: a exigência de disciplina científica e a necessidade recôndita de examinar o inefável. Naquele momento estava sozinho em sua busca; pouca gente a compreendia e, menos ainda, a achava possível. Afinal de contas, a alma não fazia parte do domínio da ciência, mas da religião e da literatura.

Jung interessava-se por toda e qualquer evidência que lhe falasse do mundo espiritual. Compartilhava tal predisposição com sua mãe. Certo dia de 1898, ela estava sentada tricotando, na sala de jantar, e Carl estudava no quarto contíguo, quando de repente a mesa de refeições partiu-se perpendicularmente, com alto estalido. Mãe e filho ficaram assombrados. Duas semanas depois, houve um segundo acontecimento ensurdecador, aparentemente no aparador da mesma sala. Ao abrir o móvel teve o choque de descobrir que a lâmina da faca de pão, usada poucas horas antes, se quebrara em vários pedaços. Ademais, enquanto a faca estava em sua posição habitual na cesta de pão retangular, ‘‘o cabo estava a um canto... e nos outros cantos

havia pedaços da lâmina.”³² Condições físicas não podiam explicar o que acontecera; a faca quebrada, para Jung, era testemunho, ainda que silencioso, de que nem tudo tinha causas materiais.

Embora Jung parecesse aberto a todos os tipos de influência, de uma delas procurou esquivar-se. Ouvira discussões a respeito de Nietzsche, que fora professor de filosofia grega na Universidade de Brasília quando Jung era menino. Mas, ao ler seu livro *Assim Falou Zaratustra*, foi como se houvesse colidido com uma parte de si mesmo, e tal percepção obcecou-o. Considerava Zaratustra mórbido. Temia que ele próprio, de alguma maneira profunda e intratável, também o fosse “Tal possibilidade”, percebeu Jung, “encheu-me de um terror que há muito tempo me recuava a admitir, mas a idéia constantemente voltava a aflorar, sempre em momentos inoportunos, fazendo-me suar frio, e por fim acabei forçado a girar em torno de mim mesmo... Entre meus amigos e colegas só conhecia dois que se declaravam abertamente partidários de Nietzsche. Ambos eram homossexuais; um deles acabou cometendo suicídio, e o outro era um gênio mal compreendido.”³³ Jung passara a infância sentindo-se diferente e sendo diferente. Aos 23 anos³⁴, queria ser como os outros. Afastou-se de Nietzsche e daquela parte de si próprio que vira refletida em Zaratustra. Quase vinte anos mais tarde, mergulhado na confusão e dor ligadas à rutura com Freud, ele enfrentaria esse aspecto de si mesmo que suprimira e que, com o tempo, recuperaria. Mas, naquele período, apenas prosseguiu em frente.

Freud tampouco lia Nietzsche. “Neguei a mim mesmo o estudo de Nietzsche”, Freud confessaria ao fim de sua vida, “embora — ou até em verdade — porque se

tornou óbvio que eu ali encontraria perspectivas bastante semelhantes às da psicanálise.”³⁵ O mito grego de Édipo permeia a obra de Nietzsche. Laio, rei de Tebas, sabe por um oráculo que será assassinado pelo filho. Quando sua esposa Jocasta tem um bebê, Laio ordena a morte de Édipo, mas um pastor o salva. Quando Édipo se torna adulto, sabe por um oráculo que matará seu pai e desposará sua mãe. Perturbado com a revelação, Édipo foge, mas em sua jornada tem uma altercação com um homem e o mata, sem saber que era Laio, seu verdadeiro pai. Então apresenta-se a Édipo um enigma que ele soluciona, é feito rei de Tebas e desposa a rainha viúva, Jocasta, sem saber que é sua mãe. A história permearia a obra de Freud; mais do que isso, ele descobriria seu significado para as próprias recordações e sonhos. As hesitações de Freud³⁶ em ler Nietzsche poderiam evocar a algum analista posterior os hábitos criativos de dois outros homens: Lênin deixou de jogar xadrez por julgá-lo fascinante demais, podendo, portanto, afastar sua mente do objetivo da revolução; Gustav Mahler enxotava os pássaros de sua casa quando queria compor. Nietzsche era tão fascinante para Freud e Jung quanto o xadrez; mas era também tão ameaçador, quanto a incomparável beleza do canto de um pássaro.

Jung deixou Nietzsche para trás e lutou para ser como os outros, mas era atormentado por seus temores. Sentava-se no *Brio*³⁷, café dos estudantes na margem sul do Reno, tomando cerveja e ainda falando, horas depois da meia-noite; relutando em iniciar sozinho a longa caminhada de volta à casa pelo bosque, sempre conseguia que alguém o acompanhasse. Quando chegavam em segurança à sua porta, ele oferecia ao acompanhante seu revólver, como proteção no caminho de volta. Um dos amigos de

Jung, Albert Oeri, nunca soube se a trava de segurança estava no lugar ou não, por isso raramente aceitava essa arma. Anos mais tarde, alguém que fizesse a análise dos medos de Jung bem poderia aventar a hipótese de um jovem como ele ser atormentado por visões e ansiedades.

Em 1900, Carl Jung se preparava para os exames finais de graduação, após os quais pensava mudar-se para Munique e especializar-se em medicina de doenças internas. Deixara para estudar por último seu livro de psiquiatria, porque não gostava do assunto. Tratar de loucos, pessoas perturbadas pelo resto da vida por problemas fisiológicos, anômalos e incuráveis, era no mínimo desinteressante. Não compreendia por que um homem se encerrava com os loucos e mergulhava em sua existência ilógica. Contudo, uma noite finalmente pegou o *Lehrbuch der Psychiatrie*, de Krafft-Ebing, e seu futuro foi transformado pelos primeiros parágrafos. “Meu coração” escreveu Jung, “subitamente acelerou. Precisei ficar de pé e respirar fundo.”³⁸ Percebeu ali uma confirmação. Krafft Ebing, como forma de desculpa, escrevera que livros de psiquiatria inevitavelmente refletem o caráter subjetivo de seu autor. “Assim”, pensou Jung, “o livro é em parte a confissão subjetiva do autor. Com tal preconceito específico, e também com a totalidade de seu ser, ele se posta atrás da objetividade de suas experiências e responde às ‘doenças da personalidade’ com toda a sua própria personalidade.” Desde a infância, Jung levava a sério o valor de sua própria visão. A possibilidade de estabelecer a relação desta com a complexidade da personalidade humana era irresistível. Assim, candidatou-se imediatamente a um estágio no Hospital Psiquiátrico Burghölzli, em Zurique.

Ao longo da década de 1890, enquanto Jung se afastava daquela parte de si mesmo que o perturbava, Freud via-se compelido a enfrentar seus conflitos. A simplicidade de sua vida familiar, o intercâmbio aberto e natural com Wilhelm Fliess e a elegância lúcida de seu trabalho intelectual não correspondiam à sua confusão. Frequentemente Freud tinha de lidar com acessos de depressão e era atormentado por enxaquecas. Ademais, ostensivamente devido à hesitação de Breuer ante a possível etiologia sexual da histeria, Freud começou a se afastar do homem que tanto significara e tanto contribuía para o seu estudo. Talvez Breuer fosse hesitante, mas era também corajoso. “Confesso que mergulhar na sexualidade, na teoria e na prática, não me agrada”³⁹ diria ele. “Mas o que têm a ver meu gosto e meus sentimentos quanto ao que é correto e incorreto com a questão do que é ou não verdadeiro?”

Nada do que Breuer fizera ou deixara de fazer podia explicar a crescente hostilidade de Freud para com seu velho amigo. Anos mais tarde, Breuer, durante uma caminhada, viu por acaso Freud e, sempre afetuosamente, abriu os braços para envolver o velho amigo. Freud, altivo, fingindo nada ver, baixou os olhos e passou sem falar. Freud, que não era naturalmente inclinado à dúvida, mencionou a Fliess suas dificuldades com Breuer, mas não via nessas dificuldades qualquer parcela de culpa sua. Não sabia que um dia a serenidade de seu relacionamento com Fliess também caminharia rapidamente para acusações e orgulho ferido.

O problema de Freud acentuou-se quando seu pai faleceu em 1896. A morte de Jacob Freud não lhe trouxe sentimentos de liberação que a morte de Paul Jung

havia suscitado em Carl no ano anterior. Freud não sabia por que o falecimento do velho homem continuava a perturbá-lo; com o passar dos meses, havia dias em que não conseguia trabalhar, e passava-os jogando xadrez ou debruçado sobre sua coleção de mapas antigos. Estava retraído, letárgico e indiferente. O controle sobre seus pensamentos perdia-se durante horas, e freqüentemente ficava ansioso. “Estados curiosos, incompreensíveis (à consciência), pensamentos crepusculares, dúvidas veladas, um parco raio de luz aqui e ali”⁴⁰ escreveu a Fliess. Freud por vezes mantinha a rotina com seus pacientes e a família à custa de muito esforço, e em seu íntimo desesperava-se.

Seu relacionamento com Fliess foi atingido por essa angústia. A certo ponto, desorientado, Freud admitiu a seu amigo: “Ainda não sei o que está acontecendo comigo. Alguma coisa das profundezas de minha neurose colocou-se contra qualquer progresso na compreensão das neuroses e, de certa forma, você foi envolvido.”⁴¹ Freud era amigo de Fliess há quase dez anos, e estava transtornado com a percepção de que a amizade estava inseparavelmente ligada à neurose. Sua fragmentação interna, precipitada pela morte de Jacob Freud e exacerbada por sua relação com Fliess, imitava a de seus pacientes. Finalmente, à semelhança destes, Freud foi forçado a confrontar suas primeiras recordações. Ao atingir seu inconsciente através da análise de seus sonhos, Freud estabeleceu os conceitos que mais tarde firmariam sua preeminência. Naquele momento, serviam para organizar sua confusão e salvar-lhe a vida.

Freud descobriu, sob o amor respeitoso por seu pai, a hostilidade para com um homem que possuía sua

mãe. Foi forçado a reconhecer em si mesmo o desejo sexual do filho pela mãe. Inconcebíveis, obscenas, humilhantes, as imagens continuavam a emergir em seus sonhos, uma panóplia de desejos infantis, proibidos e incestuosos, impulsos de uma sexualidade dissimulada. “Triste segredo da vida”, escreveu ele, “aqui seguido até suas raízes; muitos orgulhos e privilégios tornaram-se conscientes de suas origens humildes. Tudo que experimentei com meus pacientes, como terceira pessoa, descobri novamente aqui — dias em que me arrasto com desânimo porque nada compreendi do sonho, da fantasia, da disposição do dia.”⁴²

Com o passar dos longos meses de auto-análise, Freud pôs-se a ponderar se não estaria descortinando, além de seus próprios temas íntimos, os da humanidade também. Por fim concluiu que a sua era uma história universal, representada com a clareza de um drama teatral grego. “Não posso transmitir a você”, confessou a Fliess, “a menor idéia da beleza intelectual deste trabalho.”⁴³ Encorajado pelos progressos que fizera, Freud iniciou seu livro dos sonhos. Anos mais tarde, comentaria a respeito da morte de seu pai: “Ela revolucionou minha alma.”⁴⁴ As oscilações de Freud entre o júbilo e a depressão já não eram mais tão freqüentes. Sua personalidade, segundo ele próprio relatou, estava mais consolidada, menos vulnerável e suscetível, Freud percebeu que superara sua dependência de Fliess, acreditando que seu relacionamento com outros homens seria, conseqüentemente, mais equilibrado.

Em setembro de 1899, na fazenda da Bavária, Sigmund Freud concluiu seu livro *A Interpretação dos Sonhos*.

Estava exultante. Por meio da auto-análise e do trabalho com seus pacientes, aprendera que os sonhos tinham significados, podiam ser interpretados e desemaranhar o conflito neurótico. O livro dos sonhos foi publicado no mês de novembro daquele ano, com a auto-exposição tão reveladora dos problemas pessoais e do caráter de Freud. Pouco mais de um ano após sua publicação, Carl Jung leria *A Interpretação dos Sonhos*, nele vislumbrando a vida interior de um homem que passaria a amar. Poderia ter percebido, se assim o desejasse, que as relações de Freud com os homens por vezes eram difíceis e complexas. “Como César me amava, chorei por ele... como era corajoso, eu o honrei; mas quando se mostrou ambicioso, matei-o”⁴⁵, citara Freud em seu livro sobre sonhos, recordando-se de Shakespeare. Jung não sabia, ao ler aquelas linhas, que ele também se veria envolvido no drama. Cobriu as páginas do livro de Freud com interrogações, porque não as compreendeu.

Capítulo 6

O Hospital Psiquiátrico Burghölzli¹, onde Jung começou a trabalhar em dezembro de 1900, não se situa diretamente diante da extensão azul brilhante do Lago Zürich, no vale abaixo. Construída no cume de uma colina, a enorme estrutura branca fica num estranho ângulo em relação a ele, mantendo-o fora da visão dos pacientes do hospital, pois temia-se que a visão ampla do espelho d'água os pudesse induzir ao suicídio.

Essa atitude bem-intencionada refletia a crescente preocupação com os mentalmente enfermos nos anos anteriores à virada do século. Havia um desejo de ajudar, mas a falta de conhecimento médico tornava inócua a grande maioria das tentativas de cura. Durante anos, os pacientes de Burghölzli e seus médicos não se compreendiam mutuamente. A equipe médica do hospital² incluía psiquiatras alemães que não conheciam o melodioso dialeto alemão suíço falado por seus pacientes. E, quando os médi-

cos falavam em seu alemão nativo, o idioma, além de todo o resto, os separava dos pacientes sob seus cuidados. As vidas dos camponeses suíços de Zollikon, Schmerikon e Küsnacht³, assim como de todos os vilarejos da região alemã, eram determinadas por crenças locais e pelas sutilezas de um dialeto ao qual os estrangeiros não tinham acesso. E naquela época tal acesso não era sequer desejado. O médico⁴ prestava pouca atenção àquilo que seus pacientes diziam, porque seus pensamentos e fantasias não representavam qualquer papel no tratamento.

Os habitantes da zona rural também se sentiam isolados, pois situações de classe social forçavam filhos a viver como seus pais tinham vivido. Entretanto, por volta de 1870, esses rígidos padrões sociais começaram a mudar, pois grupos poderosos de aldeãos e fazendeiros passaram a exigir que seus direitos fossem respeitados, entre eles, o de que a Universidade de Zurique lhes fosse aberta. Um dos primeiros habitantes de vilarejo a ter acesso à educação superior foi Paul Eugen Bleuler, cujo pai era fazendeiro em Zollikon. Dotado de rara combinação de humanidade e ambição⁵, Bleuler percebera desde o colégio seu desejo de tornar-se psiquiatra e voltar depois para ajudar seu povo. Ao contrário dos médicos alemães, Bleuler falava o cadenciado dialeto alemão suíço e conhecia as fabulações dos camponeses, bem como as sombrias correntes de seus temores.

Por volta de 1900, Bleuler chegara a diretor do Hospital Psiquiátrico Burghölzli, onde sua profunda compaixão humana inspiraria toda uma equipe médica, sendo Carl Jung um de seus membros. Bleuler preocupava-se extraordinariamente com seus pacientes. Antes de ir para Burghölzli⁶, fora encarregado de um grande e dilapidado hospital em Rheinau. Ali, a despeito das diferentes neces-

sidades dos pacientes e da equipe médica, ele criara atmosfera que se assemelhava mais à de uma família do que à de um hospital. Era solteiro nessa época, e com frequência um ou dois pacientes iam morar com ele no alojamento do hospital.

Bleuler ouvia atentamente seus pacientes numa época em que outros médicos não o faziam; por isso, esteve entre os primeiros a levar a sério as teorias de Freud. em 1896, ainda em Rheinau, Bleuler escreve uma crítica dos *Estudos Sobre a Histeria*, de Breuer e Freud. “A visão inteiramente nova que este livro traz aos trabalhos com a psique torna-o uma das mais importantes aquisições nos últimos anos ao campo da psicologia normal ou patológica.”⁷ Bleuler enraizou essa opinião no espírito de seus jovens residentes clínicos ao chegar a Burghölzli, hospital mais importante e avançado do que o de Rheinau.

Bleuler já era casado e tinha filhos pequenos quando se tornou diretor de Burghölzli. Não lhe agradava ver-se separado de seus pacientes, o que lhe era imposto por suas crescentes responsabilidades administrativas e familiares. Nessas circunstâncias, ele deixava seu consultório cinco ou seis vezes ao dia, a fim de fazer visitas a seus pacientes; quando queriam encontrá-lo, em geral as pessoas o procuravam primeiro nas enfermarias. Entre seus pacientes, havia uma mulher a quem Bleuler gostaria particularmente de ajudar, mas nem mesmo o idioma similar contribuiu. Bleuler contava⁸ frequentemente a seus residentes uma história a respeito dela, como prova de que até mesmo o catatônico mais resistente podia ser atingido. Um dia, ele encontrara a mulher em estado de muda agitação e decidira que a transferência temporária para um quarto diferente poderia ajudá-la. Bleuler, relutando em removê-la

à força, tentou discutir o assunto com ela. Imperturbável com a ausência de resposta da paciente, ele continuou a falar e, após várias horas, finalmente ela o seguiu para fora do quarto. Bleuler dava esse exemplo como evidência de que a catatonia podia ser penetrada, mas o que os jovens médicos notavam era a compaixão evidente nessas horas de conversa de Bleuler. Um deles concluiu que a mulher perturbada era a própria irmã de Bleuler, talvez porque morasse com ele e a família no apartamento que ocupavam em Burghölzli. Ela passava seus dias ali, em movimentos incessantes e lentos caminhando de um lado a outro enquanto as crianças subiam nela como se fosse um móvel, porque ela nunca falava.

Freud sentiu-se desencorajado com a recepção pública a *A Interpretação dos Sonhos* ao longo dos primeiros meses de 1900. “Parca foi a compreensão dada ao livro”; elogios foram parcimoniosamente distribuídos; para a maioria, evidentemente, ele é repugnante. Ainda não vislumbrei sinal de alguém que tenha ao menos entrevisto a sua importância.” Em seis anos foram vendidos apenas 361 exemplares e a venda de toda a edição demandaria oito anos. Freud ganhou 209 dólares por seu esforço. Frequentemente, era ridicularizado após a publicação de *A Interpretação dos Sonhos*. “Naquela época, quando se mencionava o nome de Freud”, recorda um amigo, “todos desatavam a rir, como se alguém houvesse contado uma piada. Freud era o esquisito que escrevera um livro sobre sonhos e que se acreditava intérprete deles. Mais do que isso, era o homem que via sexo em tudo. Era considerado

de mau gosto citar Freud na presença das senhoras, que coravam quando seu nome era mencionado. Os menos sensíveis falavam de Freud às gargalhadas como se estivessem contando história obscena.”¹⁰ Conforme escreveu posteriormente Hanns Sachs, colega de Freud, a respeito de Martha: “A atitude de amigos e conhecidos em geral era de pena da pobre mulher cujo marido, até então brilhante cientista, transformara-se numa extravagância bastante repulsiva.”¹¹

Freud compreendeu. “Sei que o que estou fazendo é odioso para a maioria das pessoas.”¹² Sabia também que ele próprio provocara os falatórios. “Se não quer que os corvos se aproximem”, diria ele, “não banque o catavento no campanário.”¹³ Não obstante o escárnio e as vendas limitadas, bem como a alegação de Freud de que seu livro fora pouco analisado, na verdade sua obra chamou a atenção, e nem todos os comentários lhe foram desfavoráveis.

O fato de Freud ser judeu, entretanto, não o ajudou muito. Descrições de Viena¹⁴ na virada do século assemelhavam-se a passagens de romances históricos: o ritual da família reunida para a refeição ao meio-dia; *sachertorte* e café diários com amigos em alguma confeitaria da moda, valsas vienenses; carruagens puxadas a cavalos, e por toda parte a luminosidade suave dos lampiões a gás. Mas, sob a superfície encantadora, havia uma realidade diversa. Viena, após um quarto de século de tolerância entre católicos e judeus, extravasava seu anti-semitismo. O Teatro Estadual da Ópera de Viena, certa noite de 1899, sacudiu-se violentamente em fúria anti-semita, de tal forma que o regente, Gustav Mahler, foi forçado a parar durante alguns momentos, a cabeça entre as mãos, até que o silêncio fosse restaurado e ele pudesse continuar com o Ato Três do

Die Meistersinger. Karl Lueger recomendara, anos antes, que todos os judeus fossem colocados em navios e afundados. Agora ele era o prefeito de Viena. Chamavam-no *Schöner Karl*: o Belo Karl. Ele fora cauteloso nas questões do anti-semitismo, a fim de ser eleito, e o Imperador Francisco José mais de uma vez o impediu de tomar posse, devido a sua política fanática. Mas quando finalmente venceu, Lueger disse: “*I’bestim’ wer a Jud’ ist*”¹⁵ (Eu decidirei quem é judeu). Lueger encheu o gabinete municipal de judeus, bem como de católicos, mas garantira a posse articulando os sentimentos anti-semitas já bastante disseminados na época. Freud notou que cravos brancos se haviam tornado emblema de anti-semitismo em Viena, e eles proliferaram por toda parte.

Foi no início da primavera de 1900 que Freud começou a perceber que sua amizade com Wilhelm Fliess¹⁶ já não era mais a mesma. Sabia que seus sentimentos por Fliess eram marcados pela ambivalência. Hostilidade inconsciente havia aflorado certa vez, quando Fliess estava doente em Munique, e Freud deveria viajar para visitá-lo “Pensamentos oníricos” de Freud, em vez de demonstrarem preocupação com seu amigo doente, revelaram-lhe o universo infantil e o egotismo irreprimível do jovem herói conquistador. Tais pensamentos, Freud admitiu em seu livro dos sonhos, “no momento em que temia não encontrar meu amigo vivo se fizesse a viagem para visitá-lo, só podiam ser interpretados como um prazer meu por, mais uma vez ter sobrevivido a alguém, por ser *ele* e não eu a morrer, por eu ter ficado senhor do campo.”¹⁷

A ambivalência de Freud refletiu-se em sua vacilação quando Fliess sugeriu que marcassem um encontro na Páscoa de 1900. “Jamais houve um período de seis meses”,

escreveu-lhe Freud, “em que tão constante e ardentemente tenha eu ansiado viver no mesmo lugar que você...como os seis meses que acabaram de passar. Você sabe que estou passando por profunda crise interna; e veria como isto tudo me envelheceu. Por conseguinte, fiquei profundamente comovido quando ouvi sua proposta de nos reencontrarmos nesta Páscoa. Qualquer um que não compreendesse uma solução mais sutil de contradições acharia incompreensível que eu não me apressasse em aceitar sua proposta. Na verdade, é mais provável que eu o evite — não apenas devido a minha ânsia quase infantil pela primavera e as belezas da natureza... Mas existem outras razões, mais íntimas, um acúmulo de imponderáveis que, no entanto, pesam sobre mim. (Vindas do *habitat* natural da loucura, como provavelmente você dirá).¹⁸ Freud permaneceu distante de Fliess naquela Páscoa de 1900, afirmando enigmáticamente: “Durante o verão, ou no máximo no outono, deverei vê-lo, falar com você e explicar todos os enigmas do conde Oerindur.” Freud referia-se a um dito popular em Viena, retirado do texto de uma peça: “Explique-me, Oerindur, esta contradição da natureza.”¹⁹ A contradição consistia na percepção pelo conde Oerindur, e por Freud também, de que alguém podia ao mesmo tempo amar e odiar uma pessoa.

Vários meses depois, Freud e Fliess encontraram-se perto de Innsbruck, onde tiveram azeda altercação sobre temas que dominavam suas vidas intelectuais: bissexualismo, psicanálise e periodicidade. Provavelmente foi nessa visita que Freud submeteu a análise as convicções de Fliess quanto a eventos predeterminados e seu elaborado sistema numérico.

O fato de Wilhelm ter visto seu pai morrer, embora soubesse que ele poderia ter sido salvo, disse Freud, le-

vara Fliess a se tornar médico. Mas, então, “a morte repentina de sua única irmã, dois anos mais tarde, no segundo dia de uma pneumonia pela qual ele não pôde responsabilizar o médico, levou-o como consolação — à teoria fatalista das datas letais predestinadas.”²⁰ A análise de Freud eliminou da teoria de Fliess qualquer base científica, e situou-a no que Freud considerava a neurose de Fliess. “Esta análise”, concluiu Freud, “bastante desfavorável (a Fliess), constituiu a verdadeira razão para a ruptura entre nós, que ele maquinou de maneira tão patológica (paranóica).” Após este encontro em agosto de 1900, os dois continuaram a se corresponder, mas sem o antigo carinho. Freud sentiu profundamente a perda. “Em minha vida, como sabe, a mulher jamais substituiu o camarada, o amigo,”²¹ Freud diria a Fliess, desolado, um ano mais tarde.

Na primeira vez em que Carl Jung cruzou as portas do Burghölzli em um dia frio de dezembro de 1900, seu novo chefe, Eugen Bleuler, lá estava para cumprimentá-lo e, com modéstia característica, pegou as malas do jovem médico e mostrou-lhe seu pequeno quarto. Jung adaptou-se rapidamente à vida no hospital, mas seu amigo Albert Oeri ficou aturdido em sua primeira visita às enfermarias. Jung movimentava-se jovialmente entre seus pacientes, enquanto Oeri tudo olhava, atônito, O incômodo arrastar de pés, os sons estranhos, as vestes desmazeladas e a fala confusa dos doentes mentais não se modificavam em 1900 com a medicação ou a moderna prática de higiene e Oeri ficou alarmado quando um paciente corpulento ameaçou subitamente dar-lhe um soco, e Jung limitou-se a rir. Oeri quis saber por que os pacientes não chegavam realmente a

esmurrá-lo: “Porque sabem que eu revidaria o golpe”²², replicou Jung. A atividade na enfermaria atraía Jung. Durante os primeiros anos no hospital²³, ele organizou bailes e uma festa anual a fantasia, onde médicos e pacientes valsavam juntos e amigavelmente, as vestimentas fantásticas dos pacientes conferindo toque especial à ocasião.

Enquanto Jung brincava afavelmente com seus pacientes e dançava com eles nas festas, tentava igualmente compreendê-los com infinita seriedade. Seguindo o exemplo de Bleuler e sua própria inclinação, Jung ouvia seus pacientes com grande atenção, e muitas vezes durante várias horas seguidas. Anos mais tarde, Jung ouvia o psiquiatra americano John Rosen descrevendo as estenuantes dezesseis horas que passara com um paciente; Jung replicou com um sorriso:

— “Ah, eu já fui assim outrora.”²⁴. Após as visitas da noite, a equipe se reunia para jantar. Não eram servidas bebidas alcoólicas, nem mesmo vinho, porque Bleuler considerava importante dar o exemplo às enfermeiras e atendentes. Jung, assim como o restante dos médicos, abstinha-se de álcool não apenas dentro de Burghölzli, mas também fora, em respeito ao desejo de Bleuler. Não tomava um drinque há nove anos quando, desafiado por Freud, quebrou seu voto de abstinência e tomou um copo de vinho com ele.

Após o jantar, os residentes retiravam-se para escrever os históricos de seus casos, e, numa época em que os médicos escreviam simplesmente “Paciente não fala” ou “Não foi possível compreender o paciente”, os relatórios de Jung eram meticulosamente detalhistas. Como os médicos da equipe não tinham secretárias, Jung em pessoa datilografava os relatórios. Com freqüência ele só se podia

dedicar a seus próprios interesses já tarde da noite. Jung passava muitas de suas horas livres no gabinete de leitura de Burghölzli, pois nada do que vivera até aquele momento lhe fornecia suficiente compreensão dos sofrimentos que encontrava diariamente entre os pacientes. Durante seus primeiros seis meses no hospital, supondo que a culpa era sua e de sua falta de conhecimento, Jung leu os cinquenta volumes do *Allgemeine Zeitschrift für Psychiatrie* na tentativa de “saber como a mente humana reagia à visão de sua própria destruição”.²⁵

Alguns anos depois, recordando seus primeiros meses de confusão, Jung recomendaria começo diferente. O jovem psiquiatra “deve abandonar a ciência exata, tirar sua beca de erudito, dizer adeus a seus estudos e então, forte em sua coragem viril, sair vagando pelo mundo; pelos horrores das prisões, pelos sanatórios e clínicas de doentes mentais, pelas tavernas remotas e sombrias, pelos bordéis e casas de jogo, por salões elegantes, a Bolsa de Valores, reuniões socialistas, igrejas, rituais de estranhas seitas religiosas, assim experimentando seu próprio amor e ódio além de todo tipo de sofrimento. Retornaria repleto de conhecimentos superiores àqueles que os livros poderiam fornecer. Assim equipado, poderá ser um verdadeiro médico para seus pacientes, pois compreenderá a alma humana”.²⁶ Mas naquele momento Jung pouco compreendia, e tal percepção o perturbava. O primeiro contato com a obra de Sigmund Freud não surtiu efeito. Ele leu *A Interpretação dos Sonhos* quando chegou a Burghölzli, mas o livro não o inspirou. Mesmo quando Eugen Bleuler sugeriu-lhe que estudasse o trabalho de Freud intitulado *Sobre os Sonhos*, essa espécie de resumo da obra mais ampla não pareceu interessar a Jung.

Jung conhecia²⁷ poucas pessoas quando chegou a Burghölzli, em fins de 1900, e uma amiga da família que morava perto de Zurique tomou-o a seus cuidados. Ela convidou Carl para um festival na cidade de Winterthur, e Jung reviu a menina com quem brincara quando garoto, da qual sempre se lembrava como uma princesa de contos de fada. Agora ela era alta e esbelta, com olhos claros e tranqüilos e cabelos castanho-escuros recolhidos em tranças. Emma Rauschenbach era adorável aos dezoito anos. Alguns meses depois, sua mãe convidou Jung para um baile na cidade delas, e ali, no Castelo Munot, num pátio com torres bem acima de Schaffhausen, Carl e Emma valsaram em cenário digno de um conto de fadas.

Jung estava apaixonado. O sentimento galvanizou-o e amedrontou Emma. Ele a atraiu para a excitação de seu mundo intelectual, pressionou-a a ler seus filósofos prediletos, descreveu a estranha ciência da psiquiatria, confessou-lhe suas ambições e temores — toda a grandeza de seu gênio imoderado. Reservada e tímida, com inocência proveniente da infância protegida e rica e de estudos limitados, Emma jamais conhecera alguém como Carl. Sua imaginação, suas histórias sobre os pacientes de Burghölzli e o fogo de sua paixão — tudo isto aturdiu-a. Contudo, Jung também se fez amar, escrevendo-lhe longas cartas e poemas, trazendo com freqüência livros para discutir ou mesmo uma pequena pintura que fizera, às vezes para Emma, às vezes para a mãe desta. Berta Rauschenbach, que conhecera Carl quando ainda criança, aprovava aquele jovem de tão impetuoso orgulho, que lhe oferecia sua pintura e dedicava amor a Emma.

Entretanto, quando finalmente Jung reuniu coragem, após uma visita a Schaffhausen em agosto de 1901, para

escrever a Emma pedindo-a em casamento, ela se mostrou hesitante. Disse a ele que já estava comprometida com um jovem de Schaffhausen. Jung recolheu-se ao seu diário, onde desabafou toda a sua paixão e tristeza. O próximo registro que ali fez levava a data de uma década depois, 1913, após o rompimento com Freud. Jung sempre se envergonharia um pouco por ter sofrido tanto com a recusa de Emma. Seu filho, Franz, anos mais tarde, compreenderia. “Sabe, papai jamais voltaria a pedi-la em casamento. Estava aniquilado. Era pobre, não tinha o mesmo nível social de Emma, e por isso acreditava não ter chances.”²⁸ *Frau Rauschenbach* interveio muitos meses mais tarde, porém, não querendo ver o romance terminar assim.

Pedi a Jung que a encontrasse num restaurante de Zurique, e aí o tranqüilizou, afirmando que Emma não estava prometida a outro. “Na época minha mãe era muito tímida e introvertida”, explica Franz Jung. “Temia dar um passo à frente, dizer sim.” *Frau Rauschenbach* convidou Jung a voltar a Schaffhausen, e enviou sua carruagem para buscá-lo na estação. Era uma carruagem elegante, verde escuro, decorada com linhas vermelhas pintadas com pincel fino, que o levou montanha acima, até Ölberg, propriedade dos Rauschenbach. A casa de Emma dava vista para o amplo Vale do Reno, cercado de colinas cobertas de bosques, àquela época luminosas com a claridade de outubro. Dificilmente Jung percebeu tudo isso. Voltou a pedir Emma em casamento, e desta vez ela disse sim. Iria morar com ele em Burghölzli, tão diferente do mundo privilegiado, tranqüilo e pastoral de Ölberg.

Jung ascendeu rapidamente no hospital. Além de ser

o diretor clínico sob as ordens de Eugen Bleuler, foi encarregado do departamento de pacientes de ambulatório e logo se tornaria também lente em psiquiatria na Universidade de Zurique. Emma compreendeu a extensão do compromisso de Jung com o hospital quando ele contraiu um resfriado e ela tentou mantê-lo em repouso. “Burghölzli é muito mais importante do que um agrupamento de microorganismos de segunda categoria”,²⁹ diria Jung, descedo para a enfermaria.

Bem tarde, numa noite, em 1904³⁰, Eugen Bleuler bateu na porta do apartamento de Jung em Burghölzli. Franz Riklin aguardava embaixo, estudante de medicina recém-chegado da Alemanha. Apesar da hora avançada, Bleuler fora à estação ferroviária de Zurique apresentar-se a Riklin; na carruagem de volta a Burghölzli, conversaram sobre o trabalho que Riklin encontraria no hospital e sobre o entusiasmo de Bleuler com o diretor clínico, Carl Jung. Quando os três homens se sentaram, alguns minutos mais tarde, o jovem Riklin, então com 26 anos, contou as novidades de seus estudos médicos na Alemanha, em particular uma experiência científica no qual se dá a alguém um vocábulo, tal como *anjo*, por exemplo, e pede-se que a pessoa faça associação com a palavra, usando outra palavra. Bleuler e Jung ponderaram se o teste poderia ser usado como instrumento capaz de dar sentido às idéias amiúde confusas de seus pacientes. Os homens exultaram com as possibilidades e conversaram durante horas além da meia-noite.

Imediatamente Jung começou a usar o teste de associação de palavras. Juntos, ele, Bleuler e Riklin elaboraram os procedimentos e iniciaram os testes. Às vezes, Jung³¹ percebia que os pacientes cometiam erros. Eles ga-

guejavam nas respostas ou hesitavam por tempo excessivo, ou davam respostas que aparentemente não tinham qualquer associação com a palavra em questão. Jung interessou-se, cada vez mais, não pelas respostas “corretas” de seus pacientes, mas pelas outras, as “erradas”, com frequência acompanhadas de emoção mais intensa. Jung releu *A Interpretação dos Sonhos*, de Freud, e se viu finalmente impressionado pelo livro. Pôs-se a ponderar se as respostas “erradas” de seus pacientes proviriam da mesma fonte de seus sonhos, dos processos inconscientes em suas mentes. Dando continuidade a seu trabalho, os achados de Jung em grande parte confirmaram a convicção de Freud de que os distúrbios na sexualidade residiam no coração de um conflito, ao qual Jung decidiu denominar *complexo*. Logo Jung e Riklin puderam afirmar: “Um número esmagador de complexos por nós descobertos... são eróticos. Diante do importante papel representado pelo amor e pela sexualidade na vida humana, isto não é de surpreender.”³² Mas, enquanto Jung estava pronto a admitir que a sexualidade representava papel fundamental na maioria dos complexos, não estava totalmente certo de que era sempre assim.

Enquanto reunia material para seu artigo *Proporção Reação-Tempo na Experiência de Associação*, Jung recrutou a ajuda de um de seus pacientes, uma moça russa que fora admitida em Burghölzli em 1904. Sabina Spielrein era incapaz de fitar alguém nos olhos e mantinha a cabeça baixa, colocando a língua para fora “com todos os sinais de aversão”³³ se alguém a tocava. Foi uma das primeiras pessoas que Jung tratou utilizando os métodos de Freud. Agora Sabina já estava bastante bem, a ponto de poder ajudar Jung em seu trabalho, e percorria o hospital com vestidos simples, os cabelos escuros em longa trança. Sabina tinha

apenas 19 anos, mas impressionou Jung. “Mentes como a sua ajudam a ciência a progredir”,³⁴ disse-lhe Jung, segundo suas lembranças. “Você deve tornar-se psiquiatra.” Em poucos anos, o relacionamento afetuosos de Spielrein e Jung subitamente explodiria em mal-entendido e acusações exaltadas, cujos dolorosos detalhes surgiram em cartas que ambos enviaram a Sigmund Freud. Em mais alguns anos, Sabina, em correspondência com Freud e Jung por ocasião da briga amarga, registraria seu horror diante da destruição da amizade entre os dois homens. Mas naquele momento, 1904, as coisas ainda corriam bem, e Sabina percorria as enfermarias, trabalhando com Carl Jung.

Com seu talento natural, por vezes quase excepcional, para a observação, seu trabalho produtivo com o teste de associação de palavras e os novos conceitos obtidos por meio das leituras de Freud, a ambição e o impulso criativo de Jung foram totalmente utilizados. Ninguém em Burg-hölzli duvidava de que o jovem e belo médico construiria carreira brilhante. Mas em 1904, Carl Jung ainda era desconhecido. Em Viena e alhures, o mundo médico conhecia o nome de Eugen Bleuler e não o seu.

Em Viena, na primavera, as largas avenidas são adornadas por folhas pálidas, e os parques da cidade ficam repletos de flores e da exuberância das crianças sem casacos, correndo nos primeiros dias quentes. Em 1904, como de hábito, Freud usufruía sempre o prazer de uma rápida caminhada pela Ringstrasse calçada de paralelepípedos, acompanhado de seus filhos e indo até ao negociante de tabaco, para sua provisão diária de vinte charutos. Num dia do final de abril ele estava particularmente satisfeito, pois

soubera que um ilustre psiquiatra e professor escrevera bastante favoravelmente a respeito de seu trabalho. Eugen Bleuler, diretor do Hospital Psiquiátrico Burghölzli, na Suíça, declarara num artigo que “Freud, em seus estudos sobre a histeria e os sonhos, mostrou-nos parte de um novo mundo, embora de forma alguma todo ele. Nossa consciência apenas enxerga, em seu teatro, as marionetes; no mundo freudiano, são revelados muitos dos cordões que as movimentam”.³⁵

Freud ficou radiante. No dia 26 abril de 1904, tomou da caneta e escreveu a Wilhelm Fliess, pela primeira vez em mais de um ano. “Recentemente, encontrei a aceitação absolutamente estonteante de meu ponto de vista numa resenha publicada no *Münchener medizinische Wochenschrift*, escrita por um psiquiatra oficial, Bleuler, de Zurique. Imagine só, um professor de psiquiatria e meus + + + estudos sobre a histeria e o sonho, que até o momento têm sido rotulados de repugnantes!”³⁶ As cruzinhas³⁷, geralmente pintadas no interior de portas das cabanas dos camponeses a fim de afastar o mal, foram colocadas por Freud para zombar da reação quase sempre desconfiada dada a seu trabalho. Freud esperava que Fliess encontrasse o caminho de volta, se não à amizade, ao menos à reunião com ele na repentina e luminosa promessa de avanço da psicanálise. Mas tal não ocorreria.

Vários meses mais tarde,³⁸ em julho de 1904, Freud e a família foram para a Baviera, perto de um lago no cume dos Alpes, onde as montanhas escarpadas mergulham na gelada água azul-esverdeada. Os filhos dos Freud adoravam o Königsee e sua casa de campo, Sonnenfels. Remavam no lago, pescavam com o pai e saíam em excursões à procura de cogumelos. O filho de Freud, Martin, recor-

dou que seu pai certa vez escorregou quando estava sobre uma rocha de 10 metros, em busca de uma flor alpina. Freud sofreu uma queda perigosa, mas se recuperou, executando um salto mortal para trás, perfeito e ágil, e explodindo em gargalhadas após a proeza, surpreendendo os filhos. Mas Martin Freud também lembrava que as saídas com o pai haviam sido poucas naquele verão, porque Freud passara grande parte do tempo em casa, escrevendo.

Os filhos não sabiam que, no dia 20 de julho, Wilhelm Fliess escrevera uma carta ao pai, dando fim à amizade que há anos vinha rateando. “Caro Sigmund”, escreveu Fliess,” deparei-me com um livro de Weininger, em cuja primeira parte biológica encontrei, para minha consternação, a descrição de minhas idéias sobre o bissexualismo e a natureza da atração sexual conseqüente — homens femininos atraem mulheres masculinas e vice-versa... Não tenho dúvidas de que Weininger soube de minhas idéias por seu intermédio, e fez mau uso da propriedade de outrem.”³⁹

Fliess estava certo. Gradualmente⁴⁰ Freud revelou-lhe que conversara com um paciente, Hermann Swoboda, sobre a teoria da bissexualidade, de Fliess. Swoboda por sua vez transmitira tais comentários a seu amigo Otto Weininger, que então a descrevera como sua no livro a que Fliess se referia na carta. Freud estivera consciente de sua ambivalência em relação a Fliess; agora, recordando lentamente todo seu papel no caso Weininger, admitiu que seus atos no fundo continham o desejo de despojar Fliess de sua “originalidade”. As relações entre Freud e Fliess estavam atoladas na desconfiança: nas dúvidas bem fundadas de Freud sobre a validade científica da teoria da periodicidade e, agora, na desconfiança de Fliess de que Freud revelara a es-

sência da sua teoria da bissexualidade a outro pesquisador. A amizade, estorvada pela amargura e o ressentimento, acabara.

No outono de 1904, Freud voltou a lecionar seu curso de psicanálise na velha Clínica Psiquiátrica. Durante duas horas, nas noites de sábado, no auditório um tanto escuro, enunciava para seis ou sete pessoas as idéias que dentro de pouco tempo impregnariam toda a cultura ocidental. Havia apenas oito ou dez cadeiras agrupadas junto à mesa do conferencista, e os recém-chegados, surpresos com o caráter intimista do pequeno grupo, com freqüência ficavam de pé, hesitantes, no umbral da porta, fitando os bancos aos fundos do anfiteatro. Freud talvez esperasse que, entre os visitantes, pudesse surgir algum capaz de compreender, como Fliess outrora. Freud acenava para eles e lhes dizia gentilmente: “Não seria melhor que se aproximassem se e sentassem, cavalheiros?”⁴¹

Dos homens que lecionavam em Burghölzli, “foi C.G. Jung”, pensava um estudante, “quem acabou por se tornar a maior fonte de inspiração daqueles dias. Ele enfeitiçava seus alunos com seu temperamento vigoroso e a riqueza de suas idéias.”⁴² Por volta de 1906, Jung estava consideravelmente impressionado com as teorias de Sigmund Freud, e seu trabalho com o teste de associação de palavras produziu resultados suficientes para que preparasse um livro sobre o tema. O uso do teste de associação por Jung, como instrumento de diagnóstico, em particular a ênfase dada aos “erros” dos pacientes, representava, ele o sabia, importante contribuição às investigações científicas das doenças mentais.

Ao terminar de escrever e revisar seu livro, Jung sabia que fora substancialmente auxiliado em seu trabalho pelas teorias de Sigmund Freud. Não o queria admitir, contudo. Para um homem ambicioso como ele, a decisão de dar ou não a Freud o que lhe era devido era bastante difícil. Alinhar-se publicamente com Freud seria pouco lucrativo para Jung. “Freud era definitivamente *persona non grata* no mundo acadêmico da época”, Jung o sabia, “e qualquer ligação com ele teria sido prejudicial nos círculos científicos. ‘Gente importante’ só o mencionava subrepticamente, e nos congressos ele era discutido apenas nos corredores, jamais nos auditórios”.⁴³

O chefe de Jung tampouco se convencera inteiramente das opiniões de Freud. Eugen Bleuler, tendo caído de cama certo dia em 1905, com reumatismo, lera um livro de Freud sobre sua teoria da sexualidade. “Este”, Bleuler escrevera a Freud, cortesmente, “ainda não consigo compreender inteiramente”.⁴⁴ Ele já se dispunha a compreender a teoria de Freud sobre a interpretação dos sonhos, e descrevia os seus para os médicos residentes e a esposa, reunidos em discussões, mas não conseguia concordar com os comentários que faziam. Começou a enviar extensas cartas a Freud, nas quais tentava deixar fluírem naturalmente seus pensamentos sobre os sonhos que tivera, mas fracassou por completo. “Parece tolice que eu, com minha reles experiência, tenha dúvidas”⁴⁵ disse a Freud. “Mas também é tolice que apenas em casos excepcionais eu consiga interpretar um sonho meu. Hesitação, distração com o som da chuva caindo, pensamentos a respeito de alguém que deveria estar perto, tudo me perturba.”

A teoria dos sonhos de Freud começara entretanto a fazer sentido para Jung. Lembrava-lhe a “extraordinária

estátua do Prazer Carnal, na Catedral de Basileia, que mostra na frente o doce sorriso da escultura arcaica, mas é coberta atrás por sapos e serpentes. A análise dos sonhos”, Jung acabara por perceber, “inverte a figura e sem reserva mostra o outro lado”.⁴⁶ O livro de Jung sobre o teste de associação de palavras foi publicado em 1906, incluindo seu recente artigo *Psicanálise e Experiências de Associação*, generoso em seus elogios às teorias de Sigmund Freud. Nas linhas finais, Jung deixa inequivocamente sua posição: “Pelo que se depreende de algumas publicações recentes, parece que a teoria de Freud... ainda é bastante ignorada. Portanto, tenho a grande satisfação de chamar a atenção para elas — correndo o risco de também me tornar vítima de persistente amnésia.”⁴⁷ Jung embrulhou um exemplar de seu livrinho e enviou-o a Viena. No dia 11 de abril, Freud respondeu:

Caro colega:

Fico-lhe muito agradecido por enviar-me seu *Estudos Sobre Diagnóstico com Associação*, o qual, em minha impaciência, já adquirira. É óbvio que seu mais recente estudo, *Psicanálise e Experiências de Associação*, foi o que mais me agradou, já que nele o senhor afirma, com base em sua própria experiência, ser verdade tudo que foi dito por mim sobre os campos até o momento inexplorados de nossa disciplina. Confio que esteja sempre disposto a me apoiar, mas aceitarei de bom grado suas correções.

Sinceramente,

Dr. Freud.⁴⁸

Jung guardou a resposta de Freud pelo resto da vida. Um dia ele reuniu todas as cartas de Freud e as colocaria entre grossos pedaços de cartolina, embrulhando tudo num pano de linho. Guardaria o pacote em seu esconderijo secreto, um pequeno cofre no seu escritório em Küsnacht. Mas naquele momento apenas deixou de lado a carta de Freud. Não houve motivo para retomar a correspondência até outubro, quando Freud lhe enviou um exemplar de seu recém-publicado *Coletânea de Estudos sobre a Teoria das Neuroses*. Escrevendo a Freud, Jung expôs sua opinião sobre um tema que mais tarde seria interpretado como o motivo do rompimento de ambos: “Parece-me — comentou ele, elaborando sobre os conceitos de Freud — que, não obstante a gênese da histeria seja predominantemente sexual, ela não é exclusivamente sexual.”⁴⁹ Freud replicou, em tom otimista: “Seus escritos de há muito me levaram a suspeitar que sua avaliação de minha psicologia não se estende a tudo o que penso sobre a histeria e o problema da sexualidade, mas ouse esperar que, ao longo dos anos, venha a se aproximar mais de mim do que possa julgar possível no momento.”⁵⁰

Jung pensava que congregaria platéia mais ampla para as teorias de Freud se não enfatizasse publicamente a questão perturbadora da sexualidade. Mas Freud mostrou-se inflexível. “Peço-lhe não sacrificar nada que seja essencial, em prol do tato e sociabilidade pedagógicos”⁵¹, escreveu a Jung. “E não se desvie demais de mim, quando na verdade está tão próximo de mim, pois, se o fizer, talvez um dia sejamos jogados um contra o outro.” A correspondência tornava-se mais efetuosa. Jung referiu-se à “falta de contato pessoal com você”⁵² como “aquela lamentável deficiência em meu treinamento.” No dia 1º de janeiro

de 1907 Freud, falando a respeito de seus colegas de Viena, disse a Jung: “Só conheço um que poderia ser considerado semelhante a você em compreensão, e nenhum capaz e disposto a tanto fazer em prol da causa como você”.⁵³ E de maneira gentil e impulsiva, Freud convidou Jung a ir a Viena. Jung enviara a Freud a análise de um sonho que tivera, no qual se revelava o desejo de viajar à América; Freud lhe respondeu simplesmente: “Talvez você deva vir a Viena antes de ir à América (é mais perto).”⁵⁴

Certo dia daquele mesmo mês de janeiro de 1907⁵⁵, o jovem médico Ludwig Binswanger aproximou-se de Jung em Burghölzli e lhe perguntou se ele se submeteria a um teste de associação de palavras. Vários anos de trabalho em cima desse experimento haviam produzido um conjunto de procedimentos e análises que se tornara capaz de grande sutileza interpretativa. Mas a utilidade do teste em um médico que já conhecia as respostas típicas permanecia desconhecida. Binswanger colocou os elétrodos nas mãos de Jung e iniciou o teste da maneira usual. Jung respondeu à quarta palavra, *picada*, com a palavra *faca*, uma resposta comum. Consciente de que se seguiria a palavra teste *anjo*, Jung surpreendeu-se ao vê-la substituída por *demônio*. O jovem Binswanger mudara o teste, e Jung estava diante do desconhecido.

Quando Jung respondeu com *mentira* à palavra-teste *ventre*, Binswanger notou que, para o examinando, a palavra *ventre* era “percebida sexualmente e no sentido de rastejar sobre o ventre de alguém; algo bastante antagônico a ele próprio, sobretudo em questões científicas.” Após realizar três quartos do teste, Binswanger já ouvira o suficiente para observar: “Estamos lidando aqui com o com-

plexo de ambição, sede de conhecimento, 'ânsia de poder'".⁵⁶ As últimas reações de Jung apontavam o futuro. Na questão 98, pediu-se a ele que reagisse à palavra *Viena*, e sua resposta foi *Paris*. As perguntas de Binswanger lhe revelaram que "Jung está pensando fazer uma viagem a Viena logo que comecem as férias; ele mal pode esperar." Terminado o teste, Binswanger retirou os elétrodos das mãos de seu paciente. Orgulhoso, ambicioso, ávido por fama e conhecimento, relutante em curvar-se diante de outrem em questões científicas, Carl Jung não queria outra coisa senão ir a Viena.

Dois meses depois, numa manhã de domingo, 3 de março de 1907, Sigmund Freud⁵⁷ deixou sua casa na Berggasse 19 pouco antes das 10 horas e percorreu a rua até um hotel das proximidades. Adentrou o saguão levando um buquê de flores, a fim de dar as boas-vindas a Emma Jung, Ludwig Binswanger e Carl Jung. Levara apenas alguns minutos de caminhada, mas a jornada fora longa e, em grande parte, solitária.

Parte III

AMIZADE

Capítulo 7

A entrada da Berggasse 19^a estava sendo reformada em março de 1907. O lustre do vestíbulo estava coberto por panos velhos, a fim de protegê-lo das obras de colocação de novo reboco, mas o apartamento de Freud tinha a mesma aparência de sempre. Carl Jung² sentiu-se contrafeito quando os dois homens adentraram o gabinete de Freud, no térreo. *Enfin seuls*, brincaram as esposas. Enfim sós. O gabinete aos domingos era lugar tranqüilo, imerso em penumbra apesar da luz da manhã. “Tapetes grossos e caros”,³ recordava um visitante. “Os pés afundam como os de um camelo na areia.” Os livros e as estatuetas de Freud enfileiravam-se sobre o móveis da sala. Jung se sentiria em casa. O mundo espiritual personificado pelas pequenas imagens da coleção de Freud lhe era familiar, e alguns dos livros nas estantes eram iguais aos seus, em Burghölzli, tão usados quanto eles.

Jung começou a falar. Era um homem articulado e, naquele momento, estava entusiasmado. Freud sentou-se⁴ em silêncio atrás da escrivaninha e ouviu. Não é difícil imaginar a cena: Jung, em quem o riso e a raiva estavam sempre próximos à superfície, com seus gestos largos e o rosto aceso e vivo. E Freud com todos os sinais de controle: contido, autocrítico, o rosto impassível e vigilante enquanto dava sua primeira olhada atenta em Carl Jung. O jovem suíço⁵ falou sem parar durante três horas. Por fim Freud interrompeu-o calmamente. Usariam o tempo de maneira mais proveitosa, afirmou, se procedessem mais ordenadamente. Tocou em todos os pontos levantados por Jung e nas perguntas feitas por ele, organizando-os rapidamente em diversos tópicos. Jung ficou assombrado. Um dos temas em discussão era a teoria sexual de Freud, e então foi a vez de Jung escutar. O que Freud disse impressionou-o. “Entretanto”, Jung recordaria anos mais tarde, “suas palavras não conseguiram remover minhas hesitações e dúvidas. Tentei explicar minhas reservas em diversas ocasiões, mas todas as vezes ele as atribuía à minha falta de experiência”.⁶

“Durante treze horas ininterruptas, falamos sem parar. Foi um *tour d’horizon*”⁷, disse Jung. “Freud era o primeiro homem de verdadeira importância que encontrei; em minha experiência até aquele momento, ninguém se podia comparar a ele. Nada havia de trivial em suas atitudes. Achei-o extremamente inteligente, astuto, e simplesmente notável.”⁸ Talvez ele tenha percebido, como outro visitante, que “a forma de falar de Freud era diferente de tudo que já ouvira até então; cheia de imagens; poder-se-ia denominá-la bíblica”.⁹ Mais tarde, Jung¹⁰ contaria a um amigo que certas vezes fora levado às lágrimas ao per-

ceber que os pensamentos de Freud combinavam tanto com os seus. “Eram espíritos afins”, disse o colega de Jung, C.A. Meier. “Sempre houve alguma atração entre eles.”¹¹

Freud e sua família impressionaram-se com Jung. Mais de cinqüenta anos depois, o filho de Freud, Martin, ainda se recordava dos casos que Jung descrevera à mesa de jantar. Havia a história de um homem que, tímido e retraído na infância e na adolescência, amadurecera e transformara-se em presença forte e imponente; e outra de um esquizofrênico talentoso, cuja arte irradiava energia e esperança. As histórias em si não eram extraordinárias, percebeu Martin, mas os quadros impressionantes criados por Jung fascinavam as crianças e também Freud. “Jung falava o tempo todo nestas ocasiões”, recorda Martin Freud, “e papai ouvia, com evidente prazer.”¹² Ao contrário dos outros visitantes da Berggasse 19, Jung não procurava entreter os filhos de Freud; no entanto, ¹³ era dele que mais gostavam. Martin Freud impressionava-se com o porte de soldado de Jung, “sua vivacidade, sua habilidade em ressaltar a própria personalidade e controlar aqueles que o ouviam.”¹⁴ Anos depois, quase aos 70 anos, Martin confessaria, modesto: “Não posso dizer que ele se apercebia de minha presença.”

A filha mais velha de Freud, Mathilde, lembrava-se de Jung e de seu vivo entusiasmo juvenil. Ela levara Emma e Carl às compras, quando subitamente avistaram soldados postados ao longo da Ringstrasse, porque o imperador estava prestes a passar. “Com licença, por favor”,¹⁵ disse Jung, correndo a juntar-se à multidão. Ao longo de sua vida, Jung sempre foi apaixonado por paradas e, mesmo quando já idoso, corria ao ouvir o rufar dos tambores. Crescera em uma cidade onde a fronteira suíça se deli-

mita com dois países, sendo crucial a presteza militar; o som dos tambores sempre lhe evocava a infância.

A residência que Jung visitara em março de 1907 seria descrita por muita gente nos anos subseqüentes. Ia além do interesse rotineiro observar Sigmund Freud, pai da psicanálise, como o pai simples e informal de seis filhos. Havia singular leveza no tratamento que dava aos filhos, estimulado por humor e afeição, marcadamente diferente da rigidez autoritária de outros lares. O pastor suíço, Oskar Pfister, sensibilizou-se particularmente. “Eu, que cresci sem pai e sofri toda a vida por uma educação rígida e preconceituosa, fiquei deslumbrado com a beleza da vida daquela família, que, a despeito da grandeza quase sobre-humana do chefe da casa e de sua profunda seriedade, exalava liberdade e alegria.”¹⁶

Carl Jung, assim como outros visitantes da Berggasse 19, não notou qualquer observância de rituais decorrentes do fato de a família Freud ser judia. Martha Freud crescera num ambiente religioso e revelou que certa noite de sexta-feira, no começo de seu casamento, podia ser considerada das mais tristes ocasiões de sua vida. O marido não lhe permitiu acender as velas que assinalavam o começo do Sabá, pois na casa dele não haveria cerimônias religiosas de qualquer espécie. A mãe de Martha era judia ortodoxa, e Martin se recordava de suas visitas ocasionais e Viena: “Aos sábados costumávamos ouvi-la cantar orações judaicas com sua voz pequena, mas firme e melodiosa. Estranhamente para uma família judia, tudo isto parecia alheio a nós crianças criadas sem qualquer aprendizado do ritual judeu.”¹⁷ Martha Freud levava, nos feriados, os filhos à casa da mãe de Freud. O jantar era sempre esplêndido, composto de ganso assado, frutas cristalizadas e bolos; entretanto, era

servido no Natal ou na Páscoa, pois Amalia ignorava as festas judaicas, assim como seu filho.

Apesar de durante toda sua vida não ter seguido os rituais judaicos, Freud era profundamente judeu. O filho de um de seus amigos, Leopold Königstein, recordou os encontros de seu pai e Freud na B'nai B'rith, sociedade judaica em Viena. "Eles saíam muito solenes",¹⁸ lembra o jovem Leopold, e então iam jogar cartas no salão de fumar. Às vezes o garoto sentava-se e observava os homens, mas não ousava mover-se. "Se eles percebiam que aquele... que estava olhando fazia o menor movimento, era o inferno." A biblioteca da B'nai B'rith era importante para o pai do menino e para Freud, acreditava ele; em suas visitas, eles tomavam emprestado livros dos milhares de volumes de história bíblica e judaica. A identidade de Freud como judeu era cultural, não religiosa; contudo, não era menos arraigada. Quando criança,¹⁹ Martin Freud viu o rosto bondoso de seu pai tornar-se repentinamente furioso, e ele aproximar-se com a bengala em riste de um grupo de homens que proferiam zombarias raciais. A coragem de Freud não surpreendeu seu filho, mas a transformação do pai meigo e pacífico chocou-o.

Por volta de 1907, Freud já experimentara suficiente anti-semitismo e já tinha toda cautela com seu efeito potencial sobre o movimento psicanalítico, então mantido quase inteiramente por judeus. Freud, que decidira cursar medicina em parte porque a carreira era aberta a judeus, e a quem, durante anos, havia sido negado o acesso à carreira acadêmica por preconceito, era homem realista. Seria absurdo ligar o afeto de Freud por Jung a interesses políticos; entretanto, ele bem conhecia o significado da presença de Jung, um não-judeu, para o movimento psicana-

lítico. Com Jung e Bleuler, além do prestígio de Burghölzli à retaguarda, as teorias de Freud poderiam escapar à difamação oriunda do anti-semitismo.

Apesar da concordância dos colegas vienenses de Freud com seus parâmetros de julgamento, desde o princípio eles desconfiaram do cristão Jung. Cerca de oito ou dez membros da Sociedade Psicológica Quarta-feira, de Freud, encontraram-no pela primeira vez no dia 6 de março de 1907. A pequena sociedade²⁰ reunia-se uma vez por semana, desde 1902, na sala de espera de Freud, anexa a seu gabinete, e os membros chegavam casualmente, após o jantar. Quando estavam todos reunidos, Freud aparecia. Martha Freud servia café, enquanto os homens sentados à volta da comprida mesa conversavam e batiam a cinza de seus charutos na pequena coleção de cinzeiros antigos de Freud. Martin Freud, voltando tarde da noite para casa após algum baile, espantava-se que aqueles homens conseguissem sobreviver àquela sala tão abafada com a fumaça.

Jung²¹ não falou muito em sua primeira visita à Sociedade Quarta-feira em março de 1907, alegando ainda não conhecer suficientemente as teorias de Freud. Nisto ele não estava sozinho. Apenas uma semana antes, um dos participantes sugerira que “talvez estejamos inclinados a superestimar o significado dos ensinamentos freudianos para a psicologia; isto é, a importância do fator sexualidade para a psicologia.”²² Os novos conceitos não eram fáceis para ninguém, nem mesmo para os leais vienenses. Se Jung guardou silêncio naquela noite, também pareceu um tanto obtuso. Durante a discussão do caso de um paciente que se vestira como mulher e dormira na cama de seu pai, um dos membros o descreveu como alguém que buscava identificar-se com a mãe. Alfred Adler, o analista vienense

de quem parecia ser aquele paciente, ressaltou um possível elemento homossexual, mas Jung limitou-se a afirmar que a inclinação para se vestir como mulher era um mistério para ele.

Outro jovem²³ iria a Viena em 1907, mas não visitaria Sigmund Freud. Adolf Hitler, então com 18 anos, recém-chegado das províncias, cruzou as portas da Academia de Belas Artes no outono de 1907 a fim de fazer o teste de admissão. Os desenhos do teste de Hitler mostravam habilidade para linha e o detalhe, contudo ele foi rejeitado duas vezes. “Muito poucas cabeças”, foi o comentário, pois Hitler demonstrou pouco talento para retratar a forma humana. Candidatou-se à escola de arquitetura, mas não alcançou o grau necessário. Durante seis anos, Hitler levou existência marginal em Viena, dormindo em bancos de parques e pintando cenas sentimentais da cidade, vendendo-as a artesãos judeus, que as usavam como chamariz para suas molduras. Certa vez, concorreu a um lugar no coro do Teatro an der Wien, submetendo-se à prova de voz para tenor em uma canção de Franz Léhar, *A Viúva Alegre*. O diretor ficou bastante impressionado e ofereceu-lhe um papel, mas Hitler precisou recusá-lo, ao saber que deveria ter seu próprio *smoking*, não tendo meios para comprar um. Mas Hitler aprenderia certas coisas em Viena. Quando Karl Lueger morreu, em 1910, Hitler deixou seu albergue para rapazes a noroeste de Viena e foi assistir ao funeral. A bem-sucedida manipulação feita por Lueger dos sentimentos anti-semitas havia impressionado o jovem.

Quaisquer que fossem as questões que Jung ainda pudesse levantar a respeito da teoria da sexualidade de Freud,

ele as guardou para si ao retornar a Burghölzli. “Não estou mais atormentado por dúvidas quanto à correção de sua teoria”²⁴, Jung escreveu a Freud, com aparente firmeza. “Os últimos resquícios foram dispersados durante minha estada em Viena, que para mim constituiu evento da maior importância.” Binswanger permanecera em Viena, e Jung acrescentou: “ele já lhe terá relatado a tremenda impressão que você me causou. Não adiantarei mais nada a este respeito, mas espero que meu trabalho em prol de sua causa mostre a profundidade de minha gratidão e veneração.”

Embora agora aparentemente concordasse com as teorias de Freud, Jung persistiu em acreditar que se deveriam tornar mais acessíveis ao desinformado. “Não é concebível”, sugeriu Jung, “diante da concepção limitada da sexualidade prevalente nos dias de hoje, que a terminologia sexual seja reservada apenas às formas mais extremas de sua libido.”²⁵ Freud ofereceu resposta grandiosa: “Estimo seus motivos ao tentar adoçar a maçã ácida, mas não acredito que seja bem-sucedido... Estão nos pedindo nada mais nada menos do que abjurar nossa crença no impulso sexual. A única resposta é professá-la abertamente.”²⁶

Embora discordassem cordialmente sobre a melhor maneira de apresentar a sexualidade aos ainda não esclarecidos, eles se haviam tornado aliados em sua convicção. “Com freqüência tenho de voltar ao tempo anterior à reforma de meu pensamento psicológico a fim de reexperimentar as acusações lançadas contra você”²⁷, escreveu Jung. “Simplesmente não consigo mais compreendê-las.” Jung não hesitava em lutar a favor de Freud e ansiava externar suas opiniões num congresso médico em Amsterdã, naquele outono. “Como não estou mais tão com-

prometido e não estou defendendo minhas próprias idéias”, ele comentou, “às vezes me delicio aventurando-me na arena. A identificação com você mais tarde mostrar-se-á bastante lisonjeadora; no momento, ela é *honor cum onere.*”²⁸

Os colegas de Jung em Burghölzli sentiram a força de seu engajamento. O Dr. Abraham Brill, psiquiatra americano, viera passar alguns meses trabalhando em Burghölzli. “Ali encontrei um entusiasmo pela psiquiatria que jamais testemunhara antes, nem desde que deixara Zurique”²⁹, recorda Brill. “O objetivo consistia em determinar se realmente existia o inconsciente, como Freud asseverava, e se as visões de Freud a respeito do sexo nas neuroses eram verdadeiras.”³⁰ O jovem médico impressionou-se com a atitude científica de Eugen Bleuler: “Existe mais psicologia em uma página de Freud”, Bleuler disse-lhe “do que em algumas obras volumosas. É fácil ridicularizá-lo; mas o que devíamos fazer é examinar os conceitos de Freud e confirmá-los ou invalidá-los cientificamente.”³¹ Jung não compartilhava a imparcialidade de Bleuler: ele “era o primeiro assistente e, naquela época, freudiano extremamente ardente e belicoso”,³² recorda Brill. “Você não podia expressar qualquer dúvida quanto às opiniões de Freud sem suscitar-lhe a ira.” Alá e seu profeta, comentavam em Burghölzli: Freud e Jung.

Habitado aos hospitais mais modernos e mais bem equipados dos Estados Unidos, Brill não se impressionou de imediato com Burghölzli. Contudo, a primeira reunião com a equipe do hospital deixou-o encantado. “O modo como encaravam o paciente, o modo como o examinavam, era quase uma revelação. Não se limitavam a classificá-lo. Examinavam suas alucinações, uma a uma, e tentavam

determinar o que cada uma significava.”³³ O que diferia bastante da atitude dos colegas de Brill na América, onde se acreditava que as causas da doença mental eram em grande parte genéticas, oriundas de “linhagem degenerada”³⁴ e, portanto, incurável. O médico da família era aconselhado a proceder com cautela no tratamento de “crianças nervosas”: “banhos frios, fricções, exercícios, camas duras”, aconselhava um neurologista americano, “quartos arejados, janelas abertas à noite, desenvolvendo a resistência corporal à estimulação externa. Para estas crianças, é imprescindível a vida no campo, e as ocupações para os anos subsequentes devem ser ao ar livre e manuais, nunca em ambientes fechados e mentais”.

Brill sabia que os aspectos sexuais dos casos psiquiátricos eram vistos com repulsa em seu hospital de Long Island. Contou a Jung que certa vez, em uma reunião, lera em voz alta o histórico do caso de um paciente que tomara intimidades sexuais com a irmã, e os membros da equipe haviam reagido horrorizados. “O problema com vocês (americanos)”, replicou Jung, “é que não conhecem Freud e seus conceitos sobre o sexo.”³⁵ Brill dispôs-se a aprender. Respeitou a regra auto-imposta de abstinência alcoólica e submeteu-se de boa vontade à rotina monástica de Burghölzli. Com frequência, após acordar às seis horas da manhã a fim de começar suas visitas, via Eugen Bleuler retornando das enfermarias, já concluídas as suas. “Era inspirador”, redorda Brill, “fazer parte de um grupo de trabalhadores ativos e entusiasmados, totalmente dedicados a dominar os princípios freudianos e aplicá-los no estudo dos pacientes. A psicanálise parecia impregnar toda a instituição.”³⁶

Trabalhando com seus pacientes, Brill descobriu que o comportamento aparentemente inexplicável deles em

geral se relacionava com experiências anteriores em suas vidas normais. De súbito, os pacientes não pareciam tão diferentes dele mesmo, e tal percepção alarmou-o. “Temia que houvesse algo de errado comigo, mas logo descobri que encontrava nos pacientes apenas a expressão exagerada ou distorcida daquilo que existe em toda pessoa normal.”³⁷ Brill jamais esqueceu as discussões relaxadas de fim de tarde no consultório central de Burghölzli, enquanto os médicos concluía seus trabalhos; os temas abrangiam das teorias de Sigmund Freud aos mistérios do oculto.

Para Carl Jung, uma coisa era lecionar a teoria da sexualidade para estudantes como Abraham Brill, no interior das paredes de Burghölzli, e outra coisa, defrontar um agrupamento da comunidade médica com a intenção expressa de defender Sigmund Freud. Em fins de agosto de 1907, Jung viajou a Amsterdam, onde pronunciaria uma palestra para o Primeiro Congresso Internacional de Psiquiatria, Psicologia e Assistência ao Insano. Quando aceitara o convite, Jung sentira-se atraído pelo desafio de apresentar as opiniões de Freud. Agora, tinha a impressão de que as coisas não saíam bem. “Assaltam-me pressentimentos desagradáveis”, Jung revelou a Freud, um tanto alarmado, “pois não é pouca coisa defender *esta* posição diante *deste* público.”³⁸

Ambos preocuparam-se com o Congresso ao longo de vários meses. Freud estava convencido de que a natureza amistosa e cativante de Jung (“Todos os corações abrem-se para você”,³⁹ disse-lhe) seria bem-sucedida em seduzir a oposição. Havia algo em sua própria personalidade, confessou Freud, que as pessoas achavam estranho e repelente. Jung, guiado por “devoção incondicional à defesa e propagação de suas idéias, bem como minha veneração igual-

mente incondicional à sua personalidade”,⁴⁰ tinha uma preocupação no Congresso: apresentar as teorias difíceis e impopulares de Freud de forma que as pessoas pudessem compreendê-las e aceitá-las. Com a aproximação do Congresso, a ansiedade de Jung tornou-se completa. Simplificar o conceito freudiano de sexualidade, percebeu ele, equivaleria a roubar a força autêntica da teoria. Apresentá-la em sua total complexidade seria deixar a audiência bem atrás. Por fim, Jung consolou-se acreditando que sua palestra, “esta criança infortunada”,⁴¹ ao menos consistiria em uma “demonstração, uma confirmação do fato de que, no ano de 1907, alguém dissera oficialmente algo de positivo sobre a teoria freudiana da histeria num congresso internacional.” Freud estava mais otimista: “Sua palestra em Amsterdam será um marco na história, e afinal de contas trabalhamos em grande parte para a história.”⁴²

Jung chegou a Amsterdam e hospedou-se no Hotel de l’Europe, que, pequeno e elegante, se aninhava na margem de um canal movimentado a poucos metros dos barcos de passagem. Alguns dias depois, recebeu carta de Freud, que estava em férias com a família “excursionando pelas montanhas e colhendo edelvais.”⁴³ Durante quase um mês, Freud não tocou o pequeno caderno de anotações, que levava para registrar idéias e observações, e sentia-se culpado por ter deixado seu colega jovem e inexperiente enfrentar sozinho o Congresso. “Não sei se você se saiu ou sairá bem ou não”, escreveu Freud, “mas nunca, como neste momento, quis tanto estar com você, satisfeito por não mais estar sozinho, e, caso precisasse de encorajamento, falar-lhe de meus longos anos de solidão, respeitável, mas dolorosa, que começou no momento em que lancei o primeiro olhar ao novo mundo; falar-lhe da indiferença

e incompreensão de meus amigos mais íntimos; dos momentos terríveis em que eu mesmo pensava estar errado e ponderava como ainda poderia tornar útil para minha família minha vida equivocada; da minha convicção que crescia lentamente, apegando-se à interpretação dos sonhos como a uma rocha em mar encapelado, e da serena certeza que finalmente se apossou de mim e me fez esperar até que uma voz na multidão desconhecida respondesse à minha. Essa voz era a sua.”⁴⁴

O encontro em Amsterdam começou na manhã de 4 de agosto; quando o psiquiatra alemão Gustav Aschaffenburg terminou de falar, o desafio fora lançado. Aschaffenburg⁴⁵ atacara a teoria freudiana da histeria, previsivelmente realçando seu apoio na sexualidade. Jung levantou-se para falar, definiu os princípios da técnica psicanalítica e declarou que seu próprio trabalho clínico confirmava as teorias de Freud. Prosseguiu falando além do tempo que lhe cabia e recusou-se a parar, até receber ordens do presidente da sessão. Corado e zangado, Jung saiu da sala a passos largos. Um jovem neurologista galês na platéia sentiu que Jung não soubera conduzir-se. “Lembre-me”, disse Ernest Jones, “da impressão desventurada que seu comportamento causou sobre a platéia impaciente e já preconceituosa.”⁴⁶

Jung perdera a paciência em sua primeira defesa importante de Sigmund Freud. Considerava o grupo de congressistas “uma gangue de degoladores e covardes, cada qual se segurando na fralda do terno do homem mais gordo à sua frente... um grupo horripilante”,⁴⁷ Jung escreveu a Freud na mesma tarde, “um pântano de estupidez e asneiras;” Mas não descreveu seu próprio desempenho durante os trabalhos da manhã. Uma semana depois, de

volta a Burghölzli e ainda furioso, Jung relatou a Freud o “reinado de terror”⁴⁸ que um participante declarara contra Freud; a “neutralidade benevolente” dos outros. A única luz avistada por Jung fora o jovem celta, Ernest Jones: “Ele é extremamente inteligente e foi muito útil.” Contudo, nem mesmo o aparecimento do jovem Jones foi suficiente para abrandar Jung. “Uma coisa que me ficou engasgada neste congresso foi o desrespeito, chegando às raias da náusea, pelo *Homo Sapiens*.” Freud foi o mais diplomático possível com seu jovem aliado exaltado. “Nada havia a fazer”, advertiu-o Freud, “exceto continuar trabalhando e discutir o mínimo possível”,⁴⁹ Um dia o confronto em Amsterdam seria denominado “uma das grandes discussões”⁵⁰ da história da psicanálise. No outono de 1907, ambos sentiam-se aliviados apenas porque o congresso ficara para trás.

Com o passar dos meses, após a primeira visita de Jung a Freud em março, algo passou a preocupá-lo. Às vezes demorava a escrever à Freud, desculpando-se com excesso de trabalho ou fadiga, ou culpando um espírito mau por corromper sua pena. Entretanto, o motivo real de seus lapsos na correspondência era mais profundo. Algum tempo depois de voltar de Amsterdam, Jung finalmente explicou-se: “Na verdade... e o confesso após forte batalha íntima... nutro uma admiração infinita por você, tanto como pessoa quanto como pesquisador, e não lhe faço reserva alguma... Sucede que minha veneração, de certa forma, tem o caráter de uma paixão “religiosa” Embora isto não chegue realmente a me preocupar, ainda assim considero-a ridícula e repugnante, devido a inegável sub-tom erótico. Este sentimento abominável origina-se do fato de, quando garoto, ter sido vítima de uma investida sexual por

parte de um homem que outrora adorava. Mesmo em Viena, as observações das senhoras (*“enfin seuls”* etc.) enojaram-me, conquanto naquele momento o motivo para tal não me fosse claro.

Esse sentimento, do qual ainda não estou inteiramente livre, embaraça-me consideravelmente. Outra manifestação desse sentimento: considero que a percepção do quadro psicológico torna profundamente repulsivas as relações com colegas que tenham forte transferência em relação a mim. *Portanto, temo sua confiança.* Temo também a mesma reação de sua parte quando falo de minhas questões íntimas. Por conseguinte, contorno estas coisas o máximo que posso, pois, pelo menos é o que sinto, todo relacionamento íntimo após algum tempo acaba tornando-se sentimental e banal... Penso que lhe devia esta explicação, embora preferisse não tê-la dado.”⁵¹

A resposta de Freud foi profética: “Parece tranquilizador o que diz a respeito de seu crescimento interno; uma transferência com base religiosa afigurar-se-ia desastrosa; poderia terminar apenas em apostasia... Farei o possível para mostrar-lhe o quanto sou inadequado como objeto de adoração.”⁵² Se Jung não seguiria adorando Freud, ele encontraria outra forma de elevá-lo: “Permita-me usufruir nossa amizade não como entre iguais”, escrever-lhe-ia, “mas como a amizade entre pai e filho”.⁵³

Em fins de novembro de 1907, Ernest Jones foi passar uma semana em Burghölzli, Zurique. Estava pronto a estafar-se, pois a resposta cordial que Jung dera à sua carta fazia referência a um esquema exaustivo. Jung encontraria Jones no Hôtel Baur au Lac, entre 23 horas e meia-noite, se Jones chegasse à noite. De qualquer modo, esperavam-no para almoçar em Burghölzli no dia seguinte, às 11 horas.

Não obstante os atos de Jung em Amsterdam, Jones achara-o um homem atraente, e tal impressão foi reforçada durante sua estada em Burghölzli. Jung mostrou-se cortês e até mesmo cavalheiresco. Quando Abraham Brill, em seu entusiasmo juvenil, pôs-se a iniciar Jones nas maravilhas da psicanálise, Jung interveio prontamente: “Não convidamos o Dr. Jones para lhe ensinar, mas sim para consultá-lo.”⁵⁴

Durante a visita de Jones a Burghölzli⁵⁵, a causa psicanalítica avançou mais um passo. Jung concordou em organizar o primeiro congresso dedicado à psicanálise de Freud, que seria realizado em Salzburgo ou Innsbruck na primavera seguinte. Nesse congresso, desembaraçados de oposição, poderiam usufruir as riquezas das teorias freudianas. Durante sua permanência em Zurique, Ernest Jones participou de uma das primeiras reuniões da Sociedade Freudiana de Médicos, grupo que começara a se reunir sob a liderança de Jung, a fim de discutir questões psicológicas. Naquela noite,⁵⁶ Eugen Bleuler recitou alguns versos que preparara sobre o tema de Sigmund Freud e seus críticos obtusos:

*Aterrorizada pelos turcos, nobre cidade
descobre em suas muralhas um dragão
que chocará a pobre humanidade
transformando a libido em jargão.
Isso a reduzirá a fragmento,
diante da turba em tormento.*

Com “versos imperfeitos, mas impagáveis”⁵⁸, conforme Jung os descreveu, o poema de Bleuler terminava assim:

*Portanto, respeitado Dr. Freud,
Não zombe de nossas devoções,
não menospreze o humanoide
com ridículas admoestações.*

Jung riu como todos os outros, embora, Jones tivesse percebido que ele mudava de humor como um camaleão. Em um momento era o grandioso, vibrante e encantador presidente do grupo; no momento seguinte, intervinha vociferando e, quando confrontado pela oposição, apresentava suas razões com vigor justamente considerado bastante grosseiro⁶⁰ por alguns. Naquela época gostava dele”, recorda Jones. “Ele não tinha papas na língua. Era franco e, naquele estágio, neo-freudiano a tal ponto que não se perceberia a diferença.” Abraham Brill, que freqüentemente participava dessas reuniões, concordava com Jones: “Em geral os encontros eram bastante instrutivos e interessantes, contanto que ninguém contestasse as teorias de Freud, pois o coordenador, naquela época, não estava em condições de tolerar tais heresias.”⁶¹

Jones suspeitava de que Jung estava lutando com conflitos internos⁶², algum tipo de tensão que Jones podia apenas imaginar embora os entrevisse de quando em vez. Apesar da tensão íntima de Jung, sua vida em Burg-hölzli era estável e satisfatória. Emma Jung ganhara a afeição de todos no hospital. O jovem filho de Bleuler, Manfred, recordava *Frau* Jung com especial ternura. Gostava de subir ao segundo andar a fim de visitá-la no agradável apartamento de quatro cômodos, então ruidoso com as filhinhas dos Jung, Agathli e Grethe. Quando garoto, Manfred Bleuler considerava Jung uma espécie de fidalgo: “Ele tinha educação intelectual, maneiras excelentes e era um

homem elegante.”⁶³ Manfred se lembra de que Jung “era muito bom para as crianças”. Ernest Jones impressionou-se com a “personalidade jovial”⁶⁴ do colega, seu “cérebro ativo, rápido e incansável.” Jones tornar-se-ia o mais próximo correligionário de Sigmund Freud, além de seu biógrafo oficial, e certa vez declarou que, em seu julgamento, o motivo da atração que levara Freud a Jung com força tão permanente fora sua imaginação sem limites. Essa qualidade raramente deixou de cativar Freud.”⁶⁵

homem elegante.”⁶³ Manfred se lembra de que Jung “era muito bom para as crianças”. Ernest Jones impressionou-se com a “personalidade jovial”⁶⁴ do colega, seu “cérebro ativo, rápido e incansável.” Jones tornar-se-ia o mais próximo correligionário de Sigmund Freud, além de seu biógrafo oficial, e certa vez declarou que, em seu julgamento, o motivo da atração que levara Freud a Jung com força tão permanente fora sua imaginação sem limites. Essa qualidade raramente deixou de cativar Freud.”⁶⁵

Capítulo 8

“O Congresso em Salzburgo, na primavera de 1908, deixar-me-á bastante orgulhoso; mas suponho que minha presença atrapalhará e não serei convidado”,¹ Freud escreveu a Jung, com inexplicável timidez. Jung não aceitaria: “Engana-se redondamente se pensa que o dispensaremos de vir a Innsbruck ou Salzburgo!”² Ademais, Jung pressionou Freud a assumir a presidência. Freud não tinha interesse em ser presidente do Congresso.³ Pensava que, sob a direção de outrem, aquele primeiro encontro científico inteiramente dedicado à teoria freudiana pareceria menos a arrogância da visão de um homem e mais o consenso de uma ciência florescente. Preferia que Bleuler assumisse a presidência.

Salzburgo era a cidade predileta de Freud, uma jóia misteriosa, com suas ruas sinuosas de seixos arredondados, suas delicadas torres barrocas e suas pontes estreitas que cruzavam graciosamente as aceleradas águas do Rio Salzach.

Em abril, o rio carregava a neve derretida dos Alpes austríacos, e o Mirabellgarten, floreado com seus terraços e sebes recortadas, estava esplêndido com tulipas e narcisos. Ernest Jones chegou a Salzburgo em 26 de abril de 1908, um dia antes de o congresso começar. Ao entrar no Hotel Bristol, sentiu-se “realmente nervoso, como um calouro entre tantos veteranos... Naturalmente, era óbvio que eu queria encontrar Freud, e não parava de esquadrihar o saguão, esperançoso... e, de súbito, lá estava ele.”⁴ Quando cumprimentou Jones⁵ pela primeira vez, Freud pregou-lhe uma peça: disse-lhe que o reconheceria como galês pelo formato de sua cabeça. Somente anos depois, Jones soube que Jung havia contado a Freud que ele era galês antes de se conhecerem, e que Freud simplesmente inventara aquela história.

O Congresso de Salzburgo começou às oito horas da manhã do dia 27 de abril de 1908. Alguns dos 42 homens sentados à comprida mesa no Hotel Bristol representariam papéis fundamentais na formação e na direção da causa analítica nos anos subseqüentes. A correspondência entre alguns deles narraria, justamente com a história inicial do movimento psicanalítico, a amizade crescente entre Freud e Jung e, mais tarde, os detalhes de seu fim. Consultariam Freud e uns aos outros quando a ruptura com Jung colocou em perigo o futuro do movimento psicanalítico.

Ernest Jones, então com 29 anos, estava presente ao Congresso naquela manhã de Salzburgo, e Jung o apresentara a Freud na noite anterior. Jones lera Freud pela primeira vez em Londres, recém-formado em medicina. “Ficou-me a impressão profunda”, recorda Jones, “de haver um homem, em Viena, que realmente ouvia com atenção cada palavra dita por seus pacientes... Jamais soubera

de alguém que agisse assim.”⁶ O interesse de Freud por seus pacientes contrastava vivamente com a prática médica na Inglaterra. Jovem residente no Hospital Universitário de Londres, Jones certa vez recebeu o telefonema do diretor de um sanatório, que tentava preencher vaga em sua equipe. “Não espero que o candidato se interesse pela insanidade”, dissera ele a Jones, “mas deve saber jogar críquete com seus pacientes.”⁷

Naquela manhã em Salzburgo, Jones era um homem com um segredo. No começo de 1906⁸, administrara testes de fala em uma escola de crianças “deficientes mentais” em Londres, e duas delas haviam dito ao professor que Jones “tivera um comportamento indecente”. Jones afirmou que a acusação era falsa, mas o caso foi parar na Justiça. Foi considerado inocente, mas agora, dois anos mais tarde, enfrentava novos problemas. Jones⁹ passara a se interessar pela origem sexual dos sintomas nervosos; a par disto, um colega do Hospital West End de Doenças Nervosas desafiara-o a encontrar evidências de trauma sexual em uma de suas pacientes. Jones entabulou longa conversa com a menina, de dez anos, e descobriu que a paralisia em seu braço esquerdo começara quando ela tentava repelir os avanços sexuais de um garoto. A menina contou às amigas que Jones “conversara sobre temas sexuais com ela”. Quando o pai soube disto, reclamou no hospital e ordenaram a Jones que se demitisse. Com a reputação profissional bastante prejudicada em Londres, finalmente Jones decidiu partir para o Canadá, assumindo uma colocação na Universidade de Toronto. Os frios ventos canadenses ainda assim lhe seriam prazerosos, porque adorava patinar no gelo.¹⁰ “Era mais rápido, vivaz e extraordinário” escreveu ele, “do que alguém poderia esperar de algo na

vida.”¹¹ Jones traria a Freud vários momentos apreensivos, nos anos subseqüentes. Era dinâmico e franco em questões sexuais. Após anos de amizade, Freud aconselharia Jones a “tomar cuidado com essas mulheres más”¹², pois já aprendera a esperar o pior.

Entre os integrantes da mesa, em Salzburgo, também estava Karl Abraham, psiquiatra alemão de 31 anos, que já há três trabalhava em Burghölzli sob a direção de Bleuler e Jung e recentemente passara a exercer a prática psicanalítica em Berlim. Abraham começara a corresponder-se com Freud ainda em Burghölzli, e Freud inquirira Jung a seu respeito. “Admito estar ‘com ciúme’ dele”, replicou Jung, “porque se corresponde com você.”¹³ Ademais, Jung desconfiava de que Abraham estava se apropriando dos temas de pesquisa de outras pessoas: “Certa vez, sugeri que colaborasse em meus trabalhos, mas ele declinou da oferta. Agora quer saber de tudo que eu e Bleuler estamos investigando, etc. E depois aparece com alguma publicação.”

Embora sutilmente, Freud atiçou o ciúme de Jung. “Eu estava predisposto a apoiar Abraham”, escreveu a Jung, “porque ele ataca o problema sexual diretamente”;¹⁴ ele deixara implícito ser isto o que desejava de Jung. Quando finalmente Freud conheceu Abraham, alguns meses antes do Congresso de Salzburgo, achou-o inibido, e exatamente como Jung o descrevera, mas Freud sabia o porquê. “Acho que ele está tentando não deixar de lado preocupações que compreendo muito bem: o fato de ser judeu e a preocupação com o futuro.”¹⁵ Abraham viria a tornar-se um dos assistentes mais íntimos de Freud, mas não havia grande amizade entre Abraham e Jung. Ainda recentemente, Jung escrevera a Abraham uma carta perturba-

dora sobre uma discussão em Berlim, na qual a teoria sexual de Freud fora atacada. “Naturalmente, Freud ficou tocado com essa discussão, pois seu nome foi mencionado e até mesmo lhe coube uma migalha da mesa do Senhor”,¹⁶ Jung contou a Abraham, aparentemente desdenhoso. “Um homem com as modestas realizações de Freud bem poderia obter melhor bocado.” As palavras de Jung perturbavam o clima de sua amizade com Freud, mas Abraham não se surpreendeu. Observara atentamente o colega suíço durante a permanência em Burghölzli, e já tirara suas conclusões.

Sándor Ferenczy conhecera Freud dois meses antes do Congresso de Salzburgo. O neurologista húngaro de trinta e cinco anos chegara a Freud por intermédio de Jung, e a este por intermédio de um colega que estudara em Burghölzli. Ao longo dos vinte e cinco anos subsequentes, ele e Freud trocariam cerca de mil cartas, e Ferenczy passaria a depender bastante de Freud. Quando o psicanalista francês René Laforgue, estando em férias nos Alpes, próximo à família Freud, disse a Ferenczy que tentara sem sucesso visitar o mestre, a solução de Ferenczy foi simples: “Por que não faz como eu? Todas as manhãs, às oito horas, bato à porta dele e lhe pergunto se me poderá receber ao longo do dia.”¹⁷

Ferenczy sentiu-se amedrontado com as figuras intimidantes de Carl Jung e Karl Abraham, que estavam com ele em Salzburgo. O temor a Abraham algum dia o levaria a interpretar erroneamente uma carta de Freud alertando-o da visita iminente de um colega. “Aparentemente, temia que o convidado fosse Abraham”,¹⁸ Ferenczy confessou, constrangido, a Freud. “Ele é mais importante (‘talvez o mais importante depois de Jung’); con-

seguir estar à sua altura é aparentemente meu desejo secreto, e não conseguir, o motivo de medo e antipatia!” Enquanto a criada avivava o fogo da sala, Ferenczy releu a carta de Freud e sentiu-se aliviado ao descobrir que Ludwig Binswanger visitaria Budapeste e não Karl Abraham.

Ferenczy deixaria Salzburgo inteiramente ao lado de Freud, o que lhe exigiu coragem.” Meus colegas aqui têm tido comportamento repugnante.” Ferenczy percebeu grande beleza na psicanálise. Com o entusiasmo juvenil que lhe era próprio, escreveu certo dia a Freud: Sinto-me como um maquinista que conheço (aposentado após 50 anos de serviço), que se posta diante da locomotiva parada nos trilhos e exclama com inocente admiração: ‘Realmente, esta é uma bela invenção!’ Durante anos preocupei-me com a psicanálise; de manhã à noite, madrugada a dentro, trabalho com este método; é meu ofício e meu pão diário. Contudo, não se passa um dia sem que eu não precise parar — com freqüência no meio do trabalho — a fim de admirar o progresso fenomenal que conseguimos na compreensão da humanidade, seja a doente ou a saudável. ‘Realmente, esta é uma bela invenção!’”²⁰

Eugen Bleuler, sempre modesto, sentou-se à mesa do Hotel Bristol junto com os demais, embora não à cabeceira, como desejara Freud; seu espírito radicalmente democrático resistia a qualquer esforço no sentido de elevá-lo acima de seus pares. A tolerância de Bleuler e até mesmo seu encorajamento de pontos de vista diversos dos seus sobre a psicologia eram inalteravelmente suíços. Freud chamaria a isto a “ambivalência” de Bleuler (palavra cunhada pelo próprio Bleuler); certas vezes também enxergaria tal característica em Jung, e lastimaria que suas teorias estivessem fincando raízes em tal solo suíço. Freud sabia

que Bleuler desejava relação mais próxima com ele, mas não tinha confiança no colega, não sabia de que lado ele realmente estava. Outros homens, em outros períodos, contribuiriam tanto ou mais do que esses para a psicanálise. Mas Bleuler, Abraham, Ferenczy e Jones estariam por dentro das circunstâncias que assinalaram o fim da colaboração entre Freud e Jung. Declarariam fidelidade a um ou a outro, e suas escolhas determinariam o curso futuro da psicanálise.

Abraham Brill também estava no Hotel Bristol naquele dia, e foi a primeira vez que encontrou Sigmund Freud. Brill, já impressionado com Jung, rapidamente passaria a crer que os dois — Freud e Jung juntos — representavam uma ciência nova e poderosa, e que lhe competia introduzi-la na América. Brill acabara de concluir a tradução para o inglês do livro de Jung sobre a esquizofrenia, *Psicologia da Demência Precoce*, e afirmou a respeito dele que, juntamente com a obra de Freud, “forma a base da moderna psiquiatria interpretativa”.²¹

Quando Freud começou a falar, às oito horas daquela manhã em Salzburgo, a audiência lhe deu a mais reverente atenção. “Nunca antes me esquecera assim”, observou Ernest Jones, “da passagem do tempo.”²² Freud falava em voz baixa, em tom de conversa, atraindo os ouvintes para a estranha fábula da obsessão de um homem, paciente seu, cuja ambivalência — oscilação entre amor e ódio — causara desesperadora devastação psicológica. Entre os pontos salientados por Freud, recorda Jones, “estavam a alternância de amor e ódio para com a mesma pessoa, a separação inicial das duas atitudes em geral resultando na repressão do ódio. Em seguida, costuma aparecer reação ao ódio, na forma de desmedida ternura, horror a derramamento de san-

gue e assim por diante.”²³ Freud se propusera falar durante cerca de uma hora, mas eram quase onze horas quando se interrompeu, achando que os companheiros já tinham ouvido o bastante. Eles, no entanto, insistiram para que continuasse, e Freud finalmente parou, quase à uma hora, cinco após o início de sua fala.

O tema da palestra de Karl Abraham era a esquizofrenia, e nela advogava opinião concordante com a de Freud: a esquizofrenia tinha causa psíquica, resultando de bloqueio maciço dos processos de sentimento. Jung e, particularmente, Bleuler haviam passado anos estudando o problema da esquizofrenia, condição na época comumente denominada demência precoce, e aborreceram-se porque Abraham não fez qualquer menção, em sua palestra, ao trabalho de ambos. Quando chegou a vez de Jung falar, Freud já sabia que sairia desapontado com a exposição do amigo. Jung advertira-o, por carta, de que situaria a causa da esquizofrenia em toxinas no cérebro, tema estranho à psicanálise. O Congresso de Salzburgo teve dois rivais, Jung e Abraham ambos falando do mesmo problema, mas apenas um endossava a visão de Freud.

A reunião foi interrompida diversas vezes durante os trabalhos. Ernest Jones estava curioso por conhecer o grupo de Viena, que Jung descrevera como “um ‘bando de degenerados e boêmios’ que pouco crédito dava a Freud”.²⁴ O próprio Freud com freqüência criticava esses homens, dizendo a Jung antes do Congresso de Salzburgo: “Meu grupo do leste provavelmente terá mérito pessoal inferior ao seu do oeste.”²⁵ Numa carta posterior, Freud referiu-se ao mérito do grupo vienense: “Aqui tenho amiúde de contentar-me com muito pouco... devo pedir-lhe que faça o possível para conter meus vienenses

loquazes; caso contrário, nos afogaremos numa torrente de palavras.”²⁶ Jones nutria sentimentos confusos quando os encontrou pela primeira vez: “Eram todos médicos praticantes, em sua maioria bastante sérios, e, se suas capas eram mais elegantes e seus chapéus maiores do que os que se costumava ver em Zurique, Londres ou Berlim... esta era uma característica geral dos vienenses.”²⁷ Mas, acrescentou Jones, “eles eram decididamente classe média, e faltavam-lhes maneiras sociais e distinção, às quais se estava acostumado em Londres.” Conversando com eles, Ernest Jones percebia sutis correntes de hostilidade. Aqueles homens que havia defendido a psicanálise, alguns desde 1902, desconfiavam do grupo de Zurique, que chegara mais tarde à cena, conquanto agora ganhasse proeminência graças a Sigmund Freud.

O ressentimento só fez intensificar-se quando alguns membros do Congresso tomaram a decisão de publicar um periódico, o *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, (Anuário de pesquisas psicanalíticas e psicopatológicas), editado por Jung. Jones ouviu previsões, quando os analistas vienenses relaxaram durante o café, “de que Jung não permanecia por muito tempo no campo da psicanálise”.²⁸ A desconfiança que nutriam em relação ao germânico e cristão Jung, desconfiança condicionada por anos de anti-semitismo em Viena, pareceu infundada, neste caso, a Jones. Certa manhã, em Salzburgo, quando percorria a curta distância da Ópera ao Hotel Bristol, Jones foi parado por Karl Abraham, que lhe perguntou “até que ponto considerava que o toque de misticismo no pensamento de Jung invalidava qualquer crença genuína que ele professava ter na... psicanálise.”²⁹ Jones surpreendeu-se a garantiu a Abraham que nada do que

fora dito por Jung no Congresso justificava tal indagação.

Seguiram conversando, e Abraham baixou a voz ao chegarem ao Bristol: “Acha que Jung poderá escapar ao anti-semitismo de certo tipo de alemães? Chocado, Jones por sua vez perguntou a Abraham se este conhecia as palavras de Edmund Burke: “Não conheço o meio de se culpar toda uma nação.” Nesse momento, avistaram Jung aproximando-se e guardaram silêncio.

Em carta enviada a sua esposa, Freud considerou o Congresso “um grande sucesso”.³⁰ Mas, quando retornou a Viena, as tensões entre Abraham e Jung prosseguiram. As reclamações de Jung se relacionavam à palestra de Abraham em Salzburgo, que seria publicada no novo *Jahrbuch*. Jung não apenas estava zangado porque Abraham deixara de mencionar sua contribuição e de Bleuler às pesquisas sobre esquizofrenia, mas por ter certeza de que Abraham usurpara a teoria de Freud sobre a causa da enfermidade. Quanto a isso, porém, Freud foi claro: “A apropriação de Abraham é perfeitamente aceitável no que me diz respeito, e só lamento que não tenha sido *você* a fazê-lo.”³¹

Freud considerava o movimento psicanalítico pequeno demais para suportar um rompimento entre duas de suas maiores figuras, e pediu a Abraham e Jung que reconciliassem suas diferenças. Abraham confessou seu papel na questão: “O trabalho que apresentei em Salzburgo continha uma frase que teria gratificado a Bleuler e a Jung, mas segui um impulso súbito, omitindo-a ao torná-lo público... O fato de não ter mencionado Bleuler e Jung evidentemente significava que ‘Como vocês (dois suíços) estão se afastando da teoria sexual, não vou citá-los em meu trabalho sobre a mesma.’”³²

Freud recomendou a Abraham que fosse “tolerante e não se esqueça de que é mais fácil para você seguir minhas idéias do que para Jung, já que, para começar, você é completamente independente, e a relação racial o aproxima de minha constituição intelectual, enquanto que ele sendo cristão e filho de um pastor, só consegue encontrar o caminho até mim lutando contra profundas resistências internas. Portanto, a adesão de Jung é ainda mais valiosa. Quase posso afirmar que foi a entrada de Jung em cena que afastou o perigo de a psicanálise se tornar questão nacional judaica.”³³

A questão girava em torno do fato de Bleuler e Jung não atribuírem causas sexuais à esquizofrenia; atribuíam-na à presença de toxinas no cérebro. Freud não pressionou Jung para que abandonasse sua opinião, temendo falhar em sua tentativa e perder o jovem suíço. Aguardaria alguns meses e conversaria pessoalmente com ele. “Farei o que puder”, Freud disse a Abraham, “para acertar as coisas quando for a Zurique em setembro. Não me entenda mal: não o censuro por nada. Suponho que o anti-semitismo reprimido dos suíços, do qual fui poupado, tenha-se dirigido contra você com força redobrada. Mas acredito que nós, judeus, se quisermos cooperar com as outras pessoas, precisamos desenvolver certa-medida de masoquismo e estar preparados para suportar um pouco de injustiça. Não existe outra maneira de trabalhar juntos... por que não posso unir vocês dois, seu dedicado zelo ao entusiasmo de Jung?”³⁴

Freud contava que uma visita a Jung acertasse as coisas. Tinha boas razões para acreditar em uma solução final. Pouco depois de se conhecerem em Viena, Jung escrevera a Freud: “Tenho a sensação de ter obtido consi-

derável progresso interior desde que o conheci pessoalmente; parece-me que só é possível realmente compreender sua ciência conhecendo em carne e osso o criador.’³⁵ O poder arrebatador da amizade entre os dois parecia repousar sobre um sentido de segurança que ambos obtinham na presença do outro. “Estou certo”, Freud disse a Jung após o Congresso de Salzburgo, “de que após afastar-se alguns passos de mim, você encontrará o caminho de volta, e então iremos longe. Não tenho qualquer razão que possa explicar tal convicção; provavelmente ela se origina do sentimento que tenho ao olhá-lo.”³⁶ Ele voltou a enfatizar tal ponto um mês mais tarde: “Só pelo fato de vê-lo em Salzburgo, apesar das poucas oportunidades que tive de conversar com você, percebi que nossas opiniões logo se harmonizariam.”³⁷

“Tenho uma infinidade de perguntas”,³⁸ Jung escreveu em agosto de 1908, ansioso pela visita de Freud. Convidou Freud a ficar com ele em Burghölzli, ou em algum hotel, se preferisse. “Por favor, escolha”, insistiu Jung. Os dois estavam cansados e sobrecarregados de trabalho, necessitados de férias. Antes da chegada de Freud, Jung retirou-se por alguns dias para a “solidão inacessível de uma pequena choupana alpina no Monte Säntis”³⁹, a sessenta quilômetros de Zurique.

Jung providenciou para que houvesse bastante tempo de conversa ao se reencontrarem em Burghölzli no dia 18 de setembro. “Vou bloquear todas as intromissões que possam prejudicar nossos encontros, a fim de que não sejamos incomodados.”⁴⁰ Freud utilizaria essas horas de maneira sensata. “Meu propósito egoísta”, disse a Jung, “que

confesso com franqueza, consiste em persuadi-lo a continuar e concluir meu trabalho, aplicando às psicoses o que iniciei com as neuroses. Com seu caráter forte e independente, com seu sangue alemão, que lhe possibilita inspirar mais facilmente do que eu a simpatia do público, você parece a pessoa mais adequada que conheço para realizar tal missão.⁴¹ Ademais”, acrescentou ele, referindo-se às reservas de Jung quanto à intimidade, “sou seu amigo, mas aprendi a colocar isso em seu devido lugar.”

Pela primeira vez, Freud partilhava do mundo de Jung em Burghölzli: o trabalho dos médicos diante dos incontáveis excessos da psicose, sua recusa em capitular diante daquela enfermidade aparentemente irremediável. O próprio Freud tratara casos assim em Viena, embora raramente. Certo dia em que ele e Jung se encontravam na enfermaria, o suíço parou a fim de entabular conversa amigável com uma paciente idosa. Como, perguntou-lhe Freud⁴² depois, era ele capaz de “passar horas e dias com aquela mulher tremendamente feia?”; Jung surpreendeu-se: gostava da velha senhora e de suas adoráveis fantasias.

Freud não se esqueceu da tarefa que o levava a Zurique: conseguiu convencer Jung a abandonar sua teoria das toxinas cerebrais como causa da esquizofrenia. Suas diferenças teóricas foram solucionadas em meio a preocupações mais tangíveis, enquanto visitavam as enfermarias e discutiam os pacientes sob os cuidados de Jung, e também quando deixavam um pouco seus afazeres no hospital e iam escalar montanhas.

Freud e Jung deixavam Burghölzli a fim de caminhar no Rigi, uma cadeia de montanhas que se estende pela região central da Suíça, até o sul de Zurique. Os dois, caminhantes inveterados, percorriam rapidamente as distâncias.

Chegavam ao topo das montanhas e contemplavam os vales verdejantes e pouco profundos, os picos altos e recobertos de neve, luminosos ao sol de setembro. Freud e Jung amavam as montanhas, o trabalho extenuante da psicanálise, os temperados queijos artesanais, a agudeza de espírito. Freud gostava de contar histórias, e Jung “ria a bandeiras despregadas”.⁴³ Conversavam o dia inteiro.⁴⁴ “Agora que podemos conviver, trabalhar, editar e usufruir um certo companheirismo, a vida não tem sido de todo má”, Freud escreveu a Jung de Viena, “e não quero que ela mude tão cedo.”⁴⁵

Freud e Jung compartilhavam uma visão incomparável, às vezes quase uma obsessão. Percorriam um paisagem diferente de todas as demais e lutavam com ardente propósito, a fim de compreendê-la. A psicanálise não era a única coisa em que pensavam, e tampouco era a única coisa que importava. Mas era a mais importante. O elo entre ambos era mais profundo do que a amizade, repousando do cerne de uma paixão que consumia os dois: o sonho quase impossível de desvendar os segredos da psique. Nenhum dos dois jamais abandonou esse sonho, mas não seria para sempre mantida a plenitude de sua concordância durante aqueles passeios pelas montanhas, no radioso mês de setembro.

Seis meses depois, no dia 25 de março de 1909, Carl Jung foi do Hotel Regina, em Viena, até a residência na Berggasse 19, onde recebeu calorosa acolhida da família Freud. “Você construiu excelente reputação como hóspede”,⁴⁶ disse-lhe Freud. Emma Jung acompanhara o marido a Viena, e naquela noite ambos jantaram cercados pela

hospitalidade e conforto familiar dos Freud. Entretanto, nem tudo continuava igual.⁴⁷ Quando os homens foram conversar no gabinete de Freud, Jung não reconheceu a sala. O ambiente continuava o mesmo, mas a sala já era outra. Freud ocupara o apartamento de sua irmã Rosa e mudara o gabinete para o andar superior. Rosa era a irmã predileta de Freud, viúva na casa dos sessenta, mas, segundo o sobrinho Martin, “ainda conseguia despertar amor nos rapazes, algo de que se orgulhava e de que não fazia segredo”.⁴⁸

Ambos tinham muito o que discutir na segunda visita de Jung a Viena. A viagem era uma comemoração. Jung estava concluindo seu estágio em Burghölzli naquele mês e construindo uma casa em Küsnacht, um vilarejo nas margens do lago Zürich. Seria uma bela casa, quase grandiosa, onde Jung viveria até a morte. Freud interessou-se pelo progresso da construção, ansioso por visitar os amigos quando se mudassem para Küsnacht.⁴⁹

Vários meses antes, Jung decidira deixar o sanatório, e Freud aprovara; assim seu colega suíço teria mais tempo para se dedicar às crescentes exigências do movimento psicanalítico. Jung também seria menos influenciado por Eugen Bleuler, que não esposara por completo a teoria da sexualidade de Freud. Aparentemente não ocorrera a Freud que Jung, livre de Burghölzli poderia inclinar-se mais do que nunca a descobrir seu próprio caminho: “A nota de liberdade em suas cartas desde que ficou decidido que você será seu próprio mestre é uma resposta a meus desejos mais sinceros. Verá que bênção é não ter um mestre a comandá-lo”, escrevera-lhe Freud.

Pouco antes de ir a Viena, Jung confessara a Freud que Sabina Spielrein, a jovem russa sua paciente com quem

trabalhara no teste de associação de palavras, estava apaixonada por ele. Jung percebeu-se mais afeiçoado a Sabina do que deveria: “Até o momento, tenho uma idéia totalmente inadequada de meus componentes polígamos, apesar de toda a auto-análise”,⁵¹ relatou a Freud. Segundo Jung, Sabina “protestou violentamente apenas porque lhe neguei o prazer de lhe dar um filho. Sempre me comportei como cavalheiro com ela, contudo, ante o tribunal de minha consciência demasiado sensível, não me sinto inocente.”

Freud confortara Jung dizendo-lhe que “ser caluniado e atacado pelo amor com que trabalhamos é um dos perigos de nossa profissão”.⁵² Mas ele observou, apreensivo, que a confissão de Jung estava permeada de referências bíblicas ao demônio e ao inferno: “Pelo que vejo, você escorega para o estilo teológico ao relatar essa experiência.” O tom religioso de Jung perturbava Freud. Percebeu-se no papel de padre confessor e concluiu que a necessidade de ter um pai era igual à de destruí-lo. Jung tentou tranquilizá-lo. “Não precisa impressionar-se com meu estilo ‘teológico’”, afirmou ele, “simplesmente senti-me assim.”⁵³

Os dois conversaram em Viena sobre Sabina e o futuro de Jung, mas a conversa também englobaria as notícias de família. Falaram sobre o casamento recente da filha mais velha de Freud, Mathilde, com Roberto Hollitscher, e do nascimento do filho de Jung, Franz. Quase três anos se haviam passado desde o início de sua correspondência, e agora os laços entre ambos eram muitos e íntimos. Freud aceitara um convite para ir à América pronunciar uma série de palestras; estava ansioso por discutir com Jung o que poderia resultar dessa primeira grande viagem ao movimento psicanalítico.

Na última noite no gabinete de Freud, ocorreu um incidente que perturbou os dois. Há anos Jung interessava-se pelo fenômeno espiritualista, tanto que sua dissertação de doutorado baseara-se em observações feitas a propósito de uma parenta sua, Helene Preiswerk, que atuava como médium em sessões. Jung, curioso, perguntou a Freud o que pensava dos fenômenos ocultos. Este rejeitou sumariamente a possibilidade de sua existência. Jung jamais esqueceria o que se seguiu a isso: “Tive uma sensação curiosa. Era como se meu diafragma fosse de ferro e estivesse se tornando incandescente — uma cúpula brilhante. E naquele momento ouvimos um ruído tão alto na estante ao nosso lado, que nos pusemos de pé, alarmados, temendo que a estante caísse sobre nós”.⁵⁴ Disse a Freud:

— Eis aí um exemplo daquilo que se costuma qualificar de fenômeno de exteriorização catalítica.

— Ora, vamos!, respondeu-me Freud, isso não passa de tolice.

— De jeito nenhum!, repliquei. — Está muito enganado, *Herr* Professor. E, para provar meu ponto de vista, prevejo que daqui a um instante haverá outro ruído alto! E, de fato, mal pronunciara essas palavras quando, do interior da estante, ouvimos o mesmo ruído. Até hoje não sei o que me deu tanta certeza... Freud fitou-me espantado.”

Jung sabia que perturbava profundamente Freud. Ao voltar a Zurique, escreveu: “Quando deixei Viena, estava aflito com certos *sentiments d'incomplétude*, devidos à última noite que passei com você. Pareceu-me que aquela situação fantástica afigurou-se inteiramente estúpida e talvez desagradável para você.”⁵⁵ A princípio, confessou Freud, ele se sentira tentado a aceitar o episódio como

prova da existência de fenômenos ocultos. Contudo, após a partida de Jung, refletiu sobre ele e “minha credulidade, ou ao menos minha predisposição a crer, desapareceu junto com a magia de sua presença.”⁵⁶

O encontro daquela noite produziu o germe de uma idéia que algum dia Jung desenvolveria mais extensamente. “Tenho o sentimento”, disse a Freud, “de que, sob tudo isto, deve haver algum complexo bastante especial, um complexo universal que guarde relação com as tendências prováveis no homem. Se existe uma “psicanálise”, também tem de existir uma “psicossíntese” capaz de criar eventos futuros, segundo as mesmas leis.”⁵⁷ Jung dera um passo fora da órbita de Freud, e avistara algo de suas próprias possibilidades criativas. Sentimento suficientemente contagiante, a ponto de levá-lo a declarar: “Aquela última noite em sua casa, por sorte, libertou-me internamente da sensação opressiva de sua autoridade paternal.”⁵⁸ No exato momento em que Jung sentia-se suficientemente forte para abandonar sua necessidade de Freud como pai, este valeu-se da posição que desdenhara: “Estranho que, na mesma noite em que formalmente o adotei como primogênito e o consagrei... meu sucessor e príncipe herdeiro, tenha sido despojado de minha dignidade paternal; e tal despojamento parece ter-lhe dado tanto prazer quanto o que eu, ao contrário, usufruí da investidura de sua pessoa.”⁵⁹

Nos meses subseqüentes, primavera de 1909, Freud foi atraído para a paixão de Sabina Spielrein por Carl Jung. Ela recorrera a ele, desesperada. “Minha última esperança de salvação residia em falar com uma pessoa que o ama e respeita profundamente”, escreveu Sabina, em resposta a uma das cartas que Freud lhe enviara: “que seja possui-

dora de amplos conhecimentos da natureza humana... Quando recebi sua última carta... lágrimas assomaram-me aos olhos, pois entendi logo: 'Ele o ama! Talvez consiga compreender tudo isto!''⁶⁰

Sabina desejava livrar-se de Jung, homem que não podia ter, e então sentir-se livre para encontrar um jovem que algum dia viesse a amar. Jung conseguira curar Sabina de uma psicose, com seu coração e sua cabeça. Dera-lhe sua amizade, e por fim também seu amor. A mãe de Sabina, alertada sobre a situação por um bilhete anônimo, interveio. Escreveu uma carta a Jung, dizendo-lhe que curara Sabina e não deveria arriscar um retrocesso, ultrapassando os limites da amizade. Jung respondeu a *Frau Spielrein* em uma carta que mais tarde lamentaria. "Passei de médico a seu amigo", escreveu, "quando deixei de refrear meus sentimentos. Pude sair de meu papel profissional com mais facilidade porque não me senti com as limitações de um clínico, já que jamais cobrei consulta... Naturalmente a senhora há de compreender que um homem e uma mulher não conseguem manter indefinidamente uma amizade sem a probabilidade de ocorrer algo mais na relação. Pois o que pode impedir a ambos de enfrentarem as conseqüências naturais de seu amor?... se a senhora deseja que eu me restrinja ao papel de médico, sugiro-lhe que me pague então honorários suficientes como recompensa pelo trabalho a que me dei." ⁶¹

Jung ficou perturbado com a carta que escrevera. Disse a Freud que "foi uma estupidez, logo eu, 'seu filho e herdeiro', desperdiçar essa herança tão negligentemente".⁶² Em longa explicação, no melhor de seu estilo "teológico", Jung escreveu: "Deploro os pecados que cometi, pois em grande medida, sou eu o culpado das esperanças exage-

radas de minha antiga paciente... Atribuí-lhe inteiramente todos os desejos e esperanças sem querer descobri-los em mim... Considerando o fato de que a paciente pouco antes fora minha amiga e usufruíra de minha total confiança, essa atitude constituiu uma falha de caráter que relutantemente lhe confesso, como a um pai.”⁶³

Esse complexo e doloroso caso de paixão e traição foi finalmente solucionado pela própria Sabina. Segundo Jung relatou a Freud, “Ela mesma libertou-se da transferência, da melhor maneira, e não teve recaída (afora o acesso de choro após a separação).”⁶⁴ Jung sem dúvida cometera erros em determinados aspectos do tratamento de Sabina, mas muito realizara: ela estava curada.

Naquela primavera de 1909, três dramas haviam desabrochado, portanto, nas vidas de Freud e Jung. No primeiro dos três, o mais jovem percebera, no estranho acontecimento no gabinete de Freud, possibilidades que o encorajaram a afirmar sua independência, e no mesmo instante Freud coroara Jung como seu príncipe herdeiro. No segundo, Jung implorara o perdão paternal de Freud pelas impropriedades reais e imaginárias no tocante a Sabina Spielrein, mas Freud não quisera ouvir as confissões de um filho penitente. Sob a superfície dessas tensões, ainda um terceiro drama não mencionado acontecia todo o tempo, envolvendo dois protagonistas inteiramente cegos às fatais modificações nos papéis que haviam assumido. Imagine-se por um instante dois homens em salas às escurezas, com uma porta fechada entre deles. O mais velho, sabendo-se rei, bate à porta e indaga: “Você é meu filho?” O mais jovem responde que sim, e o rei sente-se aliviado por ter encontrado seu príncipe; o filho sente-se gratificado por ter encontrado seu pai. Contudo, quando as luzes

se acendem nas salas, o rei revela-se, resplandecente em suas vestes reais e suas esperanças. Entretanto, do outro lado da porta fechada, o mais jovem, com o hábito de monge, implora o perdão de seu pai. Sem o saber, Freud e Jung haviam escolhido metáforas conflitantes para as relações entre o pai e seu filho.

Não tomando conhecimento, em grande medida, desse terceiro drama decisivo, Freud e Jung escreviam-se cartas abordando temas que os excitavam. Jung fora também convidado a ir à América pela Universidade Clark, a fim de pronunciar palestras sobre psicanálise em Worcester, Massachusetts. “Não é maravilhoso?”, Jung perguntou a Freud.” Já reservei uma cabine no *George Washington* — infelizmente só restava uma das mais caras. Embarcarei com você, em Bremen. Agora que aceitei, não sei o que me espera... o que devo dizer?”⁶⁵

Freud estava radiante. “O convite para que vá à América foi a melhor coisa que nos aconteceu desde Salzburgo.”⁶⁶ Mas, assim como Jung, ele estava preocupado. “Já percebo, agora, que sua alegria começa a ser toldada pelas mesmas preocupações que nutro, culminando na seguinte pergunta: O que devo dizer àquela gente? A esse respeito, ocorreu-me idéia salvadora, que não esconderei de você. Ei-la: vamos pensar sobre isso no navio, em longas caminhadas pelo tombadilho.” A seu amigo Oskar Pfister, Freud escreveu: “Você também deve ter ficado impressionado com a notícia de que Jung irá comigo a Worcester, o que modifica todo meu sentimento em relação a essa viagem, tornando-a importante. Estou bastante curioso para ver o que redundará de tudo isto.”⁶⁷ Freud escreveu a Ferenczy em Budapeste, convidando-o a juntar-se a eles.

G. Stanley Hall, presidente da Universidade Clark, escreveu a Freud: “Espero recebê-lo como hóspede durante o tempo em que permanecer nesta cidade. Convém tomar uma carruagem da Estação de Worcester até minha casa, Rua Woodland 94, onde encontrará aposentos prontos e à sua espera.”⁶⁸

Capítulo 9

Freud passou uma noite insone e tensa no trem que partiu de Munique, após uns dias de repouso com a família nos alpes bávaros. Ao chegar a Bremen, às 5h30m do dia 20 de agosto de 1909, Jung e Ferenczi já se encontravam na cidade alemã, concluindo os últimos preparativos para a viagem à América. Estavam todos de bom humor durante o almoço oferecido por Freud no *Essighaus*, um restaurante na parte histórica da cidade portuária. Ele e Ferenczi pressionaram Jung a tomar vinho acompanhando a carne. Jung hesitou, atento a seu antigo voto de abstinência, embora consciente da independência recém-adquirida de Bleuler e Burghölzli. Após acalorada discussão, aceitou um copo de vinho, pela primeira vez em nove anos.¹

Freud percebeu alguma coisa maior no gesto: ganhara o jovem suíço para seu lado. Seu júbilo foi por terra quando Jung começou a falar sobre a lenda dos cadáveres en-

contrados na região turfeira da Alemanha setentrional. A história desses corpos mumificados de homens pré-históricos fascinara Jung. Ácido na turfa havia curtido e endurecido a pele dos cadáveres, preservando-lhes os cabelos, não obstante os ossos tivessem desintegrado. Não se sabia se os homens se tinham afogado nos pântanos ou se haviam sido enterrados, e seus corpos se achatando sob o peso da turfa. Freud irritou-se: “Por que se interessa tanto por esses cadáveres?”², perguntou repetidamente a Jung, que seguia especulando sobre a origens dos corpos, até que de súbito Freud desmaiou.

O episódio intrigou Jung.³ Durante os anos de amizade⁴ entre ambos, com freqüência considerara invejável a autoconfiança de Freud, embora ainda inalcançável para ele. Contudo, naquele momento emergiu um Freud muito mais humano e complicado. Quando se recuperou, Freud pareceu “convencido”, ponderou Jung, “de que toda esta conversa a respeito de cadáveres significa que nutro desejos de morte em relação a ele”.⁵ Jung não pensava assim, embora se pudesse imaginá-lo desejando inconscientemente a morte de um homem em cuja sombra parecia destinado a ficar.

Jung ofereceu o jantar daquela noite, e no dia seguinte os três iniciaram o trajeto por mar até a América. Habitualmente viajante entusiasmado, Freud demonstrou, em certos momentos, relutância que não lhe era própria em relação a viagens. Ferenczi encheu-o de livros sobre a América, mas Freud não os leu. Planejara trabalhar em suas palestras durante a travessia, mas não o fez. Freud dissera às pessoas⁶ que ia aos Estados Unidos em busca de um porco-espinho e para pronunciar algumas palestras: não desejando submeter-se à ansiedade quanto ao que o espe-

rava em Worcester, entregou-se a um joguinho mental em que a busca desse porco-espinho absorvia a tensão da viagem.

Freud, Jung e Ferenczi, embalados pelos longos dias no mar, longe dos rigores de suas vidas profissionais, abandonaram-se ao raro companheirismo de homens afins. Entregues à lenta ociosidade da viagem marítima e dos amplos tombadilhos, caminhavam durante horas pelo navio, analisando os sonhos uns dos outros. Ferenczi sentia-se imaturo na presença de Freud e Jung. “Aprendi, a partir de seu sonho, que comigo é apenas ‘quinze para meia-dia’”,⁷ Ferenczi disse a Freud; considerava isso como símbolo de “não-compreensão-integral” que sentia pairar entre ele e o mestre. Freud gostava de Ferenczi, mas julgava-o bastante imaturo, tendo-o até instruído quanto à superação desse traço de sua personalidade. Ferenczi, em meditação prolongada no tombadilho, que posteriormente descreveu a Freud, a princípio rebelou-se. “Prefiro ser do jeito que sou”, seguia em sua meditação. “Ao menos sou feliz assim, uma criança feliz. Mas você” disse a Freud, “é obviamente tão velho (mentalmente), tudo explicando, dissolvendo todas as paixões pessoais em pensamento, que não consegue ser feliz.”

Ferenczi era esperto, e não temia dizer a Freud o que pensava. Em uma de suas análises, Freud expressou “insatisfação com o ambiente de Viena”.⁸ Estabelecendo conexão com a análise dos sonhos de Freud, Ferenczi teve certeza de que aquilo que desagradava e preocupava o ilustre colega era sua família em Viena. “Ademais”, afirmou Ferenczi, repetindo a expressão de Freud, “a ‘insatisfação da alma’ obviamente sempre tem — segundo penso — também um significado sexual”.

Freud tolerava esse livre e amigável intercâmbio de sonhos com Ferenczi, mas com Jung era diferente. Talvez percebesse as implicações decorrentes de permitir a Jung ter acesso à sua psique. “Quando analisei Freud um pouco mais, em 1909”, recordou Jung, “devido a um sintoma neurótico, descobri traços que me levaram a identificar acentuados danos ao âmago de seus sentimentos.”⁹ Jung estava convencido¹⁰ de que um dos sonhos de Freud, relacionava-se a sua esposa, Martha, e sua cunhada, Minna. A partir de algo que esta dissera na primeira visita de Jung a Viena, ele compreendera que Freud estava envolvido numa relação não resolvida com ela. Era improvável que Freud houvesse entrado numa ligação física com sua cunhada. Entretanto, Minna era parte importante na vida dele, e não constituiu surpresa sua presença em um dos sonhos de Freud. “Interpretei-o da melhor maneira que pude”, recordou Jung, “mas esclareci que muita coisa mais poderia ser dita se ele me fornecesse detalhes adicionais a respeito de sua vida particular.”¹¹ O tema era “quente”, Jung comentou com um amigo, anos mais tarde.¹²

Freud recusou-se a fornecer mais informações a Jung. “Não devo pôr em risco minha autoridade!”, disse. Jung sentiu que “naquele momento ele a perdeu por completo. Aquela frase não saiu mais de minha cabeça.”¹³ Mais de setenta anos depois, comenta Franz Jung: “Papai desapontara-se tremendamente com seu próprio pai; por isso, após aquele impasse no navio, tornou-se bastante crítico a tudo que Freud dizia. Tinha um complexo paterno negativo, e transferiu-o à relação com Freud.”¹⁴ Jung tinha sua própria opinião, anos mais tarde, dessa breve tentativa de psicanalisar Sigmund Freud. “Nunca pensei”



H.D. na década de 1920 (*The Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Universidade de Yale.*)



Sala de consultas de Anna Freud, 1938 (*Cortesía de Edmund Engelman*)



Coleção de estatuetas no gabinete de Freud na Berggasse, 19, 1938
(Cortesia de Edmund Engelman)



Figura entalhada por Jung
(Cortesia de Fritz Bernhard)



Jung em Bollingen (*Erica Anderson, Cortesia do Centro Albert Schweitzer, Great Barrington, Massachussets.*)

Bollingen em 1955 (*Cortesia do Espólio de Carl Jung*)





Jung velejando no Lago Zurique, 1958 (*Cortesia do Espólio de Carl Jung*)



Freud e sua filha Mathilde, na chegada a Londres, 6 de junho de 1938, em companhia do Dr. Ernest Jones (*Foto Wide World*)

Berggasse 19 em 1938 (*Cortesia de Edmund Engelman*)





Sigmund Freud, aos oito anos aproximadamente, com seu pai, Jacob Freud (*Mary Evans/Sigmund Freud Copyrights, Colchester*)



Freud e Martha Bernays, 1885 (*Mary Evans/Sigmund Freud Copyrights, Colchester*)



Freud e Wilhelm Fliess, agosto de 1890 (*Sigmund Freud Copyrights, Colchester*)

Josef Breuer (1842-1925) (*Oster Nationalbibliothek, Viena*)



Jung com seis anos (*Cortesia do Espólio de Carl Jung*)



Jung (à direita) quando rapaz (*Cortesia do Espólio de Carl Jung*)

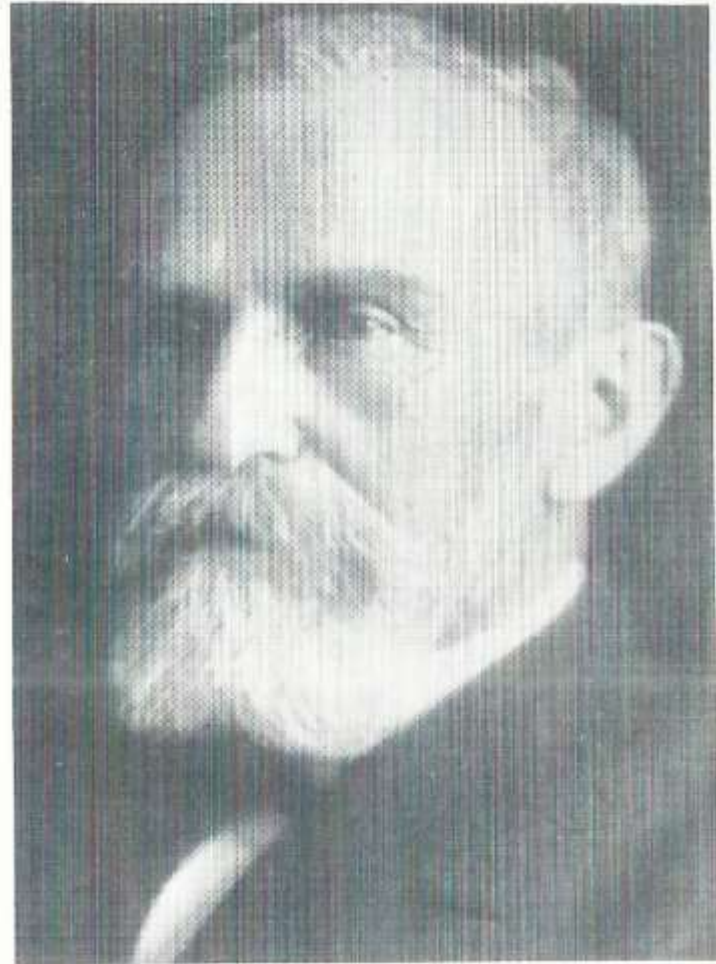
Jung em 1902 ou 1903 (*Cortesia do Espólio de Carl Jung*)



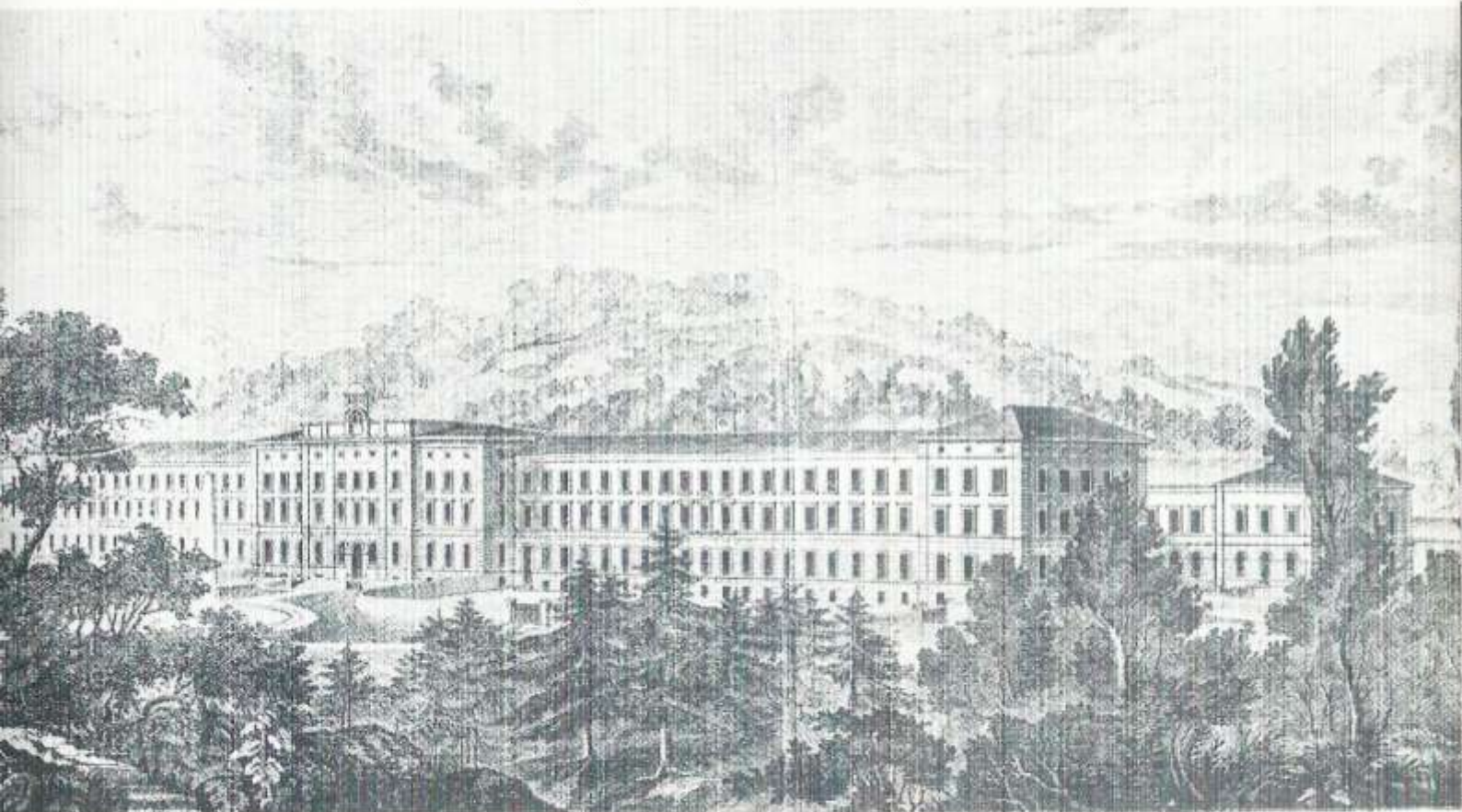
Emma Rauschenbach, noiva (*Cortesia do Espólio de Carl Jung*)



Eugen Bleuler (1857-1939)
(*Medizinhistorisches
Institut, Universidade de
Zurique*)



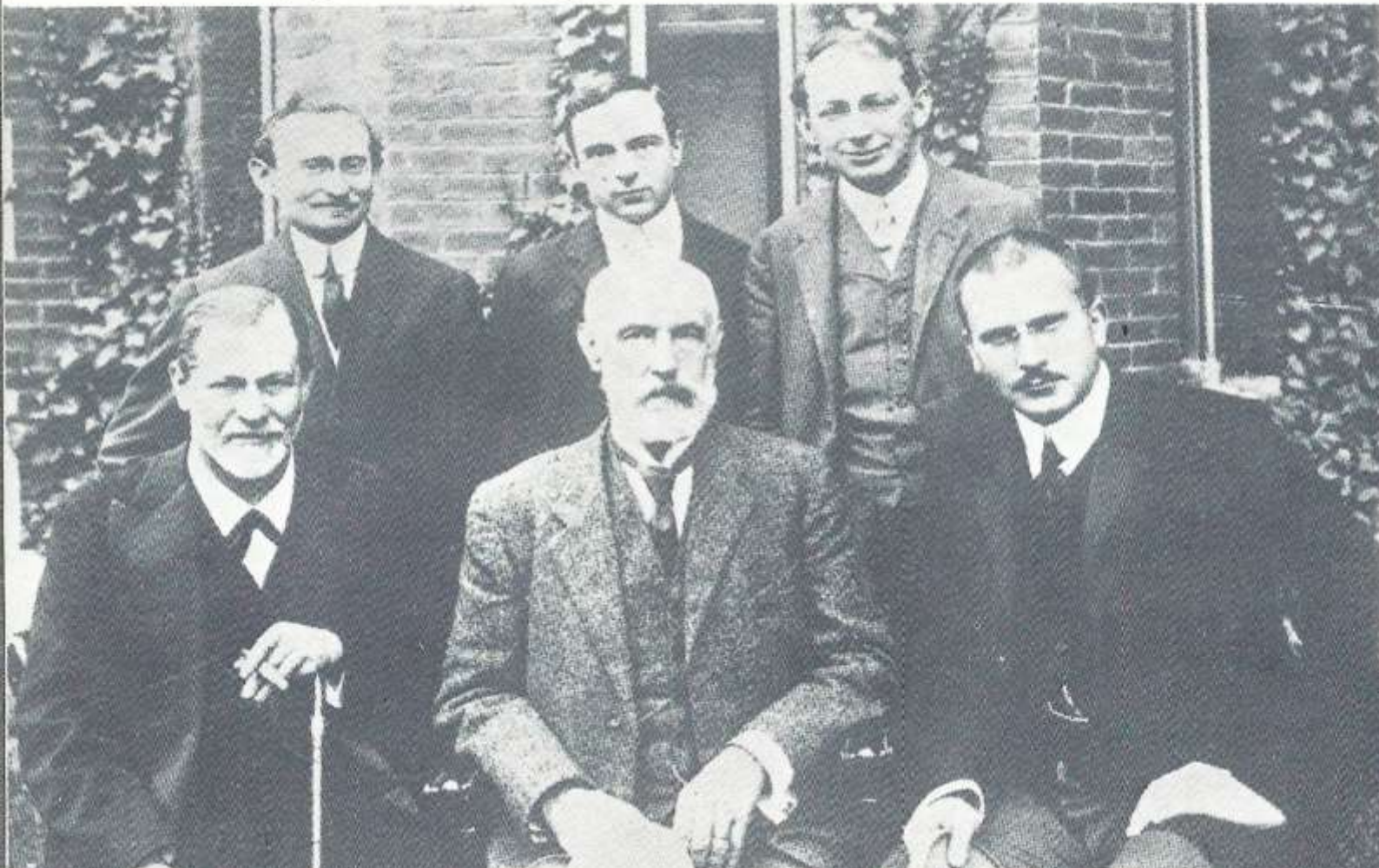
Hospital Psiquiátrico Burghölzli, xilogravura, 1867 (*Baugeschichtliches
Archiv der Stadt Zürich*)

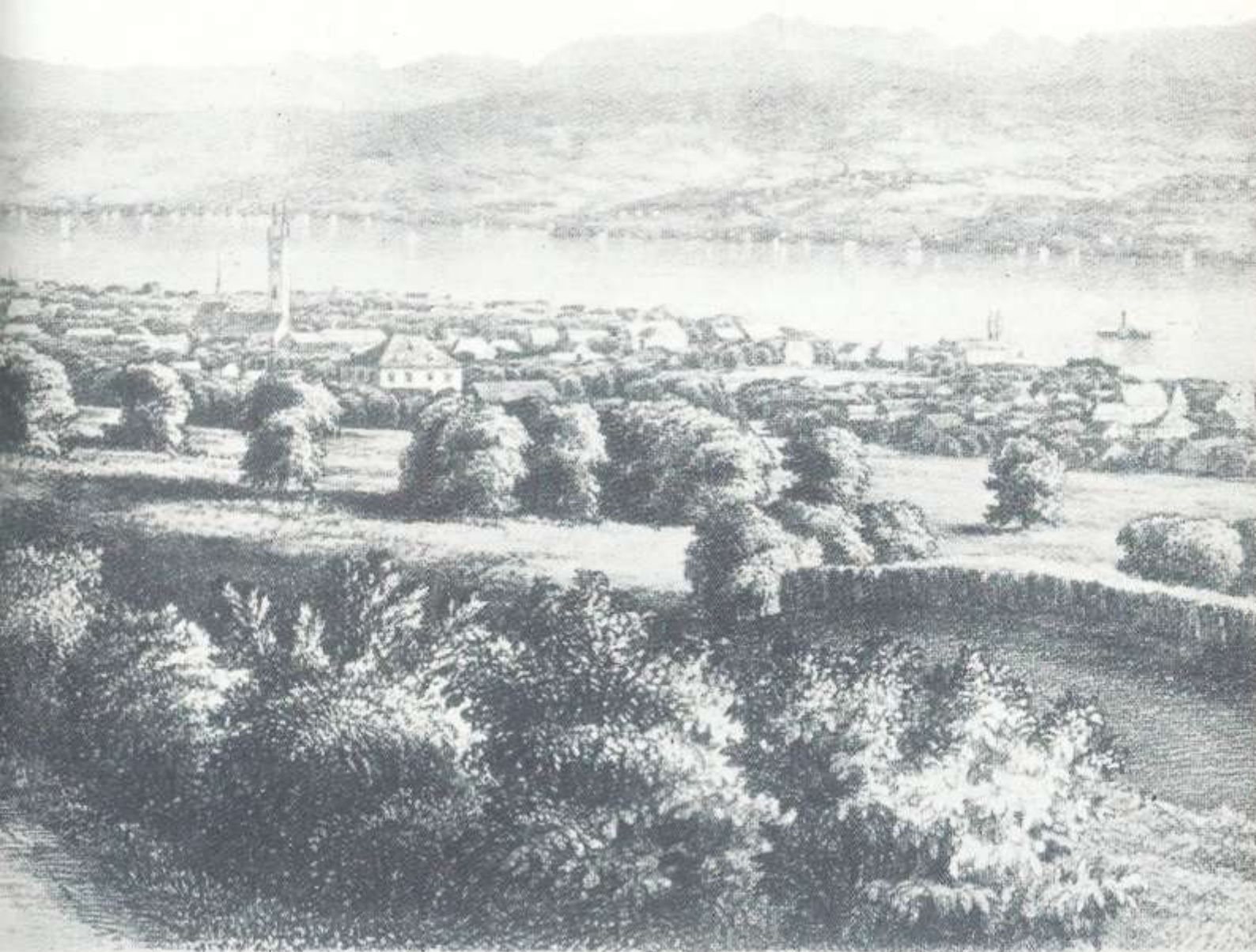




Freud em 1906, fotografia que enviou a Jung (*Sigmund Freud Copyrights, Colchester*)

Universidade Clark, Worcester, Massachussets, setembro de 1909. (Da esq. à dir.) Primeira fila: Freud, Hall, Jung; atrás: Brill, Jones, Ferenczi (*Sigmund Freud Copyrights, Colchester*)





Küsnacht, detalhe de gravura do século XIX (*Graphische Sammlung, Zentral Bibliothek Zürich*)



Jung com a esposa e os filhos, 1918 (*Cortesia da Propriedade Jung*)

Congresso de Weimar, 1911 (*Cortesia de Paul Naeff*)

- 1 O. Rank
- 2 L. Binswanger
- 3 E. Bleuler
- 4 M. Moltzer
- 5 O. Pfister
- 6 A. A. Brill

- 7 A. Maeder
- 8 S. Ferenczi
- 9 L. Andreas-Salomé
- 10 S. Freud
- 11 C. G. Jung
- 12 E. Jung

- 13 K. Abraham
- 14 A. Wolff
- 15 J. Putnam
- 16 E. Jones
- 17 F. Riklin
- 18 W. Stekel





Lou Andreas-Salomé (*Mary Evans/Sigmund Freud Copyrights, Colchester*)

Freud e a filha Anna nas Dolomitas, 1913 (*Mary Evans/Sigmund Freud Copyrights, Colchester*)





O *Moisés*, de Michelangelo, na Igreja de São Pedro em Vincoli, Roma
(Alinari/Art Resource)



Toni Wolff (*Cortesia de Paul Naeff*)

Jung em seu gabinete, 1960 (*Henri Cartier-Bresson, Magnum*)





Freud em seu gabinete, 1938 (*Cortesia de Edmund Engelman*)

disse a um amigo, “na grande piada que é o fato da única análise feita por Freud ter sido junguiana.”¹⁵

Freud saiu-se um pouco melhor em sua tentativa de analisar Jung. Entre os muitos detalhes de um sonho longo e complicado, Jung descreveu para Freud dois crânios humanos em decomposição no chão de uma caverna. O sonho cativava Jung por outros aspectos, mas foram os crânios que interessaram Freud. Em Bremen, a conversa de Jung a respeito dos corpos mumificados nas turfeiras fizera com que Freud passasse a crer que, inconscientemente, o amigo desejava sua morte. Agora, Freud ponderava se tal desejo voltara a emergir no sonho de Jung com os dois crânios. Que desejo se associava a estas cabeças, indagou-se Freud, enquanto com a mão agarrava e sacudia um crânio imaginário. A visão de Jung dos dois crânios na caverna foi o começo de uma idéia que não o abandonaria pelo resto de sua vida. Anos depois, ele viria a escrever: “Na caverna, descobri restos de uma cultura primitiva, isto é, o mundo do homem primitivo dentro de mim — mundo este que dificilmente pode ser alcançado ou iluminado pela consciência.”¹⁶ Para Jung, foi “minha primeira intuição de um *a priori* coletivo sob a psique pessoal. Considerei isso, inicialmente, como reflexos de antigos modos de conduta.”¹⁷ Jung estava convencido de que Freud não concordaria, e também sabia que uma descoberta tão delicada quanto aquela não teria força suficiente para sobreviver à crítica do amigo.

Jung não revelou a Freud o que lhe parecia ser o verdadeiro significado dos dois crânios. Ao contrário, disse-lhe que eram de sua esposa, Emma, e de sua cunhada. Inventou isso porque “não teria sido capaz de revelar a Freud minhas próprias idéias sobre a interpretação de um sonho

sem encontrar sua incompreensão e forte resistência. Não queria discutir com ele, e temia também perder sua amizade se insistisse em meu ponto de vista.’’¹⁸ Mencionando a esposa e a cunhada, Jung como que colocara um espelho entre os sonhos dos dois. Talvez esperasse que Freud revelasse os próprios problemas ao analisar a esposa e a cunhada do sonho de Jung. Mas Freud não o fez. Ambos haviam buscado recíproco distanciamento: um, por meio de recusa, o outro, com o uso de mentira. Cada qual retivera certa independência em relação ao outro ao se recusarem a revelar sentimentos relativos a um fragmento de sonho.

Apesar desses momentos de tensão, todos gostaram da viagem. Freud ficou satisfeito¹⁹ ao encontrar certo dia o comissário de bordo lendo um exemplar de seu livro *Psicologia da Vida Cotidiana*. Os dias de final de verão estavam quentes e ensolarados até que uma cerração impenetrável e úmida os envolveu, o que fez Jung pensar em névoas primitivas, e associar o navio a um monstro pré-histórico das profundezas. Teve a sensação de voltar ao passado remoto enquanto o navio seguia para oeste, num dia sombrio. Freud percebeu que o ambiente no navio tornara-se estranhamente abafado e contido, exceto pelo “grito de acasalamento das sirenes de advertência.”²⁰

Enquanto o navio se deslocava lentamente da Europa, rumo à América, em fins de agosto de 1909, as notícias da Alemanha²¹ eram de que Orville Wright, que estava em Berlim sem o irmão, decidira adiar sua demonstração de vôo até que os alemães deixassem de lado sua “mania Zeppelin”: milhares de pessoas tinham acorrido à capital, no dia 28 de agosto, a fim de ver o conde Ferdinand von Zeppelin chegar até lá em seu dirigível. Naquele mesmo dia um italiano, capitão Spelterini, voava sobre

os Alpes num balão cujo combustível era o mesmo hidrogênio utilizado pelo conde Zeppelin. *Lâchez-tout!* fora o brado do italiano em Chamonix: *Soltem tudo!* A bola dourada ergueu-se no céu e girou suavemente sobre o Monte Branco, o piloto encantado com o “caos prateado” abaixo. A excitação da descoberta do vôo contagiara o mundo inteiro, mas os capitões de marinha que atravessavam o Atlântico não perceberam as implicações disso naquele verão de 1909. O *Mauretania* e o *Lusitania*²² cruzavam o oceano em quase cinco dias, competindo pela travessia mais rápida. O sóbrio *George Washington* demorava mais de uma semana²³ para completar a viagem até a América.

Abraham Brill²⁴ os aguardava no cais quando o *George Washington* atracou na cidade de Nova York, no dia 29 de agosto. Ao longo do ano que se seguira a seu estágio em Burghölzli, fizera o possível para introduzir as teorias de Sigmund Freud na América. Enfrentara preconceitos profundamente arraigados. O psiquiatra americano, Frederick Peterson, diria mais tarde: “As teorias de Freud e Jung estão para a psicologia assim como o cubismo está para a arte: novo, sensacional e muito interessante. Se sua aplicação não fosse tão perniciosa, bem como incorreta em psicologia, nada diria a respeito delas.”²⁵ O psiquiatra nascido na Suíça, Adolf Meyer, que então morava nos Estados Unidos, escrevera a Jung, apenas um ano antes, que “deste lado, a aversão (sic) a que se toque no problema sexual é quase insuperável (sic), e será preciso muito tato e paciência para que todo o tema seja colocado em forma aceitável.”²⁶

Dificuldades jamais reduziram o entusiasmo de Brill. Em 1910, ao voltar de seu trabalho no Instituto Neuro-

lógico de Nova York, sempre cruzava o Central Park com um companheiro médico, e invariavelmente levava a conversa para as teorias de Sigmund Freud. “Foi assim que me tornei um freudiano convicto”,²⁷ recordava-se esse colega de Brill, Smith Ely Jelliffe, da primeira leva de psicanalistas a exercer sua prática na América. Um ano antes, porém, tal “conversão” lhe pareceria improvável. Jelliffe estava no exterior e escreveu a um amigo: “Toda esta onda em torno de Freud está fadada a sumir de cena. Os lampiões de Viena logo lançarão raios sexuais... as pobres crianças em gestação não poderão mais ouvir contos de fadas, devido a seu significado sexual. Desconfio que a maçã de Guilherme Tell deve ter sido um par de testículos e quanto à cerejeira de George Washington... bem ... talvez você possa iluminar as regiões obscuras de minha mente.”²⁸

Brill cumprimentou Freud, Jung e Ferenczi, os quais se aproximaram dele no cais, num reencontro de amigos. Brill conhecia bem Jung, após os meses passados em Burg-hölzli, e encontrara Freud e Ferenczi em Salzburgo. Agora poderia mostrar-lhes Nova York, ainda uma cidade inocente; ao menos é o que demonstraria uma primeira visão. William Taft era o presidente do país no verão de 1909, e seu predecessor, Teddy Roosevelt, estava na África, caçando. Os Estados Unidos estavam de férias no calor de agosto, e havia multidões em Staten Island,²⁹ em acampamentos que se estendiam até além do alcance da vista. Homens em mangas de camisa montavam barracas sobre plataformas a poucos metros de distância umas das outras, as rústicas paredes de lona enroladas de forma a deixar correr a brisa marítima, camas de vento a poucos centímetros das desconhecidas. Mulheres com seus vestidos compridos aguardavam a passagem das carrocinhas de secos e molhados,

trazendo alimento para o jantar. Nos jornais havia fotografias³⁰ de um retiro que E.H. Harriman estava construindo em um terreno de 50 mil acres, em Orange County, Estado de Nova York, tido como a maior residência de verão da América, cuja construção custara dois milhões de dólares. Os jornais também exibiam fotos de elaborados “acampamentos” nas Montanhas Adirondack. A variedade dos estilos de vida no verão sempre foi muito ampla nos Estados Unidos.

Brill instalou os três europeus no Hotel Manhattan e levou-os a uma série de excursões pela cidade. Visitaram Chinatown, onde Jung pediu um “prato inacreditável de carne picadinha, aparentemente afogada em minhocas.”³¹ Foram também a museus,³² e Freud perdeu-se alegremente numa coleção de antigüidades de Chipre no Museu Metropolitano de Arte; em outro, Jung adorou uma exibição de dinossauros, “são exibidos aqui todos os velhos monstros, os ansiosos sonhos de Criação do Nosso Senhor”,³³ escreveu à esposa. Freud e Jung caminhavam durante horas pelo Central Park, falando sobre problemas da psicanálise. “Ele está mais brilhante do que nunca, e extremamente suscetível”³⁴ Jung confiou a Emma em uma carta. “Não gosta de discutir outros temas e devo acrescentar que em geral ele está certo.”

Ernest Jones, que estava morando em Toronto, reuniu-se aos quatro no dia seguinte, a fim de acompanhá-los a Worcester, Massachussets. Naquela noite, jantaram no *Hammerstein's Roof Garden*, onde, algumas semanas antes, um macaco amestrado,³⁵ chamado Peter, fora a principal atração, juntamente com dançarinos e cantores italianos. Freud, Jung e Ferenczi não viam Jones desde que este, desacreditado, deixara Londres no ano anterior. A

nova vida no Canadá não desencorajara seu interesse pela psicanálise. Na verdade,³⁶ de sua nova base mais segura, Jones supervisionava toda a América do Norte, e também a Inglaterra, com olhos de proprietário. Ele lideraria a disseminação do movimento psicanalítico entre os povos de língua inglesa apenas com a mais leve orientação de Freud. Era esse, pelo menos, o seu sonho particular.

O movimento psicoterapêutico na América³⁷ mostrava-se mais vigoroso em Boston, Massachussets. Os habitantes de Nova Inglaterra, não obstante serem puritanos, conservadores e fechados, apresentavam diversos elementos que os tornavam particularmente receptivos à psicanálise de Sigmund Freud. O transcendentalismo e o unitarismo peculiares ao pensamento da região não eram hostis ao hipnotismo e ao poder da sugestão. O conflito moral e uma multidão de espíritos invisíveis estavam cravados no sombrio panorama mental da Nova Inglaterra, e era fonte de orgulho sua tradição de rebeldia. Homens haviam lutado e morrido pela causa da liberdade intelectual, e esta era levada a sério. O interesse de Boston pela cura das doenças mentais pode igualmente ter-se originado de uma necessidade imediata, pois se considerava que a Nova Inglaterra gerava quantidade desproporcional de alienados.³⁸ A esposa de Henry Adams reclamava que grande parte de seu tempo era tomado por visitas a parentes internados em sanatórios; ela mesma viria a cometer suicídio. Os tabus sexuais³⁹ eram mais rigidamente respeitados ali do que em qualquer outra parte, o que levava alguns bostoanios influentes a analisar mais de perto e a relação entre distúrbios sexuais e doenças mentais.

Ernest Jones passara algum tempo em Boston, tentando conquistar o apoio da comunidade científica de

Harvard a Freud. Seu maior sucesso deu-se com James Jackson Putnam, professor de neurologia naquela famosa universidade. Os modos suaves e os olhos azul-claros de Putnam ocultavam boa dose de coragem:⁴⁰ sua celebridade e a genuína adesão às teorias de Freud tornaram-no valioso trunfo para o movimento psicanalítico nascente. Não obstante o sucesso de Jones com Putnam, percebeu rapidamente que a teoria da sexualidade era inaceitável para outros. Jones pronunciou uma palestra na Associação Terapêutica Americana,⁴¹ em fevereiro de 1909, que caiu em ouvidos surdos. Convenceu-se de que os americanos condenariam totalmente a teoria de Freud quando percebessem que suas raízes estavam na sexualidade. Concluiu que de nada adiantaria escrever continuamente a respeito das teorias de Freud. “Um homem que escreve sempre sobre o mesmo assunto pode ser considerado meio maluco por estas bandas... e, se o tema é de natureza sexual, simplesmente ele é tachado de (neurótico) sexual. Assim sendo”, Jones preveniu a Freud, “vou diluir meus artigos sobre sexo entre artigos sobre outros temas”.⁴²

Freud e Jung sentaram-se ao jantar no *Terraço Hammerstein*, colhendo as notícias de Jones, enquanto prosseguia o show, e sem dúvida ouviram-no com pouca atenção. Nem Freud nem Jung confiavam muito em Jones. Jung pensava que Jones simplesmente deixara de acreditar na teoria da sexualidade. Freud ponderava⁴³ se Jones queria que o movimento psicanalítico na América do Norte pertencesse apenas a ele. Desagradava-lhe pensar que a crescente amizade entre Jones e Brill pudesse algum dia levar este último a repudiar as teorias de Freud. “Acho extremamente interessante a mistura racial em nosso grupo”,⁴⁴ Freud comentara pessimistamente com Jung. “(Jones) é celta, por

consequente, não é muito acessível a nós, teutônicos e mediterrâneos.’’ A partir de então, Freud passaria a observar Jones bem mais detidamente.

Vários dias depois viajaram para Worcester, onde conheceram Stanley Hall, presidente da Universidade Clark e um dos principais psicólogos acadêmicos da época. De volta a Viena, Freud escreveria a um amigo: ‘‘Uma das fantasias mais agradáveis é a de que, sem o sabermos, gente decente está descobrindo nossas idéias e aspirações, e então, repentinamente, elas surgem em toda parte. Foi o que ocorreu no caso de Stanley Hall. Quem teria imaginado que na América, a uma hora de trem de Boston, um velho e digno cavalheiro estivesse aguardando impacientemente nosso *Anuário de Pesquisas Psicanalíticas e Psicopatológicas*, lendo e compreendendo tudo, depois, e então, como ele mesmo disse concordando em cheio conosco?’’⁴⁵ G. Stanley Hall⁴⁶ era um psicólogo inovador, e ficara de fato impressionado com as teorias de Sigmund Freud. Passara a acreditar que as crianças possuíam instintos sexuais, que distúrbios no desenvolvimento emocional representavam seu papel na doença mental, e que impulsos inconscientes exerciam efeito decisivo sobre o comportamento humano. Quase aos setenta anos, Hall era bem mais aberto a novas idéias do que muitos de seus colegas mais jovens.

Ele cumprimentou os visitantes cordialmente. Tudo havia sido providenciado para que Freud e Jung se sentissem em casa. Havia charutos por toda parte; para surpresa dos visitantes, eles os encontraram até mesmo nos banheiros. A esposa de Hall servia refeições esplêndidas. Mas até mesmo a natureza expansiva de Jung foi posta à prova pela família Hall. ‘‘Era impossível ter cinco minutos sozinho’’,⁴⁷ reclamou ele. Um dia, quando tentava barbear-se

e pentear os cabelos, todas as tentativas de fechar a porta foram imediatamente frustradas. Os Hall simplesmente voltavam a abri-la. Se a acolhida na casa dos Hall fora das mais calorosas, eles ainda estavam por ver a recepção que os esperava no dia seguinte, na Universidade Clark, a poucos quarteirões de distância.

Capítulo 10

Segundo todos os padrões de normalidade, Freud, ao acordar em Worcester, no dia 6 de setembro,¹ estava diante de um problema: simplesmente não sabia o que iria dizer² em suas cinco palestras na Universidade Clark, a primeira delas naquela mesma manhã, às onze horas. De nada lhe ajudaria saber que o Dr. Franz Boas, renomado antropólogo, cancelara uma de suas palestras em favor da de Freud e estava “entusiasmado com o sacrifício.”³

Freud decidiu-se por um breve perfil da psicanálise, faltando-lhe, então, dividir o material em cinco partes e organizar as palestras de cada dia. Cerca de uma hora antes do início⁴ da primeira delas, Freud foi dar um volta com Ferenczi. Passaram pelas casas de madeira, os lagos e as árvores antigas e enormes de Worcester, os jardins floridos intensificando seu colorido outonal, ásteres púrpura florescendo, as colinas da Nova Inglaterra esplendorosas sob sol do final do verão. O tema do dia foi escolhido após

uma sugestão de Ferenczi.⁵ Em meia hora percorreram Worcester e o tema da palestra de Freud.⁶ Um de seus trabalhos mais sucintos — uma pequena história da psicanálise — surgiu naquelas caminhadas. Todas as manhãs, sério e impecável, a barba recém-aparada, vestindo terno escuro do melhor tecido, Freud caminhava rapidamente por Worcester na companhia de Ferenczi. Suas palestras seriam perfeitas, compostas em solo americano.

Na primeira manhã, Freud falou sem consultar anotações,⁷ como era seu hábito, e em alemão, o que não, trouxe muitas dificuldades, pois entre as centenas de pessoas na audiência estavam vários dos principais acadêmicos americanos, cuja educação incluía prolongada permanência na Europa. “Se existe algum mérito em ter dado forma à psicanálise”, começou Freud, “ele por certo não é meu. Não tenho qualquer participação em seus primórdios. Era ainda estudante e me preparava na época para os exames finais quando outro médico vienense, o Dr. Josef Breuer, utilizou pela primeira vez este procedimento com uma moça que sofria de histeria.”⁸

A Nova Inglaterra puritana abriu suas portas para ouvir em silêncio um modesto judeu de meia-idade falar com toda veemência, numa língua estrangeira, sobre um tema que merecera desprezo no exterior. Lenta e cuidadosamente, Freud apresentou à platéia a história triste e desconcertante de Bertha Pappenheim — “Anna O.” — que adoecera enquanto cuidava de seu pai mobibundo. Freud relatou seus sintomas; como, sentada à cabeceira do enfermo e, sonhando acordada, ela vira uma serpente negra sair contorcendo-se da parede e picar seu pai; como tentara lutar contra o réptil, descobrindo-se incapaz de mover o braço; como, Freud prosseguiu calmamente, ao fitar sua mão,

“os dedos se haviam transformado em pequenas serpentes com cabeças de caveiras.”⁹

As pessoas comentaram que os casos de Freud mais pareciam romances, ainda mais em Worcester. Finalmente a serpente desapareceu, continuou Freud, e “aterrorizada, Bertha tentou rezar. Mas não conseguia falar: não se conseguia expressar em língua alguma, até que, finalmente, lembrou alguns versos infantis em inglês.”¹⁰ Este tornou-se o único idioma em que se conseguia expressar. Freud explicou então como Breuler a curara. “Quando posta sob hipnose, tornava-se possível, graças a grande esforço, trazer as cenas de volta à sua memória; e, por meio da recordação, os sintomas foram eliminados.”¹¹ Bertha recuperou-se da paralisia e voltou a falar alemão. Freud concluiu a palestra sob fortes aplausos. A Nova Inglaterra e Freud estavam em seu melhor dia. “Aqui somos os homens do momento”¹² Jung escreveu, orgulhoso, à sua esposa. Adolf Meyer, que também faria uma palestra na conferência, considerou “sensacional o fascínio”¹³ exercido por Freud.

Após a terceira palestra de Freud,¹⁴ uma mulher na platéia aproximou-se de Ernest Jones e expressou seu desapontamento porque Freud ainda não discutira sua teoria da sexualidade. “O Senhor poderia dizer isto a Freud?”, indagou a mulher. Diante de tudo que já ocorrera, a pergunta era uma ironia. Durante anos, Freud recomendara a Jung a não evitar o tema da sexualidade e temia que Jones também se esquivasse da questão. No pedido da mulher estava implícita a mesma crítica, agora contra o próprio Sigmund Freud. Em sua quarta palestra, Freud discutiu finalmente a questão da sexualidade, mas àquela altura já tinha domínio sobre a audiência. “Em primeiro

e bom lugar”, começou ele, “descobrimos uma coisa: a pesquisa psicanalítica, com regularidade realmente surpreendente, relaciona os sintomas das enfermidades dos pacientes a impressões de suas *vidas eróticas*... Sei que esta declaração não será aceita de bom grado... Nesta platéia, encontram-se alguns de meus amigos e seguidores mais íntimos, que vieram comigo até Worcester. Perguntem a eles, e verificarão que, de início, todos renegaram por completo minha afirmativa de que a etiologia sexual tem importância decisiva, até que suas próprias experiências analíticas forçaram-nos a aceitá-la.”¹⁵

Não foi fácil, Freud revelou à platéia, chegar aos distúrbios sexuais de seus pacientes. “Em geral, as pessoas não são sinceras em questões sexuais. Não exibem livremente sua sexualidade, e, a fim de ocultá-la, vestem pesado sobretudo de mentiras, como se o tempo não fosse bom no mundo da sexualidade.”¹⁶ Entretanto, disse Freud, “os ansiosos, reprimidos e indestrutíveis impulsos da infância por si sós forneceram potência para a construção de sintomas, e, sem eles, a reação a traumas posteriores teria seguido seu curso normal. Não obstante, esses impulsos poderosos da infância podem ser descritos com sexuais, sem exceção.”

Para Freud, que se agarrara tenazmente a teorias que haviam sido recebidas com desprezo e escárnio na Europa, Worcester foi a realização de um sonho. Durante o dia, pronunciava palestras e ouvia os amigos desenvolverem teorias elaboradas por ele mesmo. À noite,¹⁷ sentava-se na sala de jantar da casa dos Hall, servido por lacaios de *smoking* e exaltado por seus pares. As pessoas ficavam impressionadas com os olhos límpidos e generosos de Freud, suas belas mãos que gesticulavam expressivamente, seus modos

despretensiosos. Perceberam que ele nunca falava de si mesmo. “Ela enfatiza”, observou um jornalista, “repetidamente os méritos de seus colegas, sobretudo de seu amigo Dr. Jung, de Zurique.”¹⁸

Certa noite daquele mês de setembro,¹⁹ enquanto Freud estava com Jung na casa dos Hall em Worcester, o explorador americano, Dr. Frederick Cook, encontrava-se em Kopenhague, cercado de outros exploradores e correspondentes, no iluminado salão de baile do *Cassino Tivoli*. Conquistara o Pólo Norte para os Estados Unidos há poucos meses. Cook estava sentado à mesa de jantar, uma guirlanda de rosas ao pescoço, segundo o costume escandinavo de reverenciar os heróis, quando um murmúrio percorreu a sala: o comandante Robert Peary também acabara de chegar ao Pólo Norte. Cook disfarçou com estoicismo seu desapontamento. “Naturalmente, somos rivais”, afirmou ele, “mas o Pólo dá para dois.”²⁰ Worcester ficaria mais do que eletrizada com a notícia do triunfo de Peary: um de seus próprios membros, Donald B. McMillan, da Academia de Worcester, chegara com Peary ao Pólo. FINALMENTE ATINGIDO O TOPO DA TERRA, ele telegrafara para Worcester, de Indian Harbor, Labrador. SAUDAÇÕES AO CORPO DOCENTE E AOS ALUNOS.²¹

As realizações de Freud e seu encanto pessoal justificaram-lhe presença nas primeiras páginas dos jornais, mas ele não se viu abundantemente nelas; era o comandante Peary quem ocupava as manchetes principais, e não Sigmund Freud. O *The New York Times* dizia a respeito de Peary: “ELE PLANTOU A BANDEIRA AMERICANA NO TOPO DO MUNDO, SOBRE MAR INSONDÁVEL.”²² Não seria exagero atribuir a Freud a utilização de oportuna metáfora. Enquanto os jornais americanos daquele mês de se-

tembro só falavam do drama de dois homens lutando pela supremacia no Pólo, um colocando em dúvida a reivindicação do outro e reduzindo seus méritos, será que não ocorreria a Freud ou Jung a possibilidade de algum dia se encontrarem em situação semelhante? Por certo não havia sinal de rivalidade entre os dois em Worcester, apenas o profundo e satisfatório prazer de mostrarem ao mundo outro mar também insondável...

Martha Freud e Emma Jung, cujos maridos também haviam embarcado em explorações e estavam longe de casa, talvez tivessem reconhecido alguma semelhança com a situação da esposa do comandante Peary: “Você não sabe”, disse esta a um repórter, “como tem sido difícil para mim ter um marido passando ano após ano no norte gelado; e, cada vez que ele partia numa viagem de exploração do Ártico, eu não sabia se voltaria a vê-lo ou não; mas, agora que ele venceu e finalmente atingiu o Pólo, acredito que se acomodará comigo e usufruirá da vida familiar por algum tempo.”²³

Chegou o dia de Jung falar na Universidade Clark. Quando conhecera Emma, Jung era um jovem médico sem recursos que usava colarinho de papelão. Já residindo em Küsnacht, ia freqüentemente às reuniões com suas velhas roupas e Emma se desesperava. “Não consegui convencê-lo a colocar seu casaco”²⁴ queixou-se ela com uma amiga. Emma sempre levava um paletó decente, na esperança de que ele acedesse em vesti-lo. Mas Jung não era destituído do sentido da história: Emma ficaria satisfeita ao saber que seu marido estava impecável quando se ergueu para falar à audiência em Worcester.

Assim como Freud, Jung falou em alemão.²⁵ Em sua primeira palestra, relatou o trabalho com os testes de as-

sociação de palavras; na segunda, falou sobre padrões familiares repetitivos. Apenas ao termo dessa palestra,²⁶ ele citou pela primeira vez o nome de Sigmund Freud. A última palestra foi encantadora, e cheia de referências ao trabalho de seu famoso colega. Jung descreveu os conflitos de uma menina ao se defrontar com o nascimento do irmão. Ao que parece, a menina era sua filha Agathli, e o bebê, seu filho Franz. Embora Jung não tivesse identificado os exemplos que citava, tornou-se evidente a presença de um pai amoroso e docemente encantado.

Jung contou à audiência como *Anna* fora atormentada por medos que ele acreditava se terem desenvolvido a partir de noções imperfeitas do nascimento e do ato sexual. Perguntas diretas e brilhantes foram feitas quando a menina de quatro anos, após plantar sementes em um jardim e observá-las germinar, voltou-se para a mãe (Emma) e interpelou-a abruptamente: “Como é que os olhos aparecem na cabeça?”²⁷ *Anna* estava pensando em seu irmão. A mãe disse-lhe que não sabia e sugeriu que perguntasse ao pai. A discussão decorrente, após o chá, entre a menina, prática e curiosa, e o pai, psiquiatra talentoso, pouco diferiu dos cautelosos esforços de pais comuns:

Anna: Os olhos não foram plantados?

Pai: Não, simplesmente eles crescem na cabeça, assim como o nariz.

Anna: Mas a boca e as orelhas também crescem assim? E os cabelos?

Pai: Sim, todos crescem do mesmo jeito.

“O pai”, prosseguiu Jung, “chegara a um dilema. Percebera onde a filha o estava levando; por conseguinte, não

quis prejudicar, recorrendo a uma explicação inadequada, a tão diplomaticamente apresentada teoria da semente que ela, felizmente, colhera da natureza.’’

Anna: Mas como Freddie (Franz) entrou na mamãe? Alguém o plantou?

“Esta pergunta extremamente precisa”, Jung relatou à audiência, “não mais podia ser descartada pelo pai. Ele explicou à filha, que o ouvia com toda atenção, que a mãe se assemelhava ao solo, e o pai era o jardineiro. O pai fornece a semente que cresce na mãe e assim produz um bebê... Naturalmente o pai se sentiu apreensivo, pois não estava de todo feliz após transmitir a uma menina de quatro anos e meio um segredo que outros pais guardavam cuidadosamente. Inquietava-o a idéia de como *Anna* iria reagir àquela informação.” Contudo, Jung concluiu em sua palestra, a aquisição de tal conhecimento exerceu benéfico efeito sobre *Anna*, pois seus temores desapareceram.

A criança era irresistível, o pai, amoroso. As palestras de Jung foram um sucesso. Mais tarde, Freud lhe diria que “lamentava não ter o cientista superado inteiramente o pai; o resultado fora um delicado baixo-relevo, quando poderia ter sido vigorosa estátua.”²⁸ E escreveria a Ferenczi que “em seu ensaio pessoal sobre a filha, *Agathli*, ele foi demasiado discreto e sucinto”.²⁹ Contudo, James Putnam impressionou-se muito com as observações de Jung, “cheias de personalidade, fogo e vida.”³⁰ Para o grande e velho homem de Harvard³¹ como Ferenczi chamava Putnam afetuosamente, as palestras de Freud e Jung foram decisivas. Ambos eram “extremamente agradáveis, despretensiosos, tolerantes, sérios e sinceros”, escreveu Putnam. Ele

convidou Freud, Jung e Ferenczi a visitá-lo em sua propriedade nas Montanhas Adirondack.

Putnam percebeu que seria difícil para os americanos aceitarem a teoria da sexualidade. Em artigo, muitos meses mais tarde, ele aconselhou seus leitores a se manterem abertos e receptivos. “Este protesto contra a intolerância”, escreveu Putnam, “pode parecer exagerado e descabido, mas em verdade não é, e a justificá-lo temos a circunstância de estas notáveis pesquisas de Freud e Jung, bem como de seu pequeno grupo de seguidores, terem encontrado tão amarga oposição, mesmo entre os médicos.”³² A própria esposa de Putnam estava do lado da oposição. Ela “reagiu com trágica amargura”,³³ recorda a filha, “sentindo que o marido fora seduzido, erroneamente, a um caminho falso, que arruinaria sua reputação profissional”.

Quando Freud e Jung se puseram de pé, ao termo do ciclo de conferências, em meio ao esplendor dos mantos negros e escarlates, a fim de receberem os títulos honorários a eles conferidos, era visível a emoção de Freud. “Este é o primeiro reconhecimento oficial de nossos esforços”,³⁴ disse com simplicidade à platéia. Em pouco mais de um ano, Freud passara de líder de um pequeno grupo de pessoas, em Salzburgo, à posição de alguém entre iguais na ampla disciplina da psicologia. Em uma década ele criara, a partir das obscuridades da memória infantil, teorias que estavam sendo recebidas com o mesmo respeito que fora dado aos experimentos precisos de E. B. Titchener e ao trabalho pioneiro de Franz Boas. As opiniões de Freud sobreviveriam às deles; os nomes deles, bem conhecidos em 1909, seriam esquecidos por muitos. Freud e Jung ainda não sabiam disto em Worcester, mas, pela primeira vez, sentiram que poderia ser assim. “Estamos ganhando ter-

reno aqui”,³⁵ Jung escreveu à esposa. “Fiquei grandemente surpreso, pois me preparara para enfrentar dura oposição.”

“Freud está no sétimo céu”, Jung contou a Emma, “e eu estou feliz, de todo coração, em vê-lo assim”.³⁶ Não obstante a satisfação com a acolhida na América, Freud também estava inquieto. Parte importante do futuro da psicanálise estava na América, nas mãos de Ernest Jones. Preocupava-o a possibilidade de Jones romper com ele a sua teoria sexual. A perspectiva de perder um contingente de seguidores na América alarmava Freud. “Ele temia”, escreveu Jones, anos depois, “que eu não me tornasse seu dedicado partidário.”³⁷ Freud podia fazer muito pouco. Jones fora convocado repentinamente para regressar a Toronto, e Freud acompanhou-o à estação. Enquanto esperavam o trem, Freud disse a Jones que se deveriam manter juntos. As últimas palavras que disse ao jovem galês foram as seguintes: “Você verá que vai valer a pena.”³⁸ Vendo o trem afastar-se, Freud sentiu-se tomar de repente carinho por Jones, e desejou que a energia e a ambição daquele jovem viessem a sustentar as suas. Entrementes, só podia esperar que Jung, em cujos ombros mais do que nunca o futuro parecia repousar, se mostrasse suficientemente capaz e leal.

De sua parte, Jones encontrava-se diante de um dilema. queria liderar, e não seguir. Admirava Freud e seu trabalho, mas o desejo obstinado e rebelde de estabelecer-se por si mesmo não desapareceria. Dois meses depois, em novembro de 1909, surgiria um artigo escrito por Jones, sem qualquer referência a Freud ou a suas teorias sexuais. Freud tinha todos os motivos para se preocupar.

A propriedade rural de Putnam localizava-se na extremidade do Vale Keene, no lado oriental, encravada nos contrafortes das Montanhas Adirondack. Os três europeus chegaram de barco, após cruzar o Lago Plácido, e perceberam os primeiros indícios do outono. Os dias estavam mais curtos; as noites, frias, e o vale, mais brilhante enquanto os áceres, entre pinheiros e bétulas, começavam a mudar de cor. Anos antes, quatro jovens médicos de Boston haviam comprado a fazenda com sua casa-grande, o estábulo e a cabana. James Putnam, seu irmão Charles e Henry Bowditch ainda traziam as famílias e os amigos ao vale para passar algumas semanas. O quarto, William James, vendera sua parte da propriedade, mas a visitava com frequência, cumprindo seu programa de cinquenta páginas diárias de leitura sólida, junto a um córrego da montanha.

Na propriedade se mantinha um ambiente algo excêntrico, onde imperavam lampejos de humor e se cumpria um ritual singular, consequência dos esforços conjuntos de homens talentosos, autênticos aristocratas americanos. O velho estábulo transformara-se em oficina, onde Henry Bowditch e Charles Putnam construía cadeiras, mesas, berços e brinquedos, cenário de incessante atividade e delícia infantil. “Lembro-me”, disse Elizabeth Putnam McIver “de uma engenhoca construída pelo Dr. Bowditch, linda como tudo que ele fazia, para puxar as teias das grandes e gordas aranhas encontradas no pasto, e enrolá-las em um carretel; a engenhoca era colocada em movimento por uma pequena roda hidráulica, instalada em diminuta queda d’água no córrego.”³⁹

O chiqueiro da velha fazenda transformara-se em sala de escrever, onde rabos de porcos pintados na parede enroscavam-se atrás de livros abertos. As crianças instala-

vam-se sob os olhos vigilantes da Sra. James Putnam. O fogo era aceso nas lareiras das cabanas, e havia pequenas banheiras, “um abajur para ler e, nos dias de sol, uma fila de cadeiras de preguiça na varanda que tinha vista para as montanhas.”⁴⁰ O alpendre era a sala de visitas e biblioteca da casa. À tarde, a srta. Anne Putnam fazia chá no fogão a querosene; as xícaras eram penduradas nas prateleiras, e ela oferecia pratos de bolinhos de gengibre, biscoitos e pedaços de chocolate. Freud e Jung sentiram-se entrando em outro mundo.

O trecho de terra dos Putnam, entalhado em meio à vastidão Adirondack foi o que mais surpreendeu Freud na América. “Tudo é rústico e primitivo, mas acaba dando certo”,⁴¹ escreveu à família. Não lhes contou que houvera certa confusão com as identidades nacionais dos três visitantes: a fim de recepcionar o austríaco, o suíço e o húngaro, as cabanas haviam sido decoradas com preto, vermelho e dourado, cores da Alemanha Imperial. O ambiente espontâneo encantou Jung. Cantou músicas alemãs à noite e adorou a vida primitiva, os jogos inventados pelas crianças. Freud, mais formal,⁴² fazia caminhadas pelas montanhas com uma bengala de castão dourado. Encontrou dificuldades em galgar as montanhas. “Tomamos trilhas e descemos elevações demasiado difíceis.”⁴³ Ficou satisfeito com a chuva que caiu no segundo dia. “Freud adota um sorriso filosófico enquanto percorre este universo rico e variado”,⁴⁴ observa Jung. “Eu o acompanho e me divirto.”

A viagem, Freud escreveu a sua filha Mathilde, poderia “ser descrita como um perfeito sucesso.”⁴⁵ Gostara da companhia de Jung e Ferenczi. “Meus companheiros de viagem sempre se mostraram bastante solícitos, “contou-lhe, “e também se deram bem entre si.” Entretanto, es-

tava satisfeito ao deixar os Estados Unidos. “A América”, disse, “é uma máquina louca.”⁴⁶ Tanto Freud quanto Jung adoravam analisar a vida americana. Seus intelectos críticos e europeus exibiam capacidade quase ilimitada de intolerância quando se tratava do comportamento singular do povo americano. “Nos Estados Unidos, a mãe decididamente é o membro dominante da família”, refletia Jung. “A cultura americana é de fato um abismo insondável; os homens tornaram-se um bando de ovelhas.”

Jung tentaria chegar ao fundo do estranho fenômeno que constituía aquele país, e um dia pensou ter encontrado a resposta no livro de Maurice Low sobre a América. “Low acredita”, Jung contou a Freud, “que a culpa é das colossais diferenças de temperatura do verão e do inverno. Talvez um clima continental tão severo seja de fato incompatível com alguma raça litorânea. ‘Algo está errado’, conforme diz Low.”⁴⁷ A América fascinava Jung, que às vezes a admirava de fato. Freud, contudo, jamais superou a aversão inicial. “Os americanos são extremamente desagradáveis”,⁴⁸ escreveria a Ernest Jones, em 1921. “Acredito que entre eles a competição seja muito mais intensa, e não obter sucesso significa a morte civil para todos; ademais, eles não se dedicam a ocupações particulares alheias à sua profissão, não têm *hobbies*, jogos, amor ou qualquer outro interesse próprio às pessoas cultas”

Os europeus deixaram a fazenda dos Putnam no dia 18 de setembro, não antes de Freud ter finalmente avistado um porco-espinho, infelizmente morto. Como presente de despedida, os Putnam deram uma estatueta de metal daquele animal a Freud, que ele adorou. Realizara as duas tarefas a que se propusera: ver um porco-espinho e fazer algumas palestras. Anos depois,⁴⁹ Freud repetiria em

um de seus livros a pequena história de Schopenhauer a respeito de porcos-espinho: fazia muito frio e vários porcos-espinho tentaram aconchegar-se em busca de calor; entretanto, afastaram-se rapidamente quando os espinhos pontudos os alfinetaram e machucaram. Mas o frio era terrível, e mais uma vez eles se aproximaram, para de novo fugirem imediatamente do contato com os vizinhos. Os porcos-espinho demoraram longo tempo, disse Freud, até descobrirem a distância em que podiam usufruir o calor dos companheiros, sem se machucarem.

Freud e Jung se haviam aproximado ao relatarem seus sonhos, mas afastaram-se a fim de manter sua privacidade. O calor da amizade e a dedicação ao trabalho compartilhado encorajou-os à intimidade; contudo, as possíveis conseqüências de tal proximidade ameaçavam a ambos. Durante certo lapso de tempo, porém, pareciam, à semelhança dos porcos-espinho, ter encontrado a distância adequada.

Capítulo 11

“Depois que nos separamos”, Freud escreveu a Jung, de Viena, “um número inacreditável de pessoas se parecia surpreendentemente com você; onde quer que eu fosse... alguém, usando seu chapéu claro com banda escura estava sempre à minha frente.”¹

Acomete-me ocasionalmente uma pontada de saudade de você”, retribuiu Jung, “mas apenas ocasionalmente; então volto ao normal.”²

A viagem aos Estados Unidos transformara o caloroso intercâmbio entre homens de ciência numa amizade profunda, com interesses comuns. Na camaradagem estava implícito o senso de convivência; juntos, Freud e Jung compadeciam-se, questionavam-se, especulavam, duvidavam e pilheriavam. Analisavam criticamente, e em concordância, a terceiros e seus ambientes, temperando a frase de espírito com duras verdades. Irônicos irascíveis, nem sempre se mostravam generosos. Um toque de audácia — aliados

precipitando-se sobre as cidadelas da descrença — caracterizava-os como iguais. No outono de 1909,³ embora Jung ainda prestasse obediência ao mais velho, e a linguagem de Freud mostrasse o prazer que sentia por ter encontrado seu sucessor, a relação entre ambos já poderia ser melhor descrita como a de camaradas em armas.

Freud e Jung experimentavam prazer quase infantil a cada novo sinal de interesse pela psicanálise. Ao retornar da América,⁴ Freud notou que só da Suíça havia cinco cartas recém-chegadas; no primeiro dia, de volta à sua escrivaninha, ele escreveu quase uma dúzia de cartas a países estrangeiros. Ficou satisfeito⁵ em perceber que não se passavam dois dias sem algum sinal de que a psicanálise estava em ascensão. Jung exultava também. “*Sua (isto é, nossa) causa está se saindo vitoriosa em toda a linha... Na verdade, estamos no topo do mundo!*”⁶

Tratar dos pedidos de aconselhamento e informação e bem como do registro de novos pacientes, era outra questão. “No fim”, Freud disse a Jung, “isto se tornará monótono e uma chatice”.⁷ Onde outrora havia solidão, permitindo horas de reflexão teórica, a pressão de pacientes, alunos e tarefas administrativas provocavam agora extenuantes semanas de trabalho. “Eu inventaria o sétimo dia”, Freud escreveu a Jung, exausto, “se o Senhor não o tivesse feito há tanto tempo”.⁸ “É detestável tantos pacientes precisando de tratamento psicanalítico, não acha?”, perguntou Jung. Meses depois, Freud reclamaria após um período de férias: “Hoje retomei o trabalho e recebi meu primeiro grupo de malucos novamente... Sempre demora uma ou duas semanas até que todos apareçam, e durante algum tempo ainda restam suficientes disposição e vivacidade para um pouco de trabalho cien-

tífico. Mais tarde, já nos contentamos com a simples sobrevivência.”⁹

Freud e Jung eram analistas talentosos e, afora os momentos de frustração, interessavam-se realmente por seus pacientes. Ainda que o incansável ímpeto de descobrir, abrisse um pouco mais as cortinas, não se estavam mais satisfazendo com a introvisão que obtinham dos pacientes. “Na prática clínica encontro pouca coisa nova”, reclamou Freud, “pouca coisa que não conheça.”¹⁰ Um dia Jung¹¹ afirmaria que, após o primeiro toque de assombro, o estudo de casos era monótono. Eles sentiam o tédio dos teóricos natos. Estavam sempre prontos para alguma coisa nova.

Nenhum dos dois gostava dos detalhes administrativos da psicanálise. Dirigir o trabalho de conferências, enviar convites, reservar quartos de hotel, solicitar e editar trabalhos para o *Jahrbuch* (Anuário) demandava tempo. As manobras diplomáticas que, cada vez mais, eram necessárias ao movimento psicanalítico, frustravam a ambos. Freud mal conseguia refrear a antipatia básica por seus colegas de Viena. Alfred Adler e Wilhelm Stekel, ambos analistas vienenses, necessitavam de constante supervisão e apaziguamento; em nenhum deles Freud confiava. Jung também enfrentava dificuldades em Zurique. Não eram muitas as pessoas que concordavam inequivocamente com as teorias de Freud, e, em geral, Jung as tentava persuadir a acreditarem mais. Eugen Bleuler,¹² nome importante na psiquiatria acadêmica, seria uma bela aquisição ao movimento psicanalítico; contudo, ele relutava em se deixar convencer. Seu comportamento ambivalente em relação à psicanálise frustrava Jung, mas Freud aconselhou-o a ter paciência. “Não faltará oportunidade de irmos à forra, mas isso exige cabeça fria.”¹³

Freud e Jung, caminhando pela corda bamba de prudência e equilíbrio no trato com os colegas, encontravam porto seguro um no outro. Freud simpatizava com o esforço de Jung para suportar seu antigo chefe em Burghölzli: tentar compreender Bleuler, acreditava Freud, era o mesmo que “cingir um pedaço de linóleo.”¹⁴ Em outra ocasião, descreveu Bleuler como “uma enguia espinhosa, se é que existe tal coisa”.¹⁵ Jung concordava com Freud que Adler era paranóico,¹⁶ e Stekel,¹⁷ embora brilhante, um “suíno”. Mas, concedeu Freud,¹⁸ “o porco é capaz de encontrar trufas.” Com frequência Freud via-se tentado a expulsá-lo, mas temia o que ele pudesse fazer em retaliação. Ademais, Freud acreditava que Stekel lhe era devotado, e “estou constrangido a suportá-lo como se faz com uma cozinheira velha que está com a família há anos”.¹⁹ Quando Freud contou a Jung como repreendera um adversário da psicanálise por haver mentido, Jung replicou: “É óbvio que o sujo estava mentindo. Espero que você tenha escarnecido, esfolado e massacrado o camarada com tamanha ferocidade que pelo menos uma vez ele tenha sentido fundo a eficácia da (psicanálise)... Se eu estivesse no seu lugar”, Jung afirmou vigorosamente, “ter-lhe-ia abrandado seu complexo de moleque de rua com uma boa surra suíça.”²⁰

Nos meses seguintes à viagem aos Estados Unidos, referências a problemas da vida particular de ambos afloravam naturalmente nas cartas e conversas. Em 1909, Freud estava com cinqüenta e três anos, ainda que quase sempre se considerasse velho; mencionara a Jung²¹ que seu complexo de velhice possuía origem erótica. O sentimento podia ser acompanhado de vaidade: um espelho adornado permaneceria durante anos pendurado na janela junto à

escrivaninha de Freud, estranha justaposição para um homem desprezioso. A vida sexual de Freud fora tema de discussão entre os dois. “A excitação sexual”, Freud escrevera a Wilhelm Fliess, em 1897, “não serve mais para alguém como eu”.²² Essa condição o acometia de quando em vez e, naquela época, escreveu a Jung em tom melancólico: “O crepúsculo de erotismo de que falamos em nossa viagem definiu lamentavelmente, sob a pressão do trabalho. Resignei-me a ser velho e já nem mesmo volto a pensar insistentemente no envelhecimento.”²³

Para Jung, dezenove anos mais jovem, os problemas eram outros. Acreditava que sua análise com Freud,²⁴ de volta da América, lhe havia feito muito bem. Estava agora muito mais razoável do que Freud poderia supor. Num arroubo de otimismo,²⁵ Jung passara a analisar até sua esposa, Emma. Mas confessou-se perturbado com a questão ética da liberdade sexual e contou a Freud que “este é, de fato, um grande problema, e vale o suor de todas as almas nobres”.²⁶ O dilema da liberdade sexual atormentava Jung. Primeiro, Sabina Spielrein, em seguida outras mulheres se refugiaram em seu calor humano e se deixariam apaixonar por ele. Anos mais tarde, muitas pessoas relatariam suas memórias de Jung; sob certos aspectos, os relatos difeririam, mas num ponto todos coincidiam de maneira confiável: Jung exercia irresistível efeito junto às mulheres. Para um homem de 34 anos, deve ter sido confuso perceber tal coisa. Jung contou a Freud que sofria do complexo nupcial, e finalmente revelou: “O pré-requisito de um bom casamento, parece-me, é a permissão de ser infiel.”²⁷

O clima de sua amizade, naquele outono de 1909, além de se inspirar no trabalho pelo movimento psicana-

lítico, nos comentários sobre a vida familiar e nos momentos ocasionalmente introspectivos, tinha todo o sabor da vida diante de uma fronteira aberta. Os primeiros êxitos solitários haviam apontado novas perspectivas. Agora, Freud e Jung, juntos, ampliariam e clareariam o horizonte. Cada novo esforço de um deles encontrava elogios espontâneos e generosos do companheiro. Para Freud, que durante tanto tempo trabalhara sozinho, e para Jung, com as inseguranças da juventude, a aprovação era fundamental. Freud voltou a trabalhar em sua palestra sobre o Homem-rato, aclamada no Congresso de Salzburgo no ano anterior; após elucidar e aperfeiçoar seus conceitos básicos, enviou o trabalho a Jung. “Seu *Homem-rato* deliciou-me”,²⁸ disse Jung. “Escrito com inteligência brilhante e repleto das verdades mais penetrantes. Entretanto, a maior parte das pessoas, em sua estupidez, não o compreenderá em profundidade. Esplêndida inventividade! Lamento, do fundo do coração, não ter sido eu a escrevê-lo.” Freud, que ansiosamente aguardava seus comentários em Viena, replicou com a maior sinceridade: “Seus elogios deixam-me radiante.”²⁹

Quando Freud reorganizou suas palestras na universidade, transformando-as em seminário, um dos primeiros tópicos baseava-se num trabalho de Jung. Gostava de contar que o debate sobre ele fora tão produtivo que se decidira a estendê-lo por mais uma semana. E quando Jung, ao resenhar um livro, discutiu as implicações filosóficas da psicanálise, Freud ficou comovido. “Suas observações... são extremamente oportunas — um roteiro que parece brotar das camadas mais profundas de minha alma. Nós nos compreendemos um ao outro.”³⁰ Para Jung, havia a satisfação de elaborar as opiniões de Freud, estrutural e filosofica-

mente consistentes. Mas não havia o prazer da conquista. Parte da grandiosidade de Freud e Jung residia na compreensão instantânea que tinham do essencial: categorias irracionais de pensamento caíam por terra diante da aguda presença de sua intuição. Ambos utilizavam a metáfora da exploração para descrever a psicanálise e, agora, ansiavam por erguer a bandeira em novas paragens.

Encontraram-nas na mitologia, naquele outono. “A arqueologia ou melhor, a mitologia, atraiu a minha atenção”,³¹ Jung contou a Freud duas semanas após retornarem da América. “Adorei saber que você está se envolvendo com a mitologia”,³² retribuiu Freud. “Um pouco menos de solidão... espero que logo concorde comigo que, com toda probabilidade, a mitologia centraliza-se no mesmo complexo nuclear das neuroses.” Segundo o ponto de vista de Freud toda a mitologia estava livre da rígida convenção da história e impregnada do maravilhoso. Quatro dias mais tarde,³³ Jung respondia: “Para mim já não há mais dúvida alguma sobre o que os mais antigos e mais naturais mitos estão tentando exprimir. Eles falam muito *naturalmente* do complexo nuclear de neurose.”

Era como se ambos usassem botas de sete léguas. Percorrendo os mitos antigos, eles buscavam a fonte, a nascente da primeira narrativa. Noite após noite, mês após mês, Jung mergulhou nos relatos de ritos pagãos e deuses vingativos e coléricos, tentativas milenares do espírito humano buscando encontrar ordem e significado. “Tenho as mais maravilhosas visões”,³⁴ Jung escreveu a Freud. “Vislumbres de conexões antigas que, no momento, sou incapaz de compreender.” Contudo, uma coisa tornara-se clara: “Não poderemos solucionar os segredos máximos da neurose e da psicose sem a mitologia e a história da civilização.”

Freud surpreendeu-se³⁵ com o fervor de Jung e ficou um tanto confuso com o poder que a mitologia parecia exercer sobre seu amigo. Mas ele estava acostumado a re-frear Jung, conhecia o ardor do amigo. Afinal de contas, o entusiasmo de Jung fora um dos motivos que levaram Freud a apreciá-lo tanto. Pelo menos em uma ocasião, porém, quando lhe fez uma pergunta simples e aparentemente sem qualquer relação, Freud se deu conta do possível alcance dessa intensidade da paixão de Jung pela mitologia. “Gostaria de colocar uma idéia minha”, Freud disse a Jung, “que ainda não amadureceu por completo: será que nossos partidários não se poderiam associar a grupo maior, em prol de uma idéia prática? Uma Fraternidade Internacional para a Ética e a Cultura está sendo organizada, visando a tais ideais.”³⁶

“Imagino uma tarefa bem mais delicada e abrangente para a psicanálise do que a aliança com uma fraternidade ética”,³⁷ redarguiu Jung com bom-senso. E prosseguiu: “Creio que lhe devemos dar tempo para se infiltrar nos mais variados centros, revivendo entre os intelectuais a sensibilidade diante do símbolo e do mito, paulatinamente transformando Cristo no deus-profeta da vinha que ele era e, dessa forma, absorver aquelas forças instintivas e extáticas do cristianismo com o objetivo de transformar o culto e o mito sagrado no que eram outrora — um festim de embriagadora alegria, onde o homem recuperava o caráter e a santidade de um animal.” Havia mais, mas isto já bastava.

“Sim, em você a tempestade é furiosa”,³⁸ Freud replicou suavemente.” Para mim parecem trovões à distância... Mas você não me deve considerar o criador de uma religião. Minhas intenções não vão tão longe... Não estou

pensando em substituto para a religião; essa necessidade deve ser sublimada. Não espero que a Fraternidade se torne uma organização religiosa, assim como não espero isto do Corpo de Bombeiros!” As palavras prudentes de Freud rastream-se na afeição. O judeu vienense que dedicara toda a vida à crença na razão encarava com indulgência afetiva os excessos de seu brilhante amigo cristão. A visão que Jung tinha da psicanálise, transformada em cálice para restituir ao cristianismo o “embriagador festim da alegria” e ao homem “a santidade de um animal,” aparentava deixar Freud curiosamente apático.

O ardor da amizade absorvia o ímpeto fervoroso de Jung. Pouco mais se disseram, e o assunto foi deixado de lado. Tudo marchara como parte de um modelo. Pois, a despeito da prevalência da amizade e as amplas áreas de concordância, os problemas entre eles se repetiam. Freud e Jung os enfrentavam com senso de humor e a delicadeza da tolerância, mas as questões eram sérias. O tema da libido era uma das fontes de discordância. Figurando entre os conceitos mais fundamentais de Freud, a libido era a energia que motivava uma pessoa a agir. Segundo Freud, a energia tinha natureza sexual e existia até mesmo na infância. As primeiras experiências infantis eram moldadas pelo desejo de possuir um dos pais, e destruir o outro. Na idade adulta, o inconsciente do indivíduo compunha-se desses desejos infantis, fruto de seus desejos libidinosos e incestuosos e se transformava na fonte de culpa.

Este aspecto da teoria de Freud perturbava Jung desde o princípio, que o aceitara com hesitação. Agora, escrevia ele, “com freqüência gostaria de tê-lo perto de mim, tantas são as coisas a perguntar. Por exemplo, gostaria de ter a definição de libido. Até o momento, nada satisfa-

tório obtive.”³⁹ Freud, que provavelmente ficou chocado com a afirmação de Jung, guardou tolerante silêncio. Algumas semanas depois, Jung expressou suas dúvidas de que a neurose tinha causa sexual. “O problema de sua constituição ser basicamente sexual me parece em particular difícil”,⁴⁰ afirmou Jung. “Não seria mais simples, por enquanto, começar com a sensibilidade como a origem geral da neurose?”

Jung sabia que a origem sexual da neurose, assim como o conceito de libido, era fundamental à obra de Freud. Dessa vez, Freud replicou prontamente: não acreditava, disse a Jung, que os jovens, iniciando-se na psicanálise, tentariam preservar o trabalho de Sigmund Freud. Na verdade, tentariam antes destruí-lo. Com mais ironia do que suspeitava ser possuidor, Freud afirmou que Jung “provavelmente teria papel fundamental nessa obra de destruição.”⁴¹ No entanto, prosseguiu Freud, com senso de humor, “tentarei guardar sob sua custódia algumas de minhas idéias ameaçadas”. A principal dentre elas era a da libido. “Na primeira frase do *Teoria da Sexualidade*”, Freud disse a Jung, “há uma clara definição na qual nada vejo a ser modificado.” Jung desculpou-se. “Minha tentativa de crítica, embora tenha parecido um ataque, na verdade constituiu uma defesa.”⁴² Percebera que Freud não o considerara possuidor de conhecimentos suficientes no campo da mitologia para proporcionar contribuição genuína. Assim, atacara. Contudo, seu pedido de desculpas não representava total concessão. “Observo”, acrescentou Jung, “que minhas dificuldades na questão da libido... sem dúvida se devem ao fato de ainda não ter ajustado suficientemente minha atitude à sua.”

Outro tema perturbava a ambos, e este era pessoal. Freud achava que Jung demorava a responder a

suas cartas. “Não acho muito amável de sua parte”, disse Freud, “deixar-me esperando 25 dias... por uma resposta — como se a rapidez e extensão de minha última carta o houvesse afugentado.”⁴³ “*Pater, peccavi*”,⁴⁴ respondeu Jung, citando São Lucas: “*Pequei, Pai.*” Dois anos antes, ele confessara que tais lapsos na correspondência constituíam tentativas de manter distância, já que uma investida sexual em sua infância o tornara cauteloso em amizades com homens. Fora difícil fazer tal confissão, e seria constrangedor repeti-la. Jung recorreu a outras explicações. Afirmou-se ocupado, o que sem dúvida era verdade. Além de atender pacientes e lecionar doze horas semanais, quatro estrangeiros tinham vindo trabalhar com ele naquele outono. As desculpas de Jung eram as mais variadas, e os dias escoavam entre cada carta. Escreveu contando a terrível ressaca que tivera após o carnaval. Mas nem mesmo ele conseguiu tolerar tais desculpas durante muito tempo. Como era de esperar, criou coragem e contou, com honestidade: “(Eu) ainda tenho resistência em escrever-lhe prontamente... o motivo para essa resistência é meu complexo paterno, minha incapacidade de corresponder às expectativas, (*o trabalho próprio é um lixo, afirma o demônio.*)”⁴⁵

Freud fez o possível para não pressionar Jung. Procurou não lhe escrever com tanta freqüência nem responder-lhe tão prontamente. Guardava uma carta e só a enviava após seguro intervalo. Ou a enviava de imediato, explicando que o trabalho psicanalítico o tornara necessário. Entretanto, vez por outra repreendia Jung. “De quando em vez, irrito-me — creio que lhe devo contar isso — por você ainda não se ter libertado das resistências provenientes de seu complexo paterno, limitando assim nossa cor-

respondência. Descanse em paz, caro filho Alexandre’’,⁴⁶ disse Freud, provavelmente referindo-se a Alexandre, o Grande. “Deixarei mais para você conquistar do que eu mesmo consegui, toda a psiquiatria e a aprovação do mundo civilizado, que me considera um selvagem!” Entretanto, após cada explosão, retornava a calma. Discordâncias quanto a definições da libido e freqüência de contato epistolar eram temperadas com humor, leves reprimendas e os inevitáveis pedidos de desculpa, rapidamente esquecidos entre outras preocupações, mais imediatas.

Freud estava satisfeito com seu sucessor. Mas Jung por vezes ressentia-se de sua posição. Disse ele a Freud: “Assim como Hércules, você é um herói humano e um semi-deus”;⁴⁷ e queixou-se: “É difícil trabalhar lado a lado com o pai criador.”⁴⁸ Freud diversas vezes tranquilizou seu colega e amigo mais jovem, afirmando ser dele o futuro da psicanálise, mas no íntimo Jung estava preocupado. Em dezembro de 1909, desabafou com Sándor Ferenczi, que acompanhara a ambos na viagem aos Estados Unidos, três meses antes. Se a carta de Jung começava com modéstia, terminava de maneira inteiramente diferente.

“Ser ou não reconhecido como ‘príncipe herdeiro’ às vezes aborrece-me, às vezes agrada-me”,⁴⁹ Jung confessou a Ferenczi. “Desde que desisti da carreira acadêmica, meu interesse pela ciência e pelo conhecimento se tornou mais puro, compensando amplamente os prazeres da estima do mundo, ou seja, para mim é realmente mais importante compreender com clareza as questões científicas e trabalhar pelo futuro de que medir forças com Freud.”...

“O que de fato se quer?” indaga Jung na carta a Ferenczi, e de súbito torna-se claro seu formidável desejo. “No final, aquele que de fato é ou foi o mais forte é sempre

o que permanece rei, mesmo que postumamente. Como de hábito, temos de nos submeter confiantes a essa lei natural, pois que não vale mesmo a pena se colocar contra ela.' A imagem sombria de dois grandes rivais aguardando o julgamento da história por um instante se tornou clara à luz da ambição de Jung, desaparecendo em seguida. Mas a percepção durara o suficiente para apontar que o filho penitente já estava desejando assumir o trono.

No princípio de 1910, organizou-se um congresso em Nuremberg nos dias 30 e 31 de março. Freud e Jung não se viam há seis meses. "A questão das raízes mitológicas não estará... representada no programa?";⁵⁰ Freud perguntou a Jung, quando organizavam as palestras. Súbita e inexplicavelmente, em meio aos detalhes de última hora, Jung tomou um navio para a América, a fim de visitar um paciente que tratara em Zurique. Freud soube que outro amigo suíço, Oskar Pfister, não poderia participar do Congresso. "Ainda não compreendi por que você não virá a Nuremberg";⁵¹ Freud, alarmado, disse a Pfister. "Bleuler também não vem, Jung está na América, e estou ansiando por sua volta. O que acontecerá se meus colegas de Zurique me abandonarem?" Mas, à última hora, Jung conseguiu chegar ao *Grand Hotel* (foi modificado o horário de sua palestra, o que lhe deu algum tempo para descansar), e o Congresso teria entre cinquenta e sessenta participantes. A sessão da tarde, iniciada às cinco horas, foi das mais agitadas. Em determinado momento,⁵² o presidente viu-se forçado a interromper os trabalhos, a fim de dar aos vários grupos oportunidade de uma reunião particular, pois, sob a orientação de Freud, Ferenczi lançara algo seme-

lhante a uma bomba. Os colegas vienenses de Freud ouviram, incrédulos, Ferenczi sugerir-lhes a formação da Associação Psicanalítica Internacional, tendo Carl Jung como presidente vitalício. Além disso, Ferenczi propôs que Jung detivesse o poder de veto a todos os artigos sobre psicanálise escritos por membros da Associação.

Meses antes, Freud confidenciara a Ferenczi seu sonho de que Jung pudesse liderar o movimento psicanalítico. Ferenczi era homem generoso e de bom coração, leal a Freud; mas estava consciente de um elemento de rivalidade em sua relação com Jung. “Não tenho ciúme de Jung”,⁵³ Ferenczi disse a Freud, e tentava com todas as forças não alimentar tal sentimento. Buscava superar sua concepção da amizade entre os três — Freud e seus dois “filhos,” Ferenczi e Jung. Procurara até mesmo o conselho de uma vidente sobre a questão.

Frau Jelinek morava em Budapeste, num lúgubre cubículo, ao qual Ferenczi se referia como “um café para pessoas muito pobres.”⁵⁴ Magra, frágil e freqüentemente enferma, *Frau* Jelinek fora aconselhada por um de seus médicos a ler a sorte das pessoas: caso contrário, morreria. O marido hipnotizava-a traçando linhas no ar. “O que devo fazer em minha relação com Jung?”, Ferenczi perguntou a *Frau* Jelinek. A resposta, recorda-se Ferenczi, foi a seguinte: “A amizade funcionará bem, embora ele seja irascível e violento.” (Ferenczi não tinha muita certeza se se lembrava corretamente desta última palavra.) “Mas no final”, prosseguiu *Frau* Jelinek, “vocês estarão juntos em um trabalho de cooperação.”

A descrição de Jung feita por *Frau* Jelinek acentuou um aspecto de seu caráter que preocupava Freud e Ferenczi, ao lhe avaliarem a habilidade de liderar o movimento

psicanalítico. “Obviamente”, Ferenczi disse a Freud, “embora seja vigoroso, ele também tem de lutar contra seu temperamento e sobretudo com sua ambição e sede de poder. Provavelmente, serão essas as últimas facetas que ele irá superar. Mas estes traços combinam bem com o trabalho que esperamos dele, contanto que não se deixe dominar por eles.”⁵⁵ Ferenczi comparou Jung aos vienenses, admitindo o inegável valor que conferia ao “contato constante” com Freud. “Mas o que falta ao vienense”, ponderou Ferenczi, “e que Jung possui em abundância é a percepção de que a psicanálise se deve iniciar com a autocrítica, sem a qual qualquer análise assumirá um quê paranóico.” Ferenczi concluiu dizendo a Freud que, “após cuidadosa meditação, devo concordar com você quanto ao futuro papel de Jung na psicanálise. Tem duas grandes qualidades: a postura corajosa e independente no reconhecimento de suas (de Freud) idéias, bem como os primeiros experimentos em psicanálise, asseguram-lhe este papel, mesmo que ele nada mais realizasse.” É notável, nesta longa avaliação de Carl Jung, que Ferenczi não tenha colocado na balança o fato importante de Jung ser cristão. Na opinião de Ferenczi, Jung ganhara a posição devido a seu mérito individual; o fato de não ser judeu não foi mencionado.

Posteriormente, diante da assembléia em Nuremberg, Ferenczi apenas reiterava sua decisão e de Freud, de que Jung representava a melhor liderança para o movimento psicanalítico. Podia-se questionar por que Ferenczi se encarregara da desagradável tarefa de enfrentar os vienenses. Certa vez, Freud pedira-lhe que assumisse a posição de “conselheiro sensato”,⁵⁶ ao lado de Jung, e Ferenczi aceitara. “Seria um infantil desafio ao destino se eu me rebelasse.” Ademais, Ferenczi acreditava que Freud precisava

dele. Também perguntara a *Frau Jelinek* a respeito de seu “amigo vienense”, e ela replicara: “Deve permanecer leal a ele... Não apenas ele é útil a você, mas você é útil a ele; portanto, jamais se separe dele.”⁵⁷

A proposta de Ferenczi em Nuremberg⁵⁸ de que Jung fosse escolhido presidente vitalício da Associação Internacional inflamou os vienenses. Todo o ciúme e a desconfiança reprimidos que sentiam com relação a Jung aflo-raram. A reação dos vienenses desapontou Ferenczi. Conhecia a própria inveja que experimentava por ele e lutara por sobrepujá-la. “Entretanto, eu não estava preparado para um complexo fraternal tão intenso e não-analisado, como o de Adler e Stekel em relação a Jung”,⁵⁹ relataria mais tarde a Freud. “Entristeceu-me muito descobrir isto em pessoas que viviam junto a você há quase uma década.” A caminho de casa, voltando de Nuremberg, Ferenczi iria sugerir cautelosamente aos vienenses que se analisassem mutuamente a respeito daquela questão, mas seu comentário só suscitou escárnio. “Não temos tempo”, disseram-lhe, “algo que, sem dúvida, sobra ao pessoal de Zurique.”

O grupo vienense reuniu-se no *Grand Hotel*, a portas fechadas, a fim de tramar o próximo passo. Quando Freud tomou conhecimento da reunião de protesto, dirigiu-se imediatamente ao quarto de Stekel. Diferem os relatos sobre o que aconteceu em seguida, mas o de Franz Wittels foi o mais moderado. “A maior parte aqui é de judeus”, Wittels lembra-se de Freud ter dito, “portanto, inadequados para conseguir adeptos do novo ensinamento. Os judeus devem se contentar com o papel modesto de preparar terreno. É absolutamente essencial que eu crie laços com o universo da ciência geral. Os anos estão passando e estou cansado de ser perpetuamente atacado. Todos cor-

remos perigo... Não me deixarão sequer a roupa do corpo... O suíço nos salvará — salvará a mim e a todos vocês.”⁶⁰

Freud lutava para entregar a presidência a Carl Jung não por um ou dois anos, mas por toda a vida: um homem que questionava a própria essência de sua teoria sexual. Freud estava arriscando o futuro da psicanálise, confiando-a a alguém que poderia fazê-la revivificar o cristianismo e promover a fruição “de seu hino ao amor, da agonia e do êxtase pelo deus desaparecido e ressurgente, da força mística do vinho, da antropofagia aterradora da Última Ceia.”⁶¹ Ninguém poderia afirmar que apenas a razão guiava Freud.

Capítulo 12

No dia de Natal de 1910¹, nove meses depois do Congresso de Nuremberg, Freud estava sentado no *Park Hotel*, em Munique, aguardando Eugen Bleuler, de Zurique. Naquela temporada de Natal, os alemães deliciavam-se com as notícias de que a Marinha dos Estados Unidos não desafiaria as águas invernais do Mar do Norte a fim de visitar os portos germânicos. Seus próprios marinheiros as enfrentavam diariamente, e os alemães lançavam zombarias, afirmando que “a esquadra americana não tem fibra suficiente”.² Nos despachos que cruzaram o Atlântico naquele dia 25 de dezembro, havia outra notícia inquietante, sombria, de poderio militar: “Quando o conde Zeppelin, inventor alemão, apresentou ao mundo civilizado seu dirigível *Zeppelin I*”, noticiou *The New York Times*, “ele veio acrescentar outro problema à já sobrecarregada arte da guerra”.³ Uma possibilidade inteiramente nova e desencorajadora: “A história dos campos abaixo, cobertos

de tropas, será como um livro aberto para o observador treinado que os veja de cima.’’

Garoava na Alemanha no dia de Natal, sobre a praça medieval de Munique, as carruagens puxadas a cavalos nas ruas de pedras, as figuras entalhadas de cavaleiros e camponeses movimentando-se mecanicamente em torno do *Glockenspiel*, na torre acima. ‘‘Em todo o império mal se encontra um floco de neve’’,⁴ observou um repórter; contudo, o carinho com que os alemães comemoram o Natal não foi prejudicado. O país tivera um ano de grande prosperidade, e as compras natalinas haviam sido tão pródigas que as grandes lojas de departamento várias vezes tiveram de fechar as portas a fim de evitar a superlotação. Um visitante na Alemanha relatou que na noite de Natal, em toda parte, famílias reuniram-se em volta da árvore para entoar a canção natalina *Stille Nacht* e distribuir presentes.

Freud não fizera a longa viagem até a Baviera, no Natal de 1910, simplesmente a passeio. O movimento psicanalítico sofrera sérios reveses desde o Congresso de Nuremberg, sobretudo na Suíça. Bleuler, um dos primeiros a reconhecer as teorias de Freud, recusava-se agora, juntamente com a maioria dos suíços, a ingressar na nova organização dedicada à psicanálise de Freud. A influência de Bleuler sobre seus colegas suíços era significativa, e sua envergadura na psicologia acadêmica teria conferido à associação de Freud um brilho austero. Em Munique, por ocasião das festividades do Natal alemão, Freud faria o possível para ganhá-lo novamente à sua causa.

As conclusões do Congresso de Nuremberg haviam deixado Freud exausto, mas satisfeito. Um dos resultados do encontro fora a decisão de fundar um segundo periódico. O novo *Zentralblatt*, pensava Freud, ‘‘seria uma arma

de dois gumes.”⁵ Viria a público em Viena, enquanto que o *Jahrbuch* continuava sendo lançado em Zurique; Ferenczi concordou que seria bom “colocar duas armas em combate, pois a competição entre Viena e Zurique pode favorecer a causa.”⁶ Mais importante, Jung fora eleito presidente da nova Associação Psicanalítica Internacional, embora apenas com o mandato de dois anos e sem o poder que Freud desejara. Entretanto, o criador estava satisfeito. No momento, o futuro da psicanálise estava assegurado até o oeste, na Suíça, nas mãos capazes de Carl Jung. “Espero que concorde com as decisões de Nuremberg e permaneça lealmente ao lado de nosso Jung.”⁷ Freud escrevera a seu amigo suíço, Oskar Pfister. “Quero que ele adquira autoridade que mais tarde o qualifique para a liderança de todo o movimento.”

Contudo, problemas haviam surgido na Suíça quase imediatamente. Os analistas locais questionavam a exigência de que seus integrantes fossem exclusivamente membros da Associação Internacional. Decidiram abrir a sociedade suíça a todos os interessados. Tal atitude enfureceu Freud: deixar entreaberta essa porta seria o mesmo que permitir a alguém ser chamado de psicanalista sem endossar a teoria sexual de Freud. Referindo-se aos suíços como “cabeças-duras”⁸, Freud escrevera a Jung, com rudeza. “Os acontecimentos em Zurique parecem-me estúpidos. Surpreende-me que você não tenha mobilizado toda a sua autoridade a fim de impedir essa decisão inconcebível... Em seu lugar, jamais consentiria em tal coisa.”

Todavia, mesmo entre os suíços, a influência de Jung não parecia significativa. Ele não conseguiu convencer Bleuler de unir-se à Associação Internacional. “O rompimento com Bleuler não me deixou incólume”,⁹ Jung confes-

sou a Freud. “Mais uma vez, subestimei meu complexo paterno.” Também não o deixaria indulgente. Certo dia, Bleuler pediu-lhe que interpretasse um de seus sonhos; posteriormente Jung relatou o acontecido a seu colega e amigo mais velho: “Ele sonhou que *estava dando de mamar ao próprio filho...* Depois ele *me* leva ao peito, seu filho,.. Ele não se sente nem um pouco homossexual, mas, dessa forma, por amor a mim, transforma-se em mulher.”¹⁰ Anos mais tarde, o colega de Jung, C.A. Meier, observaria: “Jung era muito crítico com os homens. Era quase assustador. Havia algo estranho nisso aí.”¹¹

Freud acreditava que algumas das dificuldades de Jung em cortejar os suíços de mentalidade independente haviam surgido porque Jung estava apaixonado por seu “novo e enrustido amor, a mitologia.”¹² Organizar o movimento psicanalítico exigia atenção total a detalhes, mas Jung deixava a correspondência acumular e as coisas por fazer. Para ele, o trabalho organizacional parecia apenas empanar a grande beleza da teoria.” A seclusão é como uma chuva tépida”¹³ disse a Freud. “Por conseguinte, este território deve ser protegido contra as ambições do público durante muito tempo ainda. Assim, não estou nem um pouco preocupado com este período de depressão; é garantia de prazer imaculado, como um belo vale no alto das montanhas, ainda não descoberto por Thos. Cook & Co.”

Aparentemente, Jung não desejava tanto governar quanto reinar. Contudo, as teorias da psicanálise, pensava Freud, ainda não estavam tão firmemente estabelecidas que pudessem prescindir de liderança. Os acontecimentos provaram que ele tinha razão. Sándor Ferenczi relatou uma reunião em Hamburgo, Alemanha, em 1910, onde as teorias de Freud foram debatidas. Um professor de medicina,

Wilhelm Weygandt, esmurrou a mesa e bradou: “Isto não é tema de discussão em um encontro científico; isto é um caso de polícia.”¹⁴ Freud, em correspondência com alguns médicos de Hamburgo, leu nas entrelinhas de suas cartas que “nós vienenses somos não apenas porcos, mas judeus também.”¹⁵ Ferenczi, naquele mesmo ano, pronunciando uma palestra em Budapest, ouviu comentarem que “o trabalho de Freud não passa de pornografia, e o lugar dos psicanalistas é na cadeia.”¹⁶

Freud contava com Jung para coordenar esforços internacionais no sentido de difundir suas teorias. Passara por cima, na liderança, do leal Karl Abraham. Em seu apoio a Jung, Freud provocara duradoura amargura em colegas vienenses. Estava mais sozinho do que poderia imaginar. Ernest Jones, cuja vacilação Freud temera por ocasião da viagem aos Estados Unidos, finalmente aceitara sua liderança no movimento psicanalítico. “Você está certo”,¹⁷ Jones escrevera a Freud, “em supor que eu esperava representar papel mais importante no movimento na Inglaterra e na América do que percebo agora ser possível: o movimento deve e tem de ser liderado por você, e contento-me em ser-lhe útil da maneira que lhe pareça melhor.” Mas logo Jones¹⁸ se veria enredado em novos problemas. Em sua atividade de médico, em Toronto, Jones trataria uma mulher que depois viria a acusá-lo de manter relações sexuais com ela. E tentaria até mesmo dar-lhe um tiro. Surpreendentemente, embora protestando inocência, Jones acabaria pagando 500 dólares chantageados por essa mulher, a fim de evitar um escândalo, segundo explicou. E deixaria o Canadá, comprometendo a posição de Freud na América.

O precário futuro do movimento psicanalítico dependia agora, em meio a tantos atritos, precisamente de um

homem: Carl Jung. No entanto, ele ofendera os colegas vienenses de Freud, e não se saíra melhor com seus próprios companheiros da Suíça. “Gostaria de morar mais perto de Jung”, ponderava Freud, “para que pudesse apoiá-lo em sua nascente autoridade, da qual parece depender boa parte de meu futuro.”¹⁹ Finalmente, Freud escreveu uma carta afetuosa a Jung: “Ao que parece, meu caro filho e sucessor, os primeiros meses de seu reinado não foram dos mais brilhantes. Às vezes tenho a impressão de que você mesmo não levou suficientemente a sério as suas funções e ainda não começou a agir de maneira coerente com sua nova dignidade.”²⁰

Jung caiu em si “Percebo agora que meu *début* como regente foi menos do que brilhante... Constitui prazer sinistro, Deus sabe como, estar tantas décadas adiante destes idiotas.”²¹ Buscando reparar o prejuízo dos meses anteriores, Freud decidiu visitar Bleuler pessoalmente. A viagem à Suíça lhe possibilitaria clarear a situação e visitar Jung em sua nova casa em Küsnacht. Mas, quando Bleuler ofereceu-lhe hospedagem em Burghölzli, Freud e Jung viram-se em um dilema. Nenhum dos dois gostaria de estar na mesma cidade, sem poder ver livremente o outro. “Seria péssimo para nós”²², disse Jung. Decidiu-se então que Freud e Bleuler se encontrariam em Munique. Jung viajaria também àquela cidade e eles se encontrariam após a partida de Bleuler. A “pequena intriga”²³ deliciou Freud. Reservou quartos no *Park Hotel*, de Munique, e Jung fez o mesmo. “Por favor, deixe-me um bilhete no hotel”, escreveu Jung, “dizendo quando me deseja ver e como me devo conduzir a fim de não topar com Bleuler.”²⁴

Munique situa-se bem ao norte dos Alpes, no sul da

Alemanha, quase a meio caminho entre Viena e Zurique. Freud e Bleuler lá se encontraram, na manhã de Natal, e caminharam durante horas pela cidade, mas com algumas paradas”,²⁵ recordou Freud. “Às gloriosas refeições no *Park Hotel*”, Freud evitou mencionar o desejo de que Bleuler ingressasse na Associação Internacional, mas no restante, a conversa entre os dois foi franca. A admiração que Bleuler nutria por Freud transformou-se em amizade. Como Freud contou a Ferenczi, depois, “ele não passa de um pobre diabo como nós, que deseja um pouco mais de amor das pessoas”, algo — prosseguiu Freud, referindo-se a Jung — “que talvez tenha sido negligenciado por um colega importante.”²⁶ Quando Bleuler partiu, no dia seguinte, Freud sentiu que se separavam como amigos. “Assim, parece que Zurique vai prosperar”, ponderou Freud, “o que é tão crucial para nós.”²⁷

Jung chegou ao *Park Hotel* a tempo para o jantar do dia 26 de dezembro, poucas horas após a partida de Bleuler. Passara um Natal²⁸ tradicional, num jantar *black-tie* em sua casa, com o enorme pinheiro escuro da sala repleto de biscoitos e guloseimas para os filhos. Encontrava-se em excelente estado de espírito ao encontrar Freud. Embora tenham falado de Bleuler e mitologia, como haviam planejado, Freud disse depois: “abri meu coração sobre vários assuntos, o movimento de Adler, as minhas dificuldades...”²⁹

Alfred Adler era motivo de sofrimento para Freud, em parte porque o fazia lembrar Wilhelm Fliess. “A mesma paranóia”,³⁰ contou a Jung; e a Sándor Ferenczi ele escreveu “Adler é um pequeno Fliess revivido.”³¹ Freud levava um trabalho que acabara de escrever sobre a paranóia, o qual lhe daria muitos problemas, porque, admitiu

a Jung, “precisei repelir complexos dentro de mim (Fliess)”.³² Ao entregar a Jung o estudo que suscitara recordações de uma amizade complicada, Freud tinha outros motivos para se lembrar de Fliess, pois fora ali, no salão de jantar do *Park Hotel*, que ele desmaiara em duas ocasiões, em decorrência de suas dificuldades com Wilhelm Fliess. Ele não poderia imaginar que muito em breve sofreria outro desmaio, no mesmo local...

Freud pensava haver superado seus complexos — a necessidade de confessar sua fraqueza, as hesitações e dúvidas sobre si mesmo: “desde o caso de Fliess...”, escrevera a Sándor Ferenczi, alguns meses antes, “essa necessidade foi extinta. Parte da concentração de energia homossexual se retraiu e foi utilizada para a ampliação de meu ego.”³³ Poucos dias antes da viagem a Munique, Freud repetira a Ferenczi: “Agora já superei a questão Fliess, sobre quem você tinha tanta curiosidade.”³⁴ Ferenczi pensara a respeito de Fliess, às vezes ponderara se Freud ainda nutria alguma grande tristeza com a perda do amigo, mas Freud disse que não.

Quando Freud e Jung se voltaram para o tema da mitologia naquele dia de dezembro de 1910, Freud impressionou-se com “as instigantes pesquisas de Jung.”³⁵ Contudo, detectou alguma hesitação da parte de Jung quando ele lhe contou de seu trabalho, e Freud não soube a que atribuí-la. Ao voltar a Viena, ele escreveria: “Não sei por que você teme tanto minha crítica em questões de mitologia. Ficarei feliz quando você cravar nesse campo a bandeira da libido... e retornar como conquistador vitorioso à nossa terra natal médica.”³⁶ Os dois discutiram também a possibilidade de explorar a telepatia utilizando os instrumentos psicanalíticos. Freud preferia não o fazer.

O assunto incomodava-o; contudo, sabia que o tema fascinava Jung, e também Ferenczi. Jung riu ante os temores de Freud, mas elogiou sua prudência e concordou em esperar dois anos antes de escrever sobre temas de ocultismo. “Agrada-me”, Freud diria a Ferenczi mais tarde, “que ele tenha ombros’largos. Considero este fardo quase demais para mim.”

As conversas entre Freud e Jung durante e estadia na Alemanha exerceram poderoso efeito sobre ambos. Aparentemente, a magia da presença do outro sempre fazia milagres e solucionava todos os problemas. Ao voltar a Viena, Freud contou a um amigo: “Jung mostrou-se mais uma vez esplêndido, e fez-me muito bem.”³⁸ Freud obtivera confiança suficiente para prosseguir mais um dia. “Mais do que nunca estou convencido de que (Jung) é o homem do futuro.”³⁹

Jung tinha boas notícias quando escreveu a Freud, de Küsnacht. “Bleuler ingressou na Sociedade. Inclino-me ante sua perícia!”⁴⁰ Contudo, mal a situação pareceu estabilizar-se em Zurique, as coisas pioraram em Viena. Alfred Adler, presidente da Sociedade austríaca, e seu vice-presidente, Wilhelm Stekel, renunciaram a seus cargos porque suas opiniões não eram mais compatíveis com as de Freud. Preferiam permanecer como membros do grupo, e Freud manteve-os sob rédea curta. Inquietava a Freud que Adler estivesse desvalorizando a libido sexual. “Ele criou para si”, escreveu Freud, “um sistema de mundo sem amor, e eu me encontro no processo de levar a cabo a vingança da deusa ofendida, a Libido.”⁴¹

Não obstante perturbadora, Freud tolerou a reação de Adler e Stekel porque ela abria caminho para Jung. “Se

o reinado estabelecido por mim foi abandonado'', Freud disse a Ludwig Binswanger no começo de 1911, poucos meses após o encontro com Jung em Munique, ''apenas Jung poderá herdar todo o reino. Você compreende, minha política visa apenas a este objetivo, e meu comportamento com Stekel e Adler faz parte do mesmo sistema.''⁴² Várias semanas depois, ele voltou a escrever a Binswanger, sobre o mesmo tema. ''As dificuldades em Viena provavelmente só poderiam ser eliminadas se me reconciliasse com Stekel e abandonasse Jung.''⁴³

Para Freud, lidando constantemente com as insurreições da ''revolução palaciana em Viena,''⁴⁴ o verão de 1911 passou, deixando pouco tempo para a pesquisa científica. Mas para Jung, como seu amor pela mitologia e pelo oculto, foi um ''período repleto de maravilhas.''⁴⁵ Ao longo de quase dois anos, as pesquisas de Jung levaram-no, pelas camadas históricas do passado do homem, a percorrer continentes em busca dos paralelos do mito. Constituíra extenuante tarefa discernir os padrões de inúmeras e variadas referências históricas encontradas por Jung. Seu trabalho *Transformações e Símbolos da Libido, Parte I* foi publicado no *Jahrbuch* naquele verão de 1911. Aí Jung conseguiu mostrar que no âmago do mito estava a teoria freudiana da sexualidade infantil sob todos os seus aspectos. Freud se mostrou ansioso por ler esse ensaio. ''Estive trabalhando em um terreno que o surpreenderá'', Freud escreveu a Jung. ''Trouxe à luz coisas estranhas e misteriosas e quase me sinto grato por não as discutir com você. Mas você é demasiado esperto para não adivinhar logo o que seja, se lhe disser que estou louco para ler o seu *Transformações e Símbolos da Libido*.''

Jung estava fora de si. Não sabia o que Freud queria dizer. Dez dias mais tarde, Freud explicou-se. Há várias semanas estivera trabalhando sobre a origem da religião, mesma área coberta no trabalho de Jung, e não quisera confundir Jung com suas próprias idéias sobre o tema. Agora Freud via com alívio que as conclusões de Jung eram semelhantes às suas. “Então você também percebeu que o complexo de Édipo encontra-se na raiz do sentimento religioso. Bravo!”⁴⁶ Jung, porém não compartilhou o alívio de Freud. Dois meses depois, Jung se queixaria de que “para mim são sombrias as perspectivas, caso você também entre na psicologia da religião. Você é um rival perigoso — se é que podemos falar em rivalidade.”⁴⁷ Contudo, ele deixou que a carta de Freud passasse sem ser respondida. Em poucas semanas, Freud iria a Zurique, antes do Congresso de Weimar, em fins de setembro de 1911. Então discutiram o assunto.

No começo da manhã do dia 16 de setembro de 1911, Jung esperava Freud na estação ferroviária de Zurique. Ambos entraram na carruagem e percorreram a Seestrasse até Küsnacht, em linha reta rumo à casa de Jung. Freud não sabia, não tinha motivos para imaginar, que esta seria a única vez em que visitaria o lar de Jung.

“Chamado ou não, Deus se faz presente.”⁴⁸ As palavras entalhadas em latim sobre a porta de Jung não surpreenderiam Freud, nem tampouco sua explicação: “Queria expressar o fato de que sempre me sinto inseguro, como se estivesse em presença de possibilidades superiores.” Embora a casa fosse ampla, aquela era a única porta. “Nós, suíços, vivemos no centro da Europa”,

Jung gostava de dizer, “e muitas coisa pode acontecer.” Uma vez no interior, o conforto antiquado do revestimento com painéis escuros, o chão de parquet, os tapetes orientais, o descanso redondo junto à porta, repleto de bengalas, e a limpeza imaculada da casa reduziam os sentimentos de insegurança de Jung. Provavelmente as duas filhas e o garoto de Jung⁴⁹ vieram correndo recebê-los, como faziam com freqüência à chegada de amigos e pacientes que visitavam a casa. Freud⁵⁰ estava ansioso por conhecer as crianças, particularmente Agathli, a menina vivaz que inspirara uma das palestras de Jung na América.

Emma Jung recebeu Freud calorosamente. Gostava muito dele. Certa vez ele lhe enviara um pacote de livros, e haviam trocado bilhetes sobre os detalhes de um congresso. Ela apreciava as conversas de ambos. Mas Emma tomava o cuidado de deixar Freud e Jung a sós, para que pudessem conversar sem serem perturbados. Parecia-lhe que Carl tinha dificuldades no relacionamento com homens, e fazia o possível para ajudá-lo.⁵¹ Ademais, sabia que o marido estava ansioso por conhecer melhor a opinião de Freud a respeito de seu último estudo,⁵² a primeira parte de seu *Transformações e Símbolos da Libido*. Precisavam de tempo juntos.

Percorreram a nova casa. Ela fora projetada por um primo arquiteto, mas Jung gostava de deixar em tudo a sua marca. Assim, independentemente do ornamento de tapetes e gravuras, a casa trazia a marca inconfundível de seu dono e os erros inevitáveis do amador. Emma achava que o guarda-roupa estava mal situado, próximo demais da sala onde Carl atendia seus pacientes. O console de mármore marrom, formal, não combinava com os azulejos brancos e pretos da lareira abaixo. Um dia, muitos anos

depois, com um tapinha sobre o console de mármore, o filho de Jung, Franz, esclareceu a razão que o levava a tornar-se arquiteto: “Acho que isto está errado. Às vezes meu pai cometia erros em arquitetura. Por isso pensei que poderia haver alguma possibilidade para mim nesse campo.”⁵³

No pequeno gabinete no andar de cima, junto à biblioteca, Jung não cometera erros, embora chamasse a sala de “sua câmara de horrores.” A sala era quadrada, repleta de textos antigos e banhada por tênue luminosidade, que se filtrava através das vidraças verde-âmbar das pequenas janelas. Sobre a escrivaninha que outrora pertencera ao avô de Jung havia pilhas de cartas por ler, anotações manuscritas, livros sobre temas misteriosos abertos para sua investigação posterior e pequenos objetos exóticos. Na parede atrás da escrivaninha, havia um quadro coberto por pano, uma fotografia do Sudário de Turim, cuja imagem, acreditava-se, trazia a impressão do rosto de Cristo. “Mesmo que não fosse o rosto de Jesus”, disse Franz Jung, “era um rosto de extremo sofrimento e inspiração. Para meu pai, era um mistério.”⁵⁴ Por isso Jung o mantinha coberto.

A sala era a parte do universo de Jung que preocupava Emma. Era onde o marido atendia os pacientes; e embora Franz se recordasse de que “meu pai sempre informava de tudo,”⁵⁵ com freqüência Emma sentia-se isolada. “Todas as mulheres apaixonam-se por ele”⁵⁶, ela desabafava com Freud. Ali o marido trabalhava com os pacientes, dando-lhes um pouco de sua força, até que eles encontrassem a própria. As mulheres diziam que, em sua presença, por vezes desde a primeira consulta, sentiam-se novamente inteiras. Reagiam a Jung com emoções que quase sempre duravam toda a vida. Muitos anos depois, o filho

de Jung compreenderia: “Não era tanto *o que ele fazia*, mas *o que ele era*.” Contudo, uma jovem esposa não é um filho adulto, e, em 1911, Emma Jung não compreendia. Sabina Spielrein, a russa de quem Jung tratara em Burg-hölzli, fora várias vezes a Küsnacht. E agora havia outra. Antonia Wolff, moça profundamente perturbada, filha de abastada família de Zurique, que também encontrava Jung ali, também o amava.

A despeito das preocupações de Emma, aquele era um lar caloroso e livre. Quando fazia bom tempo,⁵⁷ tomavam chá ao ar livre, em torno de uma mesa repleta de doces e biscoitos feitos pela própria Emma. Os cães corriam pelo gramado, e, enquanto as crianças alimentavam os patos e brincavam no bambuzal à beira d’água, o pai fumava charutos e lia o jornal da tarde. Naquele mês de setembro, entretanto, houve pouco tempo para tais momentos domésticos. A visita de Freud ensejou recepções, seminários com os alunos de Jung e discussões de detalhes de última hora para o Congresso. James Putnam viera da América, a fim de acompanhar o grupo a Weimar, e teria algumas horas de análise com Freud.

Jung ficou fascinado com a conversa que travou com Freud a respeito dos irmãos na mitologia. Discutiram duplas famosas nessa área, e Freud descobriu um fio comum: inevitavelmente, comentou com Jung, um deles era mais fraco, e fadado a morrer. Emma gostou da visita de Freud, mas sentia no ar que algo estava errado. Achou Freud deprimido e submisso. Ele se mostrava preocupado com os filhos e contou a ela na manhã seguinte à sua chegada, que seu casamento “há muito fora ‘amortizado’, e agora nada mais havia a fazer, exceto... morrer.”⁵⁹ Com o passar dos dias, Emma percebeu que não havia meio de Freud

mencionar o novo trabalho de seu marido. Ela sabia que Carl estava ansioso pela opinião de Freud sobre *Transformações e Símbolos da Libido*, mas ele não se pronunciou quanto ao ensaio.

Entre os visitantes de Küsnacht estava Alphons Maeder, jovem médico suíço que trabalhara com Jung em Burg-hölzli. Convidado freqüente, em setembro de 1911, Maeder observou o amigo e Freud juntos. Jung “era um homem de grande estatura, uma personalidade sem dúvida profundamente talentosa e original. Mas era também um suíço-alemão forte e de maneiras um tanto rudes comparado a Freud. Este tinha algo de nobre em seu modo de ser.”⁶⁰ Maeder estava preocupado. Assim como Emma Jung, sentiu a tensão que reinava entre os dois. “Eles devem ter vivido sérias controvérsias,” disse ele, recordando aquele período. “Já me parecia, naquela época que a relação entre ambos estava rompida, internamente. Mas Jung jamais disse uma palavra sequer a este respeito.” Quando o grupo partiu de trem para o Congresso de Weimar, Maeder encontrou-se no mesmo compartimento de Freud e Jung. “Eles estão passando por muitas dificuldades”, Maeder pensou, e tal conclusão o entristeceu.

O Terceiro Congresso Psicanalítico começou em 21 de setembro de 1911, no melhor hotel de Weimar, o *Erbprinz*. O trabalho de Freud,⁶¹ seu “*Pós-Escrito*” ao caso *Schreber*, seria lembrado pela elegância e utilização do mito como instrumento. A platéia⁶² ficaria impressionada com a fábula admonitória contada por Freud sobre a águia e o sol, símbolo do pai. A águia, disse Freud, sempre forçava sua prole a contemplar o sol sem piscar, e rejeitava aqueles

que fracassavam. Rígida e implacável, a mensagem era clara. Cada filho deve enfrentar seu pai, deve arriscar a própria vida, a fim de provar-se herdeiro legítimo dele.

Freud fora levado a usar o mito por meio do exemplo de Jung. Fora também influenciado por Jung num comentário recordado por Ernest Jones, de que “o inconsciente contém não apenas material infantil, mas também resquícios do homem primitivo”.⁶³ Freud estava reconhecendo que o inconsciente podia conter mais do que recordações de experiências infantis. Ele podia já vir equipado com padrões de comportamento. Freud pagou sua dívida com Jung naquele dia no Congresso de Weimar: “Estas observações talvez possam demonstrar que Jung tinha excelentes fundamentos para sua declaração de que as forças criadoras de mitos da humanidade não estão extintas.”⁶⁴ Jung falou em seguida sobre seu trabalho com a mitologia; na plateia estavam Emma Jung, Toni Wolff e Sigmund Freud. Quando Jung foi aclamado presidente da Associação por um novo período, ele se situou no centro de cada um dos diferentes sonhos dos três.

Outra pessoa além de Emma Jung e Alphons Maeder percebeu haver algo de errado entre Freud e Jung naquele setembro. Jones jamais se esqueceria do Congresso de Weimar e da perturbadora conversa que travou naquela ocasião com Carl Jung. Quinze anos se passaram antes que ele fosse forçado a mencioná-la a Freud. Certo dia de 1926, Freud escreveu uma correção de algo que Jones redigira sobre o fim da amizade entre ele e Jung. “Na página 7, existe um erro,”⁶⁵ alertou Freud. Jones escrevera que sua própria “oposição a Jung remontava ao Congresso de Weimar.”

Jones replicou, pesaroso, que fora mesmo em Weimar que começara a desconfiar de Jung. “Ao término do Con-

gresso de Weimar”, Jones contou a Freud, “Jung me disse que em breve chegaria mais alto do que você. Fiquei estupefato e naturalmente perguntei-lhe por que não analisava seu complexo paterno, em vez de tentar materializá-lo de maneira tão inoportuna. Sua resposta mística — “É esse o meu destino” — mostrou-me a tendência que os acontecimentos tomariam... Minha oposição realmente começou em Weimar.”⁶⁶

Em setembro de 1911, Freud não sabia disso. Vários dias depois de ter voltado a Viena, escreveu a Jung. “Os dias em Zurique e Weimar parecem ainda mais esplêndidos em retrospecto. A dor de dente e a tensão caem em esquecimento, e destacam-se com toda a sua dureza a troca de idéias, as esperanças e satisfações que constituíram a essência daqueles dias.”⁶⁷

Parte IV

PERDA

Capítulo 13

Em certo dia de outubro de 1911, Freud abriu uma carta de Sándor Ferenczi e encontrou anexa uma segunda carta, escrita por Emma Jung. Nela, Emma confessava a Ferenczi sua apreensão de que algo estivesse errado entre Freud e seu marido. Ela sentia em Freud uma reserva a entregar-se “inteiramente como amigo”¹ e acreditava que isso se devia à necessidade de Freud de manter sua “autoridade.” Emma sentia também que Freud não aprovara o último trabalho de seu marido.

Emma pedia a Ferenczi que não mencionasse seus temores a Freud, mas ele estava ansioso por desfazer o mal-entendido. Atribuía o afastamento de Freud a “efeitos secundários e profundos dos incidentes Breuer-Fliess”² e estava certo de que a reserva do mestre não se dirigia pessoalmente a Jung. Acreditava que Emma houvesse sentido a perturbação de Freud com o interesse de Jung pelo ocultismo e seu trabalho sobre a libido. “Proponho-me”,

Ferenczi escreveu a Freud no dia 19 de outubro de 1911, “escrever uma carta a *Frau Jung*, tranqüilizando-a (e possível fazer isto em sã consciência), afirmando que *não* percebi *qualquer* oposição vinda de sua parte e, ao mesmo tempo, encorajando-a a procurá-lo diretamente, sem qualquer risco de mal-entendido.”

Freud respondeu prontamente a Ferenczi, dizendo-lhe o que escrever a *Frau Jung* e pedindo-lhe expressamente para não se referir a “ocultismo ou libido”.³ Ferenczi de certo compreendeu mal as instruções de Freud, pois no dia 23 de outubro de 1911, relatou-lhe: “Toquei no assunto de ocultismo e transformação da libido.” É impossível saber o dano causado por esse erro. Freud pedira-lhe que “riscasse” qualquer menção a ocultismo ou libido porque eram estes os assuntos que *Frau Jung* acreditava causadores de atrito entre ele e seu marido. “Pode imaginar minha desagradável surpresa”, Ferenczi escreveu a Freud, profundamente envergonhado, “quando, *naturalmente* após enviar a carta a *Frau Jung*, reli a sua missiva e percebi que... erroneamente... eu lera *tocar* em lugar de *riscar*! (Em alemão, as palavras são *streichen* e *streifen* respectivamente.) A carta que Emma recebeu de Ferenczi confirmava equivocadamente seus temores.

Coração oprimido, Emma Jung escreveu uma série de quatro cartas a Freud naquele outono de 1911, cuja existência não revelou a Carl durante várias semanas. “Caro Professor Freud: realmente não sei como reuni coragem para escrever-lhe esta carta”,⁴ iniciava Emma Jung. “Desde sua visita, atormenta-me a idéia de que sua relação com meu marido não esteja correndo a contento.” Afirmava ela não suportar ver Freud tão resignado. De fato, Freud estava mesmo deprimido naquele outono. Seu novo trabalho sobre

religião não estava saindo bem. Onde outrora ele dependera sobretudo da intuição para superar o tédio da pesquisa, esses estudos exigiam a lenta sedimentação de conhecimento erudito. Às vezes, Freud revelou a Ferenczi, ele se sentia “como se quisesse iniciar uma ligeira ligação amorosa e descobrisse, na minha idade, que teria de desposar uma nova mulher.”⁵ Ademais, perturbava Freud ter adentrado território que pertencia a Jung. Era quase uma invasão. “Por que, em nome de Deus, permiti-me segui-lo a este terreno?”⁶ perguntou, desesperado, a Jung.

A resignação de Freud era real, e a preocupação de Emma tinha fundamento, portanto. Mas sua inquietação quanto à reação de Freud diante de *Transformações e Símbolos da Libido, Parte I*, de seu marido, intensificada com a carta de Ferenczi, mostrou-se equivocada. “Sei quão ansiosamente Carl espera sua opinião”,⁷ escreveu Emma, na segunda carta que enviou a Freud. “Várias vezes ele me revelou ter certeza de que o senhor não o aprovaria, e por esse motivo aguardava seu veredito com certa apreensão.” Freud ficou confuso com a insistência de Emma de que havia algo errado entre ele e Jung. Ele e Ferenczi haviam temido que ela, em verdade, estivesse externando as preocupações do marido, mas acabaram descartando tal idéia. Emma viajara para Schaffhausen logo após o Congresso de Weimar, e Carl fora para St. Gallen: “O casal”, Freud disse a Ferenczi, “provavelmente não conversa há semanas.”⁸ Contudo, Freud começava a compreender. Ele de fato não mencionara um só vez o novo trabalho de Jung, publicado há quase três meses. Com as cartas de Emma à sua frente, Freud percebeu que seu silêncio sobre aquele ensaio fora terrivelmente mal interpretado. “Apenas agora começo a compreender”, Freud admitiu a Ferenczi, contemplando

uma das cartas de Emma, “pois a não-menção a *Transformações* aparece em primeiro plano... Como estou agora trabalhando no mesmo tema, posso ter dado margem a suspeitas de que certas peculiaridades dele teriam relação com meu trabalho.”⁹ Possivelmente, o silêncio de Freud¹⁰ refletia o dilema que acabara de perceber em si mesmo: estava encontrando dificuldades em aceitar as idéias de outro; no entanto, sabia que trabalhos alheios eram importantes para o futuro da psicanálise e percebia que o de Jung era o mais importante de todos.

Quando finalmente se manifestou, Freud não poupou generosos elogios a Jung. “Um dos melhores trabalhos que já li — e reli”, escreveu-lhe no dia 12 de novembro de 1911, “é o de conhecido autor de *Transformações e Símbolos da Libido*... A melhor coisa que esse promissor autor já escreveu até o momento... Deliciei-me não menos com os inúmeros pontos de concordância com coisas que eu já disse, ou gostaria de ter dito.”¹¹ Mas Freud não explicou por que guardara tais elogios por tanto tempo.

Emma enganara-se ao pensar que Freud desaprovava as descobertas de seu marido no outono de 1911. Contudo, quando em suas cartas ela tocou no tema da relação de Freud com seu marido, as palavras inquietas de Emma pareceram acertadas. “Não pense em Carl com sentimento paterno de que ‘ele crescerá, e eu devo encolher-me’”, escreveu ela, “mas sim como um ser humano pensa em outro, que, assim como o senhor, tem seu próprio destino a cumprir.”¹² Freud testemunhara como nenhum outro a rápida ascensão de Jung. A correspondência de ambos transbordava com idéias inovadoras, não o sendo menos as de Jung. Freud considerara mesmo notável o último trabalho de Jung, tanto que o seguira ao campo da religião. Além

disso, elevara Jung acima de si próprio na organização psicanalítica. “O presidente da Associação Internacional e seu mentor”,¹³ assim Freud classificara a ambos certa vez.

Agora Emma Jung insinuava que, no crescimento de seu marido, Freud enxergava sua própria decadência. Reduzido pela energia do mais jovem e a evidente pujança de seu mais novo trabalho, não sendo mais, nominalmente o líder do movimento por ele próprio fundado, Freud agora olharia Jung como Breuer outrora olhara para ele: como a galinha olha o gavião? Por um instante naquele outono assim pareceu. Era como se Freud, imóvel e deprimido, observasse Jung — a quem um dia chamaria a jovem águia — olhar o sol de frente, bater asas e voar alto. Essa imagem não duraria muito. Freud recuperaria suas forças. Contudo, Jung crescera em estatura intelectual, e Freud parara a fim de fazer sua avaliação.

Emma Jung fizera o possível. Amava Freud, e interviu porque acreditava na discussão honesta. Não compreendia a relutância do marido e de Freud em discutir diretamente a questão. Correndo consideráveis riscos para si mesma e seu casamento, ela tentara trazer o assunto à baila. Mas nem a mão generosa de Emma conseguiria sustentar o complexo efêmero que era a amizade entre Freud e Jung. Dentro de um ano, ela escorreria por entre os dedos de todos, e estaria acabada.

Se Freud acreditava haver algo errado entre ele e Jung, nada deu a perceber nas semanas posteriores ao Congresso de Weimar. Afirmara ter gostado dos dias em Küsnacht. Considerara o Congresso um sucesso. Suas cartas a Jung, no outono de 1911, continham o mesmo ardor de antes,

e não fez qualquer menção às perturbadoras questões de *Frau Jung*. Freud permitiu até mesmo que Jung discordasse dele quanto a um problema que o atormentava há anos — a teoria da libido. Freud acreditava que desde a infância dois impulsos básicos abasteciam todo comportamento: o da fome e o sexual, o qual denominava libido. As primeiras experiências infantis, modeladas por esses impulsos, eram transcendentais e determinadas pelo relacionamento da criança com seus pais. O inconsciente do indivíduo compunha-se da soma das experiências pessoais da infância.

Jung jamais concordara inteiramente com a noção de que o impulso sexual permeava a vida infantil. Agora, ele passara a considerar mais procedente a teoria de Freud, em decorrência de seus estudos sobre mitologia. Jung encontrara determinados padrões entre os mitos que pareciam confirmar a teoria da sexualidade infantil de Freud: inúmeros relatos, com todas as suas máscaras e símbolos, contavam a mesma milenar história edipiana de um pai assassinado por seu filho, a fim de obter a posse de sua mãe. Contudo, Jung começava a acreditar que esses padrões universais eram parte da herança genética do indivíduo e não resultado exclusivo dos embates infantis com os pais. Para ele, o inconsciente não era simplesmente repositório das primeiras experiências, mas também de padrões genéticos de comportamento.

Não obstante a relutância de Freud em mexer na teoria da libido, ele procurou esforçar-se por manter espírito aberto. Quando Jung lhe escreveu “o essencial é que estou tentando substituir o conceito descritivo da libido por um conceito *genético*”,¹⁴ Freud prontamente ofereceu uma resposta. “Sou inteiramente favorável a seu estudo

da questão da libido, e acredito que possa receber grandes elucidações a partir de seus esforços. Ao que parece, passo freqüentemente muito tempo sem sentir necessidade de clarear algum ponto obscuro, e então, um dia, vejo-me compelido a isso pela pressão dos fatos ou pela influência das idéias de outra pessoa.”¹⁵ Freud sabia que nem todas as premissas sobre as quais se baseava a psicanálise eram inteiramente concordantes. Mais do que isso, o trabalho de Jung as projetava sobre o futuro e era bastante promissor. “Sua demonstração da hereditariedade do inconsciente no simbolismo...” disse-lhe Freud, “nos leva bem além dos limites originais (da psicanálise) e... devemos seguir adiante.”¹⁶

Contudo, uma perturbadora sensação de ressentimento persistia por sob o cordial intercâmbio científico nos primeiros meses de 1912. As cartas de Jung chegavam cada vez com menos freqüência a Viena. Às vezes passavam-se semanas sem uma palavra sequer da Suíça. Ao longo dos anos, Freud acabara por compreender por que Jung demorava tanto a escrever: temia a intimidade com ele. “O homem não deve desejar extirpar seus complexos”, certa vez Freud comentara com Ferenczi, “mas sim chegar a um acordo com eles, legítimos condutores de seu comportamento no mundo.”¹⁷ Preocupava Freud o fato de Jung não ter chegado a um acordo com seus complexos; acima de tudo, isto o magoava.

Freud começou a pensar que Jung não se importava mais com ele. Sentia que dera muito e recebera pouco. Lamentava agora ter respondido tão delicadamente às cartas de Emma. Acreditava que o medo revelado de que ele se

estivesse mostrando distante e inflexível na amizade com Jung, na verdade representava algo bem diferente. “Agora você pode perceber”, escreveu a Ferenczi, “que as cartas da esposa de Jung a você nada mais eram do que projeção de má vontade para comigo.”¹⁸ Freud irritava-se por ter sido “certa vez extremamente caloroso por tola devoção, e transmitido todos os resultados das pesquisas sobre religião, tanto a ele quanto a você. Carl, que possui os predicados de um asno sentimental, nem mesmo na velhice deixará de fazer papel de tolo”.

Parecia a Freud terem alcançado o fim do caminho. “Sem dúvida eu conhecia sua ambição”, ele concedeu a Ferenczi, “mas esperava colocar essa força a meu serviço, mediante a posição que criei para ele e que, de certa forma, ainda estou preparando. A perspectiva de fazer tudo sozinho enquanto viva para depois fracassar na tentativa de deixar um sucessor adequado, não é nada animadora.”¹⁹ Sándor Ferenczi levou a sério a aflição de Freud, mas acreditava que as experiências que ele tivera com amigos, no passado, estavam distorcendo sua relação com Jung. Embora concordasse com Freud em grande medida, Ferenczi tinha sua própria visão de Carl Jung. “Percebo nele... ambição ilimitada e desenfreada, que se manifesta, em relação a você — tão superior a ele, — na forma de ódio e inveja mesquinhos. Talvez sua ambição insatisfeita o torne *perigoso*.”²⁰ Entretanto, Ferenczi achava que Freud não devia guardar rancor diante da evidente ambição de Jung. Desejava que Jung se submetesse a um tratamento analítico com Freud, acreditando que ele estava realmente precisando disso. Mas, Ferenczi disse com firmeza, “em minha opinião, ele não merece a transferência da *desconfiança* que Fliess justificava.” Contudo, as palavras finais de Fe-

renczi eram desanimadoras: “Nada mais há a fazer”, concluiu Ferenczi seriamente. “A vida inteira você precisou fazer tudo sozinho. Seu sucessor ainda não apareceu”.

Freud acabou revelando suas preocupações ao próprio Jung, mas este defendeu-se veementemente. Talvez, disse Jung, Freud não confiasse nele. “Claro que tenho opiniões diferentes das suas a respeito das verdades máximas da psicanálise”, declarou ele, “embora nem isto seja definitivo, posto que não é possível discutir-se tudo por carta... mas suponho que você não se ressentirá com isso.”²¹ Jung, então, citou Nietzsche: “Recompensa-se mal o professor quando se permanece apenas aluno.” Eram evidentes tanto a benevolência quanto a dor na resposta de Freud: “O alicerce indestrutível de nossa relação pessoal encontra-se em nosso envolvimento com a psicanálise; mas sobre esse alicerce é justo procurar construir algo mais refinado, ainda que transitório: uma amizade íntima e recíproca. Não lhe parece que devemos prosseguir com tal construção?”²² Mas então a caneta de Freud dá um passo em falso. “Você fala da necessidade de independência intelectual e cita Nietzsche a fim de sustentar sua opinião”, prossegue ele. “Se uma terceira pessoa lesse esta passagem, perguntaria por que tentei tiraná-lo intelectualmente.” Freud não quisera dizer *por que*, mas *quando*.

A indocilidade crescente de Jung, a angústia de Freud com a correspondência cada vez mais espaçada de ambos e a superintendência da organização psicanalítica, a cargo de Jung, davam margem a recriminações de ambos os lados. Então, mais uma vez aflorou a discordância quanto à questão da libido. Nos primeiros meses de 1912, Jung tentava concluir a segunda parte de seu *Transformações e símbolos da Libido*. Em parte, sua dificuldade residia no

fato de ter começado a discordar de Freud quanto ao significado do incesto. O âmago da teoria freudiana da libido residia em sua convicção de que toda criança desejava o genitor do sexo oposto. Segundo Freud, isso não era um desejo ou devaneio infundado, mas um sentimento de forte conotação sexual. Jung, no entanto, passara a acreditar que o incesto não representava em verdade um desejo, sendo antes uma questão de fantasia.²³

As tensões entre Freud e Jung eram muitas, mas foram momentaneamente postas de lado, em maio de 1912, quando Freud se viu confrontado por uma preocupação mais imediata. Seu amigo Ludwig Binswanger,²⁴ suíço que morava no vilarejo de Kreuzlingen, no Lago Constança, a cerca de sessenta quilômetros de Zurique, submetera-se a uma operação de apêndice, durante a qual fora descoberto e retirado um tumor maligno. Acreditava-se que Binswanger não viveria muito tempo mais. Freud escreveu a Jung: “Na noite do dia 24 partirei para Constança, a fim de visitar Binswanger. Pretendo estar de volta na terça-feira seguinte. O tempo disponível será tão curto que não sobrá espaço para mais.”²⁵ Freud escreveu o bilhete apressadamente, na esperança de que Jung fosse a seu encontro. No bilhete, não era mencionado o motivo dessa viagem.

Mal-entendidos surgiriam a partir desse pequeno incidente, e com o tempo o envolveriam por completo. Freud partiu para o vilarejo de Kreuzlingen, viajando um dia e meio de trem a fim de passar dois dias com Binswanger. No trajeto ao longo dos Alpes naquela primavera, para visitar um homem cuja amizade poderia perder com a morte, Freud temeria ainda outra perda? O trem de Freud cruzou o Reno, onde ele corre até desaguar no Lago Constança, e então dirigiu-se para norte, percorrendo as planícies

verdejantes, rumo a Kreuzlingen. Freud tinha todos os motivos para procurar com os olhos o vulto de Jung ao descer do trem de St. Margrethen.²⁶ Entretanto, apenas Binswanger encontrava-se na estação do vilarejo ao meio-dia daquele sábado. Jung não foi a Kreuzlingen, nem enviou qualquer bilhete avisando que não iria.

“A sua falta de vontade de ver-me”, Jung surpreendeu Freud, escrevendo-lhe poucos dias depois,” deve atribuir-se, suponho, ao desprazer que está tendo com a evolução de minhas indagações sobre a teoria da libido.”²⁷ Jung tomara a breve nota de Freud não como convite, mas como dispensa. Freud ficou muito preocupado, e comentou com seu amigo suíço, Oskar Pfister: “É uma pena que você não se tenha encontrado ou falado com Jung. Poderia ter-lhe dito por mim que tem total liberdade de desenvolver idéias divergentes das minhas, o que lhe peço fazer com a consciência tranqüila.”²⁸ Ao próprio Jung ele escreveu, aparentemente calmo: “Mesmo que não possamos chegar a um acordo imediatamente, não há motivo para supor que essa divergência científica aviltará nossas relações pessoais.”²⁹

Freud explicou sua viagem a Kreuzlingen, embora tenha mantido sigilo quanto ao tema da enfermidade de Binswanger. “Eu tinha um motivo especial, o qual você desconhece, para querer falar com Binswanger naquele momento”,³⁰ Freud disse a Jung. “Mas se você tivesse ido passar meio dia em Constança, teria sido um prazer para todos nós.” Seria mais do que um prazer. Em certas ocasiões, o ritmo irregular da correspondência de ambos — palavras escritas não eram mais suficientes para a tarefa de explicação e renovação — comprometera a amizade. Em todas as vezes, o simples conforto da presença do outro

foram fundamental. Um tom de voz, um gesto agora familiar,³¹ enquanto Jung entusiasmava-se com seu tema, gesticulando muito; Freud, econômico, mas contido, toda a intensidade no olhar, enquanto as horas passavam ao sabor da amizade: infelizmente tal coisa não acontecera em Kreuzlingen.

Nada do que ocorrera antes, porém, poderia ter preparado Freud para a próxima carta de Jung, com suas palavras herméticas: “Agora só posso dizer: compreendo o episódio de Kreuzlingen. O acerto de sua política tornar-se-á aparente com o sucesso ou fracasso de meu futuro trabalho.”³² Freud estava perplexo. O que, ponderou, Jung queria dizer com “o episódio de Kreuzlingen”? Enviou a carta de Jung a Ludwig Binswanger e indagou: “Não obstante sua incompreensibilidade, não lhe parece que esta carta equivale a um rompimento total de relações?”³³ “Não há novidades maiores, — escreveu Freud no tom mais contido a Ernest Jones, de Karlsberg, aonde fora a fim de fazer um tratamento nas fontes térmicas — “talvez a mais interessante seja uma carta que recebi ontem de Jung, que só pode traduzir o repúdio formal a nossas relações até aqui amigáveis.”³⁴

Outras pessoas, na perspectiva do tempo, não veriam na carta de Jung a decisão de romper a amizade, mas foi isso o que Freud concluiu, e Ferenczi também: “Após tudo que eu já sabia a respeito do comportamento de Jung, essa declaração de guerra só entristece mas não me surpreende”³⁵ Ferenczi escreveu a Freud no dia 6 de agosto de 1912. “Ao que parece, o episódio de Kreuzlingen”... que Jung reprova.. é parte das fantasias com que ele costumava justificar seu comportamento à luz de sua consciência. Ele trata a psicanálise como se fosse assunto pessoal entre

vocês dois, e não como algo objetivo e científico.” Ferenczi ficou aliviado ao perceber que Freud mantinha-se tranquilo. “Fico contente em saber que você recebeu tão bem a deserção de Jung. Para mim, isto prova que, finalmente, você deixou de lado a tentativa forçada de criar um sucessor e entregou a casa da análise, pela qual fez tudo o que estava ao seu alcance, a seu próprio destino.” Talvez Freud se tenha mostrado calmo. Mas, sem dúvida, não passou bem aquele verão, e foi terrível a sua depressão.

Capítulo 14

Ao longo dos últimos meses, vários atos correlatos, conquanto bem-intencionados, haviam mantido tão clara a teimosa e orgulhosa pendência entre Freud e Jung, que se tornara impossível deixar de enxergá-la. Cada atitude deixara mais evidentes as discordâncias, conferindo-lhes gravidade maior. Emma Jung expressara sua inquietação, envolvendo primeiro Ferenczi, em seguida Freud. Ferenczi jogara lenha na fogueira ao confirmar, erroneamente, as apreensões de Emma. Freud começara a circular as cartas amargas de Jung entre os amigos. Jung¹ pusera a presidência à disposição, até que os assuntos pudessem ser discutidos no próximo congresso. A altercação entre Freud e Jung fora além deles mesmos. “Não faltam pessoas”, Freud, perspicaz, escreveu a Sabina Spielrein, “interessadas em transformar em ruptura estes atritos.”²

Com o aumento dos sinais de problema durante o verão de 1912, Jones e Ferenczi discutiram a possibilidade

de formar um comitê secreto entre aqueles leais à psicanálise. Jones submeteu essa idéia a Freud, que replicou: sua idéia de um conselho secreto composto dos melhores e mais confiáveis entre nossos homens... imediatamente povoou minha imaginação. Você afirma ter sido Ferenczi quem a aventou, mas ela bem poderia ser minha, em tempos melhores,'³ — acrescentou tristemente Freud: — “quando esperava que Jung reunisse um círculo assim em torno de si... Agora, sinto dizer que tal união teria de ser formada independentemente dele.” A sugestão de Ernest Jones pode ter sido prematura, acentuando desnecessariamente o ressentimento cego. Mas é também possível que Jones talvez tenha agido em benefício próprio, pois estaria bem mais próximo de Freud se Jung fosse deixado fora de tal círculo.

A reação de Ludwig Binswanger⁴ àquela situação perturbadora foi mais conciliatória. Ele desculpou o comportamento de Jung, baseando-se em seus recentes e intensos esforços criativos, mas Freud não lhe deu ouvidos. Quando Binswanger ponderou que as atitudes de Jung teriam magoado Freud, a réplica de Viena foi brusca: “Felizmente você não podia estar mais enganado ao supor que é mágoa com o comportamento de Jung o que me move. Mantenho-me inteiramente distanciado.”⁵ Freud compreendeu, contudo, a apreensão de Binswanger. “Não tema,” escreveu ele. “Nada farei para promover o rompimento.” E, de fato, lutou até o fim para manter sob controle a situação. Não acreditava que as novas idéias de Jung fossem inteiramente conflitantes com as suas, nem tampouco o próprio Jung acreditava. “Nada”, Freud disse a Ferenczi, “justifica a suposição de que as modificações sugeridas por Jung possam implicar qualquer ruptura com nossas idéias fundamentais... A questão de por que tais

modificações devam surgir em meio a violentas emoções... e acarretem perda de relações humanas fica para mais tarde.”⁶

No dia 7 de setembro de 1912, Freud viajou de trem para a Itália, com Ferenczi, após o tratamento nas termas de Karlsbad. Planejava visitar Ernest Jones em Londres nas semanas subsequentes, mas enfermidades na família Freud e seu próprio estado de ânimo deprimido fizeram-no mudar de idéia. “Sinto fadiga e inatividade crescentes desde que voltei de Karlsbad, estou dormindo mal e deprimido... incapaz de me apresentar em sociedade”,⁷ Freud escreveu a Jones, desculpando-se, a caligrafia tremida ao ritmo do trem em velocidade. “Até mesmo nosso caro Ferenczi, prestimoso como é, um amigo que não me abandonaria por seu próprio prazer e divertimento, às vezes se torna algo cansativo para mim. Ele está lendo no compartimento ao lado e não deve saber disto. Não consigo lembrar-me de condição semelhante, e só posso atribuí-la ao efeito prolongado da temporada nas termas.”

Ernest Jones estivera recentemente em Zurique,⁸ onde lera a segunda parte de *Transformações e Símbolos da Libido*, de Jung. Jones lhe enviara um relatório completo sobre o trabalho, e Freud apressara-se a obter um exemplar dele. Agora, sentado sozinho no trem,⁹ Freud passou os olhos pelo ensaio de Jung. Iria lê-lo calmamente com Ferenczi, mas apenas um relance do que observou foi o suficiente. Freud anotou a página onde Jung cometera erro. Ele interpretara¹⁰ um dos estudos de Freud como oferecendo a possibilidade de libido não-sexual e utilizara esta idéia a seu favor em *Transformações e Símbolos da Libido, Parte II*. Freud tinha certeza de que poderia consertar o mal-entendido.

Freud chegou a Roma¹¹ após várias semanas de saúde débil. Sentia que subitamente seu coração não podia mais tolerar tabaco nem vinho. Percebeu que todos atribuiriam sua recente enfermidade a fatores psíquicos. “Só peço”, escreveu a Ludwig Binswanger, “que não coloquem toda culpa sobre Jung.”¹² Freud ansiava¹³ pela solidão. Quando Ferenczi deixou-o e foi para Nápoles, Freud deixou-se ficar horas caminhando sozinho por entre as ruínas do Palatino. Diariamente dirigia-se a uma igreja silenciosa, protegendo-se do sol romano. Mas não era em busca de conforto que Freud entrava na San Pietro, em Vincoli. Em seus sombrios recessos, havia a estátua *Moisés*, de Michelangelo. O profeta zangado personificava emoções bem conhecidas de Freud, um tipo de profeta diferente, em outra época, no entanto ele sentia que havia lições a aprender junto aos joelhos de Moisés. “Leve minha mais fervorosa devoção a *Moisés*”, diria a Ernest Jones quando este visitou Roma, poucos meses depois, “e escreva-me sobre ele.”¹⁴

Em Roma, Freud teve tempo de ler detidamente o novo trabalho de Jung. “Sem dúvida tudo é discutível (sic) e altamente interessante, e não vejo nele qualquer resquício de hostilidade”,¹⁵ disse a Jones, e repetiu a mesma coisa a Binswanger. “Finalmente recebi o trabalho; é perfeitamente respeitável, e não oferece qualquer pretexto para um conflito pessoal, não mais do que os erros anteriores de Jung.”¹⁶ Freud¹⁷ tinha esperanças de que Jung continuasse seu amigo, como em outras ocasiões em que haviam discordado sobre questões teóricas. Com certeza, não via grande perigo de separação de ambos.

Freud também teve tempo para pensar sobre a visita de Jones a Zurique, onde no momento só se falava de

Freud e Jung. O galês acreditava que Jung considerava-se “o máximo”. Seu temperamento, segundo relatou a Freud, citando suas fontes locais, era considerado “verdadeiramente nefasto”¹⁸ a qualquer relação. Mas os suíços também achavam, prosseguiu Jones, que Freud provocara Jung desnecessariamente. Freud defendeu-se das acusações de que seu comportamento teria contribuído para a briga. “Tenho certeza de que os amigos dele estão enganados quando afirmam que provoquei a sensibilidade de Jung em certos aspectos”, Freud disse a Jones. “Sempre o mimei, e em certos detalhes ele se comportou de maneira odiosa contra mim. Ele queria uma dissensão e conseguiu... Se se considera tão grande quanto você afirma, não serve para trabalhar conosco, e acabará por se tornar perigoso ao nosso trabalho.” Freud não seria obstáculo à reconciliação, entretanto hesitava quanto à possibilidade de amizade. Não sabia se os antigos sentimentos poderiam ser recuperados.

As caminhadas por entre as ruínas,¹⁹ a visita diária a *Moisés* e o tempo ensolarado e quente atuaram sobre ele, como Roma sempre fazia. Apesar das críticas de Jones a Jung, ao final o próprio Freud não descobrira motivo suficiente para um rompimento, e em certos momentos encontrara até mesmo uma tênue esperança de amizade. Passou a colocar diariamente uma gardênia na lapela. Sentia-se cada vez melhor.

Naquele ano não haveria congresso.²⁰ Enquanto Freud estava na Itália com Ferenczi, em setembro de 1912, Jung viajara aos Estados Unidos, onde pronunciaria uma série de palestras. Como permaneceria algum tempo fora, ambos decidiram adiar o Congresso para o ano seguinte.

Freud não aventara a possibilidade de presidí-lo. Tal coisa jamais lhe ocorrera, disse a Ferenczi; ademais, “esta sugestão só poderia vir dele”.²¹ A princípio, a viagem de Jung à América lhe parecera uma boa idéia, pois permitiria a ele avaliar a força do movimento psicanalítico ali, bem como renovar relações com os colegas americanos. Entretanto, com a divergência, viera também a reavaliação. Freud já não se mostrava mais tão simpático ao convite. “Uma universidade pequena e desconhecida (sic), dirigida por jesuítas, rejeitada por Jones”,²² disse a Ferenczi. Mas Jung²³ acabaria fazendo nove palestras e mais de uma dúzia de seminários na Universidade Fordham, em Nova York.

Em maio de 1912,²⁴ a Sociedade Psicanalítica de Nova York, com Abraham Brill como presidente, votara por um jantar formal em homenagem a Jung, no outono. Os membros da Sociedade não sabiam que, sob seu patrocínio, Jung se voltaria decisivamente contra as teorias de Freud. “Não creio que me esteja desviando”,²⁵ Jung disse a uma platéia de mais de noventa pessoas, em setembro de 1912, “se enxergo o real valor do conceito de libido não em sua definição sexual, mas em sua visão energética.” A nova e severa definição de Jung para a libido, sem sua ênfase sexual, sem dúvida agradaria muita gente na platéia. “A libido”, prossegue ele, “é apenas um nome dado à energia que se manifesta no processo de vida.”

Quando soube da alteração feita por Jung na teoria da libido, Freud agiu rapidamente. Providenciou a publicação de uma crítica, e comentou de modo sombrio com Ferenczi: “Estamos iniciando as hostilidades.”²⁶ Ernest Jones mostrara a Freud ensaios de Bleuler, Maeder e Adler, e na opinião de Freud eles constituíam “três lamentáveis mal-entendidos... sobre nossa psicanálise.”²⁷ Freud refe-

mente justificadas e ainda penso o mesmo quanto à necessidade de prosseguir com nossa colaboração... Devo dizer-lhe, porém, que considero sua ladainha a respeito do que chama "o episódio de Kreuzlingen" ao mesmo tempo incompreensível e insultante. Reconheço, entretanto, certas coisas não podem ser esclarecidas por carta."³²

* * *

19 de novembro de 1912

Caro Senhor: Decidiu-se por unanimidade que a conferência ocorrerá em Munique, no dia 24 de novembro, às 9 horas, no *Park Hotel*...

Sinceramente seu,

Presidente:
Dr. Jung³³

Freud³⁴ foi um dos muitos a receber a carta formal e datilografada de Jung. O encontro fora convocado a fim de que se obtivesse concordância com a decisão de Freud, qual seja a de que se desembaraçassem do analista vienense Wilhelm Stekel, e do *Zentralblatt* por ele editado. "Separamos-nos de forma amigável", Freud manifestou-se a respeito de Stekel, "mas só o diabo sabe quais são seus planos sinistros."³⁵ A defecção de Stekel representou apenas mais um capítulo na tempestuosa história da jovem Sociedade Psicanalítica de Viena. A reunião teve início às 9 horas, no *Park Hotel*, e prontamente foi obtida a aquiescência aos desejos de Freud, concernentes a Stekel. O encontro em Munique deu a Freud e Jung a primeira oportu-

tunidade de se verem após muitos meses e, ao fim da reunião, saíram para uma caminhada.

Durante o ano anterior, Jung tornara pública sua própria definição da libido. Freud e alguns poucos membros mais discretos, entre estes Jones e Ferenczi, haviam organizado um conselho secreto, do qual deliberadamente se excluía Jung. As cartas entre Freud e Jung haviam sido tensas, sobretudo as deste, sempre com as tais referências ao “episódio de Kreuzlingen”. Nos últimos meses, em nenhum momento fora recuperada a vitalidade do afeto que outrora os unia, e tampouco aquela ocasião se prestava para isso. Freud se decidiu finalmente a esclarecer a questão de Kreuzlingen, o que levou algum tempo. Por que, indagou ele, Jung considerara tão ofensiva sua visita a Binswanger?³⁶ Porque, a princípio, alegou Jung, ele se sentira negligenciado. Achava que Freud não o quisera em Kreuzlingen, fizera o convite tão tarde para que ele não tivesse tempo de chegar até lá. Disse que desconfiava³⁷ de que Freud estivesse conspirando com seus “inimigos.” Freud ficou chocado. “Ele se queixou”, disse depois a Ferenczi, “de que eu visitara seus inimigos, Binswanger e Häberlin, e o impedira de encontrar-me ao informar-lhe da visita somente quando eu já chegara.”³⁸ Ludwig Binswanger tinha sido colega de Jung durante muitos anos. Haviam cooperado no teste de associação de palavras tempos atrás e tinham viajado juntos a Viena, em 1907, a fim de conhecer Sigmund Freud.

As desconfianças de Jung talvez tenham sido reforçadas pela explicação hermética que Freud então lhe dera: “Eu tinha um motivo especial, que você ignora, para desejar ver Binswanger...”³⁹ Pode-se apenas imaginar o que ia no coração de Freud ao censurar Jung por sua descon-

fiança, pois, de certa forma, o comitê secreto de Freud era uma conspiração, um círculo que bloqueava o ingresso dos pares de Jung. A hostilidade de Jung originara-se do receio de que houvesse uma conspiração tramada por Freud contra ele. Ironicamente, teria escapado a Freud a circunstância de que realmente conspirava agora?

“Os que me diria se eu lhe escrevesse depois do ocorrido, afirmando ter estado em Wiener Neustadt (cidade próxima de Viena)?”⁴⁰ Jung perguntou a Freud. “Não seria bom”, respondeu Freud. “Mas não foi exatamente isso o que se passou comigo.” E esclareceu que lhe enviara um bilhete no mesmo dia em que escrevera a Binswanger, tendo este recebido sua carta a tempo de chegar à estação de ferroviária. De súbito, Jung recordou-se: “Ah!... estive fora sábado e domingo, velejando”, justificou. Só regressara a Küsnacht e abrira a carta na segunda-feira em que Freud partia de Kreuzlingen. “Por que você não verificou o carimbo do correio?”, insistiu Freud. “Por que não perguntou à sua esposa quando a carta chegara?” Jung não teve respostas satisfatórias a dar...

Posteriormente, Freud relatou a Ferenczi que Jung se mostrara “absolutamente derrotado”⁴¹ e “envergonhado” ao perceber a inexistência de motivos de desconfiança. Então, prossegue Freud, Jung “admitiu tudo: há muito tempo temia uma intimidade comigo ou outros que pudesse prejudicar sua independência, portanto decidira retirar-se; via-me segundo o complexo paterno que tinha e temia o que eu pudesse dizer a respeito de suas modificações.” Um dia, alguns anos depois, Jung ouviria silenciosamente um amigo, o analista Jolande Jacobi, descrever um paciente que sonhara estar nadando com Jung no lago de Zurique e este o ajudara. Jacobi explicou que o homem era homosse-

xual e perguntou a Jung se gostaria de vê-lo. “Não”, replicou este. “Não quero”,⁴² e relatou a Jacobi a ocasião em que um amigo da família lhe fizera propostas homossexuais. “Você vê”, dissera Jung, “este é outro motivo por que temia aproximação maior com Freud.” Jung afirmava ter tido a mesma sensação quando Freud quisera torná-lo seu herdeiro e sucessor. “Não, não e não! Não quero pertencer a ninguém.”

Freud não perdoou Jung naquela conversa em Munique, na manhã do dia 24 de novembro de 1912. Disse-lhe ser impossível manter amizade com ele, pois “evocara a intimidade entre ambos”⁴³ apenas para interrompê-la “bruscamente”. Freud acreditava que Jung fazia isso com os amigos homens. “Após algum tempo, ele os afasta”, comentou com Ferenczi. Fora uma discussão difícil, e Freud tirou daí difíceis conclusões. “Errei num ponto a respeito de Jung”, admitiu Freud: “Julguei que tivesse inata capacidade de liderança, um homem cuja autoridade pouparia aos outros inúmeros erros. Na prática, ele não demonstrou possuí-la.” Freud percebeu que a conversa fizera bem a Jung, mas continuou agastado. “Se ele fosse alguém em que se pudesse causar verdadeira impressão, eu acreditaria numa mudança definitiva”, disse a Ferenczi. “Mas existe um quê de dissimulação nele que lhe permitirá esquecer tudo o que lhe foi claramente comprovado.”

Apesar de tudo, Freud dispôs-se a acalentar alguma esperança: “Jung mostrou-se extremamente afável”, relatou a Binswanger, “e em uma hora de conversa particular permitiu-se ser persuadido de que suas acusações contra mim eram injustificadas. O episódio de Kreuzlingen com que sempre me censurava baseava-se em increditável reação neurótica da sua parte... Acho que agora tudo se acer-

tará. Deixemos as diferenças teóricas vigorantes até que sejam solucionadas em trabalhos e no Congresso.”⁴⁴ A James Putnam ele escreveu a mesma coisa: “Todos foram encantadores comigo, até mesmo Jung. Uma conversa afastou irritações pessoais e desnecessárias. Espero cooperação melhor sucedida no futuro. Diferenças teóricas não devem interferir.”⁴⁵

Quando Freud e Jung⁴⁶ reencontraram os outros na sala de refeições do *Park Hotel*, Freud estava esfuziante. Ganhara Jung mais uma vez. Assim como a vitória de Freud em outra ocasião fora simbolizada por um copo de vinho, erguido por Jung em Bremen, o almoço no *Park Hotel* também constituiu uma celebração. Contudo, da mesma maneira que em Bremen, Freud foi aos poucos caindo em si. Acusou os homens de Zurique, entre eles Jung, de não mencionarem seu nome nos trabalhos. A discussão se transferiu então para um trabalho escrito por Karl Abraham,⁴⁷ a respeito do filho do faraó Amenhotep. Freud já deixara claro, em carta a Abraham, que “tenho dúvidas quanto a apresentar-se o rei como um neurótico completo. Tal traço contrasta fortemente com sua energia e suas realizações extraordinárias... Todos temos esses complexos e devemos ter cuidado para não classificarmos a todos de neuróticos. Se lutamos contra nossos complexos, não devemos receber tal denominação.”⁴⁸

Mas agora Freud parecia pensar de modo diferente Ernest Jones⁴⁹ percebeu que Freud aparentemente estava tomando o assunto de forma pessoal. Amenhotep IV, Freud lembrou em voz alta, riscara o nome de seu pai dos monumentos. “Sim, ele fez isso”,⁵⁰ replicou Jung, “mas você não pode menosprezá-lo por isso. Ele foi o primeiro monoteísta entre os egípcios. Era um grande gênio, humano

e singular. O fato de ter riscado o nome de seu pai não é o mais importante.' Para Freud, em novembro de 1912, isso era importante. Meses antes, Jung alertara Freud, citando Nietzsche: "Cuidado para que uma estátua despenhando não o acerte e mate!"⁵¹ Agora Jung defendia o rei que simbolicamente assassinara seu pai, apagando-lhe o nome das estátuas erigidas em sua honra. Para Freud, as atitudes de Jung pareciam espelhar as do antigo e rebelde filho egípcio.

Talvez apenas Ferenczi,⁵² que previra tudo isso, não se tenha surpreendido ao saber que, em meio a acalorada discussão sobre pais caluniados e filhos irreverentes, Freud acabara de sofrer um desmaio no terraço da sala de jantar.

Capítulo 15

Ernest Jones,¹ sentado juntamente com os outros na mesa do *Park Hotel*, em Munique, no dia 24 de novembro de 1912, ouviu um ruído quando Freud foi ao chão; mas foi Jung quem protamente correu para junto dele. Jung reaproximara-se de Freud durante a prolongada caminhada que fizeram antes do almoço. Tivera a impressão² de que, até aquele momento, jamais compreendera realmente o amigo, e desculpou-se pelos erros que cometera. Jung amava Freud; entretanto era uma amor cheio de reservas, obscurecido pelas suas próprias dificuldades. Naquele momento, porém, permitiu que o profundo sentimento que tinha por ele se expressasse em ostensiva preocupação. Repeliu os oferecimentos de ajuda e, tomando Freud em seus braços,³ retirou-a da sala, sentindo que ele o olhava como se ele, Jung, fosse seu pai. No saguão, onde o deitou num sofá, a fim de que repousasse, Ernest Jones ouviu Freud exclamar: “Como deve ser doce a morte!”⁴ Freud estava

nauseado; a cabeça lhe doía, e ele, mais do que ninguém, sabia o significado desse último desmaio. Contrariamente às expectativas de todos, o encontro em Munique terminou com a maior compreensão entre Freud e Jung. Separaram-se às cinco horas da tarde, com a afirmação de Jung: “Pode considerar-me inteiramente ao lado da causa.”

Freud dormiu bem no trem noturno de volta a Viena.⁶ O encontro em Munique não fora nem um pouco tranqüilo, Freud informou à filha Anna, que estava na Itália, com tantas discussões intermináveis, das nove da manhã até quase meia-noite. Não comentou com ela as conversas que mantivera com Jung, nem seu desfalecimento. Contudo, estava de bom humor e enviou-lhe os melhores votos em seu aniversário de dezessete anos. Prometeu-lhe como presente um pacote de livros e a reforma do quarto dela: “De qualquer modo, a escrivaninha e o tapete estão garantidos.”⁷ Mas aos demais, Freud não pôde evitar uma explicação sobre o que lhe ocorrera em Munique.

Aos conhecidos, citou a famosa frase humorística de Mark Twain: “A notícia de minha morte foi grandemente exagerada.”⁸ Mas a Ludwig Binswanger Freud admitiu que as recordações suscitadas pelo *Park Hotel* haviam sido uma das causas, e “os sentimentos reprimidos, desta vez dirigidos contra Jung, como anteriormente haviam sido dirigidos contra seu predecessor, naturalmente haviam representado o papel principal.”⁹ Freud contou a Ernest Jones que “estive em Munique pela primeira vez por ocasião da visita que fiz a Fliess, durante sua enfermidade, a aquela cidade parece ter adquirido uma forte ligação com minha relação com este homem.”¹⁰ Freud foi franco. “Não posso me esquecer de que, há seis e há quatro anos, sofri sintomas similares, embora não tão fortes, na *mesma* sala do

Park Hotel; em todas as ocasiões tive de deixar a mesa.”

Não obstante sua honestidade, permaneciam certos mistérios nas declarações de Freud. Ele contou que há quatro e há seis anos desmaiara, ou quase, no *Park Hotel*, deixando implícito que a causa fora sua relação com Fliess. Contudo, há seis anos, em 1906, o último encontro com Fliess já ficará para trás, e há quatro, em 1908, fazia ainda mais tempo que se haviam encontrado. Ademais,¹¹ embora às vezes não se consiga definir com precisão onde estava Freud em determinado momento, uma coisa parece clara: aparentemente, Freud *não esteve em Munique quer em 1906, ou em 1908*. Para complicar ainda mais as coisas, Freud nunca deixou claro com quem estava quando desmaiou no *Park Hotel* nas duas ocasiões anteriores. Ernest Jones¹² acreditava que Freud desfalecera certa vez na presença da Wilhelm Fliess, em meio a uma discussão. Outro ataque,¹³ pensava Jones, acontecera durante uma cena dolorosa com Oscar Rie, cunhado de Fliess e amigo de Freud.

Entretanto, apesar de obscuras as outras personagens desses episódios e incertas as datas, Freud foi claro quanto a seus sentimentos quando desmaiou. Atribuiu o desfalecimento a um “sentimento homossexual rebelde”.¹⁴ Disse a Ernest Jones que ele tinha razão “em supor que transferi para Jung sentimentos homossexuais de outra parte.”¹⁵ Freud confessou a Jones¹⁶ que seu desejo infantil de morte do irmão Julius, ainda bebê, e a culpa por ver tal desejo tornar-se realidade formaram a causa psicológica de seu desfalecimento. A culpa que sentira por sobreviver ao irmão morto fora transferida para a culpa com seu triunfo, trazendo Jung de volta à causa. Ernest Jones achava que Freud assemelhava-se um pouco àqueles pacientes descritos por ele próprio como “arruinados pelo sucesso”.¹⁷ O

sucesso de Freud estava em derrotar um adversário; o primeiro exemplo fora a morte de seu irmãozinho Julius, e o mais recente, sua vitória sobre Jung. O desfalecimento de Freud voltava a preocupar seus colegas. Ferenczi esperava que Freud conseguisse analisar as razões de tal incidente, mas sua dúvida era quase evidente ao dizer a Freud: "A despeito de todas as falhas da auto-análise (o que sem dúvida é mais difícil e demorado do que ser analisado) temos de admitir que você é capaz de manter seus sintomas sob controle."¹⁸

Freud era um homem que exercia forte controle sobre a paixão. Desmaiara, ou quase, quatro vezes em meio a acaloradas discussões com homens que amava profundamente. Em duas dessas ocasiões, ele sentira que inconscientemente Jung desejara sua morte. Talvez Freud sentisse que, se respondesse a esse homem que tanto apreciava mas acreditava desejar-lhe o mal, desencadearia a paixão ilimitada que temia existir em si mesmo. Não explodiria de ódio, nem exporia sua dor. Não iria brandir o punho nem ir embora. Os sentimentos o dominaram porque não haviam encontrado meio de escape, por isso desfalecera.

Lou Andreas-Salomé¹⁹ não soube o que pensar quando Freud retornou de Munique e anunciou na Sociedade Psicanalítica de Viena sua reconciliação com Jung. Ela conhecera Freud no Congresso em Weimar, em 1911, e agora encontrava-se em Viena para assistir às palestras do mestre e às reuniões da Sociedade Psicanalítica. Filha única e mimada de um antigo general do Exército Imperial Russo, Lou Salomé fascinou-se com a vida intelectual da Europa, e com Freud em particular. Observadora atenta e rápida

de raciocínio, sentiu que o compreendia. Observara o modo como Freud entrava num dado ambiente, pisando um pouco para um lado, vendo em seu gesto “um desejo de solidão, ocultando-se dentro de seus próprios objetivos.”²⁰ Salomé achava Freud mudado desde Weimar, mais velho e atormentado. Refletiu sobre a boa nova trazida por ele da Alemanha. No dia 27 de novembro de 1912, no pequeno caderno de anotações de folhas vermelhas e soltas que ela fazia de diário, Salomé escreveu: “Freud voltou quase contente e renovado depois da viagem a Munique. Será que o entendimento com Jung é realmente para valer, como oficialmente declarou na quarta-feira?”²¹

Não era. Ao retornar a Küsnacht, de pronto Jung mostrou-se preocupado com Freud. “Fiquei ansioso por saber em que estado chegou a Viena”, escreveu Jung, “e se a viagem noturna não foi demasiado cansativa. Por favor, diga-me como vai de saúde, ao menos algumas palavras num cartão-postal.”²² Freud respondeu rapidamente, mas não foi tão claro quanto se mostrara a Jones sobre os motivos psicológicos de seus desmaios. “Segundo meu diagnóstico particular, foi enxaqueca... não destituída de um fator psíquico que infelizmente não tive tempo de analisar. A sala de jantar do *Park Hotel* parece uma fatalidade para mim. Há seis anos, sofri o primeiro acesso desse tipo ali mesmo, e há quatro, o segundo. Um pouco de neurose, que devo analisar.”²³

Jung disse a Freud²⁴ que esse “pouco” de neurose devia ser levado a sério, porque resultara em “aparência de morte voluntária.” Recordou que Freud desfalecera em Bremen, durante a animada discussão de Jung a respeito de corpos mumificados. Jung acreditava que a fantasia do homicídio paterno era comum em ambos os casos; Freud

supunha que o colega nutria desejos de morte contra ele e participara de suas fantasias durante um breve momento de morte psíquica. Essa neurose, sustentava Jung, afetara o relacionamento de ambos e levava Freud a subestimar o trabalho dele. Com “franqueza hélivética”, Jung mudou então de estilo, em sua carta a Freud: “Escrevo-lhe”, disse Jung, as páginas marcadas com grifos zangados, “como o faria a *um amigo* — este é *nosso* estilo.”²⁵ Jung lembrou a Freud que ele iniciava *A Interpretação dos Sonhos* com a “confissão pesarosa da própria neurose... identificando-se com o neurótico necessitado de tratamento. Bastante significativo”, segue Jung, repetindo o motivo oferecido por Freud ao recusar-se a prosseguir a análise com ele na viagem aos Estados Unidos, em 1909: “Você ‘não se poderia submeter à análise *sem perder a autoridade.*’” As palavras de Freud, escreveu Jung, “estão gravadas em minha memória como símbolo de tudo o que está por vir.”

Freud limitou sua resposta a tópicos diferentes, menos explosivos. Contentou-se com uma palavra de advertência. “Que cada um de nós preste mais atenção à própria neurose e não à do vizinho.”²⁶ Mas, enquanto a carta de Freud mantinha-se friamente distante, seus comentários com Ernest Jones a respeito de Carl contavam outra história. “Ele se comporta como um perfeito idiota, parece ser o Cristo em pessoa”,²⁷ disse Freud. “As cartas que tenho recebido dele demonstram incrível oscilação, do carinho à insolência insuportável. Ele quer tratamento, mas, com meu último desmaio, perdi infelizmente a posição de autoridade.” Contudo, Freud resolveu não reagir violentamente: “Afinal de contas, creio que precisamos ser tolerantes e pacientes com Jung e, como dizia o velho Oliver, manter a pólvora seca”, disse a Jones. Jung merecia o es-

forço, acreditava Freud; ele era pelo menos um *aiglon*, uma aguiazinha. Talvez estivesse se referindo ao mito que contara no Congresso de Weimar, no ano anterior; a jovem águia ter de fitar o sol, a fim de provar-se legítima herdeira de seu pai.

As cartas entre Freud e Jung eram trocadas agora em rápida sucessão, ambos respondendo-as praticamente no dia em que chegavam, até que Jung deu um passo em falso. “Até mesmo os amigos íntimos de Adler”, Jung disse a Freud, “não me consideraram um dos seus.”²⁸ Jung não quisera dizer isso. Em alemão, a diferença entre *seus* e *deles* é bastante tênue, diferença esta que está no I maiúsculo ou minúsculo: *Ihrigen* e *ibrigen*. Jung quisera dizer que os seguidores de Adler não o consideravam um deles. Embora parecesse insignificante, o erro de Jung assumiu proporções desmesuradas. Freud não resistiu a chamar a atenção de Jung: “Mas você é suficientemente ‘objetivo’ para considerar... este lapso sem se enfurecer?”²⁹

A saraivada de protestos de Jung acabou com os últimos resquícios de amizade. “Sua técnica de tratar os discípulos como pacientes é uma *asneira*”,³⁰ Jung escreveu, amargurado. “Você fica farejando todos os atos sintomáticos nos arredores, reduzindo assim todos ao nível de filhos e filhas que admitem, ruborizados, suas faltas. Entremente, você permanece no pedestal como o pai, em berço esplêndido... Está vendo, meu caro Professor, estou pouco ligando para minhas atitudes sintomáticas; elas não são nada, comparadas ao brilho formidável nos olhos de meu irmão Freud. Não sou nem um pouco neurótico — bata em madeira! Submeti-me *lege artis et tout humblement* à análise e estou bem melhor por isso. Você sabe, naturalmente, até onde um paciente chega com a auto-análise; *não* escapa de sua neurose — exatamente como você.”

A carta de Jung envergonhou tanto Freud que a princípio hesitou em enviá-la a Jones, como fizera com várias outras. Escreveu ele: “Quanto a Jung,³¹ ele parece completamente fora de si, comportando-se como um louco. Após algumas cartas afetuosas, ele me escreveu uma profundamente insolente, evidenciando que sua experiência em Munique não deixou traços.” Disse também a Ferenczi que Jung já esquecera a lição aprendida em Munique e estava se comportando como o “idiota e grosseirão que de fato era.³² Mas, em sua resposta a Jung, Freud limitou-se a pedir desculpas pela referência ao lapso de Jung, o que lhe causara tanta irritação. Então, contrafeito, preferiu deixar a carta de lado. Jung, Freud disse a Jones, “poderia interpretar uma reação tão branda assim como sinal de covardia, e sentir-se ainda mais importante.”³³

Freud não sabia como responder a Jung. “É difícil saber que reação tomar diante dessa carta”,³⁴ desabafou com Ferenczi. “Obviamente ela foi calculada para me provocar, de forma que a culpa do rompimento caia sobre mim, e ele possa dizer que não tolero a análise.” Freud atribuía a provocadora carta de Jung ao fato de este se estar submetendo a análise. “Só pode ter sido *Fraulein* Moltzer quem o analisou”, Freud escreveu a Ferenczi, “Com toda certeza foi ela”, concluiu, sombrio, “que o incitou, logo após a volta a Zurique.” Freud evitou expressar sua raiva de Jung. “Não posso tolerar ser tão provocado quanto a carta deseja, já que nossos interesses comuns se interpõem a uma separação oficial.”³⁵ Mas ele se sentiu provocado. “Não enviei a carta a Jung”, comunicou a Ferenczi, “e ela não será substituída por outra. Ele que vá para o inferno! Não preciso dele... nem de suas falsidades”.³⁶

A indecisão sobre como responder a Jung solucionou-se lentamente. “Estou no processo de estabelecer uma atitude completamente reservada em relação a Zurique”, Freud escreveu a Ferenczi, “mas não haverá mais qualquer tentativa de persuasão.”³⁷ E a Binswanger ele declarou, sinistro, no dia de Ano-Bom de 1913: “A harmonia estabelecida em Munique não deverá durar muito.”³⁸ Freud usava grandes folhas de papel para escrever suas cartas. Gostava³⁹ da liberdade que elas lhe davam, em sua vida restrita sob outros aspectos. No dia 3 de janeiro, quase duas semanas após o primeiro rascunho, Freud escreveu uma segunda. “Sua carta”, disse a Jung, “é irresponsável. Ela cria uma situação de difícil conserto numa conversa pessoal, e impossível de ser resolvida por carta. Nós analistas temos a convenção de que nenhum de nós se deve envergonhar da própria neurose. Mas aquele que se comporta anormalmente, mas insistindo em bradar o tempo todo que é normal, dá margem à desconfiança de que não se dê conta da própria enfermidade. Assim, proponho que abandonemos por completo nossas relações pessoais.”⁴⁰

Teria Freud hesitado ao colocar sobre a mesa sua caneta preta com ponta larga, e aquelas folhas cobertas com a caligrafia gótica alemã, onde dizia a Jung que não queria mais ser seu amigo? Teria ele ponderado qual das duas cartas enviar? “Comunico-lhe” disse Freud a Ferenczi, “que encontrei algumas frases adequadas, polidas, mas inequívocas, que interrompem minha relação com Jung... Seu comportamento é neurótico e infantil. Se estivesse em tratamento comigo e pagasse por ele, obviamente seria obrigado a suportar suas declarações, mas, assim, posso poupar-me e utilizar minha energia em outras coisas.”⁴¹

Vários dias depois, Freud recebeu a resposta de Jung. “Dou-lhe minha aquiescência à sua proposta de abandono de nossas relações pessoais, pois jamais impus amizade a quem quer que fosse. Você mesmo poderá julgar melhor o que este momento significa. ‘O resto’ — concluiu Jung gravemente — é silêncio’.”⁴²

Os sinais do rompimento de Freud e Jung se haviam tornado evidentes para os americanos desde setembro de 1912. “Infelizmente um pequeno rompimento (que considero desnecessário) ocorreu entre Jung e Freud, mas nada sério, ao que parece”,⁴³ James Putnam escreveu a Fanny Bowditch na Suíça, naquele mesmo mês de dezembro. Fanny⁴⁴ era filha de Henry Pickering Bowditch, colega e amigo íntimo de Putnam. As famílias Putnam e Bowditch compartilhavam uma propriedade nos Adirondacks há muitos anos. Durante o verão de 1911, Fanny sofrera um colapso com a morte de seu pai; em desesperado esforço de salvá-la, Putnam enviara Fanny para fazer um tratamento com Jung, e ela ainda estava em Zurique nos primeiros meses de 1913.

O otimismo e o humanitarismo de Putnam eram inexauríveis, e as muitas cartas que enviou a Fanny na Suíça constituem carinhoso registro de amor e preocupação. O *Primo Jim*, como Fanny o chamava, mantinha viva em sua mente a imagem do lar e de Boston. “Esta é uma fria manhã de domingo, e o sol brilha no céu azul”, escrevia ele, “e cada um de nós se dedicará a suas ocupações após o desjejum... Eis um pequeno retrato da vida na Nova Inglaterra, o interior de um lar americano, para que você se sinta como se estivesse em casa.. O restante da família se

ocupa em tirar a mesa, exceto a pobre Molly, que está no andar de cima, com um forte resfriado, sem o qual nenhuma família respeitável da Nova Inglaterra pode existir.”⁴⁵

Mas ele também procurava mitigar os temores de Fanny, entre eles o de que ela ficaria como Ethel, sua amiga que se encontrava hospitalizada em Boston e aliviava os acessos de intranqüilidade rasgando pedaços de pano e papel. ‘Insanidade maníaco-depressiva’⁴⁶ pode dizer ao Dr. Jung’, Putnam descreveu Ethel, acrescentando: “Não acredito que você corra perigo de ter um ataque semelhante ao dela... Seu temperamento e o dela são inteiramente diferentes. Espero que a avaliação do Dr. Jung coincida com a minha.”

Cada vez mais Putnam⁴⁷ se preocupava com a possibilidade de que a vulnerável, deprimida, e potencialmente suicida Fanny não tivesse forças suficientes para resistir a Jung. “É uma falha do Dr. Jung (*entre nous*)”, escreveu ele a Fanny “ser demasiado auto-suficiente, e desconfio que lhe faltam alguns tipos de imaginação necessários; além do quê, em verdade ele é um homem forte, mas vaidoso, que pode fazer — *e faz* — muito bem a seus clientes, entretanto, às vezes é capaz de também subjugá-los.”⁴⁸ Putnam tentou tranqüilizá-la quando soube que Maria Moltzer, colega de Jung, também estava analisando Fanny. “Acho que talvez você esteja levando a análise, o Dr. Jung, a *Irmã M.* (Maria Moltzer) e tudo o mais demasiado a sério, sentido-se como uma mosca indefesa sobre papel adesivo”, escreveu ele. “Afim de contas, eles não passam de seres humanos, com suas falhas e limitações, exatamente como você e eu.” Mas Putnam estava inquieto. Ainda mais ficaria se soubesse que Jung estava bastante desorientado por ocasião do tratamento de Fanny Bowdicht, nos primeiros meses de 1913.

“Após o rompimento com Freud”, Jung escreveu anos depois, “começou para mim um período de incerteza íntima.”⁴⁹ Jung sentia-se submetido a crescente pressão, às vezes tão intensa que chegava a acreditar-se emocionalmente perturbado. Não sabia para onde se voltar ou o que fazer. Até mesmo a minuciosa análise de seus sonhos pouco ajudava. Por fim, Jung decidiu “Como nada sei, farei simplesmente tudo o que me ocorrer.”⁵⁰ Descobriu-se voltado para um jogo que o entretinha quando criança. À beira do lago, que recuava nos meses de inverno, começou a reunir pedrinhas e a cuidadosamente construir pequenas casas com elas. O leito do lago era repleto de seixos de várias dimensões, e lentamente Jung concluiu diversas estruturas.” Prossegui diariamente, com minha bricadeira de construção, após o almoço, sempre que o tempo permitia. Assim que acabava de comer, começava a brincar e continuava até que meus pacientes comessem a chegar; e, se terminava cedo com as consultas, voltava à construção.” Jung se entregaria a esse *hobby* durante anos e, de quando em vez, seu filho Franz o ajudava. “Papai ficava lá reunindo as pedras”,⁵¹ disse Franz. “Ele era um especialista nisso. Construía torres, casas e igrejas, até completar vilarejos inteiros. Eu cortava pequenos galhos para as vigas do telhado e enchia as casinhas de areia, para que não desmoronassem. Na primavera, quando o lago subia de nível outra vez, todas as cidadezinhas desapareciam.”

Essa alegria do menino não se manifestava em seu pai. Enquanto se agachava com o filho, volumoso como um urso, sobre a margem seca do Zürichsee, entregando-se seriamente àquele trabalho, ele se dava conta de que “era uma experiência dolorosa e humilhante perceber que nada havia a fazer exceto entreter-me com jogos infantis.”⁵² Jung es-

tava triste e desorientado em constatar que sua amizade com Freud terminara. Em 1913, atendia seus pacientes, entre eles Fanny Bowditch, com uma insegurança íntima que não conseguia dominar.

Capítulo 16

Freud não tinha a menor idéia dessa tensão íntima que Jung enfrentava nos primeiros meses de 1913. Sabia apenas que havia muito trabalho a fazer em Viena, pois o ex-amigo representava uma ameaça possivelmente fatal à sobrevivência de suas teorias: oferecia uma alternativa à ênfase que Freud conferia à sexualidade, era uma figura imponente, tinha inúmeros e leais seguidores e não era judeu. Freud¹ considerava tão diferentes os rumos tomados por Zurique e Viena que, supunha, em dois ou três anos não mais se compreenderiam. Deixaria bem claro as diferenças teóricas entre ambos ao escrever, em sua breve autobiografia, que “Jung tentou dar uma nova interpretação à análise, conferindo-lhe caráter abstrato, impessoal e não-histórico, esperando assim escapar à necessidade de reconhecer a importância da sexualidade infantil e do complexo de Édipo, bem como a necessidade de qualquer análise da infância.”²

Conjugaram-se esforços em Viena para que a pendência entre Freud e Jung não fosse exposta aos adversários da psicanálise, que por certo se beneficiariam com as evidências de um cisma. Os membros da Sociedade Psicanalítica de Viena, Lou Andreas-Salomé anotou em seu diário, “haviam sido solicitados a se comportarem ‘diplomaticamente’ na questão Jung; contudo, em verdade, Munique já era uma ruptura.”³ A caminho do hotel onde estava hospedada em Viena, após visitar Freud numa fria manhã do inverno de 1913, Lou Salomé vislumbrou além do vidro das janelas do *Alserhof* um grupo de analistas reunido em acalorada discussão. Ela entrou e, ouvindo as vozes alteradas com que debatiam a mudança conceitual de Jung, pensou: “Começa a ficar claro que qualquer deliberação puramente factual sobre Jung torna-se extremamente complicada, devido à necessidade de fazer vista grossa a quaisquer diferenças, no interesse da unidade. Uma questão perigosa.”⁴

Os ânimos estavam exaltados. Não era fácil para o analista leal a Freud tolerar a mudança de linha de Jung sem fazer comentários. “Recordo vivamente”, escreveu Jones, anos mais tarde, “o momento em que Freud me contou de Jung ter declarado sua descrença na existência da sexualidade infantil, um dos principais fatores da teoria psicanalítica. Fiquei estarecido e disse: ‘Como é possível? Ora, não faz muito tempo ele publicou um estudo analítico sobre a própria filha, descrevendo o mais claramente possível todos os possíveis estágios evolutivos de sua vida sexual infantil.’”⁵

Havia os que não encontravam nas novas idéias de Jung motivo para ruptura. Lou Andreas-Salomé vira Freud modificar fundamentos teóricos sem qualquer pedido de

desculpas, observara que, para ele, “a teoria não é de forma alguma monolítica, pois se ajustará sempre a descobertas posteriores.”⁶ Certa vez, quando ela chamou a atenção de Freud para uma discrepância entre o que ele escrevera e o que acabara de afirmar numa palestra, ele se limitara a redarguir: “Essa é minha formulação mais recente.” Embora leal a Freud, Lou Salomé anotou em seu diário que “Jung está certo ao afirmar que o caráter da libido recebe explicação muito limitada, se apenas sexual, na interpretação dada ao incesto.”⁷ Salomé gostara do novo conceito de Jung para o incesto. Sentia também que Jung “é aquele a quem mais devemos pela descoberta da relação entre a libido... e o pensamento arcaico.” Observa ela tristemente: “Às vezes se é levado a suspeitar de que uma alteração sobre termos ocorre quando a questão real é bem mais profunda, e de forma alguma terminológica.”⁸ Em abril de 1913, Lou Andreas-Salomé participou pela última vez de um encontro na Sociedade Psicanalítica. Como fazia há alguns meses, Salomé sentou-se para ouvir os ásperos debates e discussões dos homens à sua volta e a voz baixa e calma de Sigmund Freud. O compromisso da Sociedade com o princípio da honestidade a impressionara muito. “Enquanto ela se mantiver fiel ao ideal da comunidade honesta, será uma alegria e uma beleza, ao menos aos olhos de uma mulher, ver homens inflamados pelo debate.”⁹

Lou Andreas-Salomé era linda, tendo um rosto sincero e cachos macios no alto da cabeça. O poeta Rainer Maria Rilke¹⁰ a amava, e Friedrich Nietzsche certa vez afirmara jamais ter conhecido criatura mais talentosa ou compreensiva. Ela era uma complexa mistura de brilhantismo e sedução. “Seus interesses são realmente de natureza puramente intelectual”, Freud dissera a Ferenczi, “é uma

mulher extraordinária, mesmo se todos os rastros nos conduzirem à toca dos leões junto com ela.”¹¹ Anna Freud visitaria Lou nos anos subseqüentes, e diria ao pai: “‘Minha nova amiga’, como você escreve, é de fato magnífica e acho excepcional estar com ela... A vida é tão fácil a seu lado, tão simples e natural como com poucos seres humanos.”¹² Anna lia para Lou trechos de um trabalho que estava escrevendo, e relatou a Freud: “Ela insiste que tudo o que escrevo é exclusivamente meu, mas acho que ela me inspira de maneira estranha e misteriosa, pois quando estou sozinha, nada sei a respeito destes assuntos.”

Freud a princípio desconfiara de Lou Salomé, descrevendo-a a Ferenczi como “uma mulher de perigosa inteligência”.¹³ Mas acabara por afeiçoar-se a ela. Certa vez em que ela não comparecera a uma de suas palestras na Clínica Psiquiátrica, ele “fitava, como que hipnotizado, a cadeira vazia.”¹⁴ Em outra ocasião em que ela estava ausente, ele lhe disse depois que falara “de maneira vacilante”.¹⁵ Salomé e Freud¹⁶ encontravam-se com freqüência na Berggasse 19, e às vezes conversavam até tarde da noite, mas Freud sempre a acompanhava até o hotel. No último dia de Lou¹⁷ em Viena, Freud convidou-a a tomar chá e levou-a para casa juntamente com um buquê de rosas. Quando se voltaram a ver, o embate intelectual que Salomé admirara nas reuniões das quartas-feiras seria travado em arena maior: ela iria encontrar-se com Freud em Munique, para o Quarto Congresso Psicanalítico Internacional, em setembro de 1913.

Restavam poucas dúvidas de que Jung ameaçava seriamente a posição de Freud. “Estou profundamente im-

pressionado com o sucesso da campanha de Jung”¹⁸ Ernest Jones confessou a Freud em abril de 1913. “Ele recorre a preconceitos formidáveis. Penso que jamais a psicanálise atravessará momento mais crítico.” Quando Freud contou a Sándor Ferenczi que Jung fora aos Estados Unidos tratar um membro da família Rockefeller. Ferenczi replicou: “Preferia que você tivesse sido chamado pelos Rockefeller, mas os americanos não merecem o melhor.”¹⁹ O panorama era dos mais sombrios. Freud escreveu: “Naturalmente tudo que tentar fugir à nossa verdade encontrará aprovação do grande público. É bem possível”, prossegue ele, pesaroso, “que desta vez eles realmente nos enterrem, após cantarem tantas vezes a marcha fúnebre em vão.”²⁰

A questão de judeu e não-judeu emergiu abruptamente. Alphons Maeder, que se autodeclarava venerador de Freud, escreveu que as recentes discordâncias científicas eram o resultado inevitável das diferenças entre *arianos* e *judeus*. “Sem dúvida”, replicou Ferenczi, orientado pelos conselhos de Freud, “são grandes as diferenças entre o espírito judaico e o ariano. Podemos ver isto diariamente... Mas não deve existir uma ciência ariana ou judaica. Em questões de ciência os resultados devem ser idênticos.”²¹ Freud aprovou a resposta de Ferenczi: “É bastante digna e apropriada.”²² Mas não acreditava que se ganharia muito com ela. “Não será com certeza a boa educação que impedirá o desencadeamento do anti-semitismo entre nossos colegas de Zurique” disse ele. “Para não suplicar, manter-se firme.” Freud se deu ao luxo de ser filosófico: “Essas disputas... são boas”, consolara Ferenczi no ano anterior. “Elas nos mantêm em permanente tensão.”²³

A discussão cristãos *versus* judeus não se limitava a racionalizações de diferenças científicas; incluía também

a questão de como Freud manteria os seus seguidores mais íntimos que não eram judeus. Ferenczi escrevera a Freud meses antes: “Putnam... poderá facilmente desertar; você deve ficar de olho em Jones e cortar sua linha de retirada.”²⁴ Freud aquiesceu. Em carta a Sabina Spielrein, também judia, Freud escreveu: “Somos e continuaremos a ser judeus. Os outros apenas no irão explorar e jamais nos irão compreender ou apreciar.”²⁵

Na Primavera de 1913, não estava claro quem ficaria ao lado de Freud, e quem ficaria do lado de Jung. A questão incluía não apenas pessoas, como Oskar Pfister e Ludwig Binswanger, das quais, sendo suíças, esperava-se no mínimo divisão de suas lealdades entre o compatriota Carl Jung e o homem que amavam e admiravam, Sigmund Freud. Questões de lealdade acometiam até mesmo alguns membros do conselho secreto de Freud. Apenas três anos antes, Ernest Jones vacilara quanto à teoria da sexualidade. Agora, sob a liderança dissidente de Jung, ele e outros tinham forte alternativa. Jones parecia inteiramente ao lado da causa, mas às vezes Freud se inquietava: “Não estou inteiramente satisfeito”, ele se queixaria a Jones, “com o fato de você tolerar sem qualquer protesto a insolência de Jung.”²⁶ Por um instante, Freud sentira-se inseguro até mesmo com Karl Abraham: “Abraham está aqui há três dias”,²⁷ escreveu Freud em certa ocasião. “Não estou informado sobre até que ponto Rank (colega de Freud) foi bem-sucedido em trazê-lo para nosso lado.” (Freud ofereceria anéis de ouro aos membros de seu comitê secreto, como símbolo de lealdade, e Karl Abraham receberia um).

Tanto Freud quanto Jung queriam evitar a aparência pública de desavença, e providências foram tomadas para a realização do Congresso em setembro de 1913 na supo-

sição de que ambos compareceriam. Freud chegou a recomendar aos colegas que votassem a favor da reeleição de Jung como presidente da Associação Internacional. A fim de preservar a ilusão da unidade, os vienenses e os suíços se hospedariam no mesmo hotel em Munique. “Considero acertado evitar um confronto pessoal entre mim e Jung”,²⁸ Freud confiou a Ferenczi em maio. Contudo, havia limites que Freud não ultrapassaria. “Não cumprimentarei Jung em Munique”, disse a Sabina Spielrein, “você sabe perfeitamente bem.”²⁹

Na melhor das hipóteses, a unidade era das mais frágeis. Freud e Jung confessaram sua inquietação em cartas a Sabina Spielrein. Jung descreveu o rompimento, afirmando: “Fiquei completamente desencorajado, pois à época todos me atacaram, e ainda tive a certeza de que Freud jamais chegaria a me compreender e romperia relações comigo. Ele quer dar-me amor, enquanto eu quero compreensão. *Quero ser um amigo em igualdade de condições, enquanto ele me quer como filho.* Por esse motivo ele atribui a um complexo tudo o que faço e que não se encaixa nos moldes de sua vida.”³⁰ Freud também se mostrou amargo, ao escrever a Sabina: “Lamento saber que você sente saudades de Jung, num momento em que minhas relações com ele não são as melhores, tendo praticamente chegando à conclusão de que ele não é merecedor do interesse apregoado que lhe dediquei. Sinto-o prestes a destruir o trabalho que construímos com tanto esforço, sem nada oferecer de melhor ele mesmo.”³¹

Ao longo dos meses anteriores ao congresso, Freud lutou para manter uma atmosfera de lógica e objetividade entre os colegas. Essa tarefa não foi nada fácil. Depois que Jung viajou para os Estados Unidos no começo de 1913,

Jones relatou a Freud: “Sua conduta recente na América faz-me pensar mais do que nunca que ele não se comporta como um homem normal e é seriamente perturbado; ele transmitiu uma imagem bastante paranóica a alguns psiquiatras psicanalistas.”³² De quando em vez, Freud entregava-se a comentários semelhantes: “Jung está louco”, disse a Karl Abraham, “mas não desejo uma separação e prefiro que ele se destrua primeiro.”³³

A necessidade de união continuava sendo para ele o mais importante. Freud buscava restringir tais comentários a seu próprio círculo, e manter objetividade quanto à evolução das novas teorias de Jung. Sabia que este acreditara, durante algum tempo, na considerável importância terapêutica das fantasias inconscientes dos analisados. Freud mostrara-se cético, mas em agosto de 1913, em meio à tensão das facções em conflito e as incertezas do Congresso iminente, disse tranqüilamente a Jones: “Quanto... à importância das fantasias inconscientes, não vejo motivo para nos submetermos ao julgamento arbitrário de Jung e não ao julgamento necessário do próprio paciente. Se este último valoriza tais produções como seus segredos mais preciosos, temos de aceitar essa posição e conferir-lhe o papel mais importante do tratamento.”³⁴

O verão de 1913 foi cheio de dificuldades. Freud tivera de suportar de qualquer maneira a perda do melhor amigo, de constantemente apaziguar os colegas enraivecidos e, ao mesmo tempo, de procurar manter a integridade quanto às verdades científicas a que se dedicara com tanto sacrifício. “Parece uma tempestade”,³⁵ desabafaria com Ernest Jones. “É preciso esperar para ver quem se sairá melhor, nós ou o gênio do mal deste momento.” Aquele verão foi a única época em que Anna viu seu pai deprimido.

Dessa vez, para variar, não ficariam hospedados no *Park Hotel* de Munique. “Não se esqueça” Freud escreveu a Ernest Jones no dia 29 de agosto de 1913, “de que nosso hotel é o *Bayerisch Hof*, e esperamos chegar na sexta-feira, dia 5, à noite (21 hs).”³⁶ Lou Salomé³⁷ chegou um dia depois ao pequeno hotel, com seus trinta quartos apenas, e teve de passar a noite na sala de estar com Freud, Abraham e alguns outros. Em outra parte do hotel, a atmosfera era tensa. Eram muitas as reuniões particulares,³⁸ com os oitenta e sete participantes reunidos em pequenos grupos, a fim de discutir a dissidência e sondar as lealdades dos demais. Certa manhã, Alphons Maeder percorria o corredor de um lado a outro, ensaiando a palestra que pronunciaria sobre os sonhos, quando viu Freud abrindo a porta de vidro que dava para o corredor. “Bom-dia, *Herr Professor!*”,³⁹ Maeder exclamou, estendendo a mão; mas Freud não a aceitou.

No salão de conferências, Jung estava sentado a uma mesa com o restante dos suíços. “Há dois anos”, escreveu Lou Salomé, recordando-se do Congresso de Weimar, “a gargalhada retumbante de Jung irradiava uma espécie de ruidosa alegria e exuberante vitalidade, mas agora seu ar sério é um misto de pura agressão, ambição e brutalidade intelectual.”⁴⁰ Salomé sentou-se com Freud a uma mesa oposta à de Jung. “Basta um simples olhar”, intuiu ela, “para perceber qual é o mais dogmático, o mais apaixonado pelo poder.” Ela observou que Freud procurava ao máximo controlar-se. Contudo, após os prolongados meses de embates e manobras, Salomé acreditava “que se

pode, se deve e se tem o direito de explodir.” Ela sabia que Freud mantivera toda uma vida de calma deliberada. Caberia a Victor Tausk, brilhante e fervoroso analista, sentado do outro lado dele, a tarefa de defender-lhe raivosamente a causa. Tausk era então o amante de Salomé, “um camarada louro e cabeçudo”;⁴¹ Freud estava satisfeito por tê-lo ali. “Esperto e perigoso”,⁴² dissera ele. “Ele tanto sabe latir quanto morder.

A percepção de Salomé a respeito de Jung e a lealdade que ela dedicava a Freud levaram-na a escrever: “Jamais me senti tão próxima de Freud quanto naquela ocasião; não apenas por causa desse rompimento com o “filho” Jung, a quem ele amava e por quem praticamente transferira a causa para Zurique, mas principalmente pela forma como se deu o rompimento — como se Freud fosse o causador de tudo pela sua obstinação intolerante.”⁴³ De seu lado, Alphons Maeder achou o colega Jung estranhamente silencioso durante as longas horas de debate. O discurso de Maeder divergia teoricamente tanto de Freud quanto de Jung. Maeder ressentiu-se com o fato de Jung ter falado pouco. “Então percebi que ele se parecia um pouco com Freud”,⁴⁴ disse Maeder. “Não suportava a independência de seus colaboradores; basicamente, tinha os mesmos defeitos que reprovava no mestre.”

A atitude de Jung ofendeu Freud e seus colaboradores. Salomé⁴⁵ achou que ele reduzira impropriamente o tempo dos expositores. Um dos relatórios dos suíços era tão repleto de estatísticas, que Freud resolveu manifestar-se: “A psicanálise já sofreu todos os tipos de crítica, mas esta é a primeira vez em que alguém pode considerá-la tediosa.”⁴⁶ Os seguidores de Freud pretendiam votar em Jung, o que já fora suficientemente discutido e acordado

em Viena. Entretanto, chegado o momento da contagem dos votos, vários estavam em branco. Não obstante, mesmo tendo, cerca de dez participantes registrado seu protesto contra Jung por meio da abstenção, ele foi reeleito presidente por 52 a 22. O Congresso não satisfez a ninguém.⁴⁷ Um dos amigos de Salomé chegou a comentar: “Agora a melhor coisa para toda a associação seria explodir; assim, mentes semelhantes poderiam encontrar-se honestamente, e Freud não seria forçado a fazer guerra contra ataques de seu próprio lado nem a proteger aqueles que estão a seu favor.”⁴⁸

No dia seguinte ao Congresso, Freud usufruiu algumas horas de tranqüilidade com Salomé em Hofgarten, os jardins palacianos de Munique recortados com precisão geométrica, com seus imaculados caminhos de cascalho ladeados por arbustos. Dos comentários a respeito dos acontecimentos dos dias anteriores, passaram a conversar sobre a transmissão de pensamento, “algo que sem dúvida o atormentava”,⁴⁹ percebeu Salomé. O tema da telepatia fora origem de tensões entre Freud e Jung e ocasionara uma cena entre ambos anos antes, em Viena. Freud tentara dissuadir Jung de explorar tal assunto, fenômeno em que ambos acreditavam, e que ambos temiam. A telepatia era “um assunto”, entendia Salomé, “sobre o qual ele esperava jamais falar em sua vida.”

De sua parte, Salomé recordaria uma história que Freud lhe contara durante o Congresso de Munique, que combinava com o clima de inevitabilidade daquele período. Quando seu filho Ernest era menino, contou Freud, ao final de férias de toda a família na Itália, “ele olhou para trás, a fim de contemplar o mar, da diligência que os levava e repetiu várias vezes: ‘Quero ficar, quero ficar, quero ficar!’ Somente

quando uma curva ocultou o mar, ele percebeu sua impotência e, pálido e resignado, murmurou inúmeras vezes: 'Adeus, mar; Adeus, mar; Adeus, mar!''⁵⁰

O Congresso chegara a fim. A provação dos meses precedentes terminara. "Separamo-nos" disse Freud, "sem qualquer desejo de reencontro."⁵¹ Nos longos anos que lhes restavam, Freud e Jung jamais voltariam a se ver. "Se conhecesse a fundo os verdadeiros fatos", Freud escreveria a Stanley Hall, que fora o anfitrião dele e de Jung em dias melhores, na América, "provavelmente não pensaria estar mais uma vez diante do caso de um pai que não deixa seus filhos evoluírem, mas teria percebido que os filhos desejavam eliminar o pai, como em épocas remotas."⁵² Após o Congresso, Freud⁵³ notou que não conseguia mais pronunciar o nome de Jung. Errava sempre, trocando-o por Jones.

Jung retornou a Zurique, enquanto Freud foi para Roma. "Visitei mais uma vez *o velho Moisés*",⁵⁴ escreveu ele. Suas palavras nada revelavam de seu trágico encontro anterior com a imponente estátua de Michelangelo, encontro que personificara seu embate com Jung, que ainda não chegara ao fim.

Embora externamente continuasse o mesmo, Jung tomaria da pena no dia 13 de dezembro de 1913, para retornar ao diário que abandonara quando finalmente Emma concordara em desposá-lo. Registraria ali o conflito íntimo precipitado pela sua perda de Freud, um conflito que prosseguiria por muitos anos, e no qual quase perderia sua vida.

Capítulo 17

Minna¹ ficou satisfeita por Freud não lhe pedir que galgasse com ele as ruínas empoeiradas e quentes do Monte Palatino. Reunira-se ao cunhado no trem de Bolonha,² ao fim do Congresso de Munique, e haviam seguido juntos para Roma. Em outras ocasiões, Freud sempre caminhava dias ao sol, percorrendo antigos templos arruinados, e a “beleza incomparável de Roma”³ tranqüilizava-lhe o espírito. Mas no outono de 1913,⁴ Freud foi com menos frequência ao Palatino. Ao contrário, galgava os degraus íngremes do Corso Cavour, chegando à “*piazza* solitária onde estão as igrejas abandonadas”⁵ e ali retomava a vigília iniciada em sua última visita a Roma. Freud sentia-se atraído ao interior da igreja, ao encontro da estátua imponente de Moisés, esculpida por Michelangelo quatro séculos antes.

Magro, frágil, o fundador da psicanálise permanecia horas, todos os dias, diante do gigante sentado, e buscava

a si mesmo. Essa permanência solitária junto a *Moisés* tinha relação com Jung. Singular paixão o movia, à semelhança de Moisés. A paixão de Freud transformara os conceitos da psicanálise em causa pela qual teria dado de bom grado a própria vida. Sua paixão transformara Carl Jung, de amigo em filho e herdeiro; a perda de Jung constituía naquele momento a razão para as longas visitas à igreja vazia. Dia após dia, Freud testemunhava a terrível cólera de Moisés, e a esta acrescentava a sua. A história de Moisés⁶ obcecava-o: segundo o Antigo Testamento, Moisés se voltaria, enfurecido, contra os israelitas, e atiraria ao solo as tábuas onde estavam inscritos os Dez Mandamentos. Num instante de raiva descontrolada, Moisés colocaria em risco a obra de toda uma vida. Era precisamente esse o grande temor de Freud. Há muito obtivera o autocontrole; contudo, em sua amargura para com Jung, não confiava mais em si mesmo. Postava-se à sombra⁷ da estátua grandiosa, temendo agir como o Moisés bíblico, ariscando o futuro da psicanálise numa única explosão de fúria.

Conta-se que Michelangelo passou sete meses sozinho numa pedreira, buscando a peça de mármore perfeita para seu *Moisés*. Ao concluir a estátua, Michelangelo soergueu os olhos para o rosto de Moisés. “Fala!” gritou. “Por que não fala?” Ato contínuo, vibrou o malho com todo ímpeto sobre o joelho de Moisés. Quatrocentos anos depois, Freud podia ver a marca nesse local, e compreendeu o desespero de Michelangelo. Freud perseguiu o mistério do significado da estátua até que sua própria batalha parecesse solucionada. Começara a perceber⁸ uma contradição no *Moisés* de Michelangelo: o movimento da parte superior do corpo — sobrelancelha franzida em fúria, barba

emaranhada, braços musculosos e manto fluido — tornava-se inexplicavelmente ausente a partir do joelho maciço do profeta, enraizado como uma árvore e imóvel. Por que, ponderou Freud, se Moisés estava prestes a se erguer em terrível fúria, não havia movimentação da parte inferior do corpo? “Ficava sentado diante da estátua, na expectativa de ver como ela se poria de pé, lançaria as Tábuas da Lei ao solo e deflagraria toda sua cólera”,⁹ escreveu Freud. “Nada disso aconteceu. Ao contrário, a imagem de pedra tornou-se mais e mais imobilizada, e emanava dela uma calma quase opressiva.”

Diante da estátua,¹⁰ em setembro de 1913, Freud confirmou sua suspeita de que Moisés estava segurando as tábuas sagradas de cabeça para baixo, atitude improvável de um homem temente a Deus. A posição casual das tábuas religiosas convenceu Freud de que, embora Moisés as desejasse abandonar, o autocontrole fora mais forte. As tábuas estavam inclinadas porque, em sua agitação, Moisés as deixara escorregar. Mas a parte inferior de seu corpo estava em repouso porque acabara conseguindo controlar sua fúria.¹¹ Freud estava certo de que o *Moisés* de Michelangelo era um homem inteiramente diferente do Moisés bíblico: ele era a personificação do autocontrole. “Em seu primeiro transporte de ira”, concedeu Freud, “Moisés desejou agir, pôr-se de pé de um salto, vingar-se e esquecer as Tábuas; mas conteve a tentação e agora permanece sentado e imóvel, em sua fúria congelada e em sua dor, misturada ao desprezo. Tampouco ele lançará as tábuas para que se partam no solo pedregoso, pois foi exatamente por causa delas que controlou sua raiva; a fim de preservá-las, ele conteve seu gesto apaixonado.”¹²

À semelhança de Moisés, Freud suportaria a própria paixão interior. “O gigante com sua tremenda força física torna-se apenas a expressão da mais elevada aquisição mental possível a um homem”, concluiu Freud, “qual seja, a de vencer a paixão interior pelo bem de uma causa à qual se devotou.”¹³ A paixão íntima de Freud¹⁴ era sua raiva com a deserção de Jung, e a causa, a psicanálise. Em Moisés ele encontrara a expressão da agonia inominada do sacrifício e das paixões impossíveis.

A comparação não terminava aí. Freud sabia que Michelangelo e o Papa Júlio II, em cuja honra Michelangelo esculpira o Moisés, outrora haviam sido amigos íntimos. A amizade incluía tensões disfarçadas, que não escaparam à menção de Freud: “Júlio II”, observa ele, “neste ponto assemelhava-se a Michelangelo, nas tentativas de realizar grandes e poderosos fins.”¹⁵ Contudo, o relacionamento de Júlio e Michelangelo se rompera. Júlio “com frequência fazia Michelangelo sofrer com seus repentinos acessos de raiva e profunda falta de consideração com os outros.” Michelangelo, intuía Freud, “enquanto pensador mais introspectivo, possivelmente pressentiu o fracasso a que ambos estavam fadados.”

Freud reuniu suas observações em pequeno ensaio denominado *O Moisés de Michelangelo*. Concluiu o trabalho nos últimos dias de dezembro de 1913 e decidiu publicá-lo anonimamente, não obstante a dúvida persistente de Abraham: “Não acha que a garra do leão será reconhecida?”¹⁶ Freud escreveu, 20 anos mais tarde. “Por este trabalho, tenho o sentimento que se nutre por um filho ilegítimo. Durante três semanas solitárias de setembro de 1913, postei-me diariamente diante da estátua, analisei-a, medi-a, desenhei-a, até alcançar a compreensão que só

arrisquei a expressar num ensaio anônimo. Apenas bem mais tarde legitimei este filho não-analítico.”¹⁷ O ensaio de Freud constituía sombrio testemunho de seu desespero. Ele acreditava que Michelangelo tentara o impossível: retratar a paixão íntima de Moisés e, ao mesmo tempo, a calma que sentia ao sacrificar aquela paixão. Talvez, concluiu Freud, tenha sido difícil, até mesmo para Michelangelo, deixar um traço da violenta emoção claramente visível “em meio à calma decorrente”.¹⁸ Talvez nem mesmo Michelangelo tenha conseguido expressar tal tormento em pedra, mas Freud o captou.

Durante as semanas de dezembro de 1913 em que Freud escreveu seu ensaio sobre Moisés, Jung sentiu a vida fugir a seu controle. “Eu vivia em constante estado de tensão”,¹⁹ recorda ele. “Com freqüência sentia gigantescos blocos de pedra caindo sobre mim.” Ele praticava ioga, a fim de recuperar o controle de suas emoções. Anos depois,²⁰ um amigo descreveu o procedimento recomendado por Jung em ocasião semelhante: foi-me sempre útil deitar e respirar calmamente durante algum tempo. Respirar com a sensação de que “o vento soprava sobre mim — o vento da perturbação.”

Seres estranhos apareciam a Jung em sonhos, e não lhe davam descanso. “Durante o Advento do ano de 1913”, recordaria Jung, “em 12 de dezembro, para ser mais exato, resolvi dar o passo decisivo. Estava sentado à minha escrivaninha... refletindo a respeito de meus temores. Então deixei-me sucumbir.”²¹ O filho de Carl Jung, Franz, anos mais tarde falaria cuidadosamente sobre isso: “Meu pai escreve que *escolheu*. Não acredito que tenha escolhido.

Acho que não teve escolha. Você pode imaginar como deve ser doloroso pensar que se está enlouquecendo? Que se poderá cair para sempre no vazio?”²² Excetuando a análise de seus pacientes,²³ Jung não conseguia trabalhar nem ler um livro científico. Abandonou, por isso, sua posição na Universidade de Zurique, onde lecionara durante oito anos.

Visões diabólicas²⁴ continuamente lhe acorriam ao espírito, às vezes durante visitas de uma hora, outras vezes em sonhos. Em nome de espíritos desconhecidos, Jung cometeu assassinatos imaginários e rios de sangue fluíam interminavelmente. Um garoto louro que se afogava, uma serpente negra que se aproximava e um anão com pele de couro atormentavam Jung. Havia grutas e lama, cadáveres e, por toda parte, a culpa insuportável. As imagens aterrorizavam Jung. Só conseguia²⁵ entregar-se a elas e descrever seu estranho comportamento nas páginas do diário, ou então tomava do estojo de aquarela e pintava quadros de seus sonhos. Certa vez, Alphons Maeder contou-lhe estranho e aterrorizante acontecimento, uma alucinação que tivera. Jung impressionou-se com a experiência de Maeder. “O quê, você também?”,²⁶ indagou Jung.

“Durante anos após sua separação de Freud”, disse Franz Jung, “meu pai não conseguiu trabalhar. Colocava uma arma sobre a mesinha de cabeceira e afirmava que, se não suportasse mais, daria um tiro na cabeça. Terceiros o abandonavam, ele estava só. Durante sete anos nada fez além de pintar.”²⁷ Os filhos de Jung pouco sabiam a respeito de tamanho tormento. Apenas a mais velhas, Agathli, que estava com nove anos em 1913, ano da separação de Freud e Jung, um dia afirmaria: “Tinha a impressão muito vaga de que algo estava acontecendo.”²⁸ Franz, ainda

criança, não percebeu a angústia de seu pai; mas ele passou a vida inteira na mesma região da Suíça, e suas recordações de Jung são constantes e densas. Assim como, sem o saber, ajudara antes o pai na construção dos vilarejos de pedra junto ao lago, também se sentava à velha mesa da biblioteca, onde Jung pintava seus quadros. “Eu também pintava ali”,²⁹ disse Franz. “Às vezes tínhamos permissão, se prometíamos não dar uma palavra, de pintar e desenhar. Mas eu não era bom nisso, e era difícil ficar sentado na cadeira em frente a meu pai, que era bastante habilidoso na pintura.”

Durante esses anos, Jung passou muito tempo sozinho. As crianças ressentiam-se com a falta do pai, por vezes de maneira aguda. “Minha irmã Marianne nasceu dois anos depois de mim”,³⁰ disse Franz. “Como eu era menino, meu pai passava mais tempo comigo. Um dia — acho que eu tinha por volta de dez anos, e Marianne, oito — saímos todos juntos de barco. Paramos a fim de pegar algo em um vilarejo e papai comprou-nos bolinhos. Quando voltamos para casa, Marianne atravessou o gramado correndo, em direção a mãe e gritou, ‘Olhe só! O pai de Franz comprou um bolinho para mim.’ Naturalmente mamãe apressou-se a dizer: ‘Ora essa, Marianne, você deve entender que o pai de Franz é *seu* pai também!’”

No verão a família foi para Schaffhausen passar uma temporada com a mãe de Emma, e ali as crianças passaram com o pai mais tempo do que ao longo do ano. “Minha avó tinha várias carruagens e dois cavalos, uma bela casa e muitos acres de terras”,³¹ disse Franz Jung. “Durante todo o verão, brincamos de índios contra os ingleses com meus primos. Papai era o líder. Ele usava um chapéu da Polícia Montada do Canadá e um par de botas

cowboy, que trouxera de sua visita aos Estados Unidos com Freud. Parecia um xerife. Construimos tendas indígenas e choupanas grandes o suficiente para dormirmos dentro, e cada lado possuía um cavalo. Fizemos fogueiras e queimamos as tendas do outro grupo e roubamos os cavalos. Foi idéia de papai. Ele brincava conosco o tempo todo, embora o cunhado não aprovasse.” Tampouco a avó de Franz aprovava quando Jung e as crianças cavavam túneis na terra fofa e amarela. Os túneis eram grandes o bastante para atravessarem-no de gatinhas, e *Frau* Rauschenbach temia que desabassem sobre as crianças.

Quando menino, Franz fazia longas caminhadas com o pai, às vezes pelas colinas em torno de Schaffhausen, às vezes perto da casa em Küsnacht. Mais tarde, na companhia dos quatro filhos, Franz percorreria as trilhas que conhecia desde a infância, e agora ele caminhava por algumas delas comigo. Escolhia a rota com cuidado, segundo seu elemento de surpresa ou beleza. Franz gostava de escalar montanhas, mas preferia sobretudo descer a toda velocidade. Demorávamos horas subindo os caminhos arborizados, e então irrompíamos no leito de um riacho pedregoso que subitamente se abria sobre um vale primaveril e agradável, que se estendia além do alcance dos olhos. A Suíça era sempre vazia, onde quer que fôssemos, e sempre bela. Um dia, Franz percorreu comigo as florestas cobertas de neve bem acima do Lago de Zurique. Um agrupamento de enormes faias, sem galhos ao longo de trinta metros, elevava-se em direção ao céu invernal. A luz do sol refratada através de cristais de neve formava vitrais no espaço milenar, abobadado. “Pense em minha mãe,”³² disse Franz em meio àquele silêncio. “Pense nela. Consegue *imaginar-se* vivendo com um homem que dormia

com uma arma na cabeceira da cama e desenhava círculos o dia inteiro?”

Freud não sabia que o homem que outrora amara como a um filho estava lutando para continuar a viver. Não sabia que esse homem, por ele agora temido como perigoso rival, não conseguia trabalhar e passava horas sozinho construindo vilarejos de pedras e desenhando quadros de seus sonhos. A raiva que Freud sentia de Jung assemelhava-se ao frio metal. “Impressionou-me”, escreveu a Karl Abraham, “a analogia completa que pode ser estabelecida entre a primeira fuga, de Breuer, diante da descoberta da sexualidade por trás das neuroses, e a última, de Jung. O que torna mais evidente ser esta a essência da psicanálise.”³³ Ernest Jones mostrou-se inflexível. “Enfurecemos com Jung”, disse a Abraham, “até descobrir que ele não passa de um completo estúpido. ‘Estupidez emocional’, como denominam os psiquiatras.”³⁶ Freud sentia que Jung encontrara em Bergson outro judeu para a figura paterna. “Não sinto mais ciúme”,³⁵ falou acremente a Jones, em junho de 1914. A cólera perdurava. Um ano depois, Freud escreveria a James Putnam. “Achava (Jung) simpático enquanto ele vivia cegamente, como eu. Então adveio sua crise ético-religiosa, com moralidade mais elevada, ‘renascimento’, Bergson e, ao mesmo tempo, mentiras, brutalidade e superioridade anti-semita para comigo.”³⁶

Freud e Jones durante algum tempo preocuparam-se com a possibilidade de o movimento psicanalítico voltar-se para Jung. “Parece impossível Viena e Zurique chegarem a algum acordo”,³⁷ Jones escrevera a um colega, em

novembro de 1913, pouco após o Congresso de Munique. “Assim, será melhor separarmo-nos por completo, e cada um poderá desenvolver, sem emoções pessoais, segundo considerar melhor — e que vença o melhor!” Freud nutria sentimentos conflitantes quanto à força da posição de Jung “Talvez estejamos superestimando Jung e seus feitos... Ele não se encontra em posição favorável diante do público ao se voltar contra mim, isto é, contra seu passado”,³⁸ escreveu a Jones. Mas sua confiança declinou na mesma carta, e ele terminou em tom diferente: “Não espero sucesso imediato, mas luta incessante. Qualquer um que prometa à humanidade libertação das amarras sexuais será aclamado como um herói; deixe que ele fale as tolices que bem entender.”

Freud continuou inseguro quanto à lealdade até mesmo de seus amigos mais íntimos. “Fico satisfeito ao saber que você se mostra inacessível a Jung, sempre que ele vai a Londres”,³⁹ Freud confessou a Ernest Jones. “Ele poderia tentar lisonjeá-lo e comprometê-lo.” Há muito Freud preocupava-se com seus colegas dos Estados Unidos: “Não resta dúvida de que todos esses homens se inclinam fortemente em direção a Jung, ou melhor, afastam-se da psicanálise.”⁴⁰ Em outra carta a Jones, ele escreveu: “Sabemos que Jung tem uma posição privilegiada, e nossa única esperança, ainda, é que ele se arruíne a si próprio. Você terá de lutar com ele pela influência na Inglaterra e na América, e talvez esta seja uma batalha longa e dura.”⁴¹ Na primavera de 1914, Freud só tinha certeza da lealdade de uns poucos, e Ernest Jones era um deles. “Sob outros aspectos”, Freud relatou a Ferenczi, em estilo telegráfico, “apenas perdas: Stanley Hall, é claro, completamente adleriano; Spielrein a louca, acusa-me de ter algo contra ela.”⁴²

Ferenczi informou-lhe que, “após vários anos de lua-de-mel”⁴³ em Budapeste, a resistência à psicanálise parecia ter chegado ao auge”.

Na Suíça, Bleuler desertara. Um americano que estudava na Alemanha testemunhara a deserção, sem se dar conta. W.J. Sweasey Powers participava de um congresso de psiquiatras alemães em Breslau e saiu um tanto impressionado com os argumentos batidos que ali foram lançados contra a psicanálise. Mais tarde, compreendeu por que o encontro fora tão monótono. “O objetivo”, disseram a Powers, “era dar a Bleuler a oportunidade de apostatar de público da escola freudiana, pois se considerava que seu nome tivera grande influência na sustentação das teorias de Freud. O encontro também visava a colocar publicamente os psiquiatras alemães (sic) como contrários a elas.”⁴⁴ Freud não se surpreendeu com a deserção de Bleuler.

Ferenczi lutava por encontrar uma luz no verão sombrio de 1914, obtendo sucesso moderado. “Livrar-se de Jung”, disse a Freud, “significaria para você a volta à forma original do trabalho: tomar tudo em suas próprias mãos e não confiar em ‘colaboradores’. O lema *‘après-moi le déluge’* parece o mais apropriado em ciência.”⁴⁵

Por um instante naquele verão, Freud entreviu a possibilidade de perder também a filha caçula. “Sei, pelas melhores fontes”, escreveu a Anna, em férias na Inglaterra, “que o Dr. Jones tem sérias intenções de cortejá-la”.⁴⁶ A perspectiva de sua filha jovem e frágil morar na Inglaterra, longe de casa, com um homem complexo e tão sexualmente impulsionado, atormentava Freud. “Jones é bem menos autoconfiante e mais dependente do que se possa pensar à primeira vista”, revelou a Anna, delicadamente “Ele precisa de uma mulher experiente, talvez até mesmo

mais velha. Entregue a si mesmo — e isto é o pior que posso dizer dele —, evidencia tendência a entrar em situações perigosas e pôr tudo em risco, e que não garantiria qualquer segurança para você. “Pedi a Anna que não encontrasse Jones a sós. “Ele não é o homem certo para uma moça delicada. Ele tem de abrir caminho na vida a partir da família pequena e cheia de dificuldades... e não adquiriu o tato e discrição que uma moça mimada e, mais importante, muito jovem, esperaria de seu marido. Você teria de ser pelo menos cinco anos mais velha para que pudesse compreendê-lo e perdoar-lhe todos os tipos de coisas, e, assim, ele seria velho demais para você.”

Naquele verão, Freud procurou Shakespeare em busca de conforto. “Estranho”, comentou com Ferenczi, “abri mão de Macbeth em favor de Jones, há anos, e agora retomo-o, por assim dizer. Forças ocultas estão em ação aqui.”⁴⁷ Atribuiu à fadiga seu “estado de ânimo à Lear”⁴⁸ mas colocou-se à sombra de Lear quando contou a Ferenczi que não desejava perder Anna, sua “Cordelia”,⁴⁹ “por causa de um evidente ato de revanche.”⁵⁰ Freud desencorajou Ernest Jones. Disse-lhe que Anna, embora a mais talentosa de seus filhos, “ainda não espera ser tratada como mulher, estando ainda muito distante dos anseios sexuais e até mesmo recusando o homem. Temos um acordo implícito, eu e ela, de que Anna só deverá considerar um casamento, ou seus preliminares, quando estiver dois ou três anos mais velha. Não creio que ela romperá o acordo.”⁵¹ Freud especulou com Anna se o interesse de Jones não poderia voltar-se para outra mulher: “A irmã de Mabel, de quem você tanto gosta?”⁵² Freud adorava Anna, de quem tanto precisava. Ela jamais chegou a se casar.

Naquele momento de instáveis lealdades, Lou Andreas-Salomé permaneceu fiel a Freud. Praticava a psicanálise perto de Göttingen, Alemanha. “Excelente lugar”,⁵³ Anna Freud escreveria ao pai, em visita àquela cidade. “O ideal de mamãe, uma cidade universitária com belos jardins diante das casas e muitas árvores.” Salomé morava em uma casa no alto de uma colina, cercada de flores e vegetais em seu quintal murado. Mas, em 1914, a vida bucólica na Alemanha mudou de repente, como ocorreu em toda a Europa. Um inglês que se encontrava no interior da Alemanha naquele ano sentiu dificuldade em descrever certas construções que viu. Subindo ao telhado de uma casa, analisou-as com um binóculo. As construções eram planas, no entanto assemelhavam-se a navios de guerra ou topo de telhados lisos. Seu uso tornou-se sinistramente claro quando os Zeppelins alemães começaram a voar alto céu acima “lançando sobre os alvos... imensos e pesados objetos que... pareciam alguma forma de torpedo aéreo.”⁵⁴ A I Guerra Mundial começara no verão de 1914, e os Zeppelins praticavam sua pontaria nos campos, lançando bombas não explosivas.

No exterior, a extensão aterrorizante da guerra tornou-se evidente em uma única manchete nova-iorquina de 3 de agosto de 1914: A RÚSSIA INVADE A ALEMANHA; A ALEMANHA INVADE A FRANÇA, MAS NÃO DECLARA GUERRA; DECISÃO DA INGLATERRA HOJE; BÉLGICA AMEAÇADA; LUXEMBURGO E SUÍÇA INVADIDOS; ARTILHEIROS ALEMÃES ABATEM AEROPLANO FRANCÊS.⁵⁵ Milhões de vidas foram perdidas nos quatro anos seguintes, e a Europa que saiu da guerra teve de suportar as mais terríveis privações. Após a guerra, Freud teve de mandar dinheiro a Lou Salomé para que ela pudesse comprar combustível para acender a

lareira e escrever nas frias noites de inverno. “O troar dos canhões abafa a voz da psicanálise no mundo”, escreveu Freud, em novembro de 1914.

Capítulo 18

Certa vez¹ alguém descreveu Toni Wolff como uma pérola negra, e Jung prontamente concordou. Antonia Wolff nasceu em 1888, de rica família de Zurique. Quando menina, enfrentou dificuldades emocionais e submeteu-se a tratamento com Jung. Toni saiu mais forte e equilibrada da análise, e Jung se ligou muito a ela quando se viu angustiado. Enquanto os horrores da I Guerra Mundial rondavam as fronteiras suíças, Jung defrontava uma batalha particular.

Poucas pessoas se referiam a Toni Wolff sem primeiro mencionar seus olhos. “Eram escuros e tremendamente profundos”², recorda o filho de Carl Jung, Franz. “Toni era toda espírito. Parecia *não* ter corpo.” Toni era diferente das esposas de Zurique. “Sedutora, sem ser *sexy*”³, diria uma analista, sem rancor. “Ela possuía um sorriso maravilhoso.” Toni Wolff, com 26 anos em 1914, se tornaria talentosa analista, não obstante o temperamento solitário

que surgia nas descrições de seus pacientes. Um paciente jamais esqueceu o modo como Toni⁴ acendia o cigarro, sempre colocando cuidadosamente o palito no cinzeiro, deixando a chama queimar até o fim, como uma pequena oferenda a um deus que só ela conhecia. Outro paciente recordava o refresco que era servido durante a sessão: “A criada trazia uma xícara de chá — só uma, para a senhorita Wolff, mas nunca duas.”⁵

O colega de Jung, C.A. Meier,⁶ soubera que este se referia a Toni como o caso de esquizofrenia que conseguira curar, mas, apesar das grandes melhoras, os amigos percebiam que às vezes ela passava por alguma perturbação mental. Entretanto, Toni pôde ajudar Jung. Conhecia o estranho terreno que o amendrontava, pois ela mesma vira os terrores dessa condição. Enquanto Jung lutava por compreender as imagens psicóticas que afloravam espontaneamente das profundezas de seu inconsciente, Toni foi seu guia. Ela era excepcional, direta e singular, e Jung sempre a iria amar. Um dia, ele diria a um paciente, “Você precisa de alguém que seja esperto como uma serpente”⁷ e, com isto, queria dizer Toni. “Não alguém sem erros como um pombo”, concluiu Jung, e queria dizer sua esposa, a essa altura também analista.

Após o rompimento com Freud, Jung contou a um amigo que nada mais havia em que acreditar. As investidas das alucinações eram terríveis. “O medo toma conta de mim” escreveu Jung, “ante a ameaça de a sucessão de figuras ser interminável, de perder-me nos abismos sem fim da ignorância.”⁸ Com a ameaça da loucura, Jung precisava lembrar a si mesmo que seu nome era Carl Gustav Jung, médico respeitado que possuía esposa e família e morava na Seestrasse 228, em Küsnacht. Recordando aqueles

anos, Jung escreveu: “Naturalmente é uma ironia que eu, um psiquiatra, tenha experimentado quase cada passo do mesmo material psíquico da psicose e da loucura.”⁹ Anos mais tarde, colegas não minimizaram a gravidade do estado de Jung. “Ele esteve muito perto da psicose”¹⁰ disse a analista Liliane Frey-Rohn. “Ele não sabia como tudo acabaria.” C.A. Meier afirmou que “fenomenologicamente”¹¹ o colapso de Jung podia ser facilmente classificado como “episódio esquizofrênico”.

Jung emergiu gradualmente desses anos de confusão emocional. Fora professor de medicina, presidente de uma associação internacional, escritor produtivo e burguês típico. Vários anos depois, velejando pelas águas do Lago Zurique, não era mais professor, nem presidente, nem modelo de correção suíça, tudo que, estranhamente, sempre importara muito. Mas recuperara uma parte perdida de si mesmo e passara a sentir permanente respeito pelo poder do inconsciente.

Jung trouxe do terror e da beleza do inconsciente trabalho para toda uma vida. Levaria vinte anos para compreender a dimensão do que experimentara. Não fora isso que planejara fazer. “Quando jovem”, escreveu ele, “meu objetivo fora realizar algo em minha ciência. Mas então cheguei a esta corrente de lava, e o calor de seu fogo remodelou minha vida.”¹² Dentro do rico imaginário da alucinação e dos sonhos — cenas de horror e indescritível beleza — e nas noites insones de terror e remorso, Jung atingiu uma compreensão que lhe serviria nos anos subseqüentes. Quanto já estava idoso, perguntaram-lhe que conceitos haviam conferido mais significado à sua vida, e sua resposta foi imediata. “Oh, a do inconsciente coletivo.”¹³ Jung convencera-se de que as profundezas de psique in-

cluíaam padrões de comportamento universais e herdados. “As ‘camadas’ mais profundas da psique”, pensava ele, “perdem sua especificidade individual conforme se aproximam mais e mais da escuridão. ‘Mais para baixo’... tornam-se mais coletivas, até que se universalizam.”¹⁴

Nem sempre Jung esteve sozinho na organização de suas idéias. Emma e Toni participavam da vida interior de Jung. A fim de elaborar os novos conceitos e suas complicadas relações, Jung, Emma e Toni tentaram uma experiência delicada. “Eles estudaram seus sonhos sobre o problema”,¹⁵ explica *Frau* C.A. Meier. “Não era uma situação triangular, como ocorre com a maioria das pessoas.” *Frau* Meier e o marido conheciam Emma Jung e Toni Wolff. A respeito de Emma, C.A. Meier disse o seguinte: “Acho que ela passou pela mais espetacular transformação ao longo de sua vida de casada. Mais do que qualquer mulher que conheci. Era uma pessoa excepcional.”¹⁶ Anos depois, Toni Wolff, Emma Jung e Meier discutiram seus desgostos e conflitos: “Foi uma coisa mútua... fizemos análise de grupo durante aproximadamente um ano”¹⁷, disse ela.

Emma Jung e Toni Wolff não poderiam ser mais diferentes. Emma vivia com sabedoria e graça entre as preocupações diárias, e era visível sua simpatia. “Minha mãe era segura de si”, recorda Franz Jung, “e segura de sua feminilidade, por isso podia lidar com Toni.”¹⁸ Às vezes a realidade física confundia Toni. Não sabia pregar um prego ou plantar uma semente. Os problemas distintos dessas duas mulheres — e de Carl Jung — estiveram inexplicavelmente ligados ao longo de mais de trinta anos. “Não tenho a menor dúvida”, observou um amigo da família, Fowler McCormick, “de que este relacionamento foi uma tortura, uma coisa dolorosa que a Sra. Jung teve de su-

portar.”¹⁹ Uma cena na casa de Jung chocou-o. “A Sra. Jung e a Srta. Wolff ajudavam a preparar o jantar, o Dr. Jung estava presente, e não havia constrangimento... Duas pessoas preparavam o jantar, como se ambas vivessem na casa.” McCormick sabia que não era assim, mas Franz e as irmãs chamavam Toni de *tante* (tia), porque ela ia frequentemente à casa deles.²⁰

“Quando me tornei adulto”, conta Franz Jung, “senti pena de Toni. Ela nunca soube o que era ser mãe e esposa.”²¹ Embora as relações fossem complexas, Franz só se recordava de uma casa de desavença. Em 1925, seu pai retornaria em breve de viagem, após passar meses na África, e Emma e Toni discordaram sobre qual delas deveria fazer surpresa a Jung, indo recebê-lo quando seu navio atracasse em Gênova. Emma impôs sua decisão de que Franz, então com dezoito anos, deveria viajar até a Itália a fim de receber o pai. Anos depois, Emma e Toni tornaram-se membros ativos do Clube de Psicologia de Zurique. O escritor e africanista, Sir Laurens van der Post estava presente em certa ocasião, quando ambas as mulheres falaram no Clube. “Havia um vaso de belas rosas vermelhas na mesa diante da Sra. Jung, em sua homenagem”²², recorda van der Post. “Quando ela terminou, Toni Wolff apresentou-se para falar, e, acredite, as flores haviam sido retiradas. Deve ter sido muito duro para Toni, se era sempre assim.”

Somente muitos anos mais tarde os estreitos laços de amor e sofrimento entre os três finalmente afrouxaram, embora o amor de Jung pelas duas mulheres tenha permanecido o mesmo. Uma jovem amiga esteve certo dia no jardim de Küsnacht, tomando café com Emma e Jung, já idosos. “Ela era tão simpática”, diz Sabi Tauber recordando-se de *Frau Jung*, “e permitia que o marido fizesse as coi-

sas que lhe pareciam necessárias fazer como homem... Às vezes ela sorria lentamente, e ele nem parecia ligar muito, mas era lindo. Sentia-os apaixonados um pelo outro, apesar de todas as dificuldades.”²³ Após a morte de Toni Wolff, em 1953, Jung esculpiu caracteres chineses em um pequeno monumento de pedra em sua homenagem, que se eleva por entre as sombras das velhas árvores, próximo à casa de Küsnacht: “Toni Wolff. Lótus. Monja. Misteriosa.”²⁴

Um amigo que conhecia bem Toni disse a respeito de Jung: “Pode-se dizer que ele era uma grande colher: sorveu-lhe a alma.”²⁵ Perguntaram a Fowler McCormick o que fazia Jung agir tão abertamente, a causar tamanha angústia. “Ele era muito poderoso. Você sabe que, sob muitos aspectos, não existem leis para pessoas criativas. Jung era fiel acima de tudo à lei de seu instinto criativo. Abandonaria tudo por ele.”²⁶

As placas geológicas que mudam de posição sob o fundo do oceano são internamente rígidas e passam por modificações apenas em seus limites. Montanhas e vulcões são formados onde há colisão dessas placas; no local onde se abrem, novas bacias se formam e um outro leito marítimo se estabelece. Por um breve instante de uma longa história, Freud e Jung se uniram numa amizade de extraordinária força. Sua separação formou um novo solo.

Em 1915,²⁷ dois anos após o rompimento com Jung, Freud iniciou os seis meses de trabalho febril na redação de doze ensaios, a que deu o título geral de *Introdução à Metapsicologia*. Constituiu em grande parte um esforço para cartografar o oceano do inconsciente em todas as suas

transformações; deveria ser um sumário de seu pensamento, o seu legado. Contudo, em seus pormenores e em sua gênese, um estudo ressoava as idéias de Carl Jung. No ensaio de Freud²⁸ *Uma fantasia filogenética*, ele ofereceu a visão de que certos estados mentais, como a ansiedade e a paranóia, constituíram resíduos de reações outrora adaptativas, antes e durante a Era Glacial. Esta era uma opinião defendida por Jung, na qual tais emoções emergem não apenas a partir de conflitos familiares iniciais, mas do manancial da experiência herdada. Freud questionara tal conceito no pensamento de Jung, apenas para vê-lo agora refletido, transitoriamente, em seu próprio. Jung também estava presente, por trás da cena, enquanto Freud avançava nas especulações sobre os estágios evolutivos do homem. Freud revirou o mito de Édipo de cabeça para baixo em seu ensaio, declarando, embora momentaneamente “brincação”,²⁹ que o pai primitivo castrara seus filhos rebeldes.

Freud³⁰ não quis dar a público esse trabalho específico, nem seis outros dos doze ensaios, chegando mesmo, em certos momentos,³¹ a negar tê-los escrito. Talvez³² se percebesse muito tomado por suas emoções quanto à perda de homens como Jung e não o suficiente por seu instinto criativo natural. Freud prosseguiria, até o fim da vida, a realizar trabalhos originais e importantes, mas, em pelo menos um desses ensaios escritos em 1915, os contornos do novo terreno foram agudamente delimitados pelas recordações de Carl Jung.

Jung ficou profundamente perturbado com o fracasso de sua amizade por Freud. Em 1921, após oito anos de hesitação e períodos próximos à psicose, ele publicou um trabalho — *Tipos Psicológicos* — que guardava íntima

ligação com o rompimento com Freud. Como, perguntava-se Jung, dois homens inteligentes e responsáveis podiam dedicar-se às mesmas indagações científicas e obter respostas contraditórias? Jung concluiu, finalmente, que existiam dois tipos de pessoas. Ambos eram capazes de viver com igual segurança na realidade de seus mundos, só diferindo na natureza de suas realidades. Para o introvertido, tal como ele, os fatos que determinavam o progresso de sua vida eram subjetivos: a existência e a composição de seus próprios pensamentos. Para o extrovertido, e na ocasião Jung acreditava que Freud era um deles, a realidade era externa à psique. Não eram as idéias de Freud que definiam sua ciência, mas o que ele via e ouvia no mundo para além de sua mente. O esforço dispendido por Jung a fim de compreender o que se interpusera na sua relação com Freud acabou por revelar-lhe mundos de diferença. Posteriormente, Jung pareceu mudar de idéia quanto à orientação de Freud, percebendo-o como um “tipo originalmente introvertido.”³³ Mas, então, sua teoria já fora exposta e essa revisão não foi capaz de alterá-la.

O novo trabalho de Jung, realizado após anos de angústia, provocou zombarias, principalmente do próprio Freud. “A nova e volumosa monografia de Jung, com 400 páginas, denominada *Psychologische Typen*, Freud anunciou a Ernest Jones, em 1921, “é trabalho de um esnobe e místico, sem qualquer idéia nova. Ele se agarra àquela válvula de escape que produziu ou detectou em 1913, negando a verdade objetiva na psicologia, devido às diferenças pessoais da constituição do observador.”³⁴ Anos depois, Freud comentou com o escritor francês Romain Rolland, que acabara de publicar um livro sobre o misticismo hindu, que “A distinção entre ‘extrovertido’ e ‘introver-

tido' origina-se dos conceitos de Carl Jung, pesquisador um tanto místico, que há anos não faz parte de nosso grupo. Não damos a menor importância a essa distinção, pois sabemos que as pessoas podem ser as duas coisas ao mesmo tempo, o que em geral ocorre.”³⁵

Smith Ely Jelliffe, que estava na Europa em 1921, relatou a seu amigo William Alanson White que Freud se referia ao último trabalho de Jung como “lixo”. “Interesso-me especialmente pelo que você diz a respeito de Jung”³⁶ replicou White. “Estou ansioso por ter uma idéia clara do que ele está fazendo, mas diversas indicações apontam para algo confuso.” Oskar Pfister escreveu, após anos de indecisão: “Rompi definitivamente com a conduta junguiana. Essas interpretações bombásticas, que proclamam qualquer tipo de lama como geléia espiritual da mais elevada ordem e tentam contrabandear um Apolo ou Cristo menores para dentro de todas as mentalidades tacanhas, simplesmente não servem para nada.”³⁷ Há muito tempo Jung sentia-se incompreendido e sitiado. “Ao que parece, minhas opiniões são indigestas ao estômago científico (sic)”³⁸, ele escreveu a Jelliffe, em 1913. Vários anos depois, escreveu-lhe: “Uma grande tropa (sic) de freudianos me combate como se eu fosse o próprio demônio.”³⁹

Contudo, Freud ouvira dizer que “além do lago”,⁴⁰ onde localizava a América que não apreciava, as pessoas simpatizavam com as novas opiniões de Jung. “Se a América está realmente abraçando o junguianismo...”, disse a Ernest Jones, “ela receberá o que merece.”⁴¹ Por sob esse humor amargo, Freud evidenciava preocupações. Jones sugerira-lhe que publicasse suas obras completas em inglês, e a princípio Freud rejeitara a idéia. “Então, de repente”, anunciou Freud, “percebi que você tinha razão

ao dizer que a psicanálise era mais conhecida na Inglaterra por intermédio do trabalho de Jung do que pelo meu próprio trabalho, e que teria um grande significado para o movimento psicanalítico o público inglês ter acesso à minha obra,'⁴² Ao saber que Jones planejava incluir entre ela o "trabalho blasfemo sobre a Virgem Sagrada", Freud mostrou-se cheio de cautela. "Acho tolice provocar Deus e a estupidez devota da velha Inglaterra enquanto nossa situação não estiver melhor assegurada naquela ilha extraordinária. Ela tem aversões pessoais, assim como você."⁴³

As diferenças entre Freud e Jung pareciam aumentar a cada passo teórico que davam. Contudo, algumas pessoas percebiam profundas semelhanças. "Lamentei muito a separação de Freud e Jung",⁴⁴ disse Abraham Brill na Academia de Medicina de Nova York, muitos anos mais tarde, em 1947. "A psicologia analítica de Jung, embora teoricamente divergente sob muitos aspectos da estrutura freudiana, ainda assim é psicanalítica. "Brill permaneceu leal freudiano por toda a vida, mas naquela noite admitiu: "Freud afirmou no princípio que existem inúmeras formas e significados para a psicoterapia. Todos os métodos são bons, se alcançam o propósito da terapia." Sabina Spielrein tampouco abandonou sua convicção de que as semelhanças entre Freud e Jung eram altamente significativas. "Se assim o desejar, você poderá compreender Freud perfeitamente bem", escreveu ela a Jung, "isto é, se suas emoções pessoais não atrapalharem."⁴⁵ A Freud ela declarara, convicta: "O senhor e ele, Professor Freud, não têm a menor idéia de que são mais parecidos do que se poderia supor."⁴⁶

“Com freqüência acontece”, Freud escreveu a Oskar Pfister em 1922, a respeito da outra pessoa, “de homens sérios e excelentes não conseguem deixar de se magoar, porque não conseguem dar livre vazão a seu amor. Isto não deve ser levado demasiado a sério.”⁴⁷ Freud e Jung eram homens sérios e se haviam magoado de maneira profunda e duradoura. Outrora, sua amizade fora porto seguro para cada um. Ao longo do tempo, o ancoradouro que um representara para o outro se perdeu, mas ainda existia na memória.

Quase doze anos após o rompimento de Freud e Jung, Karl Abraham advertiu o primeiro da iminente deserção de Otto Rank, membro do comitê secreto freudiano. Freud não quis dar ouvidos às possíveis negligências de Rank e disse isto a Abraham com certa severidade. Ernest Jones consolou Abraham. “A verdadeira tragédia”, observou, “é esta: temo que o Professor, com sua mente lúcida, não consiga permancer inteiramente cego à tendência inconsciente de Otto.”⁴⁸ Jones sentia que, simplesmente, “ele não está preparado para enfrentar a possibilidade de mais uma situação como a de Jung.”

O tema do camarada perdido persistiu. “Sem dúvida recebi muitas coisas boas na vida, mas no todo ela foi difícil”⁴⁹ Freud confidenciou a Ludwig Binswanger, que fora à Berggasse 19 na companhia de Jung, em sua primeira visita a Freud, e que posteriormente se angustiara com Freud a respeito do tal “episódio de Kreuzlingen”, quando a amizade entrara em colapso. “Eu estava pronto a gostar das pessoas, assim como você, por exemplo”, Freud revelou a Binswanger em 1923, “entretanto, muitos tornaram isto impossível.”

Uma noite, muitos anos mais tarde, C.A. Meier encontrava-se em Viena e passou uma hora sozinho com

Freud, entre as centenas de pequenos artefatos brilhantes no gabinete da Berggasse 19. “O tema da conversa”⁵⁰ recorda Meier, “foi um só: *Jung*. Freud estava repleto de perguntas sobre Jung, sua família, sua vida e o que ele estava fazendo. Todas as indagações imagináveis”, segue Meier, “porque ele ainda se incomodava.” Meier perceberia a mesma angústia em Jung. “Carl não gostava de falar sobre Freud; era doloroso demais para ele.” Outro analista suíço concorda: “A ferida sempre esteve presente, jamais sarou. Foi uma tragédia.” As horas que Freud e Jung haviam compartilhado no escritório imerso em penumbra e silêncio ficaram no passado. As estatuetas haviam estado presentes na colaboração científica e no cisma teórico, na amizade e na traição. Em menos de uma década, H.D. iria a Viena e veria a trilha de suásticas riscadas a giz, levando até a porta de Freud e além. “Para sempre haverá a melancolia por meu irmão de espírito”, escreveu o amigo de H.D., Ezra Pound, “e em meu auxílio virão somente as sombras.”⁵¹

A longa provação de Freud e Jung serviu como lembrete de que alguma região da psique se encontrava além da compreensão. Os momentos que os primeiros analistas do mundo, incapazes de aliviar sua dor, brincavam com pedras na borda de um lago ou postavam-se durante horas diante da estátua de um profeta furioso, testemunham o mistério intransigente do espírito humano. Nesse mistério reside a terrível beleza da psique, e eles, Freud e Jung, a viveram sozinhos.

OBRAS CITADAS

Fontes Impresas

- Abraham, Karl, and Freud, Sigmund. *A Psycho-Analytic Dialogue: The Letters of Sigmund Freud and Karl Abraham 1907-1926*. Edited by Hilda C. Abraham and Ernest L. Freud. Translated by Bernard Marsh and Hilda C. Abraham. New York: Basic Books, 1965.
- Alexander, Franz G., and Slesnick, Sheldon T. *the History of Psychiatry: An Evaluation of Psychiatric Thought and Practice from Prehistoric Times to the Present*. New York: Harper & Row, 1966.
- Andreas-Salomé, Lou. *The Freud Journal of Lou Andreas-Salomé*. Translated by Stanley A. Leavy. New York: Basic Books, 1964.
- Baedeker, Karl. *Switzerland and the Adjacent Portions of Italy, Savoy and Tyrol*. Leipsic: Karl Baedeker Publisher, 1895.
- Bennet, E.A.C.G. *Jung*. London: Barrie and Rockliff, 1961.
- . *Meetings with Jung: Conversations Recorded During the Years 1946-1961*. Zürich: Daimon Verlag, 1985.

- Bettelheim, Bruno. "Scandal in the Family." *New York Review of Books*, June 30, 1983, 39-44.
- Billinsky, John. "Jung and Freud (The End of a Romance)." *Andover-Newton Quarterly* 1969, 10(2): 39-43.
- Binswanger, Ludwig. *Sigmund Freud: Reminiscences of a Friendship*. Translated by Norbert Guaterman. New York: Grune & Stratton, 1957.
- Breuer, Josef, and Freud, Sigmund. *Studies on Hysteria*. Edited and translated by James and Alix Strachey. Middlesex, England: Penguin Books, 1980.
- Brill, A.A. *Freud's Contribution to Psychiatry*. New York: W.W. Norton, 1944.
- . *Lectures on Psychoanalytic Psychiatry*. New York: Alfred A. Knopf, 1946.
- . "Psychopathology and Psychotherapy on the Neuroses and Psychoses." *New York State Journal of Medicine* November 15, 1931, 31:1392-1397.
- . "Psychotherapies I Encountered." *Psychiatric Quarterly* 1947, 21:579-591.
- Brome, Vincent. *Ernest Jones: Freud's Alter Ego*. New York: W.W. Norton, 1983.
- . *Freud and His Early Circle*. New York: William Morrow, 1968.
- . *Jung: Man and Myth*. New York: Atheneum, 1981.
- Burnham, John C. *Jelliffe: American Psychoanalyst and Physician & His Correspondence with Sigmund Freud and C. G. Jung*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.
- Carotenuto, Aldo. *A Secret Symmetry: Sabina Spielrein Between Jung and Freud*. Translated by Arno Pomerans, John Shepley and Krishna Winston. New York: Pantheon, 1982.
- Champernowne, Irene. *A Memoir of Toni Wolff*. San Francisco: C.G. Jung Institute of San Francisco, 1980.
- Chekhov, Anton. *The Selected Letters of Anton Chekhov*. Edited by Lillian Hellman. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1955.
- Clark, Ronald W. *Freud: The Man and the Cause*. New York: Random House, 1980.
- . "Sigmund Freud's Sortie to America." *American Heritage* April 1980, 31:34-37.

- Cocks, Geoffrey. *Psychotherapy in the Third Reich: The Göring Institute*. New York: Oxford University Press, 1985.
- Eastman, Max. "A Significant Memory of Freud." *The New Republic*, May 19, 1941, 693-695.
- Ellenberger, Henri F. *The Discovery of the Unconscious: the History and Evolution of Dynamic Psychiatry*. New York: Basic Books, 1970.
- Engelman, Edmund. *Berggasse 19: Sigmund Freud's Home and Offices, Vienna 1938*. New York: Basic Books, 1976.
- Federn, Ernst. "Letters to the Editor." *Journal of the Behavioral Sciences* January 1966, 2(1): 76-77.
- Fisher, David James. "Sigmund Freud and Romain Rolland: The Terrestrial Animal and His Great Oceanic Friend." *American Imago* Spring 1976, 33(1):1-59.
- Freud, Martin. *Sigmund Freud: man and Father*. New York: Vanguard Press, 1958.
- Freud, Sigmund. *An Autobiographical Study*. Translated by James Strachey. New York: W.W. Norton, 1952.
- . *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess 1887 — 1904*. Edited and translated by Jeffrey Moussaieff Masson. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1985.
- . *Five Lectures on Psycho-Analysis*. Edited and translated by James Strachey. New York: W. W. Norton, n.d.
- . *Group Psychology and the Analysis of the Ego*. Edited and translated by James Strachey. New York: W. W. Norton, 1959.
- . *The Interpretation of Dreams*. Edited and translated by James strachey. New York: Avon Books, 1965.
- . *Letters of Sigmund Freud*. Edited by Ernst L. Freud. Translated by Tania and James Stern. New York: Basic Books, 1960.
- . "A Long-lost and Recently Recovered Letter of Freud." *The Israel Annals of Psychiatry and Related Disciplines* 13:2.
- . "The Moses of Michelangelo." *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. 13. Edited and translated by James Strachey. London: Hogarth Press, 1955. 211-238.

- . *On the History of the Psycho-Analytic Movement*. Edited by James Strachey. Translated by Joan Riviere. New York: W.W. Norton, 1966.
- . *A Phylogenetic Fantasy: Overview of the Transference Neuroses*. Edited by Ilse Grubrich-Simitis. Translated by Axel and Peter T. Hoffer. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1987.
- . "Postscript." *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. 12. Edited and translated by James Strachey. London: Hogarth Press, 1973. 80-82.
- Freud, Sigmund, and Abraham, Karl. *A Psycho-Analytic Dialogue: The Letters of Sigmund Freud and Karl Abraham 1907-1926*. Edited by Hilda C. Abraham and Ernst L. Freud. Translated by Bernard Marsh and Hilda C. Abraham. New York: Basic Books, 1965.
- Freud, Sigmund, and Jung, C.G. *The Freud/Jung Letters: The Correspondence Between Sigmund Freud and C. G. Jung*. Edited by William McGuire. Translated by Ralph Manheim and R.F.C. Hull. Princeton: Princeton University Press, 1974.
- Freud, Sigmund, and Pfister, Oskar. *Psychoanalysis and Faith: The Letters of Sigmund Freud and Oskar Pfister*. Edited by Heinrich Meng and Ernest L. Freud. Translated by Eric Mosbacher. New York: Basic Books, 1963.
- Gay, Peter. *Freud: A Life for Our Time*. New York: W. W. Norton, 1988.
- Gifford, George E., Jr. "Freud and the Porcupine." *Harvard Medical Alumni Bulletin* 1972, 4:28-32.
- Groesbeck, C, Jess. "The Analyst's Myth: Freud and Jung as Each Other's Analyst." *Quadrant* Spring 1980, 13(1):28-55.
- Guest, Barbara. *Herself Defined: The Poet H.D. and Her World*. New York: Quill, 1984.
- H.D. *Tribute to Freud*. New Directions, 1974.
- Hale, Nathan G., Jr. *Freud and the Americans: The Beginnings of Psychoanalysis in the United States, 1876-1917*. New York: Oxford University Press, 1971.
- Hannah, Barbara. *Jung: His Life and Work*. New York: Capricorn Books, 1976.

- Herzsteins, Robert Edwin. *Waldheim: The Missing Years*. New York: Arbor House/William Morrow, 1988.
- Jaffé, Aniela. *Jung's Last Years and Other Essays*. Translated by R. F. C. Hull and Murray Stein. Dallas: Spring Publications, 1984.
- Jensen, Ferne, ed. *C.G. Jung, Emma Jung and Toni Wolff: A Collection of Remembrances*. San Francisco: Analytical Psychology Club of San Francisco, 1982.
- Jones, Ernest. *Free Associations: Memories of a Psycho-Analyst*. New York: Basic Books, 1959.
- . *The Life and Works of Sigmund Freud*. 3 vols. New York: Basic Books, 1953-1957.
- Jones, J. Sydney. *Viennawalks*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1985.
- Jung, C. G. *Letters*, vol. I: 1906-1950. Edited by Gerhard Adler and Aniela Jaffé. Translated by R.F.C. Hull. Princeton: Princeton University Press, 1973.
- . *Collected Papers on Analytical Psychology*. Translated by Constance E. Long. London: Ballière, Tindall & Cox, 1916.
- . *The Collected Works of C. G. Jung*, vols. 2, 6, 10, 17. Edited by William McGuire et al. Princeton: Princeton University Press, 1973-1979.
- . *Memories, Dreams, Reflections*. Recorded and edited by Aniela Jaffé. Translated by Richard and Clara Winston. London: Collins and Routledge & Kegan Paul, 1963.
- . "Psychic Conflicts in a Child." *The Collected Works of C. G. Jung*, vol. 17. *The Development of Personality*. 8-35.
- . "The Reaction-time Ratio in the Association Experiment." *The Collected Works of C. G. Jung*, vol. 2. *Experimental Researches*. 221-271.
- . "A Rejoinder to Dr. Bally." *The Collected Works of C. G. Jung*, vol. 10. *Civilization in Transition*. 535-544.
- . "General Description of the Types." *The Collected Works of C. G. Jung*, vol. 6. *Psychological Types*. 330-404.
- . "The State of Psychological Today." *The Collected Works of C. G. Jung*, vol. 10. *Civilization in Transition*. 157-173.

- . *Word and Image*. Edited by Aniela Jaffé. Princeton: Princeton University Press, 1979.
- Jung, C. G., and Freud, Sigmund. *The Freud/Jung Letters*. Edited by William McGuire. Translated by Ralph Manheim and R.F.C. Hull. Princeton: Princeton University Press, 1974.
- Kenny, Anthony. *Wittgenstein*. Cambridge: Harvard University Press, 1973.
- Koelsch, William A. "Incredible Day-Dream": *Freud and Jung at Clark, 1909*. Worcester, Mass.: The Friends of the Goddard Library, 1984.
- Koonz, Claudia. *Mothers in the Fatherland: Women, Family Life and Nazi Ideology 1919-1945*. New York: St. Martin's Press, 1987.
- Lief, Alfred. *The Commonsense Psychiatry of Dr. Adolf Meyer*. New York: McGraw-Hill, 1948.
- McCully, Robert S. "Remarks on the Last Contact Between Freud and Jung." *Quadrant* 1987, 20(2):73-74.
- McGuire, William. "Jung's Complex Reactions (1907)." *Spring* 1987, 3-17.
- McGuire, William, and Hull, R.F.C.C.G. *Jung Speaking*. Princeton: Princeton University Press, 1977.
- McIver, Elizabeth Putnam. "Early Days at Putnam Camp." Read at the Annual Meeting of the Keene Valley Historical Society, September 1941. 3-27. Privately printed.
- Nunberg, Herman, and Federns, Ernst, eds. *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society*, vol. 1: 1906-1908. Translated by Margarete Nunberg. New York: International Universities Press, 1962.
- Oeri, Albert. "Some Youthfull Memories of C.G. Jung." Translated by Lisa Ress Kaufman. *Spring* 1970, 182-189.
- Peterson, Frederick. "Credulity and Cures." *Journal of the American Medical Association* 73:1737-1740.
- . "A Talk on Morbid Psychology." *Journal of the Medical Society of New Jersey* 1908, 4(10):407-415.
- Pfister, Oskar, and Freud, Sigmund. *Psychoanalysis and Faith: The Letters of Sigmund Freud and Oskar Pfister*. Edited by Heinrich Meng and Ernst L. Freud. Translated by Eric Mosbacher. New York: Basic Books, 1963.

- Pound, Ezra. "In Durance." In *Collected Early Poems of Ezra Pound*. Edited by Michael John King. New York: New Directions, 1967. 86-87.
- Putnam, James J. "Personal Impressions of Sigmund Freud and His Work with Special Reference to His Recent Lectures at Clark University." *The Journal of Abnormal Psychology* December 1909-January 1910, 4:293-310; March — April 1910, 5:372-379.
- Riese, Hertha, ed. *Historical Explorations in Medicine and Psychiatry*. New York: Springer, 1978.
- Robinson, Janice S. *H.D.: The Life and Work of an American Poet*. Boston: Houghton Mifflin, 1982.
- Ruitenbeek, Hendrik M., ed. *Freud as We Knew Him*. Detroit: Wayne State University Press, 1973.
- Russell, John. "The Brilliant Sunset of Vienna in Its final Glory." *The New York Times*, June 29, 1986.
- Sachs, Hanns. *Freud: Master and Friend*. Cambridge: Harvard University Press, 1944.
- Schur, Max. *Freud: Living and Dying*. New York: International Universities Press, 1972.
- Silverstein, Barry. "'Now comes a Sad Story': Freud's Lost Metapsychological Papers." In Paul E. Stepanisky, ed. *Freud: Appraisals and Reappraisals*. Hillsdale, N.J.: Analytic Press, 1986. 143-195.
- Sloane, Eugene H. "A Parapraxis of Freud's in Relation to Karl Abraham." *American Imago Summer* 1972, 29(2): 123-159.
- Steele, Robert S. *Freud and Jung: Conflicts of Interpretation*. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1982.
- Storr, Anthony. *C.G. Jung*. New York: Viking, 1973.
- Sulloway, Frank J. "Freud as Conquistador." *The New Republic*, August 25, 1979. 25-31.
- Taylor, Eugene. "C.G. Jung and the Boston Psychopathologists 1902-1912." *Voices: The Art and Science of Psychotherapy* 1985, 21(2):132-145.
- Troyat, Henri. *Chekhov*. Translated by Michael Henry Hein. New York: E. P. Dutton, 1986.
- van der Post, Laurens. *Jung and the Story of Our Time*. New York: Vintage Books, 1977.

- von Franz, Marie-Louise. *C.G. Jung: His Myth in Our Time*. Translated by William H. Kennedy. New York: G.P. Putnam's Sons, 1975.
- Winnik, H.Z. "A Long-lost and Recently Recovered Letter of Freud." *Israel Annals of Psychiatry and Related Disciplines* March 1975, 13(1):1-5.
- Wittels, Fritz. *Sigmund Freud: His Personality, His Teaching, & His School*. Translated by Eden and Cedar Paul. London: George Allen and Unwin, 1924.

Material inédito

- A.A. Brill Collection, Library of Congress, Washington, D.C.
- C.G. Jung Biographical Archive, Francis A. Countway Library of Medicine, Boston, Massachusetts.
- Jung Archive, Zürich, Switzerland.
- Karl Abraham Papers, Library of Congress, Washington, D.C.
- Los Angeles Psychoanalytic Society and Institute, Los Angeles, California.
- Sigmund Freud Collection, Library of Congress, Washington, D.C.

Entrevistas feitas pela autora

- Brunner, Blanche. May 1985. Küsnacht, Switzerland.
- Fichtl, Paula. July 1984 and February 1985. Salzburg, Austria. Switzerland.
- Frey-Rohn, Liliane. February 1985. Zürich, Switzerland.
- Jung, Franz. April and July 1984; February 1985; November 1987. Küsnacht, Switzerland.
- Meier, C.A. April and July 1984. Zürich, Switzerland.
- van der Post, Laurens. July 1984. Aldeburgh, England.

NOTAS

Capítulo Um

- 1 Guest, *Herself Defined*, 40-43, 76, 177, 209-210
- 2 HD, *Tribute to Freud*, 4
- 3 Ibid, 59
- 4 Robinson, H.D., 169
- 5 Guest, *Herself Defined*, 73
- 6 H.D., *Tribute to Freud*, 96
- 7 Ibid, 61
- 8 Freud e Pfister, *Psychoanalysis and Faith*, 139
- 9 Hugo Knoepfmacher, "Sigmund Freud at Secondary School." Freud Collection. Box B27
- 10 Clark, *Freud*, 488
- 11 Burnham, *Jelliffe*, 254-255
- 12 Guest, *Herself Defined*, 212
- 13 Jones, *Life of Freud*, vol 3: 392-393
- 14 H.D., *Tribute to Freud*, 145
- 15 Ibid, 175
- 16 Ibid, 70

- 17 Sachs, *Freud*, 170
- 18 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 146
- 19 Binswanger, *Sigmund Freud*, 3
- 20 Freud, *Letters to Fliess*, 398
- 21 Benner, *C.G. Jung*, 56
- 22 Jaffé, *Jung's Last Years*, 78-98; Alexander e Selesnick, *History of Psychiatry*, 407-409; Cocks, *Psychotherapy in the Third Reich*, 6, 43-49, 117, 127-134
- 23 Jung, *Letters*, vol 1: 157
- 24 Alexander e Selesnick, *History of Psychiatry*, 407
- 25 Jung, *Collected Works*, vol 10: 165
- 26 "Frontier of Psychiatry", n.d., 3. *Roche Medical Image*, Coleção Freud. Box B62.
- 27 H.D., *Tribute to Freud*, 59
- 28 Herztein, *Waldheim*, 39-43.
- 29 H.D., *Tribute to Freud*, 194

Capítulo Dois

- 1 Entrevistas com Paula Fichtl. Esta passagem e as seguintes, bem como as descrições das cenas familiares em que Paula estava presente, se não houver outra observação, foram fornecidas durante estas entrevistas.
- 2 Freud, M., *Sigmund Freud*, 205-206
- 3 Schur, *Freud*, 495
- 4 Herztein, *Waldheim*, 53
- 5 Freud, M., *Sigmund Freud*, 206
- 6 Gay, *Freud*, 618
- 7 Engelman, *Berggasse 19*, sem página.
- 8 Freud, M., *Sigmund Freud*, 210-212
- 9 Ibid, 210-211
- 10 Sachs, *Freud*; 179-180
- 11 Clark, *Freud*, 502
- 12 *The New York Times*, 16 de fevereiro de 1967
- 13 Ibid
- 14 Freud, M., *Sigmund Freud*, 211-212

- 15 Schur, *Freud*, 498
- 16 McCully, "Remarks on the Last Contact Between Freud and Jung", 73
- 17 Hannah, *Jung*, 254-255
- 18 Freud, M., *Sigmund Freud*, 214
- 19 Freud e Jung, *Letters*, XX
- 20 Entrevista com Franz Jung
- 21 Entrevista com Adrian Baumann, maio de 1970. Arquivo Biográfico de Jung.
- 22 Jung, *Letters*, vol 1:244
- 23 Hannah, *Jung*, 256
- 24 Alexander e Selesnick, *History of Psychiatry*, 407; Koonz, *Mothers in the Fatherland*, 136; Clark, *Freud*, 489
- 25 Jensen, C.G. Jung, *Emma Jung and Toni Wolff*, 16
- 26 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 223
- 27 von Franz, C.G. Jung, 234
- 28 Bennet, *Meetings with Jung*, 31, 85, 99-100
- 29 Entrevista com Herr e Frau Franz Kuster e Rosa Wenk, janeiro de 1970. Arquivo Biográfico de Jung.
- 30 Entrevista com E. A. Bennet, fevereiro de 1969. Arquivo Biográfico de Jung.
- 31 Entrevista com Franz Jung.
- 32 Jensen, C.G. Jung, *Emma Jung and Toni Wolff*, 117
- 33 Jung, *Word and Image*, 205
- 34 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 257
- 35 Jung, *Collected Works*, vol 10:166
- 36 van der Post, *Jung*, 148
- 37 Burnham, *Jelliffe*, 264

Capítulo Três

- 1 Clark, *Freud*, 510
- 2 Ibid, 504-505
- 3 Freud, M., *Sigmund Freud*, 214-215
- 4 Ibid, 217
- 5 Ibid. 217

- 6 Clark, *Freud*, 513
- 7 H.F. Pottecher, n.d, French news clipping, Coleção Freud. Box B20.
- 8 *The New York Times*, 16 de fevereiro de 1967
- 9 Schur, *Freud*, 504.
- 10 *New York Evening Sun*, 6 de junho de 1938.
- 11 *London Daily Express*, recorte, n.d. Coleção Freud. Box B20.
- 12 Schur, *Freud*, 505
- 13 Jones, *Life of Freud*, vol. 3:229
- 14 Guest, *Herself Defined*, 246.
- 15 H.D., *Tribute to Freud*, 10.
- 16 Freud para Simmel, 26 de junho de 1938. Sociedade e Instituto Psicanalítico de Los Angeles.
- 17 Freud para Anna Freud, 1 de agosto de 1938. Coleção Freud.
- 18 "Aktuelles," *Zentralblatt für Psychotherapie* 1939, 11:1.
- 19 Jaffé, *Jung Last Years*, 79-82.
- 20 Entrevista com C.A. Meier, setembro de 1970. Arquivo Biográfico Jung; história semelhante nas *Letters*, Jung, vol 1: 405 n.5.
- 21 McGuire e Hull, editores, *C.G. Jung Speaking*, 127-128.
- 22 Entrevista com C.A. Meier, setembro de 1970. Arquivo Biográfico Jung; Entrevista com Prof. C.A. Meier.
- 23 McGuire e Hull, eds., *C.G. Jung Speaking*, 131-132.
- 24 *Ibid*, 132-133.
- 25 Jung, *Collected Works*, vol 10:565.
- 26 Entrevista com E.A. Bennet, fevereiro de 1969. Arquivo Biográfico Jung.
- 27 Freud para Anna Freud, 1 de agosto de 1938, Coleção Freud.
- 28 Anna Freud para Brill, 27 de dezembro de 1939. Coleção Brill.
- 29 PM, 1 de dezembro de 1940. Coleção Freud. Box 58.
- 30 Guest, *Herself Defined*, 260-262, 278-279.
- 31 Entrevista com Blanche Brunner.
- 32 Entrevista com Franz Jung.
- 33 Entrevista com C.A. Meier.
- 34 *Ibid*.
- 35 Entrevista com Karl Schmid, maio de 1970. Arquivo Biográfico Jung.

- 36 Guest, *Herself Defined*, 270.
- 37 H.D., *Tribute to Freud*, vi.
- 38 Freud e Jung, *Letters*, XX-XXXIV.
- 39 Entrevista com Franz Jung.
- 40 Ibid.

Capítulo Quatro

- 1 Freud, *Letters to Fliess*, 266-367.
- 2 Freud, *Interpretation of Dreams*, 137.
- 3 Ellenberger, *Discovery of the unconscious*, 451.
- 4 Freud, *Letters to Fliess*, 359.
- 5 Ibid, 355-358.
- 6 Ibid, 363.
- 7 Ibid, 367.
- 8 Freud, *Interpretation of Dreams*, 280.
- 9 Ibid, 138.
- 10 Jones, *Life of Freud*, vol. 1: 5.
- 11 Freud, *Interpretation of Dreams*, 460.
- 12 Ibid, 521.
- 13 Ibid, 250.
- 14 Jones, *Life of Freud*, vol. 1: 3.
- 15 Freud, *Interpretation of Dreams*, 230.
- 16 Ibid, 459.
- 17 Knoepfmacher, "Freud at Secondary School." Coleção Freud. Box B27.
- 18 Freud, *Interpretation of Dreams*, 309.
- 19 Entrevista com Anna Freud Bernays, *Standard Star* (New Rochelle, N.Y.), setembro de 1934. Coleção Freud. Box B65.
- 20 Ruitenbeek, ed., *Freud as We Knew Him*, 144.
- 21 Jones, *Life of Freud*, vol 1: 17.
- 22 Kenny, *Wittgenstein*, 8.
- 23 *Opera News*, 5 de fevereiro de 1972.
- 24 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 21.
- 25 Ibid. 15.

- 26 Entrevista com Mary Elliott, dezembro de 1969. Arquivo Biográfico de Jung.
- 27 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 24
- 28 Ibid, 23.
- 29 Ibid, 22-23.
- 30 Ibid, 22.
- 31 Ibid, 26.
- 32 Ibid, 31.
- 33 Ibid, 32.
- 34 Ibid, 33.
- 35 Ibid, 34.
- 36 Jones, *Life of Freud*, vol 1: 165.
- 37 Ibid, 132.
- 38 Freud, *Letters*, 53.
- 39 Ellenberger, *Discovery of the Unconscious*, 432.
- 40 Ibid, 480-482.
- 41 Breuer e Freud, *Studies on Hysteria*, 74-89.
- 42 Ibid, 88.
- 43 Freud, *Letters*, 84.
- 44 Ellenberger, *Discovery of the Unconscious*, 93.
- 45 Clark, *Freud*, 72.
- 46 Freud, *Letters*, 217.
- 47 Ibid, 216.

Capítulo Cinco

- 1 Troyat, *Chekhov*, 9-11.
- 2 Chekhov, *Selected Letters*, 140-142.
- 3 Freud, *Letters to Fliess*, 448.
- 4 Schur, *Freud*, 143.
- 5 Ibid, 25-26.
- 6 Jones, *Life of Freud*, vol 1: 162-163.
- 7 Jones, Ibid, vol 1: 197.
- 8 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 72.
- 9 Ibid, 71.
- 10 Baedeker, *Switzerland*, 4-5.

- 11 Riese, ed., *Historical Explorations*, 143.
- 12 Entrevista com Franz Jung.
- 13 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 47.
- 14 Ibid, 49.
- 15 Ibid, 52.
- 16 Ibid, 57.
- 17 Ibid, 42.
- 18 Freud, 13-14.
- 19 Ibid.
- 20 Charcot a Freud, 23 de janeiro de 1888. Coleção Freud. Box B3.
- 21 Jones, *Life of Freud*, vol 1: 250.
- 22 Jones, Ibid, 273.
- 23 Breuer e Freud, *Studies on Hysteria* 26.
- 24 Ibid, 393.
- 25 Freud, *Letters to Fliess*, 146.
- 26 Steele and Jung, 75.
- 27 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 68.
- 28 Ibid, 90.
- 29 Entrevistas com Jolande Jacobi, dezembro de 1969 e janeiro de 1970. Arquivo Biográfico de Jung.
- 30 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 100.
- 31 Steele, *Freud and Jung*, 42-43.
- 32 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 108.
- 33 Ibid, 106.
- 34 Ibid, 104, 107.
- 35 Winnik, "A Long-lost and Recently Recovered Letter of Freud," 2.
- 36 Federn, "Letters to the Editor." 76-77. Coleção Freud. Box B60.
- 37 Oeri, "Some Youthful Memories," 188.
- 38 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 188.
- 39 Sulloway, "Freud as Conquistador," 26.
- 40 Freud, *Letters to Fliess*, 254.
- 41 Ibid, 255.
- 42 Ibid, 274.
- 43 Ibid, 269.

- 44 Freud e Jones, 12 de fevereiro de 1920. Coleção Freud. Box D2.
45 Freud, *An Interpretation of Dreams*, 459.

Capítulo Seis

- 1 Hannah, *Jung*, 77.
- 2 Entrevista com Manfred Bleuler, dezembro de 1969. Arquivo Biográfico de Jung.
- 3 Entrevistas com Jolande Jacobi, dezembro de 1969 e janeiro de 1970. Arquivo Biográfico de Jung.
- 4 Entrevistas com Manfred Bleuler, dezembro de 1969 e janeiro de 1970 — Arquivo Biográfico de Jung.
- 5 Ellenberger, *Discovery of the Unconscious*, 567.
- 6 Ibid, 287.
- 7 Freud, *Letters to Fliess*, 461 n.3.
- 8 Brill, *Lectures*, 24.
- 9 Freud, *Letters to Fliess*, 405.
- 10 Clark, *Freud*, 191.
- 11 Sachs, *Freud*, 73.
- 12 Freud, *Letters to Fliess*, 408.
- 13 Revista *Time*, 5 de setembro de 1969.
- 14 Russell, "The Brilliant Sunset of Vienna in Its Final Glory".
- 15 Jones, E. *Viennawalks*, 108.
- 16 Freud, *Interpretation of Dreams*, 246.
- 17 Freud, Ibid, 523.
- 18 Freud, *Letters to Fliess*, 405-406.
- 19 Ibid, 407.
- 20 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 447.
- 21 Freud, *Letters to Fliess*, 447.
- 22 Brome, *Jung*, 73.
- 23 Entrevista com Franz Jung.
- 24 Storr, *C.G. Jung*, 24.
- 25 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 114.
- 26 Jung, *Collected Papers*, 353.
- 27 Entrevista com Franz Jung.

- 28 Ibid.
- 29 Brome, *Jung*, 84.
- 30 Hannah, *Jung*, 80.
- 31 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 144.
- 32 Steele, *Freud and Jung*, 176.
- 33 Carotenuto, *Secret Symmetry*, 158.
- 34 Ibid, 175.
- 35 Freud, *Letters to Fliess*, 461 n. 3.
- 36 Ibid, 461.
- 37 Ibid, 382 n. 1.
- 38 Freud, M., *Sigmund Freud*, 76-90.
- 39 Freud, *Letters to Fliess*, 463-464.
- 40 Ibid, 464-468.
- 41 Sachs, *Freud*, 43.
- 42 Binswanger, *Sigmund Freud*, 1.
- 43 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 145.
- 44 Bleuler a Freud, 9 de junho de 1905. Coleção Freud. Box D1.
- 45 Bleuler a Freud, 5 de novembro de 1905. Coleção Freud. Box D1.
- 46 Jung, *Collected Papers*, 373.
- 47 Jung, *Collected Works*, vol 2: 317.
- 48 Freud e Jung, *Letters*, 3.
- 49 Ibid, 4-5.
- 50 Ibid, 5.
- 51 Ibid, 18.
- 52 Ibid, 14.
- 53 Ibid, 17.
- 54 Ibid, 19.
- 55 McGuire, "Jung's Complex Reactions." 3-17.
- 56 Ibid, 17.
- 57 Bennet, *C. G. Jung*, 33.

Capítulo Sete

- 1 Binswanger, *Sigmund Freud*, 2.
- 2 Freud e Jung, *Letters*, 95.

- 3 Eastman, "A Significant Memory". 693.
- 4 Binswanger, *Sigmund Freud*, 3.
- 5 Jones, *Life of Freud*, vol. 2: 31-33.
- 6 Jung, *Memories, Dreams, Reflections* 146-147.
- 7 Bennet, *C. G. Jung*, 148.
- 8 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 146.
- 9 Comentários de Anne Federn. Coleção Freud. Box B 28.
- 10 Carotenuto, *Secret Symmetry*, 100.
- 11 Entrevista com C.A. Meier.
- 12 Freud, M.X, *Sigmund Freud*, 109.
- 13 Freud e Pfister, *Psychoanalysis and Faith*, 27.
- 14 Freud, M., *Sigmund Freud*, 109.
- 15 Ibid.
- 16 Freud e Pfister, *Psychoanalysis and Faith*, 145-46.
- 17 Freud, M., *Sigmund Freud*, 14.
- 18 Entrevista com Leopold Stein, fevereiro de 1969. Arquivo Biográfico de Jung.
- 19 Freud, M., *Sigmund Freud*, 70-71.
- 20 Brome, *Freud and His Early Circle*, 18.
- 21 Nunberg e Federn, eds., *Minutes of Vienna Psychoanalytic Society*, vol 1: 138-145.
- 22 Ibid, 132.
- 23 Jones, *Viennawalks*, 108, 235-236, 257-258; Herztein, *Waldheim*, 29.
- 24 Freud e Jung, *Letters*, 26.
- 25 Ibid, 25.
- 26 Ibid, 28.
- 27 Ibid, 49.
- 28 Ibid, 36.
- 29 Brill, "Psychopathology and Psychotherapy", 1394.
- 30 Brill, *Lectures*, II.
- 31 Ibid.
- 32 Ibid, 10-11.
- 33 Ibid, 10.
- 34 Peterson, "Talk on Morbid Psychology", 413.
- 35 Brill, *Freud's Contribution*, 29.
- 36 Ibid, 30.

- 37 Ibid, 33.
- 38 Freud e Jung, *Letters*, 78.
- 39 Ibid, 82.
- 40 Ibid, 78.
- 41 Ibid, 76x.
- 42 Ibid, 77.
- 43 Ibid.
- 44 Ibid, 82.
- 45 Burnham, *Jelliffe*, 187.
- 46 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 113.
- 47 Freud e Jung, *Letters*, 83.
- 48 Ibid, 84-86.
- 49 Ibid, 87.
- 50 Burnham, *Jelliffe*, 188.
- 51 Freud e Jung, *Letters*, 95.
- 52 Ibid, 98.
- 53 Ibid, 122.
- 54 Brome, *Jung*, 99.
- 55 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 251.
- 56 Brome, *Jung*, 99-100.
- 57 Poema lido na Sociedade Freud. Coleção Brill, Box 2.
- 58 Freud e Jung, *Letters*, 101.
- 59 Poema lido na Sociedade Freud. Coleção Brill. Box 2.
- 60 Brome, *Jung*, 100.
- 61 Brill, *Freud's Contribution*, 45.
- 62 Brome, *Jung*, 100.
- 63 Entrevista com Manfred Bleuler, dezembro de 1969. Arquivo Biográfico de Jung.
- 64 Brome, *Ernest Jones*, 48-49.
- 65 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 33.

Capítulo Oito

- 1 Freud e Jung, *Letters*, 102.
- 2 Ibid, 103.
- 3 Ibid, 104.

- 4 Brome, *Ernest Jones*, 52.
- 5 Clark, *Freud*, 248.
- 6 Jones, *Free Associations*, 159-160.
- 7 Ibid, 123.
- 8 Ibid, 145.
- 9 Ibid, 150-151.
- 10 Ibid, 38-39.
- 11 *New York Post*, 6 de maio de 1956.
- 12 Freud e Jones, 10 de fevereiro de 1913. Coleção Freud. Box D2.
- 13 Freud e Jung, *Letters*, 78.
- 14 Ibid, 79.
- 15 Ibid, 109.
- 16 Jung, *Letters*, vol 1: 17.
- 17 Laforgue, "A Propos Des Règles Du Traitement Psychoanalytique." Coleção Freud. Box B 27.
- 18 Ferenczi a Freud, 2 de janeiro de 1909. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 19 Ferenczi a Freud, 14 de agosto de 1909. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 20 Ferenczi a Freud, 6 de maio de 1910. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 21 Alexander e Selesnick, *History of Psychiatry*, 236.
- 22 Jones, *Free Association*, 166.
- 23 Jones, *Life of Freud*, vol 2-42.
- 24 Clark, *Freud*, 249-250.
- 25 Freud e Jung, *Letters*, 116.
- 26 Ibid, 119.
- 27 Jones, *Free Association*, 167.
- 28 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 44.
- 29 Brome, *Ernest Jones*, 55.
- 30 Freud, *Letters*, 273.
- 31 Freud e Jung, *Letters*, 150.
- 32 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 49.
- 33 Ibid, vol 2: 48.
- 34 Ibid, 49-50.
- 35 Freud e Jung, *Letters*, 30.
- 36 Ibid, 145.

- 37 Ibid, 158.
- 38 Ibid, 167.
- 39 Ibid, 170.
- 40 Ibid, 169.
- 41 Ibid, 168.
- 42 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 128.
- 43 Entrevista com Franz Jung.
- 44 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 50.
- 45 Freud e Jung, *Letters*, 178.
- 46 Ibid, 206.
- 47 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 50.
- 48 Freud, M., *Sigmund Freud*, 15.
- 49 Freud e Jung, *Letters*, 226.
- 50 Ibid, 186.
- 51 Ibid, 207.
- 52 Ibid, 210-211.
- 53 Ibid, 212.
- 54 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 152.
- 55 Freud e Jung, *Letters*, 216.
- 56 Ibid, 218.
- 57 Ibid, 216.
- 58 Ibid, 217.
- 59 Ibid, 218.
- 60 Carotenuto, *Secret Symmetry*, 93.
- 61 Ibid, 94.
- 62 Freud e Jung, *Letters*, 232.
- 63 Ibid, 236.
- 64 Ibid.
- 65 Ibid, 233.
- 66 Ibid, 234.
- 67 Freud e Pfister, *Psychoanalysis and Faith*, 25.
- 68 Hale, *Freud and the Americans*, 208.

Capítulo Nove

- 1 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 55.

- 2 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 153.
- 3 Brome, *Freud and His Early Circle*, 98.
- 4 Freud e Jung, *Letters*, 208.
- 5 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 153.
- 6 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 59.
- 7 Ferenczi a Freud, 5 de outubro de 1909. Coleção Freud. N.º de aquisição 19042.
- 8 Ibid.
- 9 Groesbeck, "The Analyst's myth", 38.
- 10 Billinsky, "Jung and Freud," 39-43.
- 11 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 154.
- 12 Entrevista com Karl Schmid, maio de 1970.
Arquivo Biográfico de Jung
- 13 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 154.
- 14 Entrevista com Franz Jung.
- 15 Entrevista com E.A. Bennet, fevereiro de 1969. Arquivo Biográfico de Jung.
- 16 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 156.
- 17 Ibid, 157.
- 18 Ibid, 156.
- 19 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 55.
- 20 Brome, *Freud and His Early Circle*, 100.
- 21 *The New York Times*, 29 de agosto de 1909.
- 22 *The New York Times*, 10 de setembro de 1909.
- 23 Freud e Jung, *Letters*, 245.
- 24 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 55.
- 25 Peterson, "Credulity and Cures", 1737.
- 26 Meyer a Jung, 5 de fevereiro de 1908. Arquivo Jung, Zurique.
- 27 Burnham, *Jelliffe*, 70.
- 28 Ibid.
- 29 *The New York Times*, 1 de agosto de 1909.
- 30 *The New York Times*, 22 de agosto de 1909.
- 31 Jung, *Word and Image*, 48.
- 32 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 56.
- 33 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 336.
- 34 Jung, *Word and Image*, 47.
- 35 *The New York Times*, 1 de agosto de 1909.

- 36 Brome, *Ernest Jones*, 74.
- 37 Hale, *Freud and The Americans*, 121.
- 38 Ibid.
- 39 Ibid.
- 40 Hale, *Freud and the Americans*, 206.
- 41 Brome, *Ernest Jones*, 66.
- 42 Ibid.
- 43 Ibid, 74-75.
- 44 Freud e Jung, *Letters*, 165.
- 45 Freud e Pfister, *Psychoanalysis and Faith*, 29-30.
- 46 Hale, *Freud and the Americans*, 107.
- 47 Hannah, *Jung*, 92.

Capítulo Dez

- 1 Freud, *Five Lectures on Psycho-Analysis*, 3.
- 2 Hale, *Freud and the Americans*, 5-6.
- 3 Clark, "Freud's Sortie to America". 41
- 4 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 56.
- 5 Clark, *Freud*, 267.
- 6 Hale, *Freud and the Americans*, 5.
- 7 Freud, *Five Lectures on Psycho-Analysis*, 4.
- 8 Ibid, 9.
- 9 Ibid, 15.
- 10 Ibid.
- 11 Ibid, 19.
- 12 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 337.
- 13 Lief, *Commonsense Psychiatry*, 230.
- 14 Jones, *Free Associations*, 192.
- 15 Freud, *Five Lectures on Psycho-Analysis*, 40.
- 16 Ibid, 41.
- 17 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 337.
- 18 Ruitenbeek, ed., *Freud as We Knew Him*, 22-23.
- 19 *The New York Times*, 7 de setembro de 1909.
- 20 Ibid.
- 21 Ibid.

- 22 *The New York Times*, 11 de setembro de 1909.
- 23 *The New York Times*, 7 de setembro de 1909.
- 24 Entrevista com Dora Kalff, janeiro de 1970. Arquivo Biográfico de Jung.
- 25 Koelsch, "Incredible Day-Dream," sem página.
- 26 Jung, *Collected Works*, vol 2: 479.
- 27 *Ibid*, vol 17: 27-29.
- 28 Freud e Jung, *Letters*, 348.
- 29 Freud a Ferenczi, 17 de agosto de 1910. Coleção Freud. Nº de aquisição 19042.
- 30 Putnam, "Personal Impressions of Sigmund Freud." 294.
- 31 Hale, *Freud and the Americans*, 210.
- 32 Putnam, "Personal Impressions of Sigmund Freud," 307.
- 33 Clark, "Freud's Sortie to America". 35
- 34 Clark, *Freud*, 270.
- 35 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 337.
- 36 Brome, *Freud and His Early Circle*, 106.
- 37 Brome, *Ernest Hones*, 74.
- 38 *Ibid*.
- 39 McIver, "Early Days at Putnam Camp", 9.
- 40 *Ibid*, 22-23.
- 41 Gifford, "Freud and the Porcupine". 29.
- 42 *Ibid*. 30.
- 43 *Ibid*, 29.
- 44 Clark, "Freud's Sortie to America," 39.
- 45 Freud a Mathilde Freud, 23 de setembro de 1909. Coleção Freud. Box B1.
- 46 Freud e Jung, *Letters*, 258.
- 47 *Ibid*, 305.
- 48 Freud a Jones, 12 de abril de 1921. Coleção Freud. Box D2.
- 49 Gifford, "Freud and the Porcupine", 31; Freud, *Group Psychology*, 33 n. I.

Capítulo Onze

- 1 Freud e Jung, *Letters*, 248.

- 2 Ibid, 250.
- 3 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 154.
- 4 Freud e Jung, *Letters*, 249.
- 5 Ibid, 272.
- 6 Ibid, 268.
- 7 Ibid, 249
- 8 Ibid, 256.
- 9 Ibid, 359.
- 10 Ibid, 266.
- 11 Ibid, 499.
- 12 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 72.
- 13 Freud e Jung, *Letters*, 320.
- 14 Ibid, 417.
- 15 Ibid, 448.
- 16 Ibid, 376.
- 17 Ibid, 259.
- 18 Ibid, 404.
- 19 Ibid, 418.
- 20 Ibid, 325.
- 21 Ibid, 419.
- 22 Freud, *Letters to Fliess*, 276.
- 23 Freud e Jung, *Letters*, 292.
- 24 Ibid, 250.
- 25 Ibid, 247.
- 26 Ibid, 294.
- 27 Ibid, 289.
- 28 Ibid, 251.
- 29 Ibid, 254.
- 30 Ibid, 348.
- 31 Ibid, 251-252.
- 32 Ibid, 260.
- 33 Ibid, 263.
- 34 Ibid, 279.
- 35 Ibid, 282.
- 36 Ibid, 288.
- 37 Ibid, 294.
- 38 Ibid, 295.

- 39 Ibid, 270.
- 40 Ibid, 276.
- 41 Ibid, 277.
- 42 Ibid, 279-280.
- 43 Ibid, 259.
- 44 Ibid, 262.
- 45 Ibid, 297.
- 46 Ibid, 300.
- 47 Ibid, 275.
- 48 Ibid, 279.
- 49 Jung, *Letters*, vol 1: 12.
- 50 Freud e Jung, *Letters*, 292.
- 51 Ibid, 304.
- 52 Brome, *Ernest Jones*, 76.
- 53 Ferenczi a Freud, 3 de janeiro de 1910. Coleção Freud. N.º de aquisição 19042.
- 54 Ferenczi a Freud, 24 de outubro de 1909. Coleção Freud. N.º de aquisição 19042.
- 55 Ferenczi a Freud, 3 de janeiro de 1910. Coleção Freud. N.º de aquisição 19042.
- 56 Ibid.
- 57 Ferenczi a Freud, 24 de outubro de 1909. Coleção Freud, N.º de aquisição 19042.
- 58 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 69.
- 59 Ferenczi a Freud, 5 de abril de 1910. Coleção Freud. N.º de aquisição 19042.
- 60 Wittels, *Sigmund Freud*, 140.
- 61 Freud e Jung, *Letters*, 294.

Capítulo Doze

- 1 Freud a Jones, 22 de janeiro de 1911. Coleção Freud. Box D2.
- 2 *The New York Times*, 25 de dezembro de 1910.
- 3 Ibid.
- 4 Ibid.

- 5 Freud a Ferenczi, 24 de abril de 1910. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 6 Ferenczi a Freud, 12 de junho de 1910. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 7 Freud a Pfister, *Psychoanalysis and Faith*, 37.
- 8 Freud e Jung, *Letters*, 331.
- 9 Ibid, 328.
- 10 Ibid, 371.
- 11 Entrevista com C.A. Meier.
- 12 Freud e Jung, *Letters*, 285.
- 13 Ibid, 345-346.
- 14 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 109.
- 15 Freud a Ferenczi, 24 de abril de 1910. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 16 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 109.
- 17 Brome, *Ernest Jones*, 74.
- 18 Ibid, 67-69.
- 19 Freud a Binswanger, 6 de novembro de 1910. Coleção Freud. Box D1.
- 20 Freud e Jung, *Letters*, 343.
- 21 Ibid, 344-345.
- 22 Ibid, 375.
- 23 Freud a Binswanger, 5 de dezembro de 1910, Coleção Freud. Box D1.
- 24 Freud e Jung, *Letters*, 383.
- 25 Freud a Ferenczi, 29 de dezembro de 1910. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 26 Ibid.
- 27 Freud a Binswanger, d.d. Coleção Freud, Box D1.
- 28 Entrevista com *Herr e Frau* Lutz Niehaus. Abril de 1970. Arquivo Biográfico Jung; entrevista com Franz Jung.
- 29 Freud a Ferenczi, 29 de dezembro de 1910. N° de aquisição 19042.
- 30 Freud e Jung, *Letters*, 376.
- 31 Freud a Ferenczi, 16 de dezembro de 1910. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 32 Freud e Jung, *Letters*, 380.

- 33 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 83.
- 34 Freud a Ferenczi, 16 de dezembro de 1910. Coleção Freud.
Nº de aquisição 19042.
- 35 Freud a Binswanger, n.d. Coleção Freud. Box D1.
- 36 Freud e Jung, *Letters*, 388.
- 37 Freud a Ferenczi, 29 de dezembro de 1910. Coleção Freud.
Nº de aquisição 19042.
- 38 Ibid.
- 39 Freud e Jung, *Letters*, 384.
- 40 Ibid.
- 41 Freud e Pfister, *Psychonalysis and Faith*, 48.
- 42 Freud a Binswanger, 14 de março de 1911, Coleção Freud.
Box D1.
- 43 Freud a Binswanger, 20 de abril de 1911. Coleção Freud. Box
D1.
- 44 Freud e Jung, *Letters*, 403.
- 45 Ibid, 439.
- 46 Ibid, 441.
- 47 Ibid, 460.
- 48 Bennet, *C.G. Jung*, 146.
- 49 Carotenuto, *Secret Symmetry*, 15-16.
- 50 Freud e Jung, *Letters*, 372.
- 51 Hannah, *Jung*, 90.
- 52 Freud e Jung, *Letters*, 456.
- 53 Entrevista com Franz Jung.
- 54 Ibid.
- 55 Ibid.
- 56 Freud e Jung, *Letters*, 465.
- 57 Entrevista com Adrian Baumann, maio de 1970. Arquivo
Biográfico de Jung.
- 58 Freud e Jung, *Letters*, 465.
- 59 Ibid, 456.
- 60 Entrevista com Alphonns Maeder, janeiro de 1970. Arquivo
Biográfico de Jung.
- 61 Clark, *Freud*, 303.
- 62 Brome, *Ernest Jones*, 80.
- 63 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 86.

- 64 Freud, *Complete Psychological Works*, vol 12: 82.
- 65 Freud a Jones, 21 de março de 1926. Coleção Freud. Box D2.
- 66 Jones a Freud, 25 de março de 1926. Coleção Freud. Box D2.
- 67 Freud e Jung; *Letters*, 448.

Capítulo Treze

- 1 Ferenczi a Freud, 19 de outubro de 1911. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 2 Ibid.
- 3 Ferenczi a Freud, 23 de outubro de 1911. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 4 Freud e Jung, *Letters*, 452.
- 5 Freud a Ferenczi, 30 de outubro de 1911. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 6 Freud e Jung, *Letters*, 459.
- 7 Ibid, 456.
- 8 Freud a Ferenczi, 5 de novembro de 1911. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 9 Freud a Ferenczi, 13 de novembro de 1911. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 10 Freud a Jones, 5 de novembro de 1911. Coleção Freud. Box D2.
- 11 Freud e Jung, *Letters*, 459.
- 12 Ibid, 457.
- 13 Ibid, 365-366.
- 14 Ibid, 471.
- 15 Ibid, 472.
- 16 Ibid, 480.
- 17 Freud a Ferenczi, 7 de novembro de 1911. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 18 Freud a Ferenczi, 23 de janeiro de 1912. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 19 Ibid.
- 20 Ferenczi a Freud, 20 de janeiro de 1912. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.

- 21 Freud e Jung, *Letters*, 491.
- 22 Ibid, 492.
- 23 Ibid, 502.
- 24 Binswanger, *Sigmund Freud*, 39.
- 25 Freud e Jung, *Letters*, 508.
- 26 Binswanger, *Sigmund Freud*, 42.
- 27 Freud e Jung, *Letters*, 509.
- 28 Freud e Pfister, *Psychoanalysis and Faith*, 56-57.
- 29 Freud e Jung, *Letters*, 510.
- 30 Ibid.
- 31 Entrevista com *Frau* C.A. Meier, março de 1970. Arquivo Biográfico de Jung.
- 32 Freud e Jung, *Letters*, 511.
- 33 Freud a Binswanger, 22 de julho de 1912. Coleção Freud. Box D2.
- 34 Freud a Jones, 22 de Julho de 1912. Coleção Freud. Box D2.
- 35 Ferenczi a Freud, 6 de agosto de 1912. Coleção Freud. Nº de aquisição 19042.

Capítulo Quatorze

- 1 Freud e Jung, *Letters*, 512.
- 2 Carotenuto, *Secret Symmetry*, 116.
- 3 Freud a Jones, 1 de agosto de 1912. Coleção Freud. Box D2.
- 4 Freud a Binswanger, 2 de setembro de 1912. Coleção Freud. Box D1.
- 5 Freud a Binswanger, 29 de julho de 1912. Coleção Freud. Box D1.
- 6 Freud a Ferenczi, 8 de agosto de 1912. Coleção Freud. Nº de aquisição 19042.
- 7 Freud a Jones, 7 de setembro de 1912. Coleção Freud. Box D2.
- 8 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 94, 143.
- 9 Freud a Jones, 7 de setembro de 1912. Coleção Freud. Box D2.
- 10 Alexander e Selesnick, *History of Psychiatry*, 241.
- 11 Freud a Jones, 22 de setembro de 1912. Coleção Freud. Box D2.

- 12 Freud a Binswanger, 22 de setembro de 1912. Coleção Freud. Box D1.
- 13 Freud, *Letters*, 293.
- 14 Freud a Jones, 15 de novembro de 1912. Coleção Freud. Box D2.
- 15 Freud a Jones, 22 de setembro de 1912. Coleção Freud. Box D2.
- 16 Freud a Binswanger, 22 de setembro de 1912. Coleção Freud. Box D1.
- 17 Freud a Jones, 22 de setembro de 1912. Coleção Freud. Box D1.
- 18 Ibid.
- 19 Freud, *Letters*, 293.
- 20 Freud e Jung, *Letters*, 497.
- 21 Freud a Ferenczi, 23 de junho de 1912. Coleção Freud. Nº de aquisição 19042.
- 22 Ibid.
- 23 Freud e Jung, *Letters*, 515.
- 24 Atas da Sociedade Psicanalítica de Nova York, Terça-feira, 28 de maio de 1912. Coleção Brill. Box 3.
- 27 Jung, *Collected Works*, vol 4: 119, 125; Freud e Jung, *Letters*, 515.
- 26 Freud a Ferenczi, 17 de outubro de 1912. Coleção Freud. Nº de aquisição 19042.
- 27 Freud a Ferenczi, 2 de outubro de 1912. Coleção Freud. Nº de aquisição 19042.
- 28 Freud a Ferenczi, 4 de julho de 1912. Coleção Freud. Nº de aquisição 19042.
- 29 Freud a Jones, 17 de novembro de 1913. Coleção Freud. Box D2.
- 30 Freud a Ferenczi, 20 de outubro de 1912. Coleção Freud. Nº de aquisição 19042.
- 31 Freud e Jung, *Letters*, 515.
- 32 Ibid, 517.
- 33 Ibid, 521.
- 34 Ibid.
- 35 Freud a Jones, 28 de outubro de 1912. Coleção Freud. Box D2.
- 36 Freud a Ferenczi, 26 de novembro de 1912. Coleção Freud. Nº de aquisição 19042.

- 37 Freud a Binswanger, 1 de janeiro de 1913. Coleção Freud. Box D1.
- 38 Freud a Ferenczi, 26 de novembro de 1912. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 39 Freud e Jung, *Letters*, 510.
- 40 Freud e Ferenczi, 26 de novembro de 1912. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 41 Ibid.
- 42 Entrevista com Jolande Jacobi, dezembro de 1969. Arquivo Biográfico de Jung.
- 43 Freud a Ferenczi, 26 de novembro de 1912. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 44 Freud a Binswanger, 28 de novembro de 1912. Coleção Freud. Box D1.
- 45 Freud e Jung, *Letters*, 522.
- 46 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 146-152.
- 47 Sloane, "A Parapraxis of Freud's". 126-140.
- 48 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 454.
- 49 Jones, Ibid, vol 1: 317.
- 50 Clark, *Freud*, 327-328.
- 51 Freud e Jung, *Letters*, 491.
- 52 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 146. Ferenczi a Freud, 28 de novembro de 1912. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.

Capítulo Quinze

- 1 Jones, *Free Associations*, 222; Jones, *Life of Freud*, vol 1: 317.
- 2 Freud e Jung, *Letters*, 522.
- 3 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 153.
- 4 Jones, *Life of Freud*, vol 1: 317.
- 5 Freud a Ferenczi, 26 de novembro de 1912. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 6 Ibid.
- 7 Freud, *Letters*, 294.
- 8 Binswanger, *Sigmund Freud*, 49.
- 9 Ibid.

- 10 Freud a Jones, 8 de dezembro de 1912. Coleção Freud. Box D2.
- 11 Schur, *Freud*, 269.
- 12 Jones, *Life of Freud*, vol 1: 317.
- 13 Jones, *Free Associations*, 222.
- 14 Freud a Jones, 8 de dezembro de 1912. Coleção Freud, Box D2.
- 15 Freud a Jones, 26 de dezembro de 1912. Coleção Freud. Box D2.
- 16 Groesbeck, "The Analyst's myth". 37.
- 17 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 146.
- 18 Ferenczi a Freud, 26 de dezembro de 1912. Coleção ao Freud. N° de aquisição 19042.
- 19 Andreas-Salomé, *Freud Journal*, 58.
- 20 Ibid, 46.
- 21 Ibid, 58.
- 22 Freud e Jung, *Letters*, 522.
- 23 Ibid, 524.
- 24 Ibid, 525.
- 25 Ibid, 526.
- 26 Ibid, 529.
- 27 Freud a Jones, 8 de dezembro de 1912. Coleção Freud. Box D2.
- 28 Freud a Jung, *Cartas*, 533.
- 29 Ibid, 534.
- 30 Ibid, 534-535.
- 31 Freud a Jones, 26 de dezembro de 1912. Coleção Freud. Box D2.
- 32 Freud a Ferenczi, 23 de dezembro de 1912. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 33 Freud a Jones, 26 de dezembro de 1912. Coleção Freud. Box D2.
- 34 Freud a Ferenczi, 23 de dezembro de 1912. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 35 Freud a Jones, 26 de dezembro de 1912. Coleção Freud. Box D2.
- 36 Freud a Ferenczi, 30 de dezembro de 1912. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.

- 37 Freud a Ferenczi, 25 de dezembro de 1912. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 38 Freud a Binswanger, 1 de janeiro de 1913. Coleção Freud. Box D1.
- 39 Comentários de Theodor Reik. Coleção Freud. Box B 28.
- 40 Freud e Jung, *Letters*, 539.
- 41 Freud a Ferenczi, 7 de janeiro de 1913. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 42 Freud e Jung, *Letters*, 540.
- 43 James Putman a Fanny Bowditch, 9 de dezembro de 1912. Arquivo Biográfico de Jung.
- 44 Crossman, "Preliminary Inventory: Fanny Bowditch Katz (1874-1967) "Letters and Papers." Arquivo Biográfico de Jung.
- 45 James Putnam a Fanny Bowditch, 11 de fevereiro de 1912. Arquivo Biográfico de Jung.
- 46 James Putnam a Fanny Bowditch, 2 de junho de 1912 (). Arquivo Biográfico de Jung.
- 47 Taylor, "C. G. Jung", 136-140.
- 48 James Putnam a Fanny Bowditch, 1 de dezembro de 1912. Arquivo Biográfico de Jung.
- 49 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 165.
- 50 Ibid, 168-169
- 51 Entrevista com Franz Jung.
- 52 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 168.

Capítulo Dezesseis

- 1 Freud a Ferenczi, 7 de janeiro de 1913. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 2 Freud, *Autobiographical Study*, 100-101.
- 3 Andreas-Salomé, *Freud Journal*, 58.
- 4 Ibid, 78.
- 5 Jones, *Free Associations*, 223.
- 6 Andreas-Salomé, *Freud Journal*, 37.
- 7 Ibid, 150-151.

- 8 Ibid, 43.
- 9 Ibid, 130.
- 10 Ibid, 9-
- 11 Freud a Ferenczi, 20 de março de 1913. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 12 Anna Freud a Freud, 30 de abril de 1922. Coleção Freud.
- 13 Freud a Ferenczi, 31 de outubro de 1912. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 14 Andreas-Salomé, *Freud Journal*, 44.
- 15 Ibid, 106.
- 16 Salomé e Freud...: Ibid, 114.
- 17 Ibid, 131.
- 18 Brome, *Ernest Jones*, 97.
- 19 Ferenczi a Freud, 9 de março de 1913. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 20 Freud a Ferenczi, 8 de maio de 1913. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 21 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 149.
- 22 Freud a Ferenczi, 4 de maio de 1913. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 23 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 455.
- 24 Ferenczi a Freud, 6 de agosto de 1912. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 25 Bettelheim, "Scandal in the Family", 44.
- 26 Freud a Jones, 9 de abril de 1913. Coleção Freud. Box D2.
- 27 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 153.
- 28 Freud a Ferenczi, 13 de maio de 1913. Coleção Freud. N° de aquisição 19042.
- 29 Carotenuto, *Secret Symmetry*, 120.
- 30 Ibid, 184.
- 31 Ibid, 119.
- 32 Brome, *Ernest Jones*, 97.
- 33 Freud e Abraham, *Psycho-Analytic Dialogue*, 141.
- 34 Freud a Jones, 29 de agosto de 1913. Coleção Freud. Box D2.
- 35 Freud a Jones, 30 de outubro de 1913. Coleção Freud. Box D2.
- 36 Freud a Jones, 29 de agosto de 1913. Coleção Freud. Box D2.

- 37 Andreas-Salomé, *Freud Journal*, 168.
- 38 Brome, *Jung*, 151.
- 39 Entrevista com Alphons Maeder, janeiro de 1970. Arquivo Biográfico de Jung.
- 40 Andreas-Salomé, *Freud Journal*, 168-69.
- 41 Ibid, 37.
- 42 Ibid, 169.
- 43 Ibid, 168-169.
- 44 Entrevista com Alphons Maeder, janeiro de 1970. Arquivo biográfico de Jung.
- 45 Andreas-Salomé, *Freud Journal*, 169.
- 46 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 102.
- 47 Jones, *Free Associations*, 224.
- 48 Andreas-Salomé, *Freud Journal*, 189-190.
- 49 Ibid, 160.
- 50 Ibid, 108.
- 51 Freud, *On the History of the Psycho-Analytic Movement*, 45.
- 52 Freud a Hall, revista *Time*, 5 de setembro de 1969.
- 53 Freud a Jones, 25 de março de 1914. Coleção Freud. Box D2.
- 54 Freud a Jones, 21 de setembro de 1913. Coleção Freud. Box D2.

Capítulo Dezessete

- 1 Freud a Jones, 21 de setembro de 1913. Coleção Freud. Box D2.
- 2 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 103.
- 3 Freud e Abraham, *Psycho-Analytic Dialogue*, 147.
- 4 Freud a Jones, 21 de setembro de 1913. Coleção Freud. Box D2.
- 5 Freud, *Complete Works*, vol 13: 213.
- 6 Ibid, 233.
- 7 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 367.
- 8 Freud, *Complete Works*, vol 13: 220.
- 9 Ibid, 220-221.
- 10 Ibid, 227-230.

- 11 Ibid, 221.
- 12 Ibid, 229.
- 13 Ibid, 233.
- 14 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 366-367.
- 15 Freud, *Complete Works*, vol 13: 233-234.
- 16 Gay, *Freud*, 314.
- 17 Jones, *Life of Freud*, vol 2: 367.
- 18 Freud, *Complete Works*, vol 13: 236.
- 19 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 170-171.
- 20 Entrevista com Fowler McCormick, abril de 1969. Arquivo Biográfico de Jung.
- 21 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 172.
- 22 Entrevista com Franz Jung.
- 23 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 185.
- 24 Ibid, 169-177.
- 25 Ibid, 171, 180.
- 26 Entrevista com Alphons Maeder, janeiro de 1970.
- 27 Entrevista com Franz Jung.
- 28 Entrevista com Agathe Niehus-Jung, abril de 1970. Arquivo Biográfico de Jung.
- 29 Entrevista com Franz Jung.
- 30 Ibid.
- 31 Ibid.
- 32 Ibid.
- 33 Freud e Abraham, *Psycho-Analytic Dialogue*, 151.
- 34 Jones a Abraham, 29 de dezembro de 1913. *Abraham Papers*. Box 2.
- 35 Freud a Jones, 2 de junho de 1914. Coleção Freud. Box D2.
- 36 Clark, *Freud*, 333.
- 37 Burham, *Jelliffe*, 193.
- 38 Freud a Jones, 17 de maio de 1914. Coleção Freud. Box D2.
- 39 Freud a Jones, 7 de julho de 1914. Coleção Freud. Box D2.
- 40 Freud a Jones, 17 de novembro de 1913. Coleção Freud. Box D2.
- 41 Freud a Jones, 22 de novembro de 1913. Coleção Freud. Box D2.
- 42 Freud a Ferenczi, 16 de maio de 1914. Coleção Freud — N° de aquisição 19042.

- 41 Ferenczi a Freud, 9 de fevereiro de 1914. Coleção Freud. N.º de aquisição 19042.
- 44 Burham, *Jelliffe*, 74.
- 45 Ferenczi a Freud, 20 de julho de 1914. Coleção Freud. N.º de aquisição 19042.
- 46 Freud a Anna Freud, 16 de julho de 1914. Coleção Freud.
- 47 Freud a Ferenczi, 17 de julho de 1914. Coleção Freud. N.º de aquisição 19042.
- 48 Freud a Ferenczi, 22 de julho de 1914. Coleção Freud. N.º de aquisição 19042.
- 49 Gay, *Freud*, 433.
- 50 Freud a Ferenczi, 17 de julho de 1914. Coleção Freud. N.º de aquisição 19042.
- 51 Freud a Jones, 22 de julho de 1914. Coleção Freud. Box D2.
- 52 Freud a Anna Freud, 22 de julho de 1914. Coleção Freud.
- 53 Anna Freud a Freud, 30 de abril de 1922. Coleção Freud.
- 54 *The New York Times*, 2 de dezembro de 1914.
- 55 *The New York Times*, 3 de agosto de 1914.
- 56 Freud a Ferenczi, 9 de novembro de 1914. Coleção Freud. N.º de aquisição 19042.

Capítulo Dezoito

- 1 Entrevista com Aline Valangin, setembro de 1970. Arquivo Biográfico de Jung.
- 2 Entrevista com Franz Jung.
- 3 Entrevista com Liliane Frey-Rohn.
- 4 Entrevista com William Alex, maio de 1969. Arquivo Biográfico Jung.
- 5 Jensen, C. G. *Jung, Emma Jung and Toni Wolff*, 10.
- 6 Entrevista com C.A. Meier, setembro de 1970. Arquivo Biográfico de Jung.
- 7 Entrevista com Regula Rohland Oeri, maio de 1970. Arquivo Biográfico de Jung.
- 8 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 177.
- 9 *Ibid*, 181.

- 10 Entrevista com Liliane Frey-Rohn.
- 11 Entrevista com C.A. Meier, setembro de 1970. Arquivo Biográfico de Jung.
- 12 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 190.
- 13 Bennet, *Meetings with Jung*, 101.
- 14 Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, 357.
- 15 Entrevista com *Frau* C.A. Meier, setembro de 1970. Arquivo Biográfico de Jung.
- 16 Entrevista com C.A. Meier, setembro de 1970. Arquivo Biográfico de Jung.
- 17 Ibid.
- 18 Entrevista com Franz Jung.
- 19 Entrevista com Fowler McCormick, abril de 1969. Arquivo Biográfico de Jung.
- 20 Entrevista com Franz Jung.
- 21 Ibid.
- 22 Entrevista com *Sir* Laurens van der Post.
- 23 Entrevista com Sabi Tauber, setembro de 1970. Arquivo Biográfico de Jung.
- 24 Champernowne, *Memories of Toni Wolff*, 4
- 25 Entrevista com Jolande Jacobi, dezembro de 1969. Arquivo Biográfico de Jung.
- 26 Entrevista com Fowler McCormick, abril de 1969. Arquivo Biográfico de Jung.
- 27 Silverstein, "Now Comes a Sad Story," 143, 145, 147.
- 28 Freud, *Philogenetic Fantasy* xii, 13-18.
- 29 Ibid, 19.
- 30 Silverstein, "Now Comes a Sad Story", 144.
- 31 Ibid, 149.
- 32 Ibid, 191.
- 33 Jung a um colega suíço de nome desconhecido, 18 de fevereiro de 1957.
- 34 Freud a Jones, 19 de maio de 1921. Coleção Freud. Box D2.
- 35 Fisher, "Sigmund Freud and Romain Rolland", 36.
- 36 Burnham, *Jelliffe*, 205 n.4.
- 37 Freud e Pfister, *Psychoanalysis and Faith*, 86-87.
- 38 Burham, *Jelliffe*, 1924.

- 39 Ibid, 200.
- 40 Freud a Jones, 15 de janeiro de 1919. Coleção Freud. Box D2.
- 41 Freud a Jones, 24 de maio de 1920. Coleção Freud. Box D2.
- 42 Freud a Jones, 4 de junho de 1922. Coleção Freud. Box D2.
- 43 Freud a Jones, 6 de abril de 1922. Coleção Freud. Box D2.
- 44 Brill, "Psychotherapies I Encountered", 589-590.
- 45 Carotenuto, *Secret Symmetry*, 85.
- 46 Ibid, 112.
- 47 Freud e Pfister, *Psychoanalysis and Faith*, 86.
- 48 Jones a Abraham, 8 de abril de 1924. *Abraham Papers*. Box 2.
- 49 Freud a Binswanger, 12 de maio de 1929. Coleção Freud. Box D1.
- 50 Entrevista com C.A. Meier.
- 51 Pound, "In Durance," 86-87.

FREUD E JUNG
ANOS DE AMIZADE
ANOS DE PERDA
Autor: LINDA DONN

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

MUKERENG MPÔIO CALUNGA CARDOSO



Todos os direitos desta obra reservados a

LINDA DONN

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

**"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL
PORTUGUESA"**

Esta obra está sob uma *Licença Commons*.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

Impresso, com filmes fornecidos pela editora
nas oficinas gráficas da
IMAGO EDITORA
Rua Santos Rodrigues, 201-A
Rio de Janeiro, RJ

siderava uma impostura e, no mínimo, uma imoralidade pela sua ênfase nos componentes sexuais do subconsciente humano.

Encontrando em seu jovem amigo e colega a feliz associação de talento, saber e combatividade — além dele ser um cristão, o que ajudaria a livrar a psicanálise da conotação judaica que o nome de seu criador e dos primeiros praticantes lhe atribuíam — Freud praticamente o nomeia seu herdeiro e sucessor, tornando-o presidente da Associação Psicanalítica Internacional.

Mal sabia ele, porém, que em apenas seis anos a ligação entre ambos estaria amargamente rompida. O conflito de poder entre uma orgulhosa figura paterna (Freud) e o filho espiritual em busca de autonomia plena (Jung), bem como discrepâncias quanto à essência da teoria e à prática da organização do movimento, iriam colocá-los — para sofrimento mútuo — em campos antagônicos.

Este livro, escrito por uma doutora em Psicologia pela Sorbonne e pela New School for Social Research (New York), não se limita a considerações acadêmicas e recoloca *vivos*, diante de nós, dois gigantes do pensamento ocidental, vistos em sua intimidade, suas angústias e incertezas, através de cartas, documentos, entrevistas com parentes e colegas, amigos e inimigos, revelando-nos — em tom adequadamente dramático — as causas e as conseqüências de um conflito de fundamental relevância para a história científica e cultural deste século.

Ênio Silveira